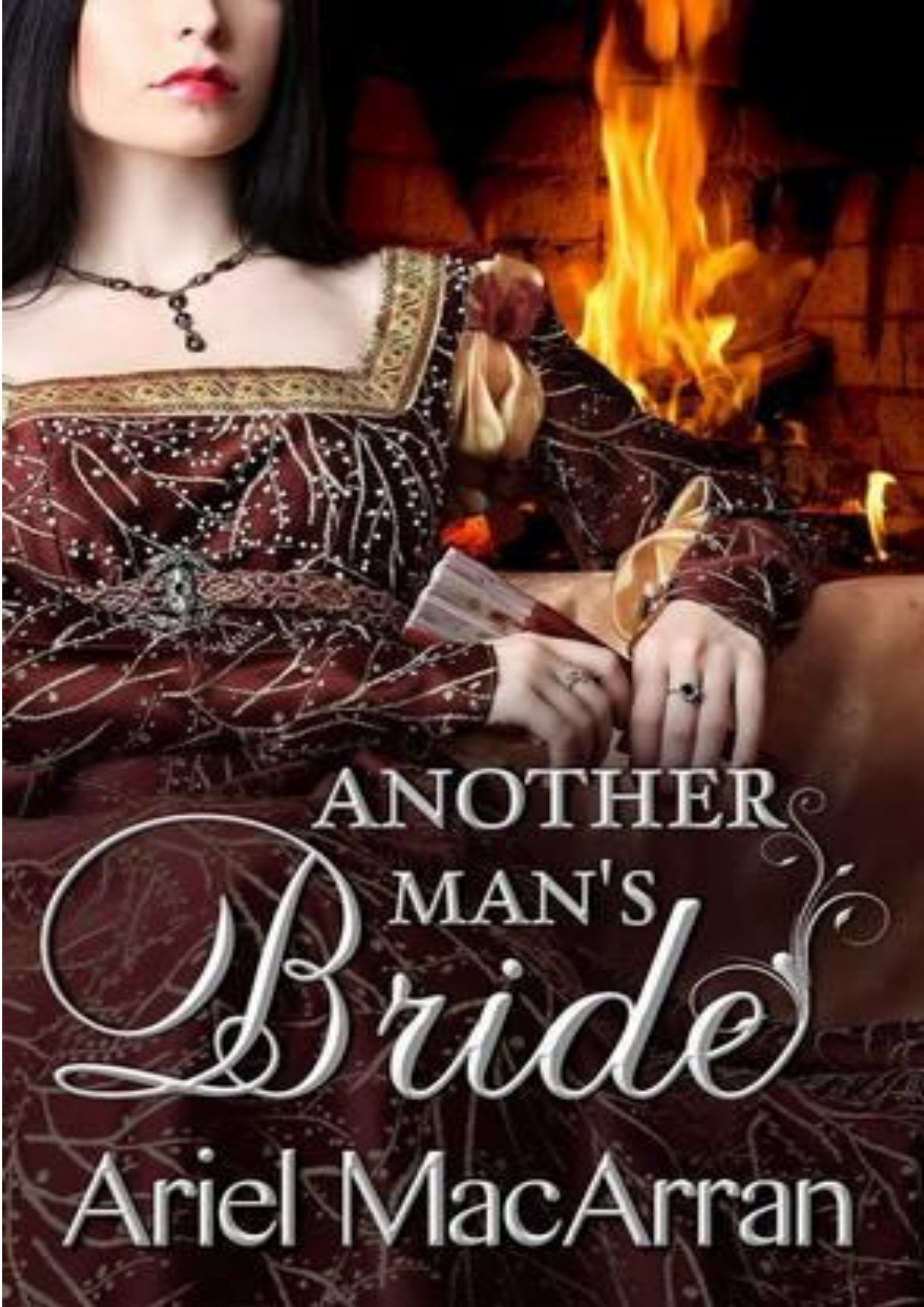




ANOTHER
MAN'S

Bride

Ariel MacArran



A Noiva de Outro Homem

Ariel MacArran



Sinopse



Numa época em que mesmo os santos enfrentam as chamas, as visões de Isabella Beaufort lhe dão boas razões para ter medo. Ela tenta desesperadamente manter seu dom em segredo, mas quando murmúrios correm pela corte inglesa de que o rei Henry foi enfeitiçado, a única esperança de Isabella é fugir para o norte para um casamento arranjado por sua prima, a rainha Joan da Escócia.

Ninguém nas Highlands tem mais razão para odiar o rei escocês do que Colyne MacKimzie. Conspirando com os inimigos do rei James na corte, Colyne promete impedir a lady inglesa de alcançar seu noivo e espera um resgate elevado para sua liberação. Enquanto mantém Isabella cativa, Colyne descobre o segredo dela, mas agora ele está escondendo um dos seus próprios — ele não pode suportar ser separado desta assombrosa mulher encantada de olhos escuros. Colyne sabe que sequestrar a prima da rainha é uma coisa, mas mantê-la atraindo a ira dos homens mais poderosos da Escócia.

Caindo sob o feitiço do líder, Isabella é atormentada por visões de Colyne matando o rei James — e a ela também. Os esforços frenéticos de Colyne e Isabella para alterar o futuro que ela vê, apenas desviam

seu caminho para mais perto do infame assassinato de um rei. Quando os homens do rei pegam Colyne, Isabella deve submeter-se a seu casamento arranjado para salvá-lo, mesmo quando os conspiradores se levantam para tomar o trono escocês. Entrelaçado com eventos históricos reais, A Noiva de Outro Homem é um apaixonado conto de magia, intriga de corte e um amor que mesmo o destino é impotente para quebrar.

Um



Na Estrada de Pertshire

Escócia

Outubro de 1436.

A floresta desapareceu.

As brilhantes folhas de outono, o caminho enlameado, a bonita crina cinzenta de seu palafrém¹, Sir William à frente dela em seu cavalo preto — tudo desvanecido no nada. E então Isabella não estava mais andando, o ar gelado das terras altas escocesas pinicando suas bochechas, mas estava inteiramente em outro lugar...

As paredes se estilhaçaram. As damas de companhia precipitando-se retornando, seus rostos distorcidos com gritos. Onde estava Kat?

Ele se virou, uma silhueta alta contra o fogo.

Ela o conhecia!

Isabella ergueu o braço para evitar o golpe. Ele baixou a faca...

¹ NT – Palafrém — cavalo elegante e bem adestrado, especialmente destinado às senhoras

O mundo voltou ao foco. Liberada da visão, Isabella se agarrou ao cabeçote da sela de Cobweb. Seu próprio grito — primordial e cru — ecoava ainda nos bosques em torno deles.

— Defendam sua lady! — Sir William gritou para os guardas.

Isabella se atrapalhou enquanto procurava adquirir o equilíbrio suficiente para ficar em seu cavalo. A transpiração brotou sobre sua testa e acima do lábio superior, apesar do frio.

O cavalo de guerra sacudiu a cabeça enquanto William incitava seu cavalo em posição de protegê-la. O cabelo prateado do cavaleiro captou a luz enquanto ele examinava a floresta, com a espada pronta. Os guardas contratados também tinham suas armas desembainhadas, olhando tensamente para a floresta.

Tremendo, Isabella enxugou sua testa com o dorso de sua mão enluvada. Uma visão vibrante e clara às vezes a incitava a murmurar um nome ou sorrir em resposta, mas nenhuma visão antes havia sido como essa.

Sangue de Deus², eu realmente gritei?

A floresta estava silenciosa e imóvel. Depois de um tempo William embainhou sua espada.

Ele trouxe o cavalo para o lado do dela, seu cavalo de guerra muito mais adequado ao caminho rochoso do que seu bonito palafrém. Não havia estradas nesta parte de Perthshire. Seu pequeno grupo só podia viajar tão rápido quanto a carruagem, transportando Katherine, e as carroças — carregadas com as roupas, jóias e objetos de valor do dote de Isabella — permitiam.

O cavaleiro tinha a aparência rústica de um homem que passara a vida inteira ao ar livre, e suas bochechas coradas o mostravam

² NT — Nos tempos medievais, se praguejava usando as partes do corpo de Deus, qualquer parte.

saudável apesar de seus sessenta e poucos anos. Suas finas roupas, agora desgastadas da estrada após dias de cavalgada, o declaravam um nobre de algum modo.

Ele olhou ao redor do bosque uma última vez, em seguida virou seu cenho franzido para ela. O nariz em gancho de William, avermelhado pelo frio, era proeminente em seu rosto, e seus olhos gentis, quase tão escuros quanto seu cavalo, estavam confusos.

Isabella engoliu com dificuldade. A meia dúzia de guardas contratados olhava fixamente para ela, suas expressões uma mistura de confusão e aborrecimento.

Isabella mal conhecia os homens que a escoltaram para o norte para se juntar a seu noivo na corte. Mesmo Sir William, encarregado por sua prima, a rainha Joan, de trazê-la com segurança para a abadia de Blackfriars, onde o rei pretendia passar o Natal, era apenas um pouco mais do que um conhecido.

Katherine, com os cabelos escuros sob o véu com alguns fios prateados, se inclinou entre as cortinas da carruagem para olhá-la com um rosto pálido e ansioso.

O cenho franzido de William se aprofundou quando ele notou seu aperto na sela de Cobweb.

— Por que você gritou, minha lady? Eu não percebi que seu cavalo tropeçou.

Inesperadamente a mente dela retrocedeu para anos atrás, para Rouen e a garota francesa que os ingleses enviaram para morrer gritando nas chamas...

Apesar de anos como dama de honra na corte inglesa, sua língua de cortesã falhou e ela conseguiu emitir apenas um som fraco e estrangulado.

— Minha Lady Isabella, você está bem?

— Louco! — Exclamou Katherine. — Claro que ela não está bem!

Kat empurrou para o lado as cortinas e tentou descer da carruagem. Ela lançou um severo e zangado olhar para o guarda mais próximo dela.

— Maldito plebeu! Ajude-me!

O guarda olhou emudecido para esta formidável viúva. Ou sinceramente não entendeu o significado de suas palavras — Kat havia falado no francês da corte — ou estava muito intimidado por sua carranca para dar um passo à frente.

Impacientemente e, Isabella sabia, muito rudemente, Katherine repetiu sua demanda em gaélico, e desta vez o guarda saltou para fazer como ela ordenou.

Isabella fechou os olhos, silenciosamente agradecida pelo pensamento rápido de Kat.

— E não admira que ela sofra assim!

Sua parenta já tinha descido e caminhava em direção a William. Kat se moveu rigidamente, sua capa azul brilhante puxada firmemente em torno de seus ombros. A doença que tinha atrasado por semanas sua partida da corte inglesa ainda permanecia nela. Muito fraca para montar, ela viajou na carruagem ricamente decorada, mas Isabella julgava que Kat tinha pouco conforto dentro daquela rangente e sacolejante engenhoca.

Seu rosto estava abatido e pálido, mas ela levantou seu olhar para o cavaleiro. O guarda desafortunado seguia relutantemente atrás dela.

— Pensar em tudo que minha lady suportou nesta jornada!

— Sra. Katherine asseguro-lhe — retrucou Sir William — Lady Isabella tem o meu melhor...

— O pobre cordeiro está quase desmaiando — interrompeu Katherine, lançando um olhar de desgosto para William — Montando por dias, nas condições mais difíceis, com o tempo congelante e nem mesmo uma criada para atendê-la! A filha de um conde e prima da rainha escocesa, e é *assim* que ela é tratada? E não mais que seis homens para protegê-la!

A boca de William tornou-se uma linha apertada e zangada.

— Por que insiste em me responsabilizar por isso, Lady? Foi o camareiro do rei James que nos equipou assim... passando por cima de minhas objeções, se você se lembra!

— Não posso acreditar que a rainha Joan tenha pretendido que minha lady viajasse por um deserto sem lei tão mal protegida e mal servida *assim*!

— Vou levar todos nós para a Abadia de Blackfriars com segurança, apesar de nossas magras fileiras, Senhora Katherine — disse Sir William através dos dentes cerrados — Eu entregarei ambas à rainha e, dou minha palavra, você verá sua lady se casar com lord Douglas antes de *Christmastide*.³

— Será uma maravilha, de fato, se você não nos levar em vez disso ao Hades!⁴— retorquiu Kat — Nada além de caminhos lamacentos com largura mal suficiente para as carroças da minha lady e homens dificilmente suficientes para movê-las, e muito menos para nos proteger! Só pode ser um reflexo de como *você* é considerado na corte que Robert Stewart ousou equipar-nos assim!

Katherine virou as costas para ele.

³ NT — Festas natalinas

⁴ N.T. Inferno

— Venha, lindinha — disse Katherine a Isabella, gentilmente estendendo a mão para pegar a mão dela e ignorando a tagarelice de William.

— Venha para a carruagem e descanse.

Ela ergueu a voz para que William pudesse ouvir.

— Creio que devemos resignar-nos com ainda mais esta falta de conforto nessa viagem demasiado longa!

— Chagas de Deus, mulher! — explodiu William — Tem certeza que seu marido está enterrado e que não fugiu?

Quando Kat se voltou para responder, Isabella franziu o cenho ante o movimento na floresta atrás do cavaleiro.

Outra visão?

— Não deveremos nem mesmo nos encontrar em uma pousada esta noite! — Kat continuou com raiva.

Isabella pestanejou rapidamente quando as sombras tomaram forma e se consolidaram em homens, a poucos metros de distância, movendo-se furtivamente entre as árvores. Eles tinham barba, seus cabelos longos desgrenhados, selvagens e descobertos, e não cortados como os dos ingleses. Por suas túnicas e calças rústicas, e simples botas não curtidas, estava claro que eram homens selvagens do Norte. O estômago de Isabella deu um solavanco quando ela percebeu como eles eram numerosos.

— Não posso oferecer conforto que não existe, Sra. Katherine! Se eu...

Um deles — um bruto homem de ombros largos, com o rosto escondido sob as dobras de seu manto — parou de repente. Sua cabeça surgiu, como um animal em alerta, quando os olhos dela o captaram. Enquanto ela inspirou fundo para gritar, o homem

abandonou toda a descrição e irrompeu para a frente, seus companheiros com ele.

— Sir William! — Ela gritou. — Atrás de você!

Os gritos de guerra dos homens do Norte quebraram a calma da floresta de Perthshire. Seus mantos xadrez coloridos brilhavam enquanto eles corriam encosta abaixo. William bloqueou um golpe da longa lança do bandido, com sua espada, enquanto o restante irrompeu da copa das árvores.

O cavalo de Isabella ficou tenso debaixo dela, assustado com a precipitação dos homens uivantes. Ela lutou para manter Cobweb sob controle e sentiu Kat apertar sua mão mais forte.

— Filhos da puta imundos! — Gritou William.

Isabella seguiu seu olhar furioso. Ela assistiu horrorizada quando o último de seus guardas desapareceu na floresta. Os homens contratados fugiram dos bárbaros, abandonando os cavalos de carga e as carroças juntamente com os nobres sob sua proteção.

— Fuja, lindinha! — Kat grunhiu, procurando tirar a mão do aperto de Isabella enquanto os bandidos subjugavam William. — Depressa, vá!

— Não! — Isabella segurou a mão de Kat rapidamente e arrancou o pé do estribo.

— Suba! Monte atrás de mim!

Ela estava tão concentrada em subir sua prima no cavalo e controlar o palafrém assustado que ela não viu o bandido ao seu lado até que era tarde demais.

Ele agarrou as rédeas de Cobweb e com um rápido movimento a arrancou do cavalo. Isabella ofegou quando bateu no chão gelado, a dor crescendo na sua lateral. Ela instintivamente se arrastou para trás

ao perceber que estava em perigo de ser pisoteada por sua própria montaria.

Cobweb se libertou da contenção do homem e o bandido tropeçou, aterrissando de joelhos em sua pressa para sair do caminho. Naquele momento Isabella deu um pontapé e chutou-o na cara com seu salto. Ele caiu para trás, xingando.

Kat estava gritando. Isabella girou, cerrando os dentes pela dor em seu lado, lutando para conseguir ficar de pé. Sua única arma era uma pequena faca usada para comer, mas se ela pudesse de alguma forma chegar à espada de William...

Ela estava de quatro agora, o terreno rochoso congelado picando suas palmas das mãos. Seus cabelos escuros pendiam em seu rosto, caindo para fora de seu véu de linho fino, e as dobras sufocantes de seu vestido de lã pesado, emaranhadas em seus pés. O bandido atrapalhou-se com seu casaco forrado de peles, tentando segurá-la. Ela se jogou para frente e empurrou-se forte contra o chão para se libertar.

Suas pernas estavam duras e pesadas por estarem tanto tempo na sela, e ela conseguiu dar apenas alguns passos cambaleantes antes que ele a pegasse.

Isabella gritou, lutando contra a sua mão, chutando na direção dele. Ele era de longe o mais forte e os golpes que ela desferiu não causaram nenhum impacto. Logo a segurou rápido por trás, um braço ao redor de sua cintura, seus pulsos apertados dolorosamente em sua mão.

Ele estava respirando forte por causa de sua luta. Ela podia sentir fracamente um pouco do calor irradiando dele enquanto a segurava rápido, sua respiração irregular em seu ouvido.

Ela sacudiu o cabelo dos olhos.

— William... — ela murmurou. O cavaleiro, imóvel, estava de bruços sobre o chão, sangrando da cabeça. Um dos bandidos estava observando-o enquanto outro corria para capturar seu cavalo.

Isabella não viu sinal de sua prima. Seu captor colocou-a de pé.

Ela também não podia mais ouvir Kat.

— Kat! — Ela chamou.

— Quieta! — Ordenou seu captor em gaélico.

— Kat! — Ela gritou novamente, sua voz falhando.

— Aqui, lindinha! — Katherine chamou aterrorizada, mas fora de vista. — Eu estou aqui!

O sequestrador de Isabella colocou a mão sobre sua boca para silenciá-la e ela mordeu, forte.

Ele assustou-se e gritou de dor. Sua mão tinha gosto de sal e sujeira enquanto ela afundava seus dentes em sua carne. Ele praguejou violentamente e apertou seu nariz entre seu polegar e indicador, privando-a completamente de fôlego.

— Solte! Ele rosnou.

Isabella tentou morder mais forte, mas sua visão estava começando a flutuar, as árvores balançando. Ela não devia desmaiar. Ela soltou, ofegando com o ar doce e frio enquanto ele puxava a mão. O repugnante gosto de terra e suor ainda estava em sua boca e ela cuspiu. Ele a segurou firmemente contra ele, praguejando novamente enquanto examinava o machucado em sua mão.

Os cavalos estavam inquietos, ainda perturbados pelo barulho e confusão, mas um dos bandidos já tinha o comando da carruagem. Os cavalos de carga atados à carroça relinchavam enquanto os bandidos tentavam acalmá-los.

Isabella sentiu um nó de terror em seu ventre. Ela tinha sido uma cortesã da corte do rei Henry sob a proteção de seu tio, o duque de Gloucester, desde a idade de doze anos. Em seus sete anos na corte, ela testemunhou os horrores da tortura e da morte lenta infringida aos fracos, infelizes ou sem amigos pelos poderosos.

Se os homens civilizados cometiam atos de tamanha brutalidade, o que eles passariam nas mãos desses bárbaros das Highlands?

Dois dos bandidos, armados com espadas e escudos de couro intrincadamente decorados, emergiram das árvores de bom humor.

O homem mais velho, com o cabelo cor de gengibre e a barba selvagem riscada de cinzento, coxeava em direção a Isabella e seu captor, com um andar cambaleante e escarranchado. Seu rosto estava desgastado pelo tempo e com cicatrizes, mas seus dentes amarelados e tortos mostravam um largo sorriso.

— Eles fugiram, rápidos como coelhos — declarou o velho, com os olhos alegres — A meio caminho do mar agora, aposto!

As mãos de Isabella se fecharam em punhos. Ela iria ver os guardas enforcados por isso! Os covardes estariam melhor servidos se caíssem presas de lobos nestas matas do que enfrentando a ira do rei James. O rei escocês — um homem que nunca desperdiçava misericórdia com aqueles que cruzaram com ele — teria o grupo deles executado por esta deserção da prima de sua rainha.

Robert Stewart também pagaria pelos covardes e inúteis guardas que lhes dera.

Outro bandido, mais próximo da idade do rei Henry — talvez dezesseis anos e demonstrando uma clara semelhança com o velho — vinha com ele. Os olhos do jovem estavam arregalados e seu rosto corado. Ele tremia de excitação e nervoso.

— E agora? — Perguntou o jovem.

O tom de seu captor era cortante.

— Você pode tornar-se útil, Jamie, e ir atrás do cavalo da lady, ele não deve ter ido longe. O jovem saiu instantaneamente. Ao velho, ele disse:

— Coloque os rapazes para preparar os cavalos de carga e as carroças para irmos. Outros podem aparecer neste lugar e eu não estou com cabeça para outra luta. Quanto mais cedo formos, melhor.

O homem acenou com a cabeça compreendendo e se apressou a obedecer a ordem de seu líder.

Esses ladrões tinham pegado tudo de valor, Isabella percebeu. Abandonariam eles três aqui? Homens assim não teriam necessidade de prisioneiros.

Ela engoliu em seco, percebendo que os bandidos poderiam muito bem encontrar uma utilidade para ela e Katherine.

Havia uma fortuna em moedas, vinho e mercadorias nos cavalos de carga e na carroça. Uma rica porção de seu dote preenchia essa carga, mas ela não podia negociar com o que esses criminosos já tinham.

A vida na corte ensinou-lhe que havia momentos em que a coragem insolente girava a Roda da Fortuna em favor de alguém.

— Solte-me imediatamente! — ela ordenou. — Eu sou Lady Isabella Beaufort, noiva de Lord Alexander Douglas, e filha do primeiro conde de Somerset!

Para o absoluto espanto de Isabella, o bandido a soltou.

Desprevenida pela súbita libertação, ela tropeçou no caminho rochoso e quase perdeu o equilíbrio completamente.

— Você é? Vire-se, então. Deixe-me ver essa dama fidalga que morde como uma loba!

Isabella era alta para uma mulher, um fato muito lamentado por sua avó, a condessa viúva, mas este homem facilmente ficou uma cabeça mais alto. Ele era magro, mas não havia dúvidas de sua força. Ele era bem adequado para a vida áspera de um bandido.

Seus estreitos olhos cinza-esverdeados eram aguçados com inteligência enquanto olhava furiosamente para ela. Suas bochechas estavam avermelhadas, seu rosto sujo onde ela o chutou. Ela podia ver o ponto acima de seu olho direito já inchando. Ele deveria mesmo ter um olho roxo pela manhã.

Vestido com um manto brilhantemente padronizado, seu cabelo comprido e sua barba de um ardente vermelho, parecia tão selvagem e feroz quanto um deus pagão.

Por um longo momento Isabella não pôde fazer nada mais do que fitá-lo.

O gemido de Katherine quebrou o feitiço.

Isabella se ergueu em toda sua altura.

— Sou Lady Isabella Beaufort, prima de Sua Muito Graciosa Majestade, Rainha Joan, disse ela. — Ela empurrou seu capuz da capa para trás e sacudiu seu cabelo grosso e escuro para fora de seu rosto.

Ele pestanejou e seus lábios se separaram ligeiramente.

Ela ergueu o queixo.

— Surpreso por descobrir quem você atacou, bandido?

Ele deu um riso agudo e sem humor e limpou a sujeira do rosto com a borda de seu manto. Descuidadamente escovou a túnica e as mangas com as mãos.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Esperando que eu me ajoelhe, é?

Ela juntou as mãos para ele não ver que estavam tremendo.

— Eu espero apenas ser tratada como meu status exige! Eu acho que mesmo *alguém* como você entenderia que sou muito valiosa.

— Alguém como *eu*. — Ele balançou a cabeça como se considerando suas palavras então cruzou os braços, dando alguns passos vagarosos para a frente, com movimentos graciosos para um homem tão alto.

Ele estava perto o suficiente para que Isabella tivesse que levantar o queixo para encontrar seu olhar.

— Valiosa quanto, moça?

— Demais — ela conseguiu dizer, enervada por sua proximidade.

— Você será bem recompensado se você me retornar ilesa.

Ele se inclinou, sua bochecha quase tocando a dela. Sua respiração estava quente contra a pele sensível de sua orelha enquanto ele murmurava para ela.

— Voltar ainda donzela, quer dizer?

O olhar dela voou para seu rosto e o olhar dele era zombeteiro.

— Não perca seu tempo se preocupando, moça — disse friamente.

— Acho que mesmo alguém como *eu* pode resistir a seus encantos.

O rosto de Isabella ficou quente. A beleza delicada, de cabelos claros, da rainha sua prima era lendária e era bem sabido que o rei James se casou com ela por amor, e não mantinha nenhuma amante. De cabelos escuros fora de moda com os olhos combinando, Isabella tinha ouvido com frequência de sua avó o quão decepcionante era que ela não fosse como Joan.

Ela não conseguia encontrar o olhar do bandido nem pensar em qualquer coisa para dizer que não fosse atrair mais desprezo dele.

— Bem, então, — ele disse, quando ficou claro que ela não responderia. — suponho que posso mandar para Douglas de volta *uma* de suas jóias. Você é prisioneira, Lady, até que seu resgate seja pago.

— E de quem eu sou prisioneira, senhor? — perguntou, enquanto ele se afastava.

Ele fez uma pausa longa o suficiente para lhe dar um sorriso zombeteiro.

— Colyne MacKimzie.

Os esforços de Katherine estavam abafados; ela estava amordaçada, talvez também amarrada.

— Pare! — Isabella gritou, erguendo sua mão para ele. — Minha parenta, Katherine, o que vai ser dela?

Kat estava chutando no chão, a sujeira se espalhando enquanto seu captor lutava para segurá-la enquanto amarrava seus braços.

— Minha prima é apenas uma mulher e enfraquecida pela doença também. Deixe-a montar! — Isabella argumentou, mas MacKimzie nem sequer diminuiu o ritmo. — Na verdade, mesmo se libertada ela não poderia lhe fazer mal!

Ele estava determinado a examinar os bens e objetos de valor guardados nos cavalos de carga que seus homens estavam reunindo.

Iria MacKimzie deixar Kat aqui? Doente, amarrada e impotente para congelar até a morte ou morrer de sede sozinha na floresta? Seria um ato monstruoso.

Seu tio, o cardeal Beaufort, deixaria uma mulher assim, mesmo uma mulher da nobreza, mesmo sua própria parenta, se isso servisse a seu propósito.

— Katherine deve ser resgatada também! — Isabella levantou a voz para que suas palavras ecoassem pelo bosque. — Se a rainha não for resgatá-la, bandido, eu irei!

Ele virou-se para Isabella, arqueando as sobrancelhas.

— E como você fará isso, então? Eu já tenho todos os seus tesouros e o que eu não tomar, — Seu olhar correu sobre ela, e ele sorriu malicioso. — vou deixar para o Douglas aproveitar.

— O que está aqui não é todo o meu lote de casamento — ela retrucou. — Há mais para seguir e trarei os rendimentos das terras também para meu marido. Eu apelarei para Lord Douglas, para a rainha, para o próprio rei, se for preciso! Katherine é fidalga, ela deve ser resgatada também!

MacKimzie soprou a respiração com irritação.

— Angus! — Ele bramou. — Traga a mulher aqui!

Outro de seus homens veio até eles arrastando Katherine, se debatendo, junto com ele.

No momento em que o homem afastou a mão de sua boca, Katherine soltou uma torrente de insultos e desacatos sobre os parentes de MacKimzie, honra, sagacidade e ‘equipagem’ particular, em línguas do gaélico ao latim que todos, mesmo Isabella que a conhecia desde a infância, ficaram congelados e espantados.

— Sim, — MacKimzie zombou quando Katherine foi forçada a parar por falta de ar. — tão fidalga quanto você.

Isabella avançou rapidamente, com a intenção de proteger Kat.

— Por favor, senhor, Katherine, minha querida prima, esteve doente. Ela não é ela mesma.

— Ela pragueja em gaélico muito bem! — O homem de barba grisalha, Malcolm, disse aprovando. — Então, você é escocesa?

— Por parte de mãe, — replicou Kat, lançando um olhar mal-humorado para Malcolm.

Malcolm riu, sua boca se abrindo em um amplo sorriso de dentes amarelos.

— Como se não fosse uma moça MacLaulach, hein?

Malcolm e os outros homens riram, mas a boca de MacKimzie continuou apertada.

Vendo Katherine respirar fundo para lançar outro ataque, Isabella falou rapidamente.

— Senhor, por favor, minha parenta...

— Sua dama de companhia? — MacKimzie interrompeu.

— Sim — respondeu Isabella. — E mais querida para mim do que qualquer outra, senhor.

Seus olhos estavam velados enquanto ele a estudava. Por fim, fez um ríspido aceno de cabeça.

— Espero que ela valha alguma coisa. Ela pode servi-la então.

O véu de Kat tinha ficado dobrado, duas manchas de cor se destacavam em suas bochechas, e seus olhos azuis, pálidos, lançavam punhais para ele.

— Eu terei sua palavra de que minha lady será tratada honradamente, bandido?

— A palavra de um bandido honesto, quer dizer? — MacKimzie deu uma risada curta. — Sim, eu a dou de graça.

Kat olhou para ele.

— Você...

MacKimzie ergueu a mão para ela.

— Quero sua lady por amor ao resgate, não para violação. Ambas estão seguras o suficiente comigo e com os rapazes se fizerem o que lhes for dito, para isso dou minha palavra.

Ele deu a Katherine um olhar aguçado.

— Mantenha sua doce língua dentro da boca, senhora. Se você não puder, vai ficar duro para sua lady.

Katherine, visivelmente lutando para controlar-se sob o forte domínio do bárbaro, concordou.

— Oh, por favor, solte-a, — Isabella gritou.

As sombras roxas sob os olhos de Kat mostravam que ela havia usado a pouca força que tinha.

— Por favor senhor!

Com um balançar da mão de MacKimzie, o homem a soltou.

Isabella se moveu para apoiar Katherine antes que ela caísse. Kat estava tremendo e febril.

— Minha prima viaja na carruagem, — insistiu Isabella. — ela não está bem o suficiente para cavalgar.

William permanecia onde os bandidos o deixaram, inconsciente no chão. Sua cabeça estava sangrando, mas para alívio de Isabella ela viu seu peito subir e descer.

— Ponha Sir William na carruagem também, — disse Isabella a MacKimzie. — suas feridas precisam de cuidados.

— O homem fica aqui.

— Você não pode dizer isso! — Isabella gritou. — Ele vai morrer!

— E o que significa isso para mim? — MacKimzie retrucou. — Douglas vai esvaziar os cofres dele para seus parentes?

— Ele não é meu parente. — corrigiu Isabella, levantando a voz e encontrando cada um dos olhares dos homens enquanto ouviam essa

nova barganha. — Sir William é um bom e honrado cavaleiro. Ele estava sozinho contra todos vocês. Mesmo quando nossos guardas viraram as costas e nos abandonaram, ele permaneceu sem sentir medo. Ele merece minha gratidão e seu respeito.

— O homem terá uma morte honrosa — retorquiu MacKimzie, mais para seus homens do que para ela. — Sua dama está segura, a tarefa dele terminada.

— A tarefa de William é entregar-me à minha prima, a Rainha Joan. Ele morrerá por suas mãos se sua tarefa não estiver cumprida.

Os homens de MacKimzie estavam parecendo menos confiantes agora. Algo que Kat havia dito uma vez sobre homens do norte...

— Você gostaria que ele morresse com sua alma sem repouso? — Isabella perguntou. — Com os ossos tão longe de casa?

As narinas de MacKimzie se alargaram vendo seus homens se mexerem desconfortavelmente.

— O homem ainda não está morto e vocês têm medo de seu fantasma!

Aquele que se chamava Angus limpou a garganta.

— Colyne, talvez seria melhor se...

— Ele fica aqui!

— Eu podia... — começou Isabella.

— Resgatá-lo também? — perguntou MacKimzie virando-se para ela. — E o que você está oferecendo agora? O próprio conde Douglas?

Isabella engoliu em seco.

— Traga William e eu dou minha palavra de que não farei nenhuma tentativa de escapar. — Isabella manteve sua voz suave. — Eu me submeto à sua vontade até que meu resgate seja pago, e você, você mesmo, me liberte.

Um músculo se contraiu em sua bochecha e seu olhar passou por seus homens inquietos. Nenhum desejava arriscar uma sombra com raiva seguindo-os, empenhada em vingança.

— Ponham-no na carruagem — MacKimzie rosnou e se virou.

Dois



Erguido e Baixado

Quando o som veio da carruagem, Isabella puxou as rédeas, pulando de seu palafrém, e acenou ao jovem Jamie para parar. Ela entregou as rédeas de Cobweb a Angus. William tinha recuperado a consciência, mas a febre tinha aumentado e estava cada vez mais fraco desde a sua captura ontem. Andar de forma áspera na carruagem sacolejante, congelando, não estava fazendo bem algum a seu estômago.

A terra fria era dura sob seus pés enquanto ela se dirigia a eles. A exaustão puxava seus membros, sua respiração visível no ar gelado.

O jovem Jamie olhou por cima do ombro para ela, envergonhado. Ele não ofereceu palavras de conforto, mas depois de um dia dirigindo a carruagem e ouvindo os gemidos dolorosos de Katherine e William, sua angústia era evidente.

Isabella puxou a cortina para o lado. William tombou fracamente, tremendo e pálido sob uma fina camada de suor. Katherine, de lábios brancos, com os olhos cheios de cansaço, inclinou-se para enxugar a testa com o véu.

— Ele está piorando outra vez? — Isabella perguntou, embora ela pudesse ver claramente quão mal os dois aparentavam estar.

Kat acenou com a cabeça concordando.

Isabella pousou a mão no ombro de Kat.

— E você, Kat?

Kat sorriu fracamente.

— Estou quase pronta para desejar que voltemos à proteção de Sir William.

William fez um ruído fraco, quase um bufar.

— Na verdade, minha lady, como eu poderia ter medo da Morte? — Ele grunhiu. — Certamente mesmo ela ainda não teve coragem de levar a Senhora Katherine, e por isso não se atreve a se aproximar o suficiente para me levar.

Kat riu baixinho, mas seu olhar assustado para Isabella mostrou que William estava mesmo pior do que parecia.

Isabella agarrou a borda da carruagem. William e Kat precisavam de abrigo, camas quentes e descanso, e rápido. A fria e sacolejante carruagem certamente mataria os dois.

Poderia MacKimzie ser convencido a renunciar ao resgate para eles e deixar o par livre?

Rapidamente ela rejeitou a idéia. Mesmo que ela conseguisse convencer MacKimzie a deixá-los ir, nenhum deles tinha força suficiente para dirigir a carruagem agora nem havia muita esperança de encontrar ajuda para Katherine e William. Já havia passado um dia inteiro desde que MacKimzie os tinha capturado e, certamente de propósito, não encontraram viajantes nem vilas enquanto viajaram.

Os escoceses haviam se acostumado a seus frequentes controles sobre os que estavam dentro da carruagem. Cada vez que ela lhes

pedia uma parada, os homens esperavam respeitosamente que ela cuidasse de William e Katherine.

Todos menos um.

Colyne MacKimzie franziu o cenho enquanto cavalgava em sua direção na carruagem de William.

Isabella afastou-se da carruagem quando MacKimzie se deteve para olhá-la.

Ela empurrou seu capuz para trás e endireitou seus ombros.

— Sir William está desesperadamente indisposto, — explicou Isabella antes que MacKimzie pudesse falar. — temos de parar e deixá-lo descansar um tempo.

— Pênis de Deus, moça! Ele *está* descansando! O homem está sendo levado como uma criança!

— Ele está ferido! — Isabella gritou, cruzando a distância entre eles. MacKimzie não se incomodou em desmontar e ela foi forçada a inclinar a cabeça para cima para olhar para ele. — Ele está doente! Se você acha esta carruagem tão confortável, siga um tempo nela, bandido!

— Acho que o cavalo de guerra me convém melhor. — respondeu MacKimzie friamente. — Vou deixar a carruagem para as mulheres e os ingleses.

Isabella apontou para a carruagem atrás dela.

— Sir William está febril. Devemos encontrar abrigo para ele sem demora.

— Se você quiser o homem deitado numa cama de penas junto ao fogo, eu cuidarei para que ele esteja assim esta noite, *se você parar de nos atrasar*. A menos que você esteja nos atrasando de propósito, com esperança de escapar.

— Nada disso! Você é um idiota esperando que essa carruagem possa viajar por terreno tão acidentado sem causar sofrimento aos que estão dentro!

A mandíbula dele se apertou.

— Seria prudente se preocupar com sua língua agora, moça. Você está a um passo de fazer o resto desta viagem amarrada e amordaçada, deitada através da minha sela com o seu traseiro no ar!

— Você prometeu-lhes o cuidado apropriado! Eu acreditei em sua palavra e você mostra-se sem palavra!

Isabella sentiu uma onda de choque percorrer os escoceses em volta. Os olhos de Jamie se arregalaram com o seu tom; o rapaz parecia escandalizado.

O rosto de MacKimzie tornou-se de pedra e o assustador cavalo preto de guerra realmente lhe serviu bem naquele momento.

— Prometo que se nos atrasar de novo, — Advertiu, com um tom baixo e perigoso. — não precisará se preocupar com a carruagem. Deixarei os dois aqui no chão e colocarei fogo na maldita coisa!

Seus lábios se abriram em choque e ela se sentiu empalidecer.

O cavalo de MacKimzie pateou nervosamente o chão quando o homem olhou fixamente para ela.

Não havia solução para isso. Isabella fez o seu caminho de volta para Cobweb e tomou as rédeas de Angus. Nervosa, ela não confiou em sua voz para agradecer ao homem enquanto ele a ajudava a montar o palafrém.

MacKimzie esperou até que ela estivesse de volta ao cavalo antes de mudar seu olhar para o jovem Jamie.

— Pare essa coisa mais uma vez sem que eu diga isso, rapaz, — ele prometeu — e eu vou amarrá-lo à roda pelo pescoço e arrastá-lo por todo o caminho até em casa!

Jamie ficou pálido, suas sardas se destacando contra sua palidez, mas ele concordou com a cabeça.

Os escoceses acharam seus pés, os cavalos e até mesmo o chão mais seguro para olhar do que seu líder.

MacKimzie sustentou o olhar de Isabella por vários segundos, então olhou para a carruagem de forma significativa.

Depois de um momento, ela abaixou o olhar.

Evidentemente satisfeito de que havia colocado medo em todos eles, MacKimzie virou seu cavalo.

Ele gritou para os homens do clã que estavam esperando.

— Vamos!

MacKimzie chegou de novo à frente do grupo e olhou para trás, como para se assegurar que ela ainda estava em seu cavalo e pronta a seguir.

Isabella instou seu cavalo a avançar, esperando que uma vez que ela era forçada a suportar as visões, ela poderia um dia — como sua recompensa — ver uma de Coline MacKimzie em seu caminho para a força.



O tempo ficou gelado à medida que a tarde ia passando e Isabella manteve seu manto envolto bem apertado em torno dela. Os Highlanders pareciam não notar nada do frio; poderia muito bem ser o meio do verão pelo desconforto que eles demonstravam.

Isabella não sabia nada do país solitário que eles percorriam. Sir William disse que eles estavam indo para o oeste, mas Isabella não poderia ter encontrado seu caminho de volta para o lugar em que tinham sido interceptados, mesmo se MacKimzie de repente decidisse libertá-la. O terreno era tão densamente florestado, as colinas tão envoltas em névoa, que Isabella se perguntou como MacKimzie poderia saber a sua direção.

Um portão para o inferno era sabido existir na Escócia. Ela não iria saber se o tinham passado se MacKimzie estivesse levando-os todos lá.

Ele olhou para trás para ela muitas vezes enquanto cavalgavam como para assegurar-se de sua obediência, talvez calculando o que ele exigiria para seu retorno seguro. Inegavelmente, ele era o líder aqui, mas este bandido responderia a um senhor supremo?

Nem sequer tinha sido dito a ela onde eles a estavam levando. Quando ela perguntou a Jamie, que se esforçava para ser galante em sua maneira rude do campo, ele apenas lhe deu um olhar intrigado e disse que eles estavam indo ‘para casa’.

Nuvens se aglomeravam, transformando o céu e a paisagem em um cinzento sombrio. Isabella temia que logo veriam neve e fossem forçados a passar uma noite miserável ao ar livre. Uma vez durante a caminhada Isabella viu alguns chalés de telhado de palha ao longe, mas MacKimzie evidentemente queria evitar o contato com aqueles que moravam lá.

Era um lugar como aquele que ia ser sua prisão? Um minúsculo aglomerado de chalés, nem mesmo povoados o suficiente para ser chamado de uma aldeia? MacKimzie os esconderia em uma caverna

nesta terra solitária e fria até que o resgate fosse pago? Ela podia imaginar MacKimzie capaz de submetê-los a um inverno como esse.

Isabella inclinou a cabeça contra o vento. MacKimzie tinha os bens que ela trouxera da Inglaterra, e o resgate drenaria ainda mais seu dote. Seu noivo poderia muito bem se sentir menosprezado por ter a prima alta e sombria da rainha para se casar e com muito menos da grande fortuna que lhe fora prometida para o ato.

Alexander Douglas iria esperar por ela? E se ele escolhesse outra durante seu cativo?

O aperto de Isabella aumentou nas rédeas de Cobweb. Estar tão perto de conhecer a segurança contra seus inimigos como a esposa de Douglas e tê-la arrebatada pela ganância de um bandido!

A luz do dia estava desaparecendo quando Jamie sinalizou com a cabeça.

— Veja, estamos perto de casa.

Os chalés de telhado de palha abaixo constituíam uma vila acolhedora na beira do lago. A visão do castelo de pedra esmagando-os confrontou-a quando alcançou a crista da colina. Isabella engoliu com dificuldade quando ela viu o castelo que seria sua prisão.

Situado em uma ilha no lago, conectado à costa por uma ponte solitária de madeira e pedra, era uma fortaleza formidável e prometia não ser fácil de fugir ou resgatar. Tampouco havia qualquer dúvida quanto ao seu destino. MacKimzie enviou Angus cavalgando adiante para o castelo, presumivelmente para anunciar sua chegada ao chefe supremo.

MacKimzie lançou-lhe um rápido olhar presunçoso.

Quem era aquele a quem ele a entregava? Isabella mastigou o interior de sua bochecha. Ela não conhecia os nobres escoceses ou

suas tramas; quem se arriscaria a ofender a família Douglas — e ao rei — dessa maneira?

O lorde deste castelo se sentiria obrigado a manter seus prisioneiros presos em uma câmara abaixo, como era comum? Seriam acorrentados?

Certamente, entretanto, Kat e William iriam ficar melhor aqui do que em campo aberto.

Com o último eco da luz do dia bloqueado por suas paredes, o castelo parecia ainda maior e mais intimidante enquanto Isabella cavalgava em sua sombra.

Os cascos dos cavalos emitiram um ruído surdo quando MacKimzie os conduziu pela ponte. Torres de cada lado da ponte erguiam-se sobre ela; janelas em fenda na pedra colocadas para fornecer aos arqueiros um ponto protegido para disparar suas setas para qualquer força na margem. Os pássaros, com suas formas rendendo silhuetas indefinidas de encontro ao céu cinzento, circulavam as torres. Seus gritos agudos reverberavam contra a pedra.

Então passaram pelo portão e entraram no pátio. Sua chegada atraiu a todos, mulheres e homens, jovens e velhos, para o pátio. Vestidos com mantos e capas brilhantes, os homens tinham cabelos compridos com barbas cheias, as mulheres não menos rusticamente vestidas, e eles olharam para Isabella curiosamente, muitos encarando abertamente. A carruagem trazendo Kat e William parecia tão bem decorada como para uma feira de primavera e atraía o interesse e os murmúrios do clã de olhos arregalados.

Ela esperava obter uma vista do dono desta fortaleza antes que lhe fosse apresentado. Os olhos de Isabella correram pelo pátio,

tentando descobrir o lord enquanto Jamie a ajudava a descer de seu palafrém.

Ela deu uma palmada distraidamente no pescoço de Cobweb e imaginou se ela veria o cavalo novamente. Ela era uma valiosa e bonita montaria; provavelmente o lord aqui também guardaria seu palafrém.

Uma jovem emergiu entre os homens do clã. Mesmo à luz das tochas a deferência dos homens do clã era óbvia quando eles abriram caminho para ela passar. O manto da mulher, envolto e amarrado em torno dela, era um xadrez de franjas coloridas e ela se movia com uma certa graça, apesar da muleta em que se apoiava enquanto se dirigia para MacKimzie.

Uma esposa, pensou Isabel, observando MacKimzie abraçá-la.

Ou talvez uma noiva, corrigiu-se ela, vendo o casto beijo de MacKimzie na testa da mulher.

Os dois estavam sorrindo, falando intensamente um com o outro. Eles olharam em sua direção e ela corou por ser apanhada olhando. Sentindo-se desajeitada e rígida após o longo percurso, Isabella dirigiu-se à carruagem.

No mínimo, Katherine e William teriam um telhado sobre suas cabeças e, se o lord aqui tivesse alguma misericórdia, um fogo para aquecê-los esta noite.

Três



O Leão e o Unicórnio

Colyne mal tinha beijado sua testa quando Caitrina perguntou:

— Quem é ela?

Caitrina olhou para a inglesa com franca curiosidade. Através do crepúsculo do pátio, Colyne viu a moça inglesa se virar.

— Lady Isabella Beaufort, — respondeu Colyne. — filha do Conde de Somerset.

— Uma lady inglesa? Viajando tão longe até as Highlands?

— Nós pegamos o lote na estrada de Edimburgo. — Caitrina olhou para ele bruscamente e ele limpou a garganta. — A dama ficará prisioneira aqui até ser resgatada.

— Prisioneira! Eu não posso dizer que eu gosto disso, Colyne. Por que você arriscaria uma coisa assim?

Colyne olhou ao redor; eles estavam longe o suficiente dos outros, mas ele ainda assim baixou a voz.

— Não havia risco! Graham me trouxe a promessa do próprio camareiro do rei, Robert Stewart, de que os guardas da lady eram leais somente a ele. Nós os pegamos com poucas espadas desembainhadas.

Caitrina olhou para a ferida na testa de Colyne — uma que tinha se transformado em um suave e alto hematoma — do chute da moça inglesa. Colyne tocou-a constrangido.

— A culpa é minha por subestimar o ânimo da moça, — confessou com uma risada curta. — Eu não vou fazer isso de novo.

Caitrina pôs a mão no quadril.

— E então arriscamos tudo por Robert Graham?

Coline deslocou-se inquieto com o tom de Caitrina; o plano tinha parecido bom quando Graham o explicou. Pegue a herdeira Somerset e mantenha sua grande fortuna fora das mãos de Douglas, mantenha Douglas com um laço de casamento com a coroa e sua promessa de metade do dote da lady para os cofres do rei. Drenar ainda mais o dote com um resgate e negar ao rei sua herança inesperada, enquanto Colyne recuperava a própria fortuna de seu clã tão brutalmente dizimada nas mãos do rei.

— Nós prestamos a Graham um grande serviço, — Colyne retrucou. — Um que ele vai se lembrar.

Caitrina balançou a cabeça, o cenho franzido em seu rosto claro mesmo na escuridão crescente.

— Eu não acreditaria muito em Graham, Colyne. Ele teve sorte de escapar para as Highlands quando os proprietários de terras se recusaram a levantar-se com ele contra o rei. Acho que sua estrela vai cair ainda mais.

Colyne apertou a boca.

— É melhor esperar que não, para que a nossa não caia com ele.

Caitrina olhou para a moça inglesa.

— O que você está pedindo ao conde pelo resgate?

— Seu pai morreu. Alexander Douglas vai oferecer seu resgate.

—Douglas?

Colyne olhou para o outro lado do pátio, observando os membros do clã serem recebidos em casa por esposas e filhos.

— Seu noivo.

— Colyne! Você vai impedi-la de casar-se também? E se Douglas não conseguir o dinheiro para tê-la de volta?

— Então o rei pagará.

— O rei? — Caitrina perguntou, seu cenho se contraindo enquanto ela trocava seu peso na muleta. — Mas por quê deveria pagá-lo?

Colyne olhou para a carruagem. A moça inglesa estava coberta da cabeça aos pés por seu manto e nessa hora tardia a luz estava muito fraca para distinguir seu rosto dessa distância.

— Lady Isabella é prima da rainha Joan.

O rosto de Caitrina ficou pálido.

— Oh, Santo André, você não está dizendo isso! Você pegou a *prima* do rei? Você ficou louco, Colyne?

Os homens do clã no pátio estavam ocupados com suas próprias reuniões, mas o chocado grito de Caitrina lançou uma série de olhares curiosos em sua direção.

Ele pegou seu cotovelo e, como sempre, consciente de sua perna, suavemente a levou para mais longe.

— Eu garanto, não há perigo.

— *Não há perigo?* — Os lábios dela estavam brancos. — Você se esqueceu que Papai foi enforcado por ordem do rei? Da Mamãe e da pequena Margaret mortas, e eu... — Ela parou, sacudindo a muleta de modo significativo para ele.

— Você acha que eu esqueci? — Colyne perguntou com força. — Você acha que eu *poderia*?

— E se o rei vier por ela?

Colyne deu uma risada curta.

— James não pode entrar nas Highlands, você sabe! Ele não voltará a sair vivo.

— Você pegou sua parente, Colyne! O rei terá que vir para os dele próprio.

— O próprio Rei James foi prisioneiro dos ingleses desde os seis anos de idade. Ele sabe que um prisioneiro pode ser bem tratado e iremos tratá-la bem. A rainha enviará o resgate e devolveremos a moça ao seu homem. Você vai ver, tudo vai ficar bem.

Caitrina o encarou. Ela olhou para a carruagem, então balançou a cabeça.

— Bem, eu suponho que não há nada a ser feito sobre isso hoje à noite. Vou atender a lady e colocá-la tão confortável quanto eu possa.

— A lady não está sozinha. Há outros dois com ela, ingleses também. — Ele afastou os olhos de sua irmã. — A mulher está muito doente, o homem ferido.

— Ach! Por que não disse isso? — Perguntou Caitrina, passando por ele. — Onde estão as pobres almas? E traga-me uma luz para enxergar!

Colyne se permitiu um pequeno sorriso enquanto observava Caitrina, movendo-se rapidamente através do pátio apesar de sua muleta, já distribuindo ordens.

Podia-se contar com Caitrina para cuidar de cada doença, cada ferimento, humano ou animal, numa distância de um dia de viagem. Anos atrás, pouco depois de Colyne voltar de lutar pelo rei francês, eles pegaram um rapaz MacLaulach invadindo suas terras com seu clã. O rapaz ficou gravemente ferido e ninguém pensou que iria viver

nem um dia, mas, por força de vontade, Caitrina o salvou. Pouco a pouco, sob os cuidados de Caitrina, o rapaz recuperou sua força e o clã MacLaulach entregou duas reses para recuperar o seu homem.

Ela atendia os homens do clã, as mulheres e as crianças com a mesma ternura de uma mãe para sua própria ninhada. Ela tinha um dom raro para a cura e não havia restrições para qualquer um que viesse a ela com necessidade.

Suspirando, Coline seguiu sua irmã para a carruagem. Pelo menos agora, ele pensou, a moça inglesa pararia de importuná-lo sobre seus cuidados.



Quando Isabella puxou a cortina da carruagem os odores de óleo de madeira perfumada e doença febril franziram seu nariz. William estava encostado na lateral da carruagem, o curativo na sua cabeça escorrendo.

As pálpebras de Kat tremeram e ela girou em seu assento, virando-se fracamente para encarar Isabella. As bochechas murchas de Katherine estavam afundadas, como se ela estivesse drenando o resto de suas forças agora.

Como sempre tinha podido, Kat leu sua expressão.

— Lindinha, — disse com voz rouca, alcançando-a.

— Oh, Kat! — Gritou Isabella, sentindo os dedos gelados de sua prima.

— Traga a tocha aqui, cara! Eu não posso vê-los sem luz!

Isabella olhou para trás para ver a mulher MacKimzie se aproximando, o bandido seguindo-a. Quando a luz das tochas chegou mais perto, Isabella pôde ver que o rosto da garota era bastante

agradável, mas seu cabelo, grossas ondas de fino ouro eram a sua real reivindicação à beleza.

— Você precisa se afastar, — disse a loira empurrando bruscamente Isabella para o lado, com os olhos nos dois na carruagem.

Ela separou a mão de Kat da mão de Isabella e segurou-a na sua própria, balançando a cabeça para si mesma enquanto olhava para Katherine.

— Febre então, e ainda está quase congelada. Dor de cabeça?

Kat olhou para a mulher debilmente e Isabella podia ver que ela não tinha forças para fazer nada além de assentir com a cabeça.

— Angus, diga a Mary que nós precisaremos do fogo bom e quente no solar. Devemos esquentar seus pés.

— Com licença — começou Isabella.

William gemeu quando a escocesa sondou a ferida com os dedos.

— Ach, quem envolveu este curativo? Seus malucos, vocês pelo menos limparam direito a ferida? Jamie, Malcolm, levem o homem lá para cima imediatamente. Agora, rapazes, e pensem em levá-lo gentilmente! — repreendeu a mulher. — Estava esvaziando o estômago também, não é? Diga aos cozinheiros que eu preciso de água fervida, e envie-me um menino da cozinha para...

— Com licença! — Isabella repetiu.

A enxurrada de atividade parou. O grupo, MacKimzie também, voltou-se para ela, surpreendido.

— Eu lhe agradeço, — Isabella disse à mulher, tentando manter sua voz firme. — Mas precisamos buscar um médico para cuidar deles.

Os escoceses olharam para ela como se nela tivessem crescido asas e anunciasse que pretendia sobrevoar o castelo.

— Eu não terei você interferindo — respondeu a mulher loira, seu rosto assumindo uma expressão teimosa. — Se você não puder fazer o que lhe é dito, eu não a terei perto de meus pacientes.

— Seus...?

— É melhor deixá-la, moça, — aconselhou MacKimzie. — Minha irmã não permitirá que ninguém a impeça de fazer a cura onde isto é necessário. Melhor deixá-la cuidar disso.

— Irmã? — Isabella deixou escapar.

— Sim, — MacKimzie respondeu, olhando para ela como se fosse idiota. — Minha irmã. Lady Caitrina.

Lady? Então MacKimzie — o MacKimzie, ela corrigiu — era o Laird aqui.

Isabella sentiu uma onda de embaraço de como ela o chamara de bandido e insinuado sua fidalguia como estando além de sua compreensão, mas a afastou quando seu olhar caiu sobre os traços esmaecidos de Katherine. Ela mesma não conhecia a cura pela sabedoria popular; pelo menos havia calor e conforto para Kat e William dentro do castelo.

Isabella molhou seus lábios.

— Eu ficaria grata pela sua ajuda, Lady.

Caitrina lhe deu um curto aceno de cabeça.

— Você terá o meu melhor.

— Ela o faria mesmo se você não pedisse. — insistiu o MacKimzie, enquanto o grisalho Malcolm levantava Sir William com a ajuda de seu filho Jamie. — Eu não acho que todo o exército inglês poderia parar Caitrina se ela visse mesmo um gatinho necessitado.

Isabella recuou enquanto o MacKimzie envolvia Kat suavemente em seus braços e então seguiu a todos até a torre.

William e Katherine foram levados para um grande aposento privado. Um fogo ardente fora aceso sob a direção de Caitrina. Os dois pacientes estavam confortavelmente colocados em estrados e cobertos com cobertores pesados enquanto a mulher se movia entre eles e os potes sobre o fogo.

Isabella observou os movimentos eficientes e vigorosos de Caitrina, graciosa e confiante apesar de sua muleta. Ela segurou a mão de Katherine enquanto Caitrina se preocupava, murmurando algumas vezes para si mesma ou levantando a voz para dar instruções aos outros. Enquanto Caitrina misturava ervas em vinho que aquecia sobre o fogo, ela conseguia dirigir o pequeno grupo de escoceses atendendo o par e enviar outros para buscar e trazer coisas para ela.

— Lindinha, — Katherine grunhiu.

Isabella resistiu às lágrimas ao ver sua Kat, geralmente tão forte e atrevida e cheia de alegria, tão sem forças e fraca. Sombras escuras manchavam sua pele delicada, mas seus olhos azuis eram amorosos como sempre.

Isabella moveu-se para agarrar a mão de Kat com ambas as dela.

— Sim, Kat?

— Lindinha, nenhuma mãe poderia tê-la amado mais do que eu. Esperava lhe ver bem casada.

— E você verá, — respondeu Isabella, forçando a convicção em sua voz. — Alexander Douglas vai esperar a mim — e minha fortuna — até que nós cheguemos.

— Rezo para que eu faça a viagem, mas se eu não fizer, possa o céu conceder-lhe um marido que aprecie você tanto quanto eu.

— Oh, Kat!

Caitrina empurrou Isabella para fora do caminho.

— Ela deve beber isso agora e descansar.

Somente a determinação da escocesa separou a mão de Isabella da mão de Katherine. Ela tropeçou para trás pela perda de contato, cega por suas lágrimas.

O MacKimzie estava observando-a da porta, sua boca uma linha sombria, e ela baixou a cabeça.

Caitrina olhou para Isabella.

— Melhor sair um pouco, lady, e deixar-me tratá-los.

Ela já estava se movendo para William, pegando outro copo de uma das empregadas para oferecer a ele.

Isabella afastou uma mecha do cabelo de Kat para trás. Os olhos de Kat haviam se fechado e a aparência de sua pele era cerosa.

Um suave toque em seu cotovelo a assustou.

— Venha, moça, — insistiu o MacKimzie. — Deixe-a descansar.

— Eu deveria ficar com ela.

— Sim, você estará, dentro em pouco. Venha e coma, aqueça seus ossos e recupere sua força. Eles serão bem cuidados até que você volte.

Katherine já havia caído em um sono exausto. Isabella hesitou, mas a suave pressão de MacKimzie e a respiração fácil de Katherine a convenceram a segui-lo.

MacKimzie se moveu pelo salão mal iluminado com a fácil segurança de quem conhecia o lugar suficientemente bem para navegar nele em completa escuridão.

Isabella estremeceu. Em qualquer ponto longe de um fogo este castelo provavelmente seria frio, mesmo no pleno calor do verão. Com esse tempo, o corredor e a escada estavam congelando.

A escada estava melhor iluminada do que o hall, mas os degraus de madeira estavam tão gastos pelo uso que o pé de Isabella escorregou.

Por seu suspiro assustado, o braço do MacKimzie disparou para protegê-la. A bochecha dela colidiu dolorosamente com seu ombro enquanto Isabella se agarrava nas costas dele. Sob o tecido de seu manto ele era músculo sólido.

Ela lutou para recuperar seu equilíbrio, seu corpo pressionado desajeitadamente contra o dele.

— Tudo bem aí, moça?

— Sim. — Envergonhada e abalada, Isabella pôs a mão contra a pedra gelada da escada para se ajeitar. Ela se afastou, o calor das costas dele substituído por uma onda de ar frio enquanto se endireitava.

— Perdoe minha torpeza, meu lord.

Ele virou a cabeça para olhar para ela.

— Você pode descer o resto?

— Claro, eu dei um mal passo, é tudo.

Ele olhou para a escada e depois assentiu.

— Pegue minha mão então.

— Verdadeiramente, meu lord, não há necessidade. Vá em frente.

— Eu não posso ter você quebrando seu pescoço na primeira noite aqui. E esse castelo não precisa de outro espírito que o assombre.

— Meu Lord...

Ele a cortou.

— Não adianta, você sabe. Segure minha mão ou eu vou carregá-la para baixo.

Ser carregada por ele não era sequer imaginável. Isabella pôs a mão na dele.

Seus dedos se fecharam em torno dos dela e por um instante Isabella não conseguiu respirar. Maior do que a sua própria e duas vezes mais quente, a força de seu aperto revelou o laird deste castelo, capaz de executar qualquer tarefa que ele tivesse em mente.

O MacKimzie ficou olhando para a mão dela. Estava suja e uma das unhas tinha quebrado bem curta. Ela não conseguia nem mesmo pensar qual a última vez que lavara as mãos

— Meu lord? — perguntou Isabella, mortificada.

Ele deu um súbito bufo, virando a cabeça para longe.

— Feita para jóias e para agitar um leque.

Isabella teve o cuidado de observar o degrau e usar o mínimo possível de seu apoio no caminho para baixo. Ela puxou a mão da dele quando chegou ao final da escada.

O MacKimzie parecia se divertir.

— Com medo que eu não fosse soltar?

O homem do clã de barba grisalha — Malcolm — virou a esquina, quase colidindo com eles.

— Colyne! — berrou Malcolm. Suas bochechas coradas estavam ainda mais coradas agora e seus braços se abriram em saudação.

— Esperamos vocês no salão, rapaz! — Malcolm apertou os braços do jovem. — Todo mundo quer erguer um brinde para o Laird e nossa boa sorte!

— Você parece já ter levantado alguns brindes, Tio — o MacKimzie retrucou.

— Ach, e a bonita moça inglesa aqui também! — Malcolm gritou.

O MacKimzie soltou um impropério sobressaltado quando Malcolm o empurrou para o lado.

— Venha, lady, eu lhes disse que era a moça mais linda da Inglaterra! — Ele sacudiu um dedo em seu rosto. — Você deve vir e mostrar-lhes. Eu tenho uma moeda de ouro apostada nisso!

Malcolm agarrou seu pulso. Isabella gritou e tentou não tropeçar em suas saias enquanto ele a puxava para o grande salão.

Muitos dos homens do clã estavam lá, alguns ela reconheceu do ataque ao seu grupo e alguns de sua chegada no pátio. Havia novos rostos também, tanto velhos como jovens, as escocesas especialmente se virando para olhá-la com curiosidade.

Para um grande salão este, entretanto, era modesto. As mesas eram bem gastas, e o aposento cheirava a fumo, lã e comida. O teto alto estava enegrecido por anos de uso e o local tinha a aparência desgastada de um salão antigo. Isabella podia muito bem imaginar gerações de homens do norte selvagens e cobertos com manto, reunidos aqui para beber ao redor do fogo.

— Olhem, eu sou um homem honesto! — Malcolm gritou para os que estavam reunidos no salão quando ele alcançou a mesa alta. Ele a empurrou para frente para enfrentar a rude assembléia. — Aqui, então, olhem para a moça mais bonita da Inglaterra!

Os escoceses a olhavam abertamente, alguns com sorrisos repuxando a boca, alguns olhando para ela como se pesando gravemente sua opinião sobre sua atratividade.

Isabella deu um grito assustado quando o MacKimzie a ergueu e colocou-a em pé sobre a mesa.

— Não, certamente não, — disse o MacKimzie, pegando um copo da mesa e levantando-o para Isabella. — A moça mais linda da Inglaterra e da Escócia!

— Sim! — Malcolm concordou, levantando uma taça também.

Houve aplausos ao redor; os cachorros do laird latiram descontroladamente. Isabella olhou como o MacKimzie bebeu para ela, seus olhos cinza-esverdeados enrugados com alegria sobre a borda da taça.

— E você, — Malcolm chamou, gesticulando para um homem do clã com seu copo — me deve uma moeda de ouro, primo!

— Não, — o homem objetou, alegremente. — Você disse que era a mais bela da Inglaterra, não da Inglaterra e da Escócia!

O rosto vermelho de Malcolm ficou mais vermelho.

— Por quê, você... — ele começou, andando em direção a seu parente.

— Ossos de Deus! — Isabella sibilou para o MacKimzie. — Ponha-me no chão!

— Não, eu acho que é aí onde eu vou manter você, assim todos podem admirar meu prêmio.

Isabella franziu o cenho e procurou uma cadeira ou um banco para descer sozinha.

— Não se machuque agora, — o MacKimzie avisou, rindo. — Você vale uma fortuna para mim!

Em seguida ele a estava pegando pela cintura e balançando-a para baixo, pressionando-a apertado contra ele. Ela se agarrou a seus ombros enquanto o quarto girava em torno dela.

Num piscar de olhos não havia mais ninguém no salão além dele.

Ele a soltou. Sem equilíbrio, ela cambaleou para frente, seus braços estendidos. Suas bochechas ardiam. Quão ridícula ela devia parecer, tentando alcançá-lo! Mas olhando de relance, parecia que ninguém lhe dava qualquer atenção — muito menos ainda o MacKimzie, que já estava indo para uma cadeira do outro lado da mesa.

Os homens do clã estavam ocupados gritando em favor de Malcolm ou do outro homem quando os golpes começaram a pousar e as canecas de cerveja caíram no chão.

Para sua surpresa, o MacKimzie acenou com a cabeça para ela tomar o lugar ao lado dele na mesa alta.

Havia pelo menos *alguma* medida de civilidade aqui, pensou Isabella, quando um criado apareceu com água quente e um pano limpo para lavar suas mãos.

— Traga-nos a ceia, Alisoun, e vamos todos levantar uma taça por estarmos em casa seguros.

O MacKimzie chamou, e passou a Isabella uma taça cheia de vinho.

— Devo beber por ir para casa também, milorde? — Ela perguntou.

— Vou mandá-la de volta para Douglas em breve, não tema.

A mulher — Alisoun — colocou um prato na frente dela.

— Você foi para muito longe de nós, meu laird. — Disse ela, falando por cima da cabeça de Isabella.

— Não foi mais do que uma semana, moça. — Ele se voltou, depois bebeu o conteúdo de sua taça.

Alisoun estava vestida com um vestido simples e grosseiro e manto estampado. Seus sapatos eram de colonos de um couro bem-

gasto, mas esta mulher não precisava de elegância. Seus cabelos soltos eram claros como trigo de inverno; seus traços uniformes e figura exuberante teriam feito dela objeto de desejo em qualquer cidade ou corte. Aqui, numa mansão do campo rústica, ela governaria incontestada sobre os desejos dos homens.

— Foi uma semana longa demais. — Ela ronronou. Alisoun deu a ele um sorriso lento e quente. A distância entre os dentes da frente revelava uma natureza luxuriante. — Vamos todos dormir melhor agora com você em casa.

Quando ela serviu o MacKimzie, sua mão esfregou a parte de trás de seu pescoço.

O MacKimzie parecia não dar nenhuma atenção à sua carícia, mas Alisoun captou o olhar de Isabella antes que ela o afastasse e seu olhar era puro veneno.

Sua amante. Sem dúvida, o MacKimzie há muito tempo levava para a cama todas as mulheres bonitas dentro de um dia de viagem.

— Qual é o problema agora? — Perguntou o MacKimzie, olhando para seu prato intocado. — Você também não gosta de comida escocesa?

Isabella deu uma olhada para a refeição colocada diante dela com pouco interesse.

— Minha amiga mais amada está gravemente doente no aposento acima. Não tenho estômago, meu lord.

A admissão tranquila parecia tê-lo surpreendido.

— Não posso lhe prometer. Nenhuma alma na terra pode, mas se houver uma maneira de salvá-la, Caitrina a encontrará.

— Ela parece bastante preocupada. E eu agradeço por isso, mas ela não é um médico estudado que pode equilibrar os humores do corpo.

Colyne deu de ombros.

— Eu nunca vi um homem receber sangria que tenha sido ajudado e já vi muitos. Caitrina diz que purgar, com exceção de veneno, é pura tolice. Eu escolheria seus métodos acima dos de qualquer médico da cidade ou da corte. Eu acho que muitos no campo de batalha poderiam ter sido salvos se ela tivesse estado conosco na França.

— Você lutou por Charles? Contra os ingleses?

— Sim, eu lutei por Charles — murmurou Colyne, olhando para sua taça, seu cabelo vermelho-dourado capturando a luz do fogo. — Tenho terras na França. Presente de um soberano agradecido. Você já esteve lá?

Isabella desviou o olhar.

— Sim, uma vez fui com a duquesa de Bedford. Acompanhei a corte quando Henry foi coroado rei em Paris.

Ele deu um sorriso sem humor.

— Henry se coroou rei da França em Paris e Charles se coroou rei da França em Riems e nenhum foi forte o suficiente para mantê-lo.

— *Henry* é rei da Inglaterra e da França.

— Agora você está em solo escocês — ele advertiu. — E quando um escocês perguntar quem é rei na França seria bem aconselhável você dizer ‘Charles’.

Isabella suspirou.

— Você está certo, é claro. Vou casar com um escocês e não quero desagradar meu marido.

— Onde está o seu homem? — Ele perguntou de repente. — Onde está Douglas?

Ela se remexeu em seu assento.

— Lord Douglas? Com certeza meu lord está com a corte em Perth.

— Ele deixou você para trás para viajar desprotegida através de Perthshire? Deixou-a à mercê dos vilões que atacam as estradas? Quando até mesmo a própria Princesa Margarida escapou por pouco de sequestro este ano?

— Kat ficou doente e ficamos atrasadas na nossa partida da Inglaterra. Por vontade do rei, a corte partiu para Perth antes de chegarmos.

— O homem com quem se casaria e dormiria... ele se foi sem pensar em você?

Isabella abriu as mãos desamparadamente.

— O que meu lord poderia fazer a não ser continuar com a corte?

O MacKimzie olhou para dentro de sua taça, resmungando, e afastou-se da mesa.

— Minha taça está vazia! — Ele gritou para seus parentes, de repente todo animado. — Quem vai oferecer um drinque ao seu chefe sedento?

Os homens do clã gritaram, batendo-lhe no ombro quando ele se juntou a eles, e Alisoun imediatamente apareceu, sorrindo para ele enquanto reabastecia seu copo.

Quatro



Laird do Clã Mackimzie

Isabella acordou assustada, seu corpo duro e dolorido da cadeira de madeira que ela ocupava ao lado de Kat. Na fraca luz da manhã, o peito de Kat subia e descia continuamente. Isabella respirou aliviada.

Na noite anterior, Katherine queixou-se de uma dor de garganta que rapidamente se tornou congestão em seu peito. Mesmo depois de outra das poções de Caitrina, a respiração de Kat sibilava. Caitrina aplicou um emplastro no peito de Katherine e encheu a fidalga com mais uma de suas infusões.

Quando Kat finalmente adormeceu de novo, Caitrina tocou o ombro de Isabella.

— Eu vou falar com Mary para que faça uma cama para você.

O cansaço estava puxando-a. Seu corpo estava rígido de tanto tempo na sela e encontrar-se agarrada ao MacKimzie muito fresco em sua mente, mas Isabella balançou a cabeça.

— Eu vou ficar.

Caitrina levantou seu queixo.

— Estarei aqui a noite toda, lady. Não há necessidade de você ficar sentada aqui.

Isabella alisou o cabelo de Kat.

— Não há nada mais que eu possa fazer por eles, a não ser sentar-me aqui.

Caitrina se moveu em sua muleta e seu tom se suavizou.

— Não penso que o que você faz tenha pouco valor. Há muito a ser dito por ter alguém que ama você em seu leito de doente.

Isabella ajeitou-se, mantendo-se quieta para que os dois pudessem descansar. Em algum momento, ela cedeu à exaustão e adormeceu sentada.

A pálida luz da manhã se mostrava pelas janelas de vidro. Isabella se levantou com um gemido, massageando na dor em suas costas. Um olhar para onde Sir William estava deitado, sua ferida limpa e a bandagem refeita pelo toque de Caitrina, mostrou-o repousando mais fácil. William passou uma noite difícil; ele se queixava de tonturas e dor e agora não podia nem mesmo se sentar sem ajuda.

Caitrina tinha ido às cozinhas e só Mary estava cuidando agora. A moça era jovem o suficiente para que sua figura fosse bastante simplória e tímida sendo que às vezes ela agia de maneira bastante simples. Ela possuía cabelos escuros e sobrancelhas fortes, e seus olhos castanhos, puxados nos cantos, lhe davam uma aparência triste.

Isabella enviou Mary — seus cabelos caindo livremente, como nenhuma garota inglesa usaria — para buscar sua cerveja para beber e água para se lavar.

— O laird quer ver você — disse a moça ao voltar — venha até ele no grande salão.

Isabella suspirou. Ele tinha sido cercado pelos homens do clã e levantado sua terceira taça quando ela tinha deslizado para fora do grande salão ontem à noite. Ela apostava que ele por isto estava pior esta manhã.

Isabella bebeu a cerveja com gratidão e lavou as mãos e o rosto. Ela fez com que a garota escovasse seu vestido e ajustasse seu véu.

— Cuide deles — ela comandou a menina, embora suspeitasse que Caitrina não estaria ausente por muito tempo. — Posso encontrar meu caminho sozinha.

Isabella sentia-se grata por seu casaco de pele sobre sua blusa de lã e pelo calor de seu manto forrado de peles. Mesmo de dia o castelo era surpreendentemente frio.

Isabella fez uma pausa em uma das seteiras para olhar para fora. À luz da manhã, ela podia ver por cima das colinas silenciosas das Highlands pelo que pareciam milhas. Nenhum atacante pegaria este clã de surpresa; esta fortaleza cairia apenas se o castelo estivesse sob um longo assédio ou se o local fosse franqueado por dentro.

E se o seu cativo continuasse durante anos como o do rei James? Quando James voltou para casa depois de dezoito anos de negociação, tinha passado quase toda a sua vida como um real, embora bem tratado, prisioneiro do rei inglês.

Isabella mordeu o lábio. Aos dezenove anos, ela não podia suportar uma longa prisão. E se Alexander Douglas achasse conveniente se casar com outra? Alexander era conhecido por ser um homem bonito e era jovem também. Isabella se afastou da seteira, dedilhando o forro de pele de seu manto enquanto caminhava. E se a rainha se mostrar relutante em pagar um resgate pesado?

Quando chegou ao grande salão, sua mente foi tomada pela imagem de si mesma ainda aprisionada dentro dessas sombrias paredes aos trinta, há muito esquecida por Douglas e muito velha para se casar.

O MacKimzie não parecia pior do que a noite passada farreando e com prostitutas. Na verdade, ele parecia quase pensativo esta manhã.

Ela fez uma reverência.

— Meu lord.

— Lady Isabella. — Ele acenou para ela. — Você quebrou o seu jejum?

Ela franziu o cenho. Era seu costume, como era o da maioria dos cortesãos, comer a refeição da manhã em privado. Jantares, ceias, bailes e banquetes eram ocasiões para a alimentação pública, não a primeira refeição do dia. Certamente ele não a tinha chamado aqui para isso.

— Não, meu lord.

— Venha então — disse ele, acenando com a cabeça em direção à mesa colocada no estrado.

O MacKimzie ofereceu a Isabella um assento ao lado dele na mesa alta. O salão estava calmo e quase vazio. Isabella perguntou-se quantas pessoas do castelo ainda estavam sofrendo pelos efeitos da celebração da noite passada.

— Como estão a Senhora Katherine e o cavalheiro?

— Temo por ambos — disse Isabella. Ele colocou um prato com um grosso pão preto e queijo duro diante dela. — Mas temo por Katherine muito mais. Ela está novamente febril e nunca a vi tão doente.

— Caitrina me disse que a mulher está muito fraca.

Isabella sentiu um espasmo de medo e rasgou o pão com os dedos.

— Você não conhece minha irmã — disse ele, enchendo a xícara dela de cerveja.

— Caitrina ficará no caminho da Morte e vai acariciá-la na cabeça, se for necessário.

— Sou grata a ela pelo conforto que já deu a eles.

O MacKimzie já devia ter comido. Sentou-se ao lado dela, pegando nada além de cerveja para si.

Depois de uma noite tão longa ela descobriu que tinha muito mais apetite do que esperava. A comida era boa, mas simples, e Isabella estava grata por isso.

— Você pode ter mais — disse ele, já colocando mais pão em seu prato. — Eu não quero que Douglas diga que eu deixei você com fome.

O MacKimzie esperou até que ela tivesse terminado de comer e então fixou Isabella com o olhar.

— Você é prisioneira aqui, lady.

Isabella piscou.

— Sim, meu lord.

— Você não encontrará um homem dentro destas paredes que não esteja ligado a mim por juramento e sangue. Você não encontrará ninguém que traia seu chefe se ele valorizar sua vida. Eu não acho que você tenha ouro suficiente para tentar um homem a trair seu clã ou para enfrentar seu laird se ele o fizer.

Não tinha lhe ocorrido procurar ajuda dos homens de seu clã, e tendo observado seus métodos na viagem até aqui, era improvável tentar. Ela balançou a cabeça em concordância de toda maneira.

— Marque bem, eu sou laird aqui. E todos dentro destas terras me obedecem, desde o parente mais próximo até o aldeão mais baixo, e você também. Até que seu resgate seja pago, eu também sou seu laird. Lembre-se de que está obrigada por sua própria palavra a obedecer-me.

Ela mordeu o interior de sua bochecha e acenou com a cabeça, lembrando-se de seu juramento na estrada em troca da vida de Sir William.

— Vai ser bem tratada aqui. Eu não a acorrentarei ou trancarei em uma cela, a não ser que me obrigue a isso.

— Não o farei, nem os meus companheiros — disse Isabella. — Mas não é meu desejo ficar aqui mais do que o necessário. Você enviou ao meu Lord Douglas as suas exigências para minha libertação?

— Os arranjos para o seu resgate estão sendo feitos, — ele respondeu, derramando mais cerveja para si. — Se Douglas achar os meios, paga.

— Se ele não o fizer, o rei certamente o fará — Isabella respondeu, endireitando as costas.

MacKimzie riu.

— Há muitos filhos de nobres escoceses ainda mantidos na Torre como garantia do resgate devido ao rei inglês pela libertação de James. E ele não pagou um tostão para liberar qualquer um. Não acho que ele vai chegar em seus cofres quase vazios para você. — Ele deu-lhe um leve sorriso, levantando sua cerveja para brindar a ela. — Bonita como você é.

Isabella franziu o cenho. Ficando em cima de uma mesa e aplaudida por um bando bêbado de escoceses dificilmente mostrou-a

como uma grande beleza. A metade tinha ido bastante fundo em seus copos ontem à noite para aplaudir até uma cabra vestida com um vestido de uma dama.

— Minha prima, a rainha, então.

Ele encolheu os ombros.

— Talvez, sem contar a afeição, ela renuncie a uma pródiga corte de Natal para ter você de volta em vez disso.

— Eu acho que você deveria esperar que um deles pague o resgate rapidamente. Ou você será condenado a me manter por anos. E eu vou envelhecer e Douglas não vai me querer de jeito nenhum.

— Não se preocupe, um ou outro vai conseguir o dinheiro para ter você de volta, — disse ele brevemente, levantando. — Você me conhece agora. Obedeça-me e conhecerá conforto suficiente aqui enquanto espera.

Com isso, ele a deixou.

Depois de um momento de deliberação, Isabella o seguiu. Ela acelerou seu passo através do grande salão para alcançá-lo no nicho. Era um lugar sombrio, sem tochas acesas e provavelmente mais frio aqui do que lá fora no pátio, mas Isabella falou rapidamente para aproveitar esse momento de privacidade.

— Meu Lord MacKimzie!

Claramente surpreso, ele se virou para encará-la.

— Sim?

— Uma palavra com você, por favor.

Ela engoliu em seco; ela não estava olhando para isso com muita expectativa.

— Quero oferecer-lhe meus agradecimentos, meu lord.

— Seus agradecimentos? — Ele repetiu, com tom incrédulo.

— Sim. — Ela hesitou. — E minhas desculpas.

— Hum. — Ele cruzou os braços sobre o peito. — O que é tudo isso, então?

As mãos de Isabella se torceram em suas saias.

— Você conseguiu cuidados para os meus companheiros e eu não tive oportunidade de lhe agradecer.

— Você deve ser agradecida a Caitrina, não a mim.

— Eu sou, mas eu pensei que era necessário reconhecer que você manteve o trato que fizemos.

Tendo observado o rei escocês durante sua prisão, ela sabia que seu tempo poderia muito bem passar mais fácil — e sua liberação ser mais rápida — se o MacKimzie pensasse bondosamente nela.

— Ah — ele disse.

Estava claro que ele estava esperando que ela continuasse e Isabella mergulhou.

— Eu não deveria ter falado com você como eu fiz em nossa viagem até aqui.

Ele acenou com a cabeça concordando, sua boca franzida.

— Agora que penso nisso, você me deu o lado áspero de sua língua.

Isabella piscou.

— Eu falei rudemente, talvez.

— Talvez? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Você me chamou de idiota.

Isabella reprimiu o impulso de lembrá-lo de que ele havia ameaçado abandonar sua querida parenta no chão congelado e incendiar a sua carruagem.

— Sim, meu lord, eu o insultei. Por favor, aceite meu arrependimento por essas palavras cortantes.

— Bem. Acho que não devia tê-la derrubado de seu cavalo. Isso pode ter tido alguma coisa a ver com você me atacando.

Sua expressão era séria, mas de repente ela suspeitou que ele estava rindo interiormente dela.

— Meu lord, eu simplesmente desejo... — Isabella parou um momento e começou de novo, sua voz mais alta desta vez. — Temo... temo que as minhas palavras tenham sido bastante acaloradas durante a viagem...

— Sim, e você também me mordeu, — ele acrescentou, erguendo sua mão machucada.

— Bem, sim. Mas, meu lord, você estava me sequestrando! Certamente você não pode esperar...

Ele deu um passo mais perto. Ela levantou a cabeça para encontrar seus olhos.

— E você me chutou no rosto.

— Eu pensei que você era um bandido!

— Um verdadeiro bandido roubaria um beijo.

Em um instante sua boca estava quente contra a dela, sua barba picando sua pele. Ela estava surpresa demais até para se mover. Alguns beijos roubados desajeitados em cantos escuros como uma juvenzinha não a haviam preparado para isso. Ela prendeu a respiração ao sentir seus lábios, tão macios e ansiosos contra os dela, e ele aproveitou a oportunidade para aprofundar o beijo. Seus braços envolveram-na em calor enquanto ele suavemente a atraiu contra ele. Seu hálito era quente como o sol em um campo de verão.

Sua língua separou seus lábios, suavemente tocando o interior de seu lábio superior, e então ela estava cedendo a ele, cada nervo em seu corpo aceso.

Nada importava agora, exceto que ele não parasse...

Seus braços lhe rodearam o pescoço. Sua palma descansou aí sobre a pele quente. Ela sentiu a maciez de seu cabelo contra o dorso de sua mão.

Ele emitiu um som no fundo de sua garganta, um suspiro de prazer, enquanto a pressionava mais para perto. Suas mãos estavam sob o manto dela agora, correndo pelo comprimento de suas costas, deslizando pelas curvas e vales de seu corpo. Um formigamento leve seguiu seu toque por seus ombros e costas, sobre suas nádegas.

O MacKimzie se separou um pouco, a boca a poucas polegadas da dela.

— Ach, — ele murmurou, sua voz áspera e ofegante. — Mas um homem seria um tolo para deixar esse mel.

Ela nunca tinha visto um homem tão selvagem e bonito, tão cheio de luz e fogo.

Ele se inclinou para ela novamente e ela ergueu a boca para encontrar a dele.

— Colyne! — Angus chamou de perto na sala externa. Sua voz sacudiu Isabella e o MacKimzie ficou tenso contra ela. — Colyne! Onde você está?

— Oh, — Isabella respirou, atingida pela compreensão do que tinha acabado de fazer e o que tinha estado pronta para fazer...

O MacKimzie soltou-a um segundo antes que Angus chegasse até eles.

— Colyne, — disse Angus, parecendo aliviado por ter encontrado seu líder. — Estamos esperando você, primo, e o sol está subindo!

Angus ofereceu a ela um aceno de cortesia e Isabella desviou o olhar, esperando que a escuridão do nicho ocultasse suas bochechas queimando.

O MacKimzie mal olhou para ela.

— Vá, primo, eu estou logo atrás de você.

Angus hesitou, trocando os pés.

— Tudo bem, Colyne, — ele respondeu. — Vou dizer aos rapazes que está vindo.

Isabella recuou, mas o MacKimzie falou antes que pudesse fugir.

— É mesmo uma moça bonita — ele aquiesceu, olhando-a. — Eu disse aos rapazes e vou dizer-lhe agora: se eu pegar um homem com as mãos sobre você, vou pregar sua orelha no poste do estábulo e deixá-lo lá por uma quinzena.

Ela empinou o queixo para ele.

— Sua própria orelha não deveria ser pregada no poste?

Ele sorriu de repente, um sorriso perverso cheio de autoconfiança.

— Não, recorda? Eu sou o laird aqui.

Ele se afastou, tão descaradamente auto-confiante que nem sequer olhou para trás.

Isabella se recostou na parede do nicho, pressionando sua febril bochecha contra a pedra gelada. A corte inglesa estava repleta de apaixonados — e muitas vezes perigosamente desaconselhados — acoplamentos. Mais de uma dama de corte tinha sido arruinada por causa de um rosto bonito e um pênis em pé.

O MacKimzie está seriamente enganado por me avaliar como um tola, ela pensou, afastando-se da parede. Uma posição de honra e um marido nobre esperam por mim.

Seus calcanhares batiam bruscamente contra as pedras enquanto ela se apressava para o solar. A união com Alexander Douglas significou um porto seguro para ambas, ela e Kat, longe do perigo de que elas fugiam na corte inglesa. Nenhum rosto bonito poderia desviá-la disso.

Quando ela tinha deixado Kat, sua prima estava dormindo pacificamente. Seu retorno encontrou Caitrina pairando sobre sua parenta. Kat se retorcia na cama como se tentasse fugir de sua doença. Caitrina endireitou as colchas, enfiando-as ao redor dela.

Pelo olhar sombrio no rosto de Caitrina, ficou claro que as notícias não eram boas.

— Como ela está?

Caitrina se moveu na muleta.

— A doença tomou seus pulmões. Ela ainda queima com febre e está cada vez mais fraca. Coloquei outro emplastro no peito, espero poder extrair o líquido e deixá-la respirar novamente.

— Você já viu isso antes?

Caitrina hesitou.

— Farei o que puder por ela.

— E Sir William?

— Ele está repousando. O sangramento parou, se não se tornar séptico ele deve viver, mas ele também tem febre.

— A mesma que a de Katherine?

— Eu não acho que é a praga, nem tem furúnculos e você não está doente. — Ela olhou para Isabella bruscamente. — Você está?

Isabella sacudiu a cabeça.

— Estou cansada, mas de outra forma estou muito bem.

Isabella olhou para os dois, Kat e Sir William, e de volta a Caitrina.

— Obrigada. Por sua bondade para com eles e comigo.

Caitrina abaixou o queixo, agora ocupada com as panelas no fogo.

— É quem eu sou, para ajudar aqueles que se ferem, você não tem que agradecer-me.

— Ainda assim. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, por favor me diga.

— Eles estão calmos agora. Talvez você deva ir dormir um pouco.

— Eu acho que vou me sentar por um tempo ao lado de Kat.

Quando Caitrina voltou para seus potes junto ao fogo, Isabella se colocou ao lado de Kat, cuja pele parecia pergaminho fino, suas maçãs do rosto muito proeminentes agora. Isabella tomou a mão seca e quente de Kat e de repente percebeu que não tinha tido nenhuma visão do futuro de Kat, assim como não tinha tido nenhuma do ataque do MacKimzie. Isabella não sabia se deveria ser grata por este adiamento ou desesperadamente apavorada.

Era como se, com a ligação de Kat à vida tão tênue, suas visões tivessem caído em um silêncio respeitoso.

Cinco



A Árvore dos Desejos

— Calma, lady. Sou apenas eu, — Caitrina a acalmou, sua mão gentilmente colocada no braço erguido de Isabella. — Você estava chorando em seu sono.

Desorientada, Isabella se viu no solar, o fogo, a pálida luz matutina atravessando as janelas de vidro. Kat dormia na maca ao lado dela, as manchas escuras ainda marcando a pele sob seus olhos.

A visão tinha voltado como um pesadelo.

A Rainha Joan soluçando contra seu ombro. Uma fenda chocante enquanto as tábuas do chão se separavam sob seus pés. A faca mergulhando em seu peito...

Isabella limpou as lágrimas de suas bochechas com as mãos frias. Ela encaminhou-se para o fogo, estendendo as mãos para ele.

Caitrina ofereceu-lhe um copo fumegante.

— Você ficou sentada durante a maior parte da noite novamente. Deve descansar mais.

O calor do copo em sua mão ajudou a dissipar o último pesadelo e Isabella tomou um gole do caldo. Ele era delicioso, nutritivo, quente.

Qualquer outro podia perguntar sobre um sonho que fez Isabella chorar dormindo, mas não Caitrina. A escocesa mostrava grande respeito pela privacidade do coração e da mente dos outros. Por isso Isabella estava grata.

A irmã de Colyne curvou-se sobre seus potes para misturar outra de suas poções, o fogo iluminando seu rosto pensativo. Seus métodos de cura eram mistificadores. Ela não sangrava seus pacientes para drenar o sangue ruim para restaurar seus humores, ou purgava-os ou examinava sua urina da manhã como qualquer médico verdadeiro faria. Os modos da mulher fariam dela uma chacota na corte. Ela não usou suas datas de nascimento para calcular a influência das estrelas; ela sentia a testa e fazia perguntas indecentes e examinava da forma mais imprópria.

Certamente entre as damas da corte havia a fabricação de cataplasmas, lavagens para os olhos para acalmá-los e iluminá-los, e remédios para restaurar e realçar a beleza eram constantemente procurados. Menos públicos, mas também sussurrados eram os remédios para parar um amante errante, para evitar fazer crianças ou silenciar fofocas.

Caitrina não tinha nenhum escrúpulo em empregar seus métodos, não importando a idade ou o sexo ou o status do paciente. Ela nunca recuou em fazer perguntas, não importando quão pessoais fossem. Ela tratava cada ferida, doença do estômago e do intestino com compaixão e firmeza sem piscar.

Ela mantinha todas as coisas, incluindo suas mãos, escrupulosamente limpas e seus utensílios e ervas organizados. Ela estava disposta, quando Isabella mostrou interesse, a explicar como ela usou vinho e uísque para limpar feridas e suas agulhas para

costurar cortes. Ela aconselhou o mel para tosse, demonstrou como preparar casca de salgueiro para febre e dor de cabeça, e explicou como a papoula poderia causar insensibilidade quando fosse doloroso alinhar ossos ou costurar feridas. Caitrina insistia que os panos, as bandagens e a roupa de cama fossem fervidos com soda e esfregava as mãos e os instrumentos com sabão e uísque.

Isabella tomou outro gole do caldo. Se Katherine estivesse sadia, certamente diria a Caitrina seus pensamentos sobre os métodos atrasados da escocesa.

— Onde aprendeu a curar?

Caitrina levantou um ombro.

— Minha mãe me ensinou um pouco e a velha Morag também, a maioria eu aprendi por mim mesma. — Ela acenou com a cabeça para uma mesa perto do fogo. — Colin me trouxe livros quando ele voltou das guerras.

Os preciosos livros, três no total, estavam empilhados amorosamente ao lado de ervas e potes da moça.

— Você sabe ler? — Isabella perguntou, surpresa.

— Sim, não muitos aqui podem ou se importam. Papai também não gostava de cartas, mas mamãe mandou o velho sacerdote ensinar a Colyne. — Ela sorriu, balançando a cabeça. — Ele escapava sempre no momento em que o pobre homem virava as costas e fugia para caçar ou brincar.

Isabella imaginou o MacKimzie como um garoto de cabelos de cobre, seus olhos cinza-esverdeados cheios de malícia enquanto escapava de seu professor.

— Eu atormentei mamãe até que ela mandou o padre ensinar-me também — disse Caitrina carinhosamente. — Ele estava perto de

oitenta anos, e grato por ter um aluno ansioso, mesmo que fosse apenas uma moça. — Caitrina se moveu em sua muleta. — Você pode olhar os livros, se você tiver vontade.

Isabella levantou cuidadosamente um livro bem usado e claramente frequentemente consultado, enquanto Caitrina voltou sua atenção para suas ervas.

— John de Arderne — Isabella leu. Ela não conhecia o autor, mas ele era claramente um cirurgião, não um médico.⁵ Ela enrugou o nariz com a ilustração de um homem, visivelmente pretendendo ser o próprio John, costurando o traseiro de outro. Kat iria desencorajá-la de olhar para esse livro. Mas esse homem, como Caitrina, sabia tanto sobre a cura...

— Falei com Colyne — disse Caitrina por cima do ombro. — Ele não queria que você se restringisse a esta sala. Na verdade, ele lhe deu liberdade no castelo e deseja que você se junte à turma como quiser. Você poderá ir por aí como desejar se não cruzar a ponte.

— Isso é muito gentil.

Ele tinha pouco a arriscar permitindo-lhe alguma forma de dignidade para se mover pelo castelo. Mesmo se conseguisse ultrapassar os homens do clã que guardavam o portão e atravessasse a ponte, onde poderia ir por este país estranho pedir ajuda? E como, mesmo com um cavalo, poderia esperar encontrar seu caminho sem escolta ou guarda? Não que isso importasse, como ele sabia bem. Ela nunca deixaria Kat.

Apenas uma vez ela se aventurou a descer as escadas para jantar. Pensando agora nessa noite, Isabella olhou furiosa para o fogo.

⁵ N.T. John de Arderne foi um cirurgião inglês. É considerado um dos pais da cirurgia.

Kat e William estavam dormindo e Isabella se encontrava intoleravelmente inquieta. Impulsivamente, ela jogou o manto sobre os ombros e disse a Caitrina que mandasse chamá-la se ela fosse necessária. Lá fora, ela puxou seu manto bem apertado e respirou o ar gelado do corredor. Mesmo amargamente frio, o ar fresco era bem-vindo, pois ela passara dias rodeada pelos cheiros da doença, dos corpos não lavados e das ervas curativas de Caitrina.

Isabella alisou os cabelos na luz fraca das escadas. Mary tinha sido encarregada de servi-la e ofereceu entusiásticos, embora inadequados, esforços como criada de uma lady. A menina mostrou-se tão desajeitada na tarefa de arranjar cabelos que Isabella seguiu o costume escocês para mulheres solteiras, e deixou seu cabelo ficar livre.

Ainda assim, desejava ter pensado em escová-lo antes de deixar o solar.

Isabella subiu as escadas lentamente, seus dedos sobre a pedra para manter o equilíbrio. Ela lembrou os cabelos avermelhados do MacKimzie contra sua bochecha quando ela tropeçou, o calor de sua mão, a sensação da boca sobre a dela.

Ele a sentaria de novo ao seu lado?

Seus chinelos de interior eram silenciosos contra o chão de madeira do corredor escuro. A luz e o barulho derramaram-se para fora da arcada do grande salão e Isabella se apressou a juntar-se ao grupo dentro.

Um movimento nas sombras chamou a atenção de Isabella e ela hesitou. Havia dois parados em uma pose tal que só podiam ser amantes procurando um momento sozinhos.

Ela deu alguns passos incertos para mais perto, então parou de repente. Um choque correu por seus dedos enquanto reconhecia o par.

Alisoun esfregava sua boca contra a de Colyne. Ela demorou aí um momento, depois deu uma gargalhada gutural. O olhar do MacKimzie não se afastou do rosto da mulher enquanto a mão dela percorria seu peito. Alisoun inclinou-se para ele novamente e rapidamente Isabella mergulhou na sombra de um canto ovalado.

Seu coração martelou e sua garganta apertou; o vazio em seu peito a surpreendeu. Ela pressionou as palmas das mãos contra a parede. As bordas da pedra fria espetaram sua pele. Como pôde deixar sua amante tão completamente fora de si? Como se aquele único beijo pudesse ter preocupado o MacKimzie tão incessantemente quanto a ela! O que era um beijo nela comparado a deitar com uma mulher *assim*?

Isabella tentou acalmar sua respiração. Eles não deveriam descobri-la aqui. Como poderia escapar sem ser vista? Isabella se esforçou para ouvir as vozes e a música do grande salão.

Eles ainda permaneciam lá?

Quando ela reuniu coragem para olhar, ela viu que o MacKimzie e sua mulher tinham ido embora.

Ela levantou as saias e correu de volta para as escadas.

Desde aquela noite, Isabella fez todos os esforços para evitar sair da enfermaria. Ela pensou que não poderia suportar olhar para ele.

Isabella terminou o copo e o devolveu a Caitrina.

— Você é muito dedicada a ela — disse Caitrina, olhando para Katherine.

— Ela é minha única família — respondeu Isabella.

O rosto de Caitrina refletia sua angústia.

— Você está sozinha no mundo, então?

— Oh, não, eu tenho parentes em abundância! Cada um com um olho para casar comigo e com a minha fortuna para sua melhor vantagem. Mas sou amada apenas por aquela doce senhora.

— Não há nada mais que eu possa fazer agora por estes dois, apenas deixá-los descansar e se curar. — Caitrina hesitou. — Há um lugar que eu visito, um poço sagrado, para orar por aqueles sob meus cuidados. Talvez você queira vir também e rezar pela sua Katherine.

— Seu irmão proibiu-me de sair do castelo.

— Deve falar com ele, se quiser ir. Ele voltou de uma invasão esta manhã, a salvo novamente. — O rosto de Caitrina estava perturbado, mas ela sorriu um pouco. — Eles pegaram duas rezes desta vez e nenhum dos rapazes se machucou. Seu humor está muito bom, eu acho.

Os olhos de Isabella se arregalaram.

— Invadindo pelo gado? Ele leva a cabo essas incursões com frequência?

Caitrina encolheu os ombros.

— Nossos rapazes atacam lá, seus rapazes atacam aqui. Não é muito frequente algum voltar machucado, mas eu ajustei braços e costurei cabeças. Tenho medo do dia em que alguém morra de qualquer dos lados. O lago ficará vermelho de sangue, tanto dos MacKimzie como dos MacLaulach.

— Esses MacLaulachs poderiam sitiar o castelo?

— Eu não acho que eles fariam mais do que esgueirar-se e alcançar algumas reses ou uma ovelha. — Caitrina sorriu calorosamente. — Colyne está de bom humor e não acho que ele vá negar isso a você.

Isabella não podia pensar em nada que ela gostaria menos do que pedir um favor ao MacKimzie. Ela olhou para Kat deitada, calada e frágil, e as lágrimas queimaram seus olhos.

— Sim, vou perguntar a ele.



Isabella encontrou o MacKimzie no grande salão com Angus e descobriu que ele não estava de bom humor, afinal.

As batidas de seu coração se aceleraram ao vê-lo. Sua brilhante cabeça estava inclinada atentamente para Angus enquanto falavam. De onde estava Isabella os dois homens pareciam preocupados e zangados.

Angus a viu primeiro e ficou em silêncio, cutucando o MacKimzie.

O MacKimzie abruptamente parou quando a viu.

Isabella engoliu e se aproximou, contando com a educação de Kat para levá-la.

— Meu lord — ela começou, apertando as mãos diante dela para oferecer uma aparência de autodomínio. — Vim fazer um pedido.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Sim? Qual é esse pedido?

— Eu gostaria de acompanhar Caitrina ao poço, com sua permissão.

— Ao poço? Para que, então?

— Ora, para oferecer orações para a rápida recuperação de Katherine e Sir William, meu lord.

— Essa ideia foi sua ou de Caitrina?

— A sugestão foi de Caitrina, mas eu gostaria de ir.

— Perguntarei a minha irmã se você disse a verdade.

— Por favor, milorde — respondeu Isabella friamente. Ela inclinou a cabeça. — Vamos mandar buscá-la agora?

MacKimzie descartou a sugestão antes de despedir Angus, cujas narinas se abriram e a boca se apertou quando ele os deixou. Isabella observou-o ir, perguntando-se o que eles tinham falado que os deixava tão em desacordo.

O MacKimzie olhou para ela por baixo das sobrancelhas avermelhadas. Estar tão perto dele enviava um choque de desejo através dela.

Ela limpou a garganta.

— Meu lord, certamente isso é uma pequena coisa para pedir? Você sabe que eu não vou tentar escapar enquanto aqueles queridos para mim forem mantidos aqui.

— Sim, eu entendo seu raciocínio. — Sua mandíbula apertou. — Ainda assim, eu não posso deixar você ir.

Dias de cansaço e a indignidade de implorar um favor superaram o autocontrole de Isabella. As lágrimas surgiram antes que ela pudesse escondê-las. Ela fez uma reverência.

— Como lhe agradar, meu lord — disse ela, odiando o tremor em sua voz.

Ele praguejou em voz baixa e afastou-se da parede para passar por ela.

— Meu lord! — ela chamou-o. Eles eram prisioneiros aqui. Ela não podia se dar ao luxo de antagonizá-lo, não importa quão friamente ele a dispensasse. — Por favor, se eu o ofendi...

Ele fez uma pausa no arco e falou secamente por cima do ombro.

— Esteja no pátio e pronta para montar dentro de uma hora.



Isabella segurou suas saias enquanto corria. Ela tinha demorado muito, dando a Mary instruções finais e se agitando por Kat. Já tinha passado uma hora? Teriam cavalgado sem ela?

Ela deu uma parada repentina no pátio, sua respiração acelerada visível no ar frio. Caitrina, Malcolm e Angus já estavam montados e esperando, assim como Colyne MacKimzie, que estava claramente irritado.

— Você está vindo conosco? — Isabella perguntou.

Um músculo em sua mandíbula se contraiu.

— Sim, se for igual para você.

— Como você queira, é claro, meu lord. — Por que ela não podia olhar para ele, uma única vez, sem pensar naquele beijo?

Seu olhar baixou de sua boca para sua mão. Ele segurava as rédeas do cavalo de William com confiança indiferente. Essas mesmas mãos fortes haviam percorrido o comprimento de suas costas enquanto a apertava mais perto; ele tinha estado muito excitado então.

Ela baixou o olhar para o chão enlameado do pátio quando um rapaz chegou, conduzindo seu palafrém. Ela ficou grata pela distração. O cavalariaço ajudou-a a montar em sua sela, e uma vez sentada, Isabella arrumou a capa e alisou o vestido para proteger as pernas do frio.

— Logo que esteja pronta — disse MacKimzie secamente. — Nenhum de nós está cansado de cavalgar a noite inteira contra os MacLaulachs, estamos, rapazes?

Isabella apressadamente fez sinal para que o menino lhe entregasse as rédeas. Quando as teve na mão, ofereceu a MacKimzie um aceno de cabeça.

MacKimzie soprou a respiração e acenou para Malcolm à frente, que por sua vez encorajou seu cavalo adiante para levá-los para fora. Caitrina cavalgou ao lado de Malcolm. Isso colocou Isabella andando ao lado do MacKimzie com Angus atrás deles. O estômago de Isabella se apertou ao perceber que ela provavelmente estaria emparelhada com o MacKimzie, e desajeitadamente, durante todo o tempo.

Eles atravessaram a ponte em direção à aldeia. Seu grupo cavalgava como em um passeio, e Isabella se sentiu agudamente consciente do homem que montava ao seu lado. Os cavalos estavam tão perto que suas pernas se tocavam, e ela estava consciente até mesmo de sua respiração ao lado dela.

As terras do MacKimzie abrigavam mais homens do clã em outros lugares, mas esta vila era pequena. Menos de vinte chalés de telhado de colmo estavam espalhados perto do castelo. Um caminho de lama simples os levou através do centro deles. Os cães corriam ladrando para os cavaleiros. Meninos e meninas vestindo túnicas e mantos — provavelmente as únicas roupas que possuíam — brincavam fora, os rostos corados pelo frio.

Era tudo tão diferente de Londres e da paixão, intriga e riqueza de Bella Court. Homens, conhecidos seus, governavam vastas propriedades que nunca se preocupavam em visitar. As festas do rei incluíam touros inteiros assados e cisnes cozidos e depois suas penas meticulosamente recolocadas. O custo de seu manto vermelho sozinho poderia bem ter alimentado esta aldeia por um mês.

Provavelmente nenhuma dessas pessoas tinha ficado mais longe da aldeia do que poderia caminhar em meio dia. Eles não reconheceriam o seu próprio rei se ele andasse entre eles e ela apostou que ninguém poderia dizer em que direção Edimburgo ficava daqui.

Para tão poucas casas havia um número considerável de aldeões. Uma aldeia pobre, mas seu povo estava orgulhoso e mostrava cara de bom humor. Muitos pararam para assistir o pequeno desfile do castelo enquanto eles lentamente atravessavam. Gritaram saudações amigáveis e acenaram para o seu chefe reconhecido, mas muitos olhavam abertamente para a lady inglesa com seu manto vermelho de peles.

Uma menina, de cabelos brilhantes e ousada, sorriu para Isabella e ofereceu uma desajeitada reverência.

Isabella sorriu para a criança e deu uma curvatura da corte abreviada. A menina voltou para a mãe rindo.

MacKimzie observou a troca e sorriu ligeiramente.

— Obrigada por me deixar montar Cobweb — disse Isabella, sentindo-se rígida e insegura. — Ela parece muito bem cuidada.

— Ela é um belo cavalo.

— Ela foi um presente — disse Isabella, acariciando carinhosamente o animal. — Eu nunca tive uma viagem tão suave.

— Um presente? De Douglas?

— Não, minha prima, a rainha, a deixou para mim.

— Oh, sim? O que Douglas deixou para você?

Isabella franziu o cenho.

— Acho que meu Lord Douglas não me deixou não me deixou presente algum.

— Nada? Sem cartas de amor? Sem doces? Sem jóias?

Sua boca apertou.

— Não, tenho certeza de que meu Lord Douglas não me deixou nada assim.

Claro que Douglas não deixaria notas de amor! E ela não deveria considerá-las de muito valor se deixasse. O casamento se aproximando foi arranjado por sua prima, a rainha, e aprovado por sua avó, Margret Beaufort, a condessa viúva. Sua família lhe tinha encaminhado para se casar com ele, assim como tinha sido dito a ele que se casaria com ela. Quaisquer que fossem suas esperanças de uma combinação amorosa, deixando para ela seus símbolos de amor, seria falsa na melhor das hipóteses. Lord Douglas casaria com ela por sua riqueza e ela casaria com ele porque sua família assim o ordenara. E então eles fariam o melhor que pudessem.

Ela sabia dessas coisas, mesmo que não quisesse que fossem pronunciadas em voz alta.

O olhar de Isabella caiu sobre outra garota de cabelos brilhantes, mais velha, possuindo uma figura exuberante e bem consciente de seu próprio encanto.

Alisoun.

A mulher olhou para ela de forma ligeira, depois olhou para o MacKimzie e sorriu.

— Você cavalga de novo tão cedo, meu laird?

Ele deu uma risada curta.

— Sim, como todos os homens, sou obrigado a fazer como as mulheres me pedem.

— E assim, ao prazer delas, você cavalga noite e dia? — perguntou ela, com seu sorriso quente e luxurioso. Ela o olhou. — Na verdade, meu laird, a sela lhe assenta tão bem que me parece que apenas você nasceu para isso.

Com uma sacudida de seus cabelos lisos ela se afastou, seus quadris balançando como se soubesse que os olhos de cada homem estavam fixos nela.

Ela estava certa.

Isabella apertou o palafrém com os calcanhares, mais duro do que pretendia, incitando o cavalo bonito a acelerar o passo.

Alisoun não era nada mais que uma filha de um aldeão! Uma coisa bonita para aquecer a cama de um homem a menos que... ele se casasse com ela. Ela olhou para o MacKimzie, que ainda estava olhando para trás. Isabella apostaria o manto vermelho em torno de seus ombros que Alisoun almejava mais alto do que apenas ser sua prostituta.

O tempo estava frio, porém a neve recentemente caída transformou a terra e era certamente bonito.

Malcolm estava de bom humor como sempre, mantendo um debate animado com seu primo sobre qual dos dois era o mais poderoso com arco, espada e punhal.

— E o que te faz pensar que é melhor com a espada, primo? — Angus perguntou.

— Prática, primo, prática! — Malcolm rugiu de volta.

— O quê, na França?

— Sim, na França, em Edimburgo e em metade das aldeias da Escócia!

— Com sua espada? — perguntou Angus, sem acreditar.

— Sim, primo! Mas algumas das moças certamente gostam de sua adaga também!

Colyne deu uma gargalhada. Acostumada a conversar maliciosamente na corte, mas surpreendida pelo humor do homem mais velho, Isabella riu também, mas Caitrina franziu o cenho.

— Tio! — advertiu Caitrina. — Tal conversa não é para os ouvidos de duas donzelas!

— Ou são três? — Malcolm perguntou, levantando uma sobrancelha para Angus.

— Existem três crianças escuras como eu que irão resolver esse assunto! — Angus respondeu.

— Sim, e eles são excelentes meninos bonitos — Malcolm concordou. — Graças aos santos eles parecem com a mãe deles e não com seu pai... quem quer que ele seja!

— Você sabe que esses meninos são meus, Malcolm!

— Sim, eles são, primo. Excelentes meninos e três em dois anos! Colyne deve mostrar tanta iniciativa quanto você!

— Tio! — Caitrina repreendeu.

— E você, sobrinha? — Malcolm retomou. — Você será uma donzela para sempre? Vamos lá! Encontre-se um bom marido, como esta moça inglesa tem, e vamos apostar uma moeda de ouro para qual de vocês terá a primeira criança!

— Segure a sua estúpida língua, tio!

O tom era tão cru e cheio de dor não curada que Isabella olhou surpresa para o rosto avermelhado e irritado da garota.

Caitrina encontrou seu olhar, seus turbulentos olhos cinza-esverdeados tão parecidos com os de seu irmão, antes de ela se afastar resolutamente, incitando seu cavalo em um galope e passando-os a todos.

As curvas e desvios eram claramente conhecidos por Caitrina, mas ela os levou a um ritmo muito mais rápido do que provavelmente era sábio. Isabella tinha dificuldade em acompanhar. Seu pequeno palafrém era previsto oferecer a uma lady um passeio suave, não rasgar o campo como um cavalo de guerra.

— Você acha que podemos andar um pouco mais calmamente? — Isabella chamou o MacKimzie em exasperação. — Nem eu, nem meu cavalo, fomos criados para aspectos práticos.

A respiração de Isabella se acelerou com seu sorriso.

— Eu diria que isso é verdade para o seu cavalo.

— Mesmo assim — respondeu Isabella. — Não sou metade da amazona que sua irmã é.

— Talvez metade, — disse ele, sua voz provocante. — Ainda assim, vou diminuir a marcha para você.

Ele puxou as rédeas e os ombros de Isabella relaxaram enquanto eles diminuía para uma caminhada.

— Ouvi dizer que sua incursão foi bem ontem à noite — ela comentou.

Ele riu.

— Sim, não há carne melhor do que o bife dos MacLaulach!

— Eu me pergunto, você acha que os MacLaulachs dizem isso sobre a carne MacKimzie?

— Sim, aposto que sim. — Ele se inclinou para ela, conspirador, com os olhos brilhando. — Eu terei um assado para você, Lady, e você saberá como é saborear o que você não deveria ter.

Seu tom era tão teatralmente cômico que Isabella sorriu de volta. Demorou um momento para ela notar que os outros tinham parado à

frente. As bochechas de Isabella aqueceram quando ela percebeu que o grupo estava observando-os.

Caitrina indicou com a cabeça.

— O poço está lá, — disse ela. Caitrina incitou a sua montaria para a frente, acenando para Isabella segui-la.

Isabella incitou Cobweb para a frente. Os homens pararam a uma distância respeitosa, parecendo antecipar que Caitrina esperava privacidade neste lugar sagrado. Depois de alguns momentos Caitrina parou e Isabella desmontou, amarrando as rédeas de seu cavalo em um ramo baixo. Um olhar para trás revelou que as árvores aqui as protegiam da vista. Isabella podia ouvir os sons dos cavalos, mas ela não podia ver os homens.

Ela viu a escocesa puxar sua muleta da sela. Ela se perguntou se ela deveria oferecer ajuda ou chamar um dos homens, mas Caitrina estava fora do cavalo em um piscar de olhos com movimentos ágeis e práticos.

Ela seguiu Caitrina para a clareira. Era um lugar encantador, uma lagoa de água clara e limpa cercada de pedras tão antigas que haviam sido polidas. Sentia-se serenidade aqui e, de alguma forma mais quente apesar da paisagem nevada, possuindo uma calma mais profunda do que qualquer uma que Isabella já tivesse experimentado.

Era um lugar que exigia reverência. Caitrina moveu-se silenciosamente e Isabella, cheia de perguntas, relutava em enunciá-las enquanto seguia a garota.

Caitrina conduziu-a a um Espinheiro Branco, os ramos balançando com pequenas tiras de pano; alguns novos, alguns tão velhos que estavam desbotados e esfarrapados.

— Cada um é um desejo, — Caitrina murmurou, indicando uma tira de pano tremulando na árvore. — Cada, uma oração oferecida.

— Eu não trouxe uma — Isabella respondeu suavemente. — Eu não sabia.

Caitrina sorriu levemente e produziu três tiras de pano. — Uma tocou a testa de sua Katherine, uma para Sir William e outra para você mesma.

— Obrigado. — Isabella engoliu para passar o nó em sua garganta enquanto ela os pegava. — O que eu faço?

— Mergulhe cada pano no poço sagrado, ofereça a sua oração ao espírito do poço, e amarre o pano à árvore. Então faça com o seguinte.

Isabella seguiu Caitrina, imitando suas ações, oferecendo suas orações de todo coração para a recuperação de William e Katherine, mas ela hesitou quando foi para ela própria.

Caitrina terminou sua própria oração silenciosa. Seu rosto estava luminoso e as lágrimas fluíam livremente por suas bochechas. Seus olhos ainda estavam repletos de emoção ao encontrar o olhar de Isabella.

— De verdade, eu não queria me intrometer — começou Isabella, balbuciando.

Caitrina olhou de volta para a árvore, seus olhos não focando os tecidos ondulantes diante dela.

— Isso não importa.

Incômoda agora, Isabella perguntou:

— Para seus pais?

— Não — disse Caitrina, enquanto olhava para longe. — Um doce rapaz com cabelos e olhos negros como a asa de um corvo e um

sorriso como o sol. Há muito tempo eu o perdi, mas meu coração é dele, para sempre. Ihone o tem, não há nenhum outro para mim.

— Sinto muito.

Na melhor das hipóteses era inadequado e Isabella lamentou não poder oferecer nada melhor.

Caitrina olhou para ela, seu sorriso forçado, lágrimas brilhando em seus olhos.

— Ach, você vai me fazer chorar por ele todo o caminho até em casa! Diga sua oração agora, e não precisa dizer uma para mim!

Com isso, Caitrina se encaminhou para fora da clareira, sua muleta esmagando a neve.

Ela poderia estar sozinha no mundo, pensou Isabella, enquanto o silêncio se aprofundava em torno dela. Ela não podia ver nem ouvir os outros de seu lugar junto ao poço. Não houve som, a não ser a leve agitação dos tecidos enquanto eles se moviam na brisa, e Isabella ficou parada por um longo tempo, observando-os.

Oferecer uma oração para si mesma? Pelo que ela poderia orar? Um fim rápido para sua prisão? Que ela achasse seu noivo agradável, e ele a ela? Ela tinha toda a riqueza que ela poderia desejar. Desde que seu marido não a desperdiçasse ou negasse sua mesada, ela não deveria nunca temer a fome ou o frio.

Nada que ela pudesse pensar parecia certo de alguma forma.

Um fim para suas visões?

As visões tinham recuado para assombrar seus pesadelos, mas ela sabia que elas iriam voltar. Ela podia ter escapado de seus inimigos em Bella Court fugindo para este país congelado, mas as visões a seguiriam até os confins do mundo.

Ela mergulhou o pano na água, surpreendentemente quente apesar do clima gelado.

Isabella pensou na garota francesa que tinha visto em Rouen, a garota que eles chamavam de La Purcell, se retorcendo e gritando nas chamas.⁶ Suas mãos estavam tremendo enquanto amarrava o pano à árvore.

— Por favor, — ela sussurrou.

Isabella olhou para o seu tecido amarrado, pendurado no ramo neste lugar sagrado. Ela inclinou a cabeça e ouviu um som atrás dela. Vendo quem era, ela rapidamente deixou cair seu cabelo para esconder seu rosto.

— O que foi, moça? — perguntou Colyne suavemente.

Ela manteve a cabeça virada, e sua mão cobrindo sua boca.

— Então está ansiosa para ir para casa?

Ela não respondeu e ele continuou, sua voz rouca.

— Você não está com medo de mim, está? Eu nunca a machucaria.

Seus olhos se fecharam quando ela o sentiu tocar seu cabelo, deslizando seus dedos através dos fios. Apenas aquele simples toque foi suficiente para quebrar seu frágil autocontrole, e gentilmente ele a envolveu em seu abraço enquanto ela soluçava. Seu corpo era quente, um refúgio em um mundo de solidão, e ela se agarrou a ele. Ele balançou-a, murmurando palavras suaves amaciadas com um sotaque escocês.

Isabella ergueu o rosto enquanto ele apertava um beijo em sua têmpora. Seus olhos examinaram o rosto dela por um instante, e então

⁶ NT — Joana D'Arc — Foi executada na fogueira, pelos borguinhões em 1431. Camponesa, modesta e analfabeta, foi uma mártir francesa e também heroína de seu povo e santa da Igreja Católica. É a santa padroeira da França.

ele pegou seu queixo delicadamente, inclinando sua cabeça para trazer sua boca para a dela.

Ela se agarrou a ele enquanto ele explorava, alcançando seus ombros poderosos, pegando os fios sedosos de seu cabelo brilhante entre os dedos. As mãos dele estavam sob sua capa agora. Este beijo era mais suave, porém mais faminto do que o anterior.

Ele se afastou de repente, respirando com dificuldade, sua testa contra a dela.

Ela tinha feito algo errado? Timidamente inclinou a cabeça para trazer a boca para a dele de novo, mas ele não a deixou. Ele apertou os olhos, e com as mãos firmemente na sua cintura, afastou-a.

Chocada pela frieza, Isabella mexeu-se para puxar sua capa fechada contra o frio. Ele estava olhando para ela, sua boca apertada e repuxada agora.

— Você não é para mim.

É claro, pensou Isabella. *Alisoun*.

E Douglas.

— Não, — ela concordou com voz rouca.

— Não tenha medo. — Ele deu um passo para trás, sua boca apertada. — Eu não vou colocar a mão sobre você de novo, lady.

Com isso, ele se foi deixando-a sozinha e abandonada no frio, mil orações sinceras voando na árvore ao lado dela.



O sol estava se pondo quando chegaram à vista do castelo. Quando Isabella voltou à sua montaria, Colyne ignorou-a completamente e ela estava grata que Angus ofereceu-se para ajudá-la de volta em seu cavalo.

Estava escurecendo agora, a conversa era mínima, e todos estavam cansados, ansiosos por um fogo quente e uma boa refeição. Isabella não tinha descansado bem em dias e estava quase caindo da sela enquanto cavalgavam através da aldeia.

Cansada como estava, Isabella tinha apenas atravessado a ponte quando se filtrou através de seu cansaço que Mary estava no pátio. A moça deveria estar com Kat, mas ela estava quase na ponta dos pés, seus olhos escuros e lúgubres olhando ansiosamente para Isabella.

Isabella estava fora de seu cavalo em um instante.

— Por que não está com a Senhora Katherine?

— Ah, lady — gritou a menina. — É sempre muita alegria que você esteja de volta!

— O que foi? — perguntou Colyne. — A senhora está pior?

— A senhora Katherine está com um péssimo humor, minha lady! Eu lhe disse que você não estava no castelo, que o laird também não estava aqui, e ela chamou o chefe...

Mary interrompeu-se, corando sob o olhar de Colyne.

O coração de Isabella saltou.

— Kat está acordada? Sua febre está dominada?

— Sim, mas venha agora, está bem lady?

Isabella estendeu a mão para tocar o braço de Colyne, sem pensar.

— Oh, isso são notícias maravilhosas! Preciso ir até ela! Oh, obrigada! — Ela sorriu para todos eles e desprezando todo comportamento elegante, levantou suas saias para correr pelo pátio.

Estava sem fôlego quando chegou à enfermaria; um nó se formou na garganta ao ver sua amada Kat apoiada em travesseiros. Ela estava

magra, mas bem o suficiente para fazer estardalhaço com a pobre desafortunada criada que ficou para cuidar dela.

— Lindinha! — Katherine gritou quando viu Isabella. Ela abriu bem os braços e Isabella se atirou no abraço de Katherine.

Katherine lhe acariciou as costas.

— Essa tola me disse que você não estava no castelo! Eu enchi seus ouvidos, eu posso lhe dizer! Tola sirigaita!

Isabella recostou-se, sacudindo a cabeça.

— Ela disse a você a verdade, mas a culpa foi minha, eu fui a um poço sagrado para orar. Eu nos mantive lá tempo demasiado. Eu sinto muito que eu não estivesse aqui quando você acordou!

— Ah, querida criança! Eu não vejo um poço sagrado desde que eu era uma menina! Eu gostaria de ver. Me fale desse lugar! Oh, espere! O que é isso? — Katherine perguntou afetuosamente, acariciando o cabelo de Isabella. — Eu tomaria você por uma garota escocesa desse jeito!

Elas estavam sozinhas, exceto por William ainda dormindo, mas Isabella baixou a voz e mudou para o francês.

— A criada da minha lady acaba de cuidar do gado e meu cabelo mostra isto.

O riso de Katherine era encorajador.

— Então, eu fui substituída, não é? Ia acontecer que eu passasse de moda. Agora vou cuidar do gado?

De repente Kat inclinou a cabeça, procurando seu rosto.

— Você parece diferente, lindinha. O que aconteceu?

Isabella abaixou a cabeça.

— Nada aconteceu. Talvez apenas que eu estou vendo que você está melhor.

— Hmm, — Katherine murmurou, acariciando seu cabelo novamente. — Então me diga, você amarrou um pano à árvore? Fizemos isso quando eu era menina.

— Sim, eu rezei por você, William e... — Isabella baixou ainda mais a voz — estar fora de vista.

Katherine piscou.

— Mas por que?

— Por quê? — Ela gritou, depois sussurrou: — Você não se lembra de Rouen?

— Lembro-me de homens bons fazendo coisas erradas, e sabendo disso. — Katherine suspirou. — Se todos juntos disserem que uma coisa está certa, isso não a torna assim, Isabella. Você deve seguir seu coração e confiar que tudo é por uma razão.

— Enquanto o segredo for mantido — disse ela amargamente.

Katherine levantou uma sobrancelha.

— Todo mundo tem segredos, querida. Não sinta vergonha do seu.

Isabella olhou para Sir William e se inclinou para o ouvido de Katherine.

— Eu vi alguma coisa, Kat. Algo terrível. As paredes e os pisos de uma grande casa rachando, quebrando, e nós estamos gritando, e um homem com sangue real em suas mãos. — Os dedos de Isabella torceram em suas saias. — Eu o conheço.

— Quem é ele?

Isabella balançou a cabeça bruscamente.

— Eu não consigo ver seu rosto. Eu *irei* reconhecê-lo. — Ela molhou seus lábios, sua voz quebrando. — Acho... acho que ele vai me matar.

Imediatamente, Kat estava erguida, sua boca tensa e as narinas alargadas.

— Estamos juntas?

— Sim, mas não aqui. Vejo a rainha Joan. Eu sonho com isso.

— Sangue real... a rainha e o rei?

Isabella sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Tenho medo, Kat.

Um suave som alertou Isabella e ela se recompôs quando Caitrina entrou no quarto.

Katherine apertou sua mão para tranquilizá-la.

— Você não tem nada a temer enquanto eu estiver com você, lindinha.

Sem se preocupar em pedir permissão, Caitrina tocou a cabeça de Kat e sentiu sua garganta.

— Você terminou? — Kat retrucou enquanto era manuseada.

— Não ainda, — Caitrina respondeu bruscamente. — Então é melhor você ficar quieta.

Katherine lançou a Caitrina um olhar irritado e a escocesa encarou-a de olhar para olhar.

— Se nada mais, — resmungou Katherine, submetendo-se aos cuidados da escocesa de má vontade — pelo menos sabemos que não sofreremos *neste* lugar para sempre.

Seis



Uma Mudança de Vista

O rosto de Caitrina estava ruborizado e irritado.

— E *eu* digo que ela precisa descansar!

Caitrina se ergueu em direção a ela com as mãos na cintura e Isabella estreitou os olhos. Ela apostou que os homens do clã que ousavam discutir com *esta* escocesa podiam ser contados em uma mão. Mary, que provavelmente desejava estar em qualquer lugar exceto aqui, se encolhia no canto do solar.

— Ela precisa de companhia para animá-la! — Isabella argumentou de volta. Será que a escocesa não percebeu que os dias de tédio naquela enfermaria desgastavam o humor de Kat?

— Ela renuncia ao descanso para fazer companhia *a você*!

— Que absurdo!

As narinas de Caitrina se alargaram e Isabella endireitou os ombros.

— Lindinha, — disse Katherine.

— Eu não vou deixar você, Kat — Isabella respondeu corajosamente.

Ela ficou assustada com o suave toque de Katherine em seu braço.

— Talvez devesse andar pelo castelo um pouco, lindinha. Eu prometo descansar — disse Katherine, fracamente.

Isabella respirou fundo para discutir novamente, mas se deteve no rosto abatido de Katherine.

Por fofocar sobre damas que elas tinham conhecido na Inglaterra e França e conversado sobre as modas que ela poderia trazer para a corte escocesa, ela pensou que ofereceu a Kat conforto e distração. Temendo a solidão deste lugar, e para parar de pensar *nele*, ela tinha esgotado Kat.

Um olhar para William deslocando-se desconfortavelmente em seus travesseiros mostrou que a discussão e sua interminável conversa não tinham sido de nenhuma ajuda para ele também.

O rosto de Isabella ficou quente.

Rapidamente inclinou a cabeça para beijar a bochecha de Katherine.

— Claro. Vou abandonar você um pouco e deixar você dormir.

Kat concordou com a cabeça.

Isabella se levantou e se dirigiu a Caitrina.

— Por favor, mande uma mensagem se Katherine precisar de mim.

Caitrina, parecendo um pouco surpresa por ter vencido afinal, assentiu com a cabeça.

Os olhos de Kat já estavam fechados, e se ela ainda não estivesse dormindo, ela ia estar em momentos. Isabella recolheu o manto e as luvas e deixou o calor da enfermaria tão silenciosamente quanto pôde, as bochechas ardendo de vergonha.

Isabella fez uma pausa para jogar seu manto em volta dos ombros e percebeu que não tinha a menor idéia do que fazer consigo mesma. Na Inglaterra, ela poderia ter ido às compras ou se instalado com as damas da duquesa para fofocar, flertar com os cavalheiros, ou desfrutar de inúmeras distrações agradáveis oferecidas a ela.

De repente, sentiu as semanas — possivelmente os meses — se estendendo diante dela enquanto aguardava o pagamento do resgate. Uma prisioneira neste castelo solitário das Highlands. O pensamento instalou-se nela como uma capa molhada com chuva e neve.

Sem nenhum pensamento melhor em mente, ela desceu as escadas e resolveu visitar os estábulos. Ela alcançou-os facilmente, e ofereceu um sorriso ao garoto de estábulo que ela encontrou lá dentro. Era uma coisa esguia e desajeitada, sardenta, com as mãos e os pés demasiado grandes de um adolescente a ponto de florescer. Tinha estado ocupado em limpar os equipamentos de montaria, mas parou ao vê-la. Ela o cumprimentou, mas ele ficou parado olhando-a de olhos arregalados. Ela falou novamente, ainda em gaélico, mas mais devagar.

— Meu palafrém está aqui?

— Sim, — ele conseguiu falar. — Mas não posso permitir que a tenha.

— Compreendo. Eu simplesmente quero vê-la.

O garoto balançou a cabeça enfaticamente.

— Vão me castigar se eu deixar, lady. O próprio laird disse que me faria chicotear de um lado para o outro do castelo se eu lhe entregasse as rédeas.

Isabella apertou a boca. O palafrém não estava aqui? Ela podia pensar em outra mulher que estaria satisfeita em montar na cara montaria.

— Eu não pretendo cavalgar. Eu simplesmente quero ver que ela está bem cuidada.

O rapaz olhou para ela como se estivesse debatendo a sabedoria de permitir que ela se aproximasse tanto de um meio de escapar.

— Certamente eu posso *olhar* para ela?

Abruptamente Isabella passou por ele para os estábulos, avançando para olhar cada baia ao passar. Havia muitos cavalos no estábulo, uns comendo, outros olhando para as portas da baia.

— Minha lady! — gritou o menino, correndo atrás dela.

— Ah, aí está você!

Cobweb parecia contente em sua baia, bem alimentada e sem sede. Isabella sorriu e acariciou suavemente o nariz do cavalo com seus dedos enluvados.

— Eu gostaria de ter uma cenoura para você — disse Isabella. O cavalo resfolegou suavemente.

O mundo ao seu redor — o castelo, o frio, Cobweb, o garoto do estábulo se movendo nervosamente ao seu lado — empalideceu.

Mantendo Cobweb num ritmo de passeio, ela girou em torno para olhar ansiosamente para trás dela o castelo. A neve caía suavemente ao redor deles, e um homem, seu rosto e forma escondidos com uma capa de Highlander, cavalgava com ela...

— O que é isso agora? — uma voz rouca perguntou.

O presente voltou ao foco. Sobressaltada, Isabella se virou para ver um ameaçador ‘barril’ de um homem que se aproximava deles.

O fino cabelo ruivo do homem estufado por cima do rosto avermelhado. Seu cenho franzido parecia permanentemente gravado nas linhas de seu rosto. Ela se perguntou se ele tinha sorrido uma única vez desde que ele tinha a idade desse menino.

— Eu tentei detê-la, Da — o menino gritou, sua voz falseando.

Isabella sentiu uma onda de piedade quando a criança se encolheu.

— É verdade, ele tentou me impedir — ela concordou, encarando o homem diretamente. — Mas, como seu filho sabe, o laird ordenou que eu pudesse ter liberdade no castelo, desde que eu não atravessasse a ponte. Então, é claro, ele me permitiu ver meu cavalo.

As palavras de Isabella pareciam confundir o homem e ela se aproveitou rapidamente.

— Qual é o seu nome? — Ela perguntou ao menino.

O garoto mal a olhou, como se temesse que seu pai o espancasse se ele desviasse o olhar.

— Dougal.

— Bem, Dougal, eu irei dizer ao chefe o quão útil você foi. E como você se portou como um prêmio para sua casa.

O garoto torceu as mãos, mas balbuciou seus agradecimentos.

— Você tem um bom filho — disse Isabella ao tratador. — Ele é a própria imagem de caráter nobre. Você deveria estar muito orgulhoso.

O homem piscou e moveu os pés.

— Obrigado — disse ele, inseguro.

— Veja para que só ele cuide do meu cavalo — disse Isabella. — Para eu não vir a ter outro olhando por ela.

O homem olhou para o garoto e ofereceu-lhe um pequeno aceno de aprovação que endireitou as costas do rapaz.

Com um sorriso final para o garoto, Isabella os deixou.

De volta ao pátio, ela suspirou. Ela não tinha esperado realmente montar, e saber que as visões estavam de volta relaxou seus ombros.

Tinha ficado sedenta e com um pouco de fome também. Provavelmente ela poderia encontrar alguém no grande salão para servi-la, mas impulsivamente ela foi para as cozinhas.

Kat teria, se estivesse de pé, proibido para ela o lugar. Era uma mulher prestes a casar, não uma menina. Uma lady deve chamar o cozinheiro para ela, não entrar nas cozinhas ela mesma.

O calor a atingiu assim que entrou. O fogão tomava uma parede inteira e carnes estavam sendo assadas lá para a refeição da noite. Os meninos da cozinha estavam encarregados de girar os espetos, enxugando suas testas, alguns despidos até suas calças. O calor fez Isabella empurrar o capuz para longe de seu rosto e abrir sua capa enquanto ela olhava ao redor com interesse.

— Aqui está, rapaz.

Isabella virou a cabeça para ver uma mulher muito idosa arrastando-se através da cozinha, carregando um prato.

Sentado à mesa, parecendo tão ansioso quanto uma criança antecipando um presente estava Colyne MacKimzie.

A mulher idosa colocou o prato diante dele e acariciou sua bochecha.

— É o seu bolo de mel, rapaz. Agora coma tudo.

Nesse momento, o MacKimzie a viu e as bochechas dela coraram. O olhar envergonhado terminou abruptamente sua ansiedade por vê-lo novamente. Isabella retirou as luvas sem pressa e saiu em direção a ele.

— Bom dia para você, meu lord, — disse ela, com agrado.

Seu rubor de embaraço o fez parecer mais jovem, e ela sorriu por vê-lo mexer-se em seu assento.

— Lady Isabella. — Ele respondeu, agindo como se ele não tivesse acabado de ter um presente colocado diante dele e sua bochecha acariciada como uma criança. — Eu pensei que você estaria no solar.

— Sua irmã me declarou um dano para a recuperação de seus pacientes. Eu estou banida do solar no momento.

— Ela vai cuidar bem de Katherine, não tema.

— Posso me juntar a você?

Ela alargou o sorriso, desfrutando completamente de ter o controle por uma vez. Ele estava quase se contorcendo, mas acenou com a cabeça concordando, então ela se sentou no banco em frente a ele e, como se acabasse de notar, olhou para a delícia diante dele.

— O que é isso?

— Oh, — ele respondeu, olhando para o bolo como se ele não tivesse idéia de como ele veio parar ali — bolo de mel.

— Eu nunca provei. Está muito bom?

— Duvido que uma lady da corte ache.

Isabella olhou para ele de soslaio.

— Você conhece muitas ladys da corte, então?

— Eu lutei na França contra os ingleses — ele respondeu, e então, parecendo recuperar alguma confiança, sorriu maliciosamente. — E de fato *encontrei* muitas ladys da corte francesa.

— Mas nenhuma que pudesse assar um bolo de mel?

— Morag faz isso para mim desde que eu era menino — disse ele defensivamente. — Ela está muito orgulhosa de seu assado.

— Então, só por sua causa, você participa. De fato, quando ela colocou isso diante de você, eu pensei que teve vontade de bater palmas.

Seu rosto avermelhou até a linha do cabelo e ela riu. Quase valeu a pena ser sequestrada.

— Vamos lá, eu estou só provocando você! Realmente eu desejo provar, se você for compartilhar.

Ele pareceu um pouco apaziguado por seu tom e empurrou o prato para mais perto dela. Ela tirou um pedaço com os dedos.

— É delicioso — ela disse honestamente. Úmido e finamente temperado com sabores sutis de especiarias e mel; ela não podia deixar de olhar com pesar, enquanto empurrava o prato de volta para ele.

Ele pôs o prato entre eles.

— Vá em frente, então.

Ela começou a objetar, mas ele disse com zombaria:

— Houve batalhas campais lutando pelos bolos de Morag. Eu não vou oferecer duas vezes.

Isabella olhou para ele e para o bolo antes de quebrar outro pedaço.

Ele se inclinou para frente, seu braço descansando facilmente sobre a mesa enquanto pegava um pouco para si. Ela ficou impressionada com seus movimentos graciosos, incomuns para um homem tão alto. Ele levantou o olhar e ela corou por ser pega olhando fixamente.

— Eu vim em busca de vinho de maçã ou cerveja — disse ela rapidamente. — Pode-se ter algum?

Ele próprio buscou vinho para ela.

— Você não veio jantar de novo — comentou Colyne, oferecendo-lhe a taça.

— Não — Isabella respondeu, lambendo a doçura de seus dedos como uma criança. — Pena que sua irmã não me expulsou um pouco mais cedo. Eu poderia comer uma quantidade disso.

Em resposta, Colyne chamou a atenção de um dos cozinheiros e logo havia carne assada deliciosa diante dela, fatias grossas de pão e queijo, e frutas conservadas em mel.

Isabella deliciou-se com o banquete improvisado que estava à sua frente e notou que era a única servida.

— Você não está comendo?

Colyne sorriu.

— Eu já jantei. Vá em frente, então.

O pão era fresco, farto e nutritivo, a carne ainda quente do espeto, e o queijo bem feito.

— Comida simples, e não aquela com que você está acostumada, apostaria — disse Colyne.

— De fato, meu lord, você preparou uma bela mesa — protestou ela em torno de um bocado de pão delicioso, e deu um riso curto e embaraçado de seus próprios modos. — E tem tantas horas desde que eu quebrei meu jejum!

Ela tomou um gole de vinho e o achou excelente.

— Bem, isso é muito bom! Você o trouxe da França?

— Sim, está bom mesmo. — Ele levantou sua taça. — Você o trouxe e lhe agradeço.

A compreensão surgiu e ela franziu o cenho.

— Você invadiu meus bens do dote?

Ele riu.

— Você não estava tão zangada quanto quando eu a peguei no caminho como você está sobre um pouco de vinho. Ainda assim, não me arrependo.

— Sequestrar-me ou roubar meu vinho?

— Ambos. — Ele brindou a ela. — Ambos valem a pena o incômodo.

Isabella lhe lançou um olhar enquanto ele bebia profundamente e voltou para sua refeição.

— Você sente falta da Inglaterra, moça?

Isabella deu um riso sem humor.

— Oh, eu nunca mais verei a Inglaterra novamente. Eu poderia ter ido para a França, talvez, se não para a Escócia, mas não me atrevi a ficar na corte de Henry.

— Ganhou na justa, não foi? Derrubou o Lord Protetor de seu cavalo e desembarcou o pobre homem em sua bunda na lama?

Apesar de si mesma, Isabella riu.

— Nada tão público, eu temo.

Seu olhar cortante. Alguma coisa particular, então?

Ela desviou o olhar.

— Eu atraí o olhar do rei.

— O olhar do *rei*? Henry é só um garoto! Ele tem o quê, quinze anos?

— Quase dezesseis e gostava das damas da corte. A nova moda de tirar um véu para mostrar um colar o tem feito corar por ver a garganta de uma lady.

Isabella olhou ao redor. Os criados pareciam estar em seus próprios negócios e prestando-lhes pouca atenção, mas ainda assim ela abaixou sua voz.

— Um cavalheiro da corte, sorte não ter sido banido por isso, imagine!, pagou a mulheres da cidade para entreter o rei com uma brincadeira. Elas tiraram os vestidos — ela mordeu o lábio para não rir de sua expressão chocada — e dançaram com os seios nus para Sua Majestade. Henry estava tão sufocado pelo embaraço que gritou:

— *Vergonha! Vergonha! Que vergonha!* E correu do salão!

Ele riu.

— Ach, pena que a Fortuna não quis me fazer rei, eu teria sido um muito bom! Então, o pobre jovem Henry viu a nudez de sua garganta e foi dominado?

Seus olhos permaneciam na pele de sua garganta.

Levou um momento até que ela encontrasse sua voz.

— Sim, no verão. Eu era uma dama de honra da esposa do Lord Protetor.

— Você não esperou a rainha inglesa?

Isabella deu uma risada curta sem humor.

— Um passo para baixo isso seria! A rainha foi banida da corte, tratada sendo uma princesa francesa menos do que uma amante abandonada. Agora que seu marido é o herdeiro do rei Henry, Eleanor, duquesa de Gloucester, é a primeira-dama do país. Foi a ela que eu servi.

— Então Henry notou você, apaixonado pelas damas da corte como ele é. — Seu olhar era penetrante. — Ou você era mais para ele?

— Eu não era sua amante! — Ela zangou-se. — Henry é um rei piedoso e está perto de gaguejar de timidez. Ele me fez muitos elogios, muitos, e uma vez me deu um broche de sua própria túnica, à vista da corte e sob o olhar da duquesa!

— Você é filha de um conde, prima da rainha escocesa. Poderia você ser a rainha inglesa, se você tivesse em mente isso?

— Rainha? *Eu?* Eu não gostaria de me encontrar trancada na Torre sob acusação de bruxaria, ou morta envenenada pelas mãos da Duquesa!

— Bruxaria? — Ele deu a ela um meio sorriso. — Bem, eu não me surpreenderia com você.

Isabella sentiu o sangue fugir de seu rosto.

— Não brinque com essas coisas.

— Ach, você não pode estar falando sério, de qualquer jeito, — ele zombou. — Para a paixão de um rapaz?

— Eleanor era a amante de Humphrey quando ela era dama de sua própria esposa. Ela tinha afastado Jacqueline, anulado seu casamento, e deserdado a pobre lady, de modo que Gloucester poderia se casar com ela em troca. Você acha que uma mulher como *essa* me deixaria, e um garoto com uma cabeça cheia de sonetos de amor e uma cueca cheia de *sementes*, ficar no seu caminho? — Ela fez uma cara de sua expressão escandalizada. — Eu era uma das damas de honra de Eleanor em Bella Court. Uma de suas proclamadas favoritas, seu ‘cordeiro’ ela me chamava. Eu vi seu rosto quando o rei me ofereceu seu broche. Eu lhe digo, ela me odiava. Henry poderia muito bem ter posto ele mesmo o machado do carrasco no meu pescoço!

— Ele não a protegeria, querendo-a tanto?

— Quem o faria, se não servisse a ele? Um amigo não é mais que um inimigo esperando a roda da fortuna para levantá-lo e derrubar você. — Ele levantou uma sobrancelha para ela e ela sentiu-se ruborizar. Ela não tinha intenção de revelar muito de seus pensamentos para ele. — Você não conhece os caminhos da corte.

Ele deu uma risada curta.

— Com certeza isso é verdade! Mas aqui está você sentada, prisioneira nas Highlands e não na Torre, certamente é um pouquinho melhor, não é?

— Melhor que você queira apenas meu dinheiro, não minha vida. — Isabella suspirou, olhando para seu copo. — E quando eu voltar, me casarei com Douglas, que é nobre e bonito e que com meu dote será rico também.

— Não é de se admirar que ele tenha pressa em casar com você.

— Você pensaria que ele não iria ser. Meus noivos têm finais tristes. Eu fui noiva pela primeira vez aos sete anos e ainda estou para casar.

— *Sete!*

— Não é incomum. — Ela inclinou a cabeça para olhar para ele. — Katherine me disse que os escoceses franziam a testa arranjando casamentos tão jovens, mas a princesa Margaret estava noiva aos dois anos.

— Sim, isso acontece na corte, mas eu não consigo me ver tratando uma parenta minha assim!

— Minha família estava ansiosa por eu conseguir um bom par o mais cedo possível. Eu sou velha para estar solteira ainda. Minha própria mãe estava morta de parto quando era três anos mais nova do que eu.

Ele encheu sua taça.

— Quem são estes muitos noivos que você levou a tão terríveis fins?

— Não *muitos*, apenas dois. Douglas ainda é robusto e corajoso, tanto quanto eu sei. — Isabella colocou suas mãos em torno de sua

taça. — Fui prometida primeiro ao Visconde de Bourges, que nunca conheci, mas fui apresentada ao seu tio. O homem atribuiu a seu sobrinho qualidades tão extraordinárias de nobreza e graça, como bravura e elegância, beleza e caridade, e o Visconde claramente não tinha nenhuma dessas coisas. Em todo caso, ele morreu antes de eu fazer treze anos. Aos quinze anos eu estava noiva de Lord Henry Harver, que conheci na França. Henry caiu a serviço do rei algumas semanas mais tarde. Ou talvez morreu de velhice, já que ele era quase cinquenta anos mais velho do que eu, e bem desprovido de dentes para arrancar. E agora — ela deu de ombros — vou me casar com lord Douglas.

— A menos que sua sorte mude também — Colin sorriu. — Com tanta sorte, quem sabe quem estará ao seu lado quando finalmente chegar à porta da igreja?

Ela enrugou o nariz e se voltou para a refeição.

— Você está realmente irritada sobre o vinho?

Ela ergueu os olhos para vê-lo olhando-a seriamente.

— Eu não posso dizer que estou satisfeita. Esses bens são destinados a ser um presente para meu marido e para estabelecer minha casa. Posso já ser mais problema para Lord Douglas do que eu valho.

A cabeça dele levantou um pouco.

— Você acha que ele não vai resgatar você?

— Eu espero que isso dependa do que você pedir. Se o pagamento para me libertar diminuir em muito minha fortuna, nega a razão para ele se casar comigo. — Ela riu amargamente. — Você está com medo que depois de todos os seus problemas, eu não seja resgatada?

— Não, eu não me preocupo com isso. — Ele tomou um gole profundo de seu vinho. — Espero que encontrem alguma felicidade aqui enquanto esperam. Se você precisar de alguma coisa, me diga e eu vou cuidar disso.

Ela pensou em apontar que ela não deveria ter que pedir sua própria propriedade, mas ela engoliu as palavras ácidas.

— Obrigada.

Ele inclinou a cabeça.

— Pode me chamar agora pelo meu nome?

— Claro! — ela respondeu, tomando um gole. O vinho realmente era excelente e não era como se Lord Douglas perderia isso.

— MacKimzie.

Divertimento e aborrecimento misturados em sua expressão.

— Não vou conhecer nenhuma paz com você aqui, não é?

— Peça menos pelo resgate. Vai ganhar uma paz mais rápida.

— Pode ser. Mas acho que posso ficar sem paz por algum tempo.

Isabella suspirou interiormente. Mais para incitá-lo a fazer uma resolução rápida.

— Em relação a isso, qual é a sua demanda para o meu retorno?

— Setenta mil merks.

Sua boca caiu.

— Você é louco! Essa é muitas vezes mais a minha fortuna! Por que quando o rei Henrique pegou o rei James pelo resgate até mesmo ele não buscou...

Ela interrompeu-se pela expressão dele e encarou-o enquanto ele ria.

— Uma boa brincadeira — disse ela amargamente.

Ainda rindo, ele disse:

— Realmente você vale cada moeda, moça, mas não acho que Douglas tenha com que pagar. Nem a rainha também. Agora é apenas uma questão de acordo sobre com que eles *irão* pagar.

— Bem, — ela disse rigidamente, afastando-se da mesa para ficar de pé — tenho certeza que como qualquer astuto comerciante de cavalos, você chegará a um bom preço pela égua.

— O seu casamento com Douglas é diferente? — Ele também se levantou. — Sua prima faz uma oferta a ele para levá-la, ele pede mais, sua prima pechinha sua ‘jointure’⁷ se você ficar viúva, todos concordam e entregam você!

— É dessa forma que os casamentos são arranjados!

Seus lábios se curvaram. E Douglas é possuidor de muitas qualidades nobres e é atlético!

— Bem, eu espero que sim!

Ela se virou e saiu da cozinha.

Neve estava caindo e a luz da tarde estava desaparecendo. Quem era Colyne MacKimzie, um chefe atrasado, rústico, para depreciar seu casamento? O que ele sabia sobre isto? Ele não se incomodara em casar!

Ela estava tão zangada agora que estava tremendo. Ela puxou o manto mais apertado. O calor da cozinha fez o frio do pátio morder ainda mais e ela se apressou em colocar as luvas enquanto caminhava.

— Espera que sim?

Ela lançou um olhar atrás dela, irritada ao ver MacKimzie seguindo-a e com a intenção de continuar a conversa.

⁷ NT — bens deixados a uma mulher após se tornar viúva

— Espera que sim? Você não *sabe*? — Ele perguntou. — Não acha que está comprometida com o melhor dos homens?

— Eu realmente não poderia dizer nada sobre o seu caráter, — Isabella grunhiu. — Nunca encontrei lord Douglas.

Isabella sentiu algo atrás dela, quase uma onda de choque, e olhou para trás. Ele parou, olhando fixamente para ela.

— Você nunca o encontrou?

Ela também parou. Não era de modo algum incomum que uma mulher de seu nível não conhecesse seu marido pretendido até pouco antes de se casarem.

— Não, eu não o encontrei. Certamente você sabe que isso é com frequência a maneira como as coisas são feitas.

Algumas das crianças do castelo estavam brincando, perseguindo-se na neve que caía. Colyne ficou olhando para ela, os flocos brancos girando em torno deles, a neve agarrando em seus cabelos ruivos.

— Mande sua criada acordar e vesti-la cedo, — ele disse abruptamente, olhando para suas roupas. — Pense em vestir-se aquecida. Eu virei buscar você antes que eu quebre meu jejum.

— Para que? — Ela perguntou.

Ele olhou para trás.

— Esteja pronta quando eu chegar e verá.

Então ele se foi, deixando-a no pátio, as crianças rindo e jogando neve uns nos outros.

— Duvido, MacKimzie. — Isabella murmurou, puxando seu capuz protegendo-a da neve caindo.

Sete



Caminhos do Highlander

Sentindo-se uma tola, Isabella estava pronta muito antes do MacKimzie vir buscá-la na manhã seguinte.

Após seu retorno ao solar ontem, Caitrina ofereceu seus próprios aposentos a Isabella; quer para mantê-la longe de Kat ou simplesmente para ser fiel à sua natureza generosa. Com bastante boa vontade Isabella agradeceu a Caitrina por sua gentileza e, em pouco tempo, Mary, a garota que lhe fora dada como criada mudou seus pertences.

Eram belos aposentos. Rosas pintadas decoravam os painéis e em duas das paredes tinham penduradas tapeçarias brilhantes. Muitas dessas coisas eram trazidas provavelmente da França ou talvez de mais longe, para o conforto da escocesa. A grande cama de madeira, com um colchão de penas e cortinas pesadas, era uma cama tão fina como Isabella nunca teve. Os aposentos tinham algumas cômodas de madeira para funcionar como assentos e armazenamento, e as janelas viradas para o pátio forneciam ao quarto a luz pálida de outono.

Deitada na cama acortinada, com Mary dormindo no seu colchão de palha no chão, Isabella não conseguia parar de pensar nele. Como ele segurou a mão dela na escada, o beijo que ele roubou, a maneira como seus olhos se demoraram na cavidade de sua garganta no jantar.

Ele disse que viria logo cedo.

Kat nunca aprovaria.

Isabella se virou na cama, seu estômago tremulando. A coisa certa seria evitá-lo. Ele era perigosamente bonito, claramente um sedutor.

Houve um momento no poço quando ele a puxou contra ele que Isabella soube que ele a queria muito, queria mais que a Alisoun.

Queria a *ela* mais do que qualquer coisa.

Isabella estava acordada antes de Mary e não se sentia cansada, apesar de despertar tão cedo.

Após a chegada em seus aposentos, Colyne deu uma olhada sobre suas roupas de lã, em seguida exigiu ver seus sapatos. Confusa, ela levantou as saias apenas o suficiente para mostrar o par de botas encorpadas que usava e ele acenou com a cabeça aprovando.

— Vamos lá então — ele disse brevemente e ela correu atrás dele.

— Onde estamos indo?

— Eu tenho que cavalgar nas terras um pouco e há armadilhas para serem verificadas.

Eles iam montar? Ela sorriu, acelerando o passo para alcançá-lo.

— Armadilhas? Você não tem um homem para cuidar dessas coisas?

— Sim. Eu tenho um caçador e um chefe de estábulo também, mas no final é minha responsabilidade ver a todos. Os clãs

comercializam uma grande quantidade de peles com as Lowlands. Certamente você sabe disso?

— Eu não sabia — Isabella respondeu. E realmente, por que ela deveria? Ela ia ser esposa de um lord, não de um chefe.

— O seu homem é escocês, você não deveria aprender a ser também?

— Eu acho difícil que ele vá se casar comigo por minhas habilidades em armadilhas de peles.

Ele pareceu ponderar sobre isso, depois assentiu.

— Você está certa, eu não pensei nisso. Fique aqui então. — Com isso, ele acenou se afastando, deixando-a para trás com passos longos e despreocupados.

— Não, espere, eu gostaria de ir com você.

— É assim então?

Ele queria que ela implorasse para vir junto? Implorar como uma criança depois de uma repreensão, era isso?

Por um instante pensou em voltar-lhe as costas, voltar para seus aposentos e o MacKimzie que se danasse. Mas então ela não poderia montar hoje. Talvez não montasse de novo até que seu resgate fosse pago.

O MacKimzie cruzou os braços sobre o peito, aguardando.

Era esperado que esse homem com frequência conseguisse o que queria.

— Por favor, leve-me com você — disse ela, sombria.

— Você nem mesmo diz meu nome?

— Por favor, leve-me com você, MacKimzie.

Ele levantou uma sobrancelha.

Ela ergueu o queixo, olhando para ele com os olhos inocentes, e sua voz era suave.

— Por favor, leve-me com você... Colyne.

Seus olhos se arregalaram um pouco.

— Agora isto foi dito docemente! Eu aposto que você poderia conseguir muito de mim dessa maneira. — Ele deu um sorriso lento. — Talvez mais do que você barganha.

Os olhos de Isabella foram atraídos para a curva de sua boca e ela corou.

— Vamos, então! — Ele disse. — Vamos encher nosso estômago.

Depois de uma farta refeição de grossos biscoitos de aveia, Isabella seguiu Coline até o pátio, onde o cavalariaço segurava seu cavalo, selado e pronto, ao lado do corcel de William, que agora pertencia a Colyne.

Isabella parou.

— Nós cavalgamos sozinhos, meu lord?

— Você acha que eu posso não ser confiável com a sua virtude? — Ele respondeu.

— Não é isso, — ela contornou. — É simplesmente a aparência que a correção exige.

— Eu prometi na estrada de Perthshire — ele disse, já subindo na sela. — Mas pode ficar aqui se tem medo que eu não possa me controlar.

Muito de sua vida tinha sido gasto levando em conta aqueles em torno dela, às vezes no piscar de um olho. Quaisquer dons naturais que ela pudesse ter tido foram aperfeiçoados pela necessidade de manter seus segredos seguros. Este homem não iria machucá-la, nem forçá-la a nada, ela tinha certeza disso.

Mas uma lady consciente de seu bom nome não cavalgava sozinha com um homem.

Ela lambeu os lábios nervosamente. Quando Kat soubesse disso, ela iria repreendê-la, e provavelmente a ele também.

E se ele tentasse beijá-la novamente?

No momento seguinte, ela estava comandando Dougal para segurar seu cavalo para que ela pudesse montar.

O MacKimzie ofereceu um aceno de aprovação enquanto ela tomava as rédeas.

— Bem, você tem alguma atitude apesar de tudo.

Ela ergueu o queixo.

— Acho que você me subestima, meu Lord.

— Será? — ele perguntou duvidando, incitando o cavalo para a frente.

— Acredito que você acha que a vida de uma cortesã não requer mais do que seguir a última moda e a fofoca — disse ela, cavalgando a seu lado.

— Esta é minha medida de você.

— É mesmo? — perguntou ela. — Por que me pediu para cavalgar com você hoje?

— Eu não pedi. Se bem me lembro, as suas palavras foram ‘por favor, Colyne’ — ele lembrou, fazendo sua voz mais aguda em imitação à dela.

— Eu não teria pedido se eu achasse que eu estava incomodando você!

— Não é isso. Apenas o seu tipo não tinha muita coragem.

Com isso, ele incitou seu cavalo para a frente, acelerando enquanto cruzava a ponte.

Ela incitou seu cavalo mais rápido até que ela o alcançou na margem.

— Meu tipo? O que isto quer dizer?

Ele riu.

— Está claro que você não foi feita para qualquer vida que não seja uma fácil. Sem ofensa a você, moça, mas não acho que você aguentaria um inverno inteiro aqui, e disse isso para Malcolm ontem.

Isabella tornou-se consciente da aldeia e terras em volta deles. As colinas nevadas das Highlands, as montanhas cobertas de névoa além. Era um lugar simples, áspero mesmo.

— Verdade? Espero que ambos se surpreendam com a verdadeira medida do meu caráter.

— Você foi feita para a vida suave da corte e não muito mais. Aposto que nem sequer poderia resistir a um dia aqui.

— A vida *suave* da corte? — Ela gritou. — Acho, MacKimzie, que você ficaria surpreso ao descobrir quão habilidoso e inteligente se deve ser para sobreviver a uma vida tão *suave*.

Um homem saiu de um dos chalés e gritou uma saudação amigável a Colyne.

Por sua parte, Colyne se virou e falou jovialmente com o homem, perguntando por seus filhos e sua saúde.

— Você vai entrar e ficar um pouco então? — O homem perguntou.

— Agradeço por isso — disse Colyne em troca, desmontando e amarrando as rédeas.

Isabella ficou onde estava na sela, confusa. Ele pensava entrar nesse lugar e deixá-la aqui? Ela o esperaria como uma criada?

Colyne estava prestes a atravessar a porta baixa para entrar no chalé quando ele olhou para trás para ela com impaciência.

— Bem, vamos lá então, moça!

Certamente ele não tinha intenção de ajudá-la a descer, ela percebeu irritada, mas não lhe daria a satisfação de chamá-lo de volta. Levou alguns momentos para liberar seu manto e se vestir o suficiente para desmontar sem ajuda. Ela amarrou as rédeas no mesmo lugar que ele, e o seguiu para dentro.

Ela foi atingida primeiro pela fumaça do chalé. Não havia lareira, apenas um círculo de pequenas pedras onde o fogo fumacento queimava. O lugar estava abafado e cheirava a comida, palha e lama. Uma mulher, fortemente grávida, estava de pé no chão de terra batida perto de uma panela pendurada por uma corrente sobre o fogo.

Colyne já estava sentado, segurando uma taça de algo forte o suficiente para que Isabella pudesse sentir o cheiro de onde estava. A mulher deu-lhe um aceno simpático e um sorriso, em seguida, gesticulou a seus quatro filhos mais velhos para fazer o mesmo. As crianças estavam vestidas apenas com batas, mas seus rostos estavam limpos, os cabelos bem arrumados. O mais velho podia ter apenas oito anos e eles ficaram de pé timidamente atrás de seu pai, olhando os visitantes com os olhos arregalados.

Ela semicerrou os olhos. Algo se moveu na escuridão enfumaçada do outro lado do chalé. Fez um som.

Colyne olhou para seu arfar assustado, franzindo o cenho.

— Qual é o seu problema? — Perguntou ele.

— O quê... — ela interrompeu. — Isso é uma vaca?

Ele olhou para ela com desconfiança.

— Sim, é uma vaca. Você já viu uma antes?

— Não dentro de casa — disse Isabella. De repente, consciente dos olhares da família ela emendou. — Quero dizer, elas sempre vivem dentro?

As crianças riram e seu pai lançou um olhar de desaprovação para elas.

— *Inglesa* — disse Colyne, e o colono assentiu como se isso explicasse tudo.

— Elas são vacas muito lindas — disse o homem a Isabella, gentilmente. — Nem mesmo o laird tem umas mais finas. Venha ver por si mesma.

Ela seguiu-o até o curral interior relutantemente. As vacas eram pequenas e avermelhadas, com longos chifres. O colono as acariciou carinhosamente.

— Faça — convidou ele.

Isabella começou a reclamar, mas as ‘vacas’ eram obviamente o orgulho da família. As crianças a pressionavam também, querendo fazer parte da agitação. Ela sorriu para eles e depois se inclinou com cautela para acariciar o pelo quente da vaca.

Ela mugiu, virando-se para olhar para ela com grandes olhos emotivos. Ela pulou para trás, para diversão das crianças e Colyne.

— Elas são muito finas realmente — ela concordou.

Foi-lhe oferecida uma das cadeiras baixas. O assento de Colyne era o mais alto, os colonos lhe ofereceram o melhor.

O homem entregou-lhe um copo e ela tomou um gole, tentando não fazer uma cara feia. Era forte e picante, mas espalhava calor através de seu peito.

O filho mais novo, talvez apenas com nove ou dez meses de idade e acordado agora de sua sesta foi colocado no colo de Colyne. O bebê

fez uma expressão assustada e aterrorizada quando o MacKimzie inclinou o rosto para a criança. Isabella riu com seus pais quando o bebê soltou um gemido, virando-se para alcançar sua mãe.

Sacudindo a cabeça e sorrindo, a mulher o pegou e, antes que Isabella pudesse protestar, colocou a criança em seu colo e voltou para sua panela sobre o fogo. Assustada, Isabella o pegou em seus braços antes que ele pudesse deslizar. O bebê ainda estava fungando, mas parecia achar seu rosto menos aterrorizante do que o rosto peludo de seu laird.

Ela sorriu para o bebê quando ele colocou dedos gordurosos em sua boca e contemplou-a com uma expressão absorta, séria. Isabella não tinha muita experiência com crianças, não tendo irmãos ou irmãs. As ladys que ela conheceu enviaram seus bebês para amas na primeira oportunidade e só se importaram de novo com eles quando eles atingiram idade de se casar.

Cautelosamente, o bebê estendeu a mão e cobriu sua boca com os dedos. Tanto divertida como desagradada pela baba, Isabella virou o rosto. O bebê afastou os dedos e ela se virou rapidamente e fez como se fosse comê-los, exagerando o movimento. Ele sobressaltou-se, e então riu de alegria, cobrindo sua boca novamente para que ela pudesse repetir o jogo.

Ela pegou Colyne olhando-a enquanto ela brincava com o bebê, sorrindo sobre sua taça.

Ela apreciou o riso do bebê e seu calor suave nos braços, sentindo um lampejo de pesar quando Colyne se levantou para sair. Ela entregou o bebê de volta para sua mãe e acariciou sua bochecha redonda uma última vez enquanto eles deixavam o chalé.

Colyne não a ajudou com seu cavalo, mas ele a esperou pacientemente.

— Não tão ruim como eu pensei — disse ele.

— Os colonos?

— Não, você. Uma vez superado o medo das vacas, isto é. — Ele exortou seu cavalo a caminhar.

— Por que eles as mantem dentro? — Isabella perguntou, cavalgando ao lado dele.

Ele olhou para ela como se ela fosse idiota.

— Para mantê-los quentes no inverno.

— As pessoas ou as vacas?

— Ambos — ele respondeu. — E quando o inverno é mais forte e não há comida você pode sangrar a vaca.

— *Sangrar a vaca?*

— Sim, para fazer sopa ou se não tiver aveia, para beber o sangue.

— Eles fazem isso?

— Sim, e eu fiz isso também, quando a ocasião chegou. Não espero que você tenha conhecido muita fome, entretanto.

Era um ponto de honra nos lares em que Isabella tinha vivido que a carne fosse servida em cada refeição. Carne de boi, carne de carneiro e carne de veado muitas vezes foram servidas na mesma refeição. Somente em dias corridos eles ficavam sem carne e então havia lúcio ou carpa em vez disso. Os cozinheiros do rei Henry faziam cisnes decorados com penas e confecções elaboradas que se erguiam acima da mesa. Isabella esteve sentada em banquetes onde cada refeição consistia de trinta pratos diferentes.

— Eu fui afortunada quanto a isso — ela concordou, tocando as rédeas de Cobweb. — Kat iria sangrar-me às vezes antes de um banquete, por causa da pele.

— O que isso quer dizer? — ele perguntou, olhando para ela, intrigado.

— Ladys da moda são pálidas.

— Feridas de Deus, vocês são pálidas! Ela a sangra para você ficar *mais pálida*?

Isabella balançou a cabeça, sorrindo para sua expressão de espanto.

— Somente para ocasiões especiais. Ela dificilmente conseguiria fazer isso todos os dias. — Isabella olhou para o chalé. — Eles ficam muito à vontade com você.

— Sim, e cada homem sente que é seu direito apertar a mão do laird e manter sua honra enquanto mantem seu laird. Mas eu vi bastante das maneiras francesas para saber que você provavelmente não pensaria assim.

— Você é muito preocupado com eles.

— Claro! Eles são meu clã.

Isabella se perguntou se algum cavalheiro entre seus conhecidos iria parar e beber uma taça com um dos seus moradores. Ela duvidava muito que algum o faria.

— Ele estava certo? — Ela perguntou enquanto cavalgavam em direção à floresta.

— Sobre o que?

— As vacas são mais bonitas do que as suas?

— Não é provável, mas não quero insultar o homem em sua própria casa.

— Ele estava muito orgulhoso delas.

— Sim, a moeda não vale muito aqui. Um homem conta suas riquezas por aqueles que ele pode chamar para seu lado ou pelo número de suas vacas.

— Você é rico então?

Ele se endireitou na sela.

— Eu serei, quando vier a primavera.

— O que acontece na primavera?

— Ora, eu irei para as Lowlands e trocarei seu dinheiro por vacas.

Isabella deu um riso sem humor.

— Claro. Trocar a égua pelas vacas.

— Bem, você pode se confortar em saber que você vai me tornar um homem rico.

— Sim — ela disse, suspirando. — E Douglas também.

— Tem medo de se casar com ele?

Ela piscou ante a súbita pergunta.

— William diz que meu Lord Douglas não é de humor para tratar uma mulher cruelmente — ela respondeu lentamente. — Mas não importa de qualquer modo. — Seus dedos apertaram as rédeas em sua mão. — O jogo está feito. Eu me tornarei sua esposa quer eu o tema ou não.

— E não a incomoda estar debaixo da vara de um homem que nunca encontrou?

Ela tinha feito, apesar das probabilidades, um excelente jogo e um que ela não podia perder. Ela não pensou que poderia suportar pôr os pés na França outra vez. Retornar à corte inglesa era loucura. Seu próprio tio, o cardeal Beaufort, a veria morta antes de deixar a infatuação do rei colocar em perigo um jogo com Margreth de Anjou.

Tinha de se casar com Douglas.

— Não importa, — ela repetiu, se mexendo na sela. — Estou sob custódia do meu tio, sob a guarda de minha avó, e não tenho meios para fazer meu próprio casamento. Kat, viúva como ela é, pode escolher para si, mas ela não vai me deixar ainda. Seja grato por você poder escolher com quem você se casará.

Sem querer, Isabella olhou de volta para a aldeia. Ela se virou para vê-lo olhando para ela e procurou em sua mente um assunto.

— Quanto tempo você esteve na França? — Ela perguntou enquanto eles entravam na floresta.

— Fui aos dezessete anos, permaneci o suficiente para ganhar a boa vontade do rei Charles. E poderia falar-lhe de coisas que nenhum homem deste lado do inferno deveria ver.

— "Você...

— É melhor não me perguntar das coisas que fiz — interrompeu ele, sombriamente. Ele deve ter notado que seus olhos se arregalaram porque ele acrescentou: — Mas eu nunca tomei uma mulher que não me quisesse. — Ele deu de ombros. — Mas eu era dez anos mais jovem então, e muitas moças viraram os olhos para mim.

— Como tenho certeza de que o fazem agora — disse Isabella — e depois corou com suas próprias palavras.

— Bem, eu não tinha uma cabeça coroadada ofegando atrás de mim, como você.

— Henry estava dificilmente arfando atrás de mim — ela disse com desdém. — Ele é jovem e inexperiente.

Ele levantou uma sobrancelha.

— E você é?

— Eu sou o quê? — Ela perguntou, intrigada.

— Experiente.

Ela estreitou os olhos.

— Eu não era amante de homem algum.

— Ach, tinha que haver um ou dois na corte que conseguiram ganhar um beijo seu.

Ela ergueu o queixo e se virou resolutamente para a frente.

— Não quero discutir isso.

— Oh, sim? — Ele gritou. — Eles não roubaram você para beijar enquanto a Sra. Katherine estava olhando para o outro lado?

Ela não respondeu.

— Um ou dois tomaram liberdades com você — ele concluiu, acenando com a cabeça. — E você não estava tão relutante também.

— Eu não disse isso!

— Você não precisa. Você se vira, sua boca toda firme e teimosa e eu entendo a verdade.

— É assim então? — Ela desafiou, um pouco enervada. Ela não tinha percebido que era tão transparente para ele.

— Apenas beijos? Eles não tentaram furtivamente entrar debaixo do seu vestido?

— Olha quem fala! — Ela se irritou. — Quantos bebês aqui são seus bastardos?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não posso ser considerado um monge por alguém, mas não há crianças minhas ainda. Embora Malcolm tenha razão, devo me dedicar mais à tarefa. — Ele a olhou de soslaio. — Aposto que você foi curiosa o suficiente para deixar um ou dois cavalheiros levá-la para um lugar escuro.

— Não é da sua conta. — Ela disse sombriamente.

— Ele lhe escreveu poesia, moça? Ou mostrou-se um gênio para obter a sua atenção? Talvez ele cantasse docemente para atraí-la para ele?

Ela puxou as rédeas de Cobweb, a respiração do cavalo visível no ar frio.

— Se você insistir nessa linha de conversa, então acho melhor eu voltar para o castelo. Agora. — Ela disse friamente. — Por favor.

— Faça como quiser. E não me diga, então.

Ele não virou o cavalo nem parou e ela sentou-se ali, ficando mais irritada enquanto ele continuava, deixando-a sozinha no caminho.

Sua experiência de longe superava a dela, como ele bem devia saber. Fugir para uma alcova escura para ter seus seios tateados por um jovem cortesão desajeitado enquanto ele se esfregava de encontro a ela, não era um encontro que ela queria regalar para o MacKimzie. O jovem lord absorto em si mesmo, hesitando em levantar suas saias, tornou fácil para ela afastá-lo e feliz por escapar de suas tentativas não inspiradas de sedução.

O bosque estava quieto. O som dos cascos do cavalo de MacKimzie esmagando a neve ficou mais distante.

Tinha sua resposta aos *seus* beijos gritado sua falta de habilidade? Aquele adolescente desajeitado não tinha sido muito bom professor.

Era por isso que ele preferia Alisoun?

Cobweb estava agitado sendo deixado para trás pelo corcel. A respiração da égua era visível no frio enquanto ela pateava no solo nevado com seus cascos finos.

Com um pontapé brusco Isabella exortou o palafrém atrás dele.

— Não há nada para contar — ela insistiu quando o alcançou.

Colyne olhou para ela.

— Você anseia por ele?

— Não — ela disse honestamente. — Você anseia por alguma de suas prostitutas francesas?

Sua risada chocada ecoou através da floresta.

— Você acha que eu pago moças para vadiar comigo? Você não acha que eu posso cantar suficientemente suave para tentar uma mulher em um lugar escuro?

Isabella olhou para sua boca antes que pudesse se conter.

— Tenho certeza de que não saberia dizer.

— Ach, bem, se você *está pensando* que eu posso... — Ele sorriu malicioso. — Você estaria certa.

Com isso, ele apressou o cavalo para a frente e ela cutucou o palafrém para continuar.

A mente de Isabella mudou da conversa para a densidade crescente da floresta enquanto o caminho tornou-se mais desafiador.

Em uma pequena clareira, Colyne parou o cavalo e desmontou. Ele entregou as rédeas a Isabella para segurar, e foi olhar a linha de armadilhas.

Voltou com as mãos vazias.

— Parece que você não tem muito para trocar no sul — ela comentou enquanto ele montava o cavalo de novo.

— Salve-se de si mesmo.

— Quando devo esperar ser resgatada?

— Você está tão infeliz aqui que está com pressa de casar com alguém que nunca viu? — Perguntou. — Ele poderia ser um monstro.

E até mesmo vestida com uma camisola de camponesa sua Alisoun poderia excitar um abade para ele esquecer seus votos.

Ela ergueu o queixo.

— A rainha me escreveu que Douglas tem muito boa aparência. De qualquer forma, estou preocupada com o bem-estar de Katherine e William.

— Eu não teria tanta pressa de tirá-los de Caitrina se fosse você.

— Você já teve notícias de Sua Majestade? Ou do meu Lord Douglas?

— Em breve — ele respondeu sucintamente, e depois de um tempo

— *Você está* infeliz aqui no campo? Você sente falta da emoção da corte?

— Suponho que seja ao que estou acostumada, embora eu não espere permanecer na corte quando me casar.

— Por quê? — Ele perguntou como se estivesse surpreso. — Não deseja servir a rainha?

— Eu acharia que meu Lord Douglas me designaria para administrar suas propriedades e me mandaria para sua casa de campo. — O ar cheirava a neve e Isabella puxou seu manto mais forte contra o frio. — Ele vai querer um herdeiro e eu acho que ele iria me querer longe da corte.

Colyne franziu o cenho.

— Mas ele não estaria na corte?

— Eu espero que seja por isso que ele iria me querer no campo. Há um grande número de distrações que um homem pode perseguir melhor sem a presença de sua esposa.

Ela viu uma contração muscular em sua bochecha.

— E você não tem objeção de que o seu homem tome outra mulher?

Ela bufou.

— Você vai me dizer agora que não aprova que um homem tenha uma amante, MacKimzie?

— Eu manteria um voto — ele respondeu, sua postura repentinamente rígida. — Se eu fizesse um.

— Mesmo que esse voto não fosse um de sua escolha?

— Você manterá seus votos? Você manteria se tivesse a escolha de para quem fazer?

Ela suspirou. O castelo estava à vista agora.

— Espero que seria mais... amigável para mim se eu tivesse a confecção do meu próprio casamento.

— Por que você não tem então?

— Você deveria ficar desanimado e triste se eu o fizesse, MacKimzie! Eu não teria o dote de casamento, e você nenhum resgate! Você deixaria Caitrina escolher seu marido?

— Sim, se ela escolhesse um adequado.

Isabella piscou.

— E se ela não escolher um adequado? E se ela escolheu um aldeão sem um tostão em seu nome? Ou uma vaca para esse assunto?

— Eu gostaria de vê-la devidamente assentada, mas eu não iria contra seu coração.

— Você escolheu um marido para ela?

Ele se mexeu desconfortavelmente na sela.

— Ela não está ansiosa para se casar. Eu ofereci Angus, antes que ele se casasse, e há outros também. Bons rapazes todos, e ela não terá nenhum deles.

Isabella pensou no rosto doce e triste de Caitrina enquanto amarrava o tecido à árvore.

— Eu não acho que sua irmã poderia se casar a não ser por amor

— Isabella disse calmamente. — Deixe-a em paz.

— Mas e você poderia? Casar por título e fortuna?

— Eu não tenho um irmão que me ame tanto para me forçar a isso.

Ele não respondeu e eles atravessaram a aldeia em silêncio. No pátio do castelo, Colynne a ajudou a descer de sua montaria, acenando com a cabeça para Dougal quando ele veio para pegar os cavalos.

— Eu não a ofendi com toda a minha conversa, eu espero? — Ele perguntou. — Eu gostaria que você não tenha se escondido porque eu tenho mais fôlego do que juízo.

— Não, eu não estou ofendida. — O vento aumentou, suavemente soprando seu cabelo e sua mão foi para domesticá-lo. — Obrigado pelo passeio. Não estou acostumada a fazer tão pouco.

— Você fez bem para uma não nascida aqui. Penso que, com o tempo, poderia acostumar-se ao nosso clima.

— Sim, bem, eu acho que o inverno pode ter o melhor de mim, mas agora estou ansiosa para procurar o calor de uma lareira.

Colyne afastou uma mecha de cabelo do rosto dela, seu toque permanecendo por um momento em sua bochecha.

— Eu gostaria que você viesse e ceasse comigo no grande salão hoje à noite, moça.

— Eu gostaria disso, meu lord.

Ele sorriu e ela não mais sentia o frio.



Os olhos de Colyne se iluminaram quando ele a viu entrar no salão exterior.

— Bem? — Ela perguntou, encantada.

Os olhos de Colyne correram com admiração sobre ela.

— O que é isso agora?

— Eu creio que você disse que eu não aguentaria um dia inteiro.

Ele caminhou ao redor dela, reparando o vestido açafraão, o manto de cores vivas que usava preso em seu ombro com um broche de bronze, e seus cabelos soltos.

Isabella sentiu suas bochechas quentes sob sua inspeção. O que aqueles da corte — ou Lord Douglas para ser franca — diriam ao vê-la vestida assim ela não suportaria pensar.

— Você é a moça mais bonita que eu já vi. Ninguém pensaria que não é uma escocesa.

Ela abaixou a cabeça.

— Mary encontrou a roupa para mim.

— Você deveria ter alguns feitos apenas para você, eles se adaptam bem a você. Bem como ter seus cabelos soltos. — Ele tocou seus cabelos, deixando uma mecha deslizar entre seus dedos. — Se eu fosse você sempre o usaria assim.

— Kat nunca iria apoiar isso — respondeu Isabella, sua risada ofegante. — É só porque ela está doente que eu posso andar assim.

— Como está sua Katherine?

— Descansando de novo. Ela tomou um pouco de caldo e pão mais cedo. Ela está fraca, mas está melhor.

Seus dedos fortes se envolveram em torno dos dela quando a corneta soou para a ceia. Parecia completamente correto, como se

Colyne tomando-a pela mão para levá-la ao salão fosse a mais natural das coisas.

O familiar grupo reuniu-se e olhava suas roupas e aparência com surpresa e curiosidade.

Enquanto a criada lavava suas mãos com água perfumada, Isabella olhou em volta procurando Alisoun. Ela não tinha visto a mulher desde o seu passeio para a árvore dos pedidos e ela sentiu uma nova onda de inibição enquanto se sentava ao lado de Colyne.

Não estou fazendo nada errado! Desde o poço, ele não me tocou — fiel à sua palavra.

Bem, quase não me tocou.

Não me beijou de qualquer forma.

Além disso, era esperado que ela se juntasse ao pessoal do castelo para a ceia. Fazer o contrário seria rude, até ingrato, considerando tudo o que tinham feito por Kat. E não era como se ela iria ficar aqui por muito tempo. Uma vez que seu resgate fosse pago, ela poderia nunca mais ver Colyne.

— Você parece muito bem — Malcolm disse gentilmente para ela, quando ela se sentou. — Quando os ingleses vierem por sua dama, acho que não iremos saber que moça mandar de volta com eles.

— Talvez possamos ficar com ela, tio — Colyne respondeu, oferecendo a Isabella uma xícara de hidromel.

Isabella riu.

— E quanto às vacas que você estava pensando em comprar, MacKimzie?

Ele encolheu os ombros.

— Talvez eu vou pegar mais vacas do MacLaulach em troca.

— Nós jantamos a carne de MacLaulach esta noite? — Isabella perguntou, participando do hidromel quente, delicioso.

— Sim.

— Então, vou comer a 'vaca' de outro clã e eu estou usando xadrez. O que mais eu preciso fazer hoje?

Ela percebeu o olhar intrigado que Malcolm enviou a Colyne.

— Sei que o seu laird não acredita que eu possa sobreviver a um único inverno aqui — disse Isabella a Malcolm. — Você acha também?

Malcolm olhou para Colyne, ainda perplexo.

— Acho que você poderia, minha lady. Se você quisesse.

Isabella lançou um olhar satisfeito para Colyne.

— Eu acharia que sim.

— Sim, você parece bela, mas ainda não dançou — advertiu Colyne. — Essa será a prova.

— Não conheço nenhuma de suas danças.

— Quando os gaiteiros tocarem, eu vou tentar lhe ensinar.

— Sou uma boa dançarina — ela retrucou, ofendida.

— Sim, tenho certeza que você pode dançar bem a dança inglesa, mas esses não são os passos afetados da corte.

Ele cortou um pedaço de carne e ofereceu a ela.

Ele estava certo, estava delicioso, suculento e macio. Sua reação deve ter sido mostrada em seu rosto porque ele sorriu para ela.

— Não é uma boa coisa provar o que não é seu — murmurou para ela, com os olhos brilhando. — Isso só leva você a querer mais.

Ele cortou outro pedaço e, com movimentos deliberados, ofereceu a ela.

Ela o pegou.

— Eu posso ver por que você invade tão frequentemente.

Ele a olhou com fingida indignação.

— Metade do tempo eu só estou recuperando o que é meu!

— Então, estamos comendo carne MacKimzie hoje à noite, não MacLaulach?

— Vacas MacKimzie são melhores — ele aquiesceu. — Mas há algo sobre saber que as tiramos bem debaixo de seus narizes...

Malcolm riu e bateu a palma da mão na mesa.

— E Colyne tem os direitos disso! Eles nunca nos viram e fomos embora de novo em um piscar de olhos!

Os criados trouxeram a próxima rodada e Colyne continuou a oferecer-lhe os melhores pedaços.

— Essas incursões aumentam? — Ela perguntou.

Ele encolheu os ombros.

— Uma ou duas vezes pegamos um de seus rapazes, e eles um dos nossos. O homem sempre é trocado de volta logo. Isto não ficará sangrento enquanto nenhum de nossos rapazes for morto, nem algum dos deles, e eles não levarem mais do que algumas vacas.

Músicos se reuniram enquanto a refeição terminava. O grupo, muitos dos quais obtinham calor do conteúdo de suas taças, empurrava as mesas para dar espaço para dançar.

Colyne olhou para ela significativamente.

— Deixe-me assistir, por favor — disse ela. — Só um pouquinho.

Ele pareceu divertido, e a convidou para assistir com um aceno de sua mão.

Ela tentou decifrar os passos enquanto o grupo se contorcia e se virava, dançando quase mais rápido do que ela poderia seguir. Colyne levantou-se e ofereceu a mão para ela. Sua palma da mão contra a

dela fez com que sua respiração parasse enquanto ele a conduzia até a borda da dança.

— Você está pronta?

Isabella estava nervosa, mas ela observava os passos, a parte da mulher assim como a do homem, e pensou que conseguiria. Ele estava certo. Não era como qualquer dança que ela tinha feito antes. Os passos eram maiores, mais exuberantes e mais rápidos.

— Creio que sim — disse ela, com dúvidas.

Ele mergulhou-os na dança rodopiante, de pisadas fortes. Ela sabia que cometera erros, mas ele estava lá para movê-la e dirigi-la, e considerando a complexidade, ela pensou que tinha se saído muito bem.

Ele acenou com a cabeça afirmativamente para ela enquanto a dança terminava.

— Não foi tão ruim como você pensou?

— Eles dançam sempre tão rápido?

— Única maneira de evitar cair um sobre o outro — ele brincou. — Pronta para tentar novamente?

— Tão cedo?

As palavras mal tinham saído de sua boca antes que ele a tivesse levado de volta ao círculo.

Ela estava rindo de si mesma antes do final daquela dança, mas ela estava ficando melhor. Depois de quatro horas ela estava sem fôlego e acenou com a mão para mostrar que não iria se juntar a ele novamente. Ele a levou até a mesa e fez sinal para bebida. Ela tomou um longo e ofegante gole do hidromel, seu rosto quente.

— Bem? — Ela perguntou, expectante.

— Você dança bastante parecido com um escocês — disse ele. — Enquanto a maioria está assistindo de seus copos.

— Bem, obrigada — ela respondeu, e sua aproximação de seu sotaque o fez rir.

— Eu acho que você pode se tornar uma bastante decente mulher do clã, em um ano ou dois.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Eu sempre me perguntei o que fez Katherine tão cabeça-dura. Agora eu vejo que ela é toda escocesa. Gostaria de saber como você se sentiria nos caminhos da corte.

Ele levantou uma sobrancelha avermelhada.

— Canções e poesia e jogos e tal?

— Acho que não lhe assenta bem.

— Eu também não acho que vai lhe convir, mas você estava querendo conhecer as nossas maneiras, então eu iria querer conhecer as suas.

Isabella assustou-se, mas o pensamento de passar outro dia inteiro com ele era muito tentador.

— Tudo bem, então — ela disse, começando a sorrir ao pensar nisso. — Eu espero que comecemos cedo.

— Isto é amanhã. Abaixei o copo. Eu não achei que você dançou ontem à noite.

Oito



A Aposta

Ela vestiu-se na manhã seguinte com um de seus melhores vestidos — uma lã verde escura bordada com fios de ouro. Ela acrescentou jóias para completar seu conjunto, mas como Mary era um caso perdido em arrumar seu cabelo à moda inglesa, ela simplesmente deixou-o solto novamente.

Ela comeu no quarto, mas conseguiu engolir apenas algumas mordidas. Uma rápida visita a Katherine e William mostrou-os descansando tranquilos. Ambos se cansando facilmente, mas ficando mais fortes. Isabella sentiu um flash de culpa, sabendo que era a doença de Katherine que lhe dava liberdade de passar o dia com Colyne.

Quando ela encontrou Colyne esperando por ela no grande salão, o remorso se evaporou. Seus olhos cinza-esverdeados brilharam quando ele a viu e ela devolveu seu sorriso.

— Ach, mas você é inglesa de novo — disse ele provocando-a, pegando as mãos dela e segurando-as para olhá-la.

Ela fingiu franzir o cenho. Seus dedos quentes enrolados em torno dos dela deixaram-na sem fôlego.

— Mas você não é. Devo pegar para você um gibão e meias? ⁸

— Sim, se você for colocá-los em mim.

O tom dele trouxe calor para suas bochechas, mas antes que ela pudesse responder, dois criados entraram carregando uma série de coisas de seu quarto para começar seu dia de ‘corte’.

Ele olhou para os homens e para o que eles carregavam.

— O que é tudo isso, então?

— Bem, muitas manhãs a corte vai caçar, mas se o tempo se apresenta muito duro, há diversões que buscamos dentro de casa.

Ele deu a ela um rápido sorriso significativo, e ela concordou com a cabeça para ele, brincando.

— Eu falo de jogos. Podemos jogar Trilha ⁹ — disse ela, afastando as mãos e indicando o tabuleiro. — Ou ‘tables’, ¹⁰ ou xadrez.

Ela pegou um manuscrito maravilhosamente decorado e ofereceu-o a ele.

— Eu posso ler para você Tristão e Isolda, se quiser. Ou eu posso tocar para você. — Ela indicou a harpa.

Seu sorriso se alargou.

— Acho que vou ficar bem adaptado a esta vida na corte, afinal.

— Por favor, então, o que é de seu agrado?

Ele olhou para as escolhas.

— E é isso que você faz todo o dia?

⁸ NT — Doublet (Gibão) dos séculos 14 e 15 eram geralmente do comprimento do quadril, às vezes, mais curtos, usado sobre a camisa e a meia.

⁹ NT — Jogo de tabuleiro

¹⁰ NT -Tables é um jogo similar ao gamão

— O rei mantém palhaços, bobos e mágicos. Há bailes de máscaras e banquetes e caçadas. Há acrobatas e dançarinos, os cavalheiros gostam muito de tênis, e, claro, todo mundo joga dados.

— Leia para mim então — disse ele, entregando-lhe o manuscrito.
— Eu vou ouvir você contar essa história.

Isabella sentou-se junto ao fogo, contando a história de Tristão e Isolda. Ela tinha acabado de chegar ao ponto da história em que Isolda foi sofrer a provação do ferro quente quando Colyne pediu-lhe para parar.

— Não haverá jantar, nem ceia, se você não parar!

Assustada, Isabella levantou os olhos para ver que sua audiência tinha crescido sem limites. O pessoal do castelo, do chefe do estábulo aos homens do conselho, estava agora reunido para ouvir o conto, e ela corou com o número de olhos nela.

Isabella ficou surpresa de como o conto parecia tê-los encantado com sua tragédia. Mesmo o homem do clã de mais feroz aparência fez sons de desapontamento enquanto ela fechava o livro e Colyne os colocava para fora com bom humor.

— Ela lerá para vocês outra hora, e pensem se vocês não perderam alguma vaca e queimaram algum pedaço do pão enquanto vocês estavam sonhando sobre isso!

O povo partiu correndo com a percepção de que o sol estava alto e que a comida seria desejada logo.

— Você não está ajudando na administração da minha casa — provocou Colyne.

— Uma pena, — Isabella retrucou, sorrindo. — Eu fui educada para isso e eu fiz uma exibição muito ruim.

— De que outra forma estaremos ociosos enquanto outros fazem nosso trabalho por nós?

Isabella olhou para os jogos.

— Você vai jogar?

— Sim, mas não vamos jogar os dados.

— Você não aposta?

— Só quem é a moça mais bonita — ele lembrou. — E eu não posso confiar em minha sorte contra a sua. Eu poderia jogar uma hora nos dados apenas para ver você sair com seus bens de dote, todas minhas vacas, e minha túnica também.

— Bem, — ela provocou — talvez em um pouco mais de uma hora. Você vai jogar Trilha, então?

Ele era agradável e ela arrumou o tabuleiro, oferecendo-lhe a escolha das peças brancas ou pretas. Ele escolheu preto e ela começou colocando sua primeira peça na grade.

— Foi uma bela história e você conta bem — comentou Colyne, colocando uma peça no tabuleiro. — Como a história termina então?

— Tristão está ferido e perde a esperança. Isolda chega para descobrir que ele já está morto, então ela se deita em seus braços e morre ao lado dele. Ah — ela exclamou, olhando para o tabuleiro onde suas três peças estavam alinhadas. — Eu tenho um moinho!

— E todo o tempo que eles se amam, ela é a esposa do rei? — Ele perguntou, enquanto ela habilmente tirou uma de suas peças. — Você poderia pensar que a corte não se importaria com tal história.

Ele colocou uma peça e ela outra.

— Acho que a história de uma amante ardente e de uma esposa infiel é convincente, contanto que ela não seja sua própria esposa. E

talvez seja mais sobre ter o que você não deve. Como a carne MacLaulach.

Ou um chefe bonito.

Ele tinha sido reduzido a apenas duas peças.

— Ganhei — disse ela, surpresa.

— Sim. — Ele sorriu ligeiramente. — Mas eu não desisto assim facilmente.

— Vamos jogar de novo, então?

— Vamos a ‘Tables’ — sugeriu ele.

— Então você é melhor em ‘Tables’?

— Eu não posso ser pior. E estou duplamente contente por não termos jogado os dados.

Ele jogou bem contra ela, embora ela soubesse que era uma desafiadora perita e habilidosa. Ele venceu, mas apenas de forma limitada.

— Você colocou minha casa ouvindo-a — ele lamentou quando a refeição preparada às pressas foi colocada diante dele. — Temos sorte de sermos alimentados.

— Sinto muito — respondeu ela, divertida. — Posso fazer algo para corrigir-me?

— Sim, lady. Cante para mim no final da refeição.

Isabella não se considerava uma boa cantora, embora tocar e cantar fizesse parte de sua educação. Ela o tinha feito suficientemente bem quando a Duquesa lhe encomendara tal tarefa, mas, sabendo que Colyne estava observando, seus dedos se sentiam desajeitados no final do jantar quando ela pegou a harpa.

Ela cantou e depois se viu obrigada pelo pessoal do castelo a cantar uma música após a outra até que, rindo, ela implorou para

acalmar sua garganta com um copo de cerveja. Colyne lhe trouxe o copo, tirando-lhe a harpa e deixando-a de lado. Seus dedos se roçaram quando ele lhe entregou a cerveja. Ele lançou um olhar divertido para aqueles no salão.

— Você os fez voltarem a ficar ociosos — disse Colyne. Quando Angus caminhou para seu lado e aclarou sua garganta como um meio para obter sua atenção, Colyne sorriu pesarosamente e acrescentou — Eu temo que eu só brinquei de ser um cortesão. Há coisas que tenho de fazer, e não posso ficar ocioso o dia todo com você criando sonhos, por mais que eu o deseje.

A moral de Isabella desabou.

— Claro. Eu não vou lhe impedir, meu lord.

— Você voltará a cear comigo esta noite?

— Eu gostaria disso... Colyne.

Colyne curvou-se numa reverência similar a de um cortesão.

— Até esta noite então, moça.



Isabella estava de pé, indecisa, meio escondida nas sombras de um pilar perto da entrada do grande salão.

Ela usava um vestido de damasco vermelho escuro enfeitado com dourado, as mangas divididas para revelar a seda dourada de sua blusa por baixo. O damasco era fortemente bordado, profundamente cortado para revelar seu decote e amarrado na cintura alta com um cinto de tecido. Um pingente de jóias que tinha sido de sua mãe pendurado ao redor de seu pescoço e anéis adornando seus dedos nervosamente tamborilando.

Ela havia aplicado cosméticos e um perfume feito de rosa e flor de cítricos, enquanto a pequena Mary a observava com os olhos arregalados. Pelo reflexo no espelho de metal polido ela sabia que seus preparativos haviam produzido um conjunto apropriado para a corte inglesa — salvo por seus cabelos soltos.

Mas agora, pairando enquanto estava fora de vista, Isabella mastigou o interior de sua bochecha, perguntando se as mulheres escocesas usavam tanto vermelho e perfume. Mesmo que as mulheres aqui não os usassem, certamente ele teria visto mulheres na corte francesa...

— Moça?

Isabella assustou-se, girando tão depressa que foi forçada a se segurar no pilar de madeira atrás do qual estava se escondendo.

Colyne estava olhando para ela, sua expressão intrigada.

— Oh — ela respirou, piscando para o seu rosto agora barbeado.

Suas maçãs do rosto estavam salpicadas de sardas e o vermelho-dourado de seus cabelos amarrados atrás enfatizava o quadrado de sua mandíbula.

Ele estava vestido com uma túnica com cinto, um manto brilhante sobre os ombros preso com um pino de prata trabalhado. Seu rosto estava um pouco rosado onde ele tinha se barbeado, seu cabelo bem arrumado. O efeito disso tudo conspirou para fazê-lo parecer alegre e muito mais civilizado.

Sem a barba para distrair, porém, sua boca parecia mais cheia e ela se lembrava muito bem da sensação na dela mesma.

— Meu lord — Isabella respondeu, endireitando-se e apertando suas mãos diante dela. — Boa noite.

Ele olhou para os lados, franzindo o cenho.

— O que faz aqui?

— Aqui? Ora, nada, meu lord.

Ele franziu a testa.

— Você está se escondendo?

— Certamente não!

Seu olhar de descrença falou o quanto não convincentemente ela tinha mentido.

— Que faz aqui, meu lord? Eu teria pensado em você já na ceia.

— Eu estava procurando por você — respondeu Colyne, cruzando os braços sobre o peito. — E eu levei um tempo nisto, escondendo-se aqui como você estava.

— Eu estava, agora mesmo, a caminho da ceia.

— No meio das sombras?

— Meu lord, eu só parei...

— Lady Isabella — ele interrompeu — uma bela moça nas sombras pode ser tentação demais para os pobres rapazes deste lugar.

— Então, afinal, não estou segura com os homens de seu clã?

— Nenhum homem colocaria a mão sobre você dentro destas paredes sem responder por isso.

— Salvo você — ela retrucou, e baixou o olhar enquanto o sorriso malicioso se espalhava por seu rosto.

— Oh, vou responder por isso, com certeza. Mas vai valer bem o preço.

A corneta soou, chamando o povo do castelo para o jantar.

Coline pegou a mão dela para levá-la ao salão, o calor de sua pele sob a palma de sua mão.

Isabella esperava que o grupo estivesse possuído da mesma exuberância turbulenta da noite anterior, mas para sua surpresa

aqueles que se juntaram a eles pareciam moderados e formais. Criados se aproximaram para oferecer água limpa e toalhas de linho para se lavar.

— Eles estão sedados esta noite? — ela murmurou, olhando para os outros convidados enquanto ele se sentava ao lado dela.

Malcolm, geralmente de bom humor e com brincadeiras lascivas, estava sentado em silêncio na mesa alta com dois de seus filhos e sua esposa.

— Estão? — Coline perguntou, enquanto o copeiro serviu vinho para eles compartilharem.

— Na verdade, estão. Lembro-me de estar preparada para estar nesta mesa para resolver uma aposta. Eu não saberia que eu estou dentro da mesma casa.

— Que eu me lembre, você foi aclamada a mais bela da Inglaterra, e da Escócia.

— Espero que você não tenha intenção de me colocar na mesa novamente. Pelo menos não antes que os doces sejam servidos.

Um criado cortou um pedaço grosso de pão, colocando a bandeja entre eles. Outros criados começaram a servir o primeiro prato, colocando a comida diretamente sobre o pão para que eles compartilhassem.

Colyne tomou cuidado de limpar a boca com o guardanapo antes de tomar um gole da taça que deveriam compartilhar. Ele a ofereceu a ela como um homem bem-educado.

Rapidamente ela tentou ajustar a expressão dela, mas ele a pegou.

Ele riu.

— Você está surpresa que eu conheça maneiras corteses?

Embaraçada, enxugou a própria boca e tomou um rápido gole do vinho.

— Claro que não.

— Você ainda me acha um bandido? Um homem selvagem do Norte?

Pensando no beijo que ele roubou, Isabella abaixou a cabeça.

— Não tenho pensado sobre você.

Seus lábios se curvaram e ele ofereceu a ela um pedaço selecionado de carne.

— Você tem disposição para esta noite?

Isabella assentiu, recordando sua falta de apetite quando chegaram, e a causa disso.

— Eu confesso que o atendimento de sua irmã é nada menos que milagroso. Estou profundamente grata a ela.

— Ah, então o passeio até o poço valeu a pena.

Isabella se lembrou do poço, sua boca sobre a dela, suas mãos correndo pelo comprimento de suas costas...

Seria diferente agora, sem a barba, fazer com que ele me beijasse?

Ela limpou a garganta.

— Eu não duvido que se não fosse por Caitrina, Kat e William também teriam morrido.

— Ela me disse que o inglês ainda está muito fraco.

— Sim, porém mais forte a cada dia. E livre para descansar pacificamente agora que eu não estou conversando interminavelmente no solar.

— Preciso encontrar maneiras de mantê-la entretida para que você não fique tentada a esconder-se de novo.

Ele acenou com a cabeça para o final do salão e ela sorriu, vendo que os músicos estavam se reunindo para tocar.

Os criados trouxeram a próxima rodada, feita de muitos pratos, elegantemente apresentados, finamente temperados e preparados. Os criados pareciam muito cuidadosos no trabalho e Isabella notou que todos os vestidos e túnicas estavam limpos e as toalhas brancas como a neve. Até mesmo os cães de caça do laird pareciam estar em suas melhores maneiras, descansando docilmente com suas cabeças em suas patas. Um jovem cantou com uma voz alta e doce: uma canção francesa que contava sobre o inverno derretendo na glória da primavera. As palavras eram floridas, e a música clara e refinada.

Colyne ofereceu-lhe alguns frutos conservados em mel e cozidos com amêndoas.

— Você gosta da música? — Ele perguntou.

— Não é o que eu esperava.

Ele olhou para o cantor.

— Isso a ofende?

— Eu não vejo como poderia — Isabella disse secamente. — É suficientemente suave para uma freira.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Eu aposto que eles sabem músicas que vão fazer você corar, se preferir.

— Eu duvido, mas eu imploro, faça algo rapidamente — ela sussurrou maliciosamente. — O pobre Malcolm parece um menino amuado sofrendo um castigo.

Ele seguiu o olhar dela da mesa para o seu tio e deu uma risada tranquila. O tio de Colyne estava bem vestido, o cabelo penteado, cuidadoso ao beber, e parecia nada menos que miserável.

Colin levantou a mão e os músicos se interromperam.

— Uma moeda de ouro para a canção que fizer a lady corar! — Ele gritou.

Os músicos pareciam incertos. Coline olhou para Malcolm.

— Ah, agora, tio, beba uma taça e cante-nos uma canção suficientemente libertina para corar a bochecha da lady. Se puder!

O rosto do escocês iluminou-se com a aposta.

— E quem julgará? — Malcolm perguntou, já se levantando com o copo na mão.

Malcolm não era o único que parecia reanimado pelo desafio do laird. Os rostos dos membros do clã se iluminaram enquanto se moviam na expectativa. Malcolm cantou sobre um homem traído por sua jovem esposa bonita com metade dos habitantes da cidade, e um abade. Era inteligente, e Isabella riu com o resto do grupo.

— Ela corou! — Insistiu Malcolm. — Eu vi com meus próprios olhos! Todos viram!

O grupo enviou lamentos e grunhidos, abafando os protestos de Malcolm.

Rindo, Colyne acenou a seu tio para voltar para seu assento e convidou outros no grupo a ocuparem seu turno.

Seguiu-se um recital verdadeiramente escandaloso de músicas; algumas maliciosas, algumas meramente sugestivas, e algumas cômicas o suficiente para colocar o cômodo em ruidosas gargalhadas.

Colyne cantou, também. No final de sua música, Isabella suspirou como se estivesse entediada e imperiosamente acenou para que saísse, para o deleite dos outros convidados. Seus ombros caíram em desespero fingido enquanto ele se arrastava para fora, arrancando uma risada do grupo. Ele foi seguido, por sua vez, por uma viúva mais

velha e até por Jamie, corando sob o cenho fechado de desaprovação de sua mãe.

O rapaz que tinha cantado tão docemente sobre a primavera os regalou com uma melodia consideravelmente mais picante, mas dificilmente suficiente para surpreender.

— *Ora então! Por que sentamos meditando,
Os doces prazeres da juventude recusando? Fala.*

Alguns do grupo estavam dançando agora, girando no espaço diante da mesa alta enquanto o vinho e a cerveja enchiam e enchiam as taças. Malcolm conduzia sua esposa, girando-a com óbvio orgulho.

O copeiro encheu o cálice e Isabella tomou um gole da nova oferta. Estava excelente, curiosamente.

Ela estreitou os olhos para Colyne.

— Mais do vinho francês pensado para o meu novo marido?

— O dote é meu, mas não a noiva. Você me negaria todo prazer, Isabella?

Ela baixou o olhar.

— Como eu negaria a você? Você tomou o que queria.

— Não — ele murmurou. — Eu não tomei.

Posicionado ao lado dela na mesa, sua mão estava perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor de sua pele enquanto o garoto continuava sua canção.

— *Digam, ninfas delicadas, e falem,
Vamos dançar o barley-break? Fala.* ¹¹

Levemente Colyne passou o polegar pelas costas de sua mão. Não encontrando nenhuma resistência, envolveu seus dedos em torno dos dela, suas palmas pressionadas juntas.

¹¹ NT — barley-break – antigo jogo rural inglês, com conotação sexual

— Vamos dançar *barley-break*? — Perguntou ele.

Um sorriso tocou sua boca, enquanto ele estava claramente ciente de que ela deveria saber que o termo para dançar também significava outro, mais íntimo, acasalar. Ao calor de seu toque, do timbre quente de sua voz, o coração de Isabella martelou.

— Uma moeda de ouro, meu laird!

Assustada, Isabella olhou em volta para encontrar o cantor apontando para ela.

— Olhe! Eu fiz a lady corar! — O garoto gritou.

Ela sentiu o calor se espalhar sobre seu rosto e até seu peito quando ela viu que o grupo todo estava olhando para ela. Instantaneamente levantaram um aplauso. Mortificada para que não fosse pega de mãos dadas com o laird, ela afastou sua mão antes que qualquer um percebesse. Colyne aplaudiu e jogou ao menino sua moeda.

Os músicos entraram em outra melodia — uma alegre canção de vitória — e o grupo, ainda rindo, correu para encontrar outra coisa para apostar.

Isabella esticou seu corpo para fugir, mas como se estivesse lendo seus pensamentos Colyne puxou sua manga.

— Fique, lady.

Ela deveria sair; ela sabia disso. Ela estava noiva, e ele mantinha uma amante, provavelmente mais do que uma. Por tudo o que sabia, metade das mulheres no castelo deitava com ele.

— Eu sou um tolo — ele disse solenemente, baixando sua voz para que apenas ela pudesse ouvir. — Um bastardo canalha. Na verdade, você estaria bem servida em me ver jogado aos porcos. Eu deveria

morrer de vergonha. Molestando uma empregada pobre do campo, como você.

Ela se virou para oferecer réplica, mas era difícil resistir a seus olhos provocantes.

— Você tem o encanto do próprio diabo, MacKimzie — ela aquiesceu. — Deveria sair da sala e não ter mais nada a ver com você.

Seus olhos estavam assombrados agora.

— E eu deveria enviar você de volta ao rei e a Douglas esta noite mesmo, e que se dane o resgate. Vai ser minha morte, moça, até mesmo meus ossos me dizem, assim como eu sei que não posso deixar você ir.

Isabella engoliu em seco.

— Talvez seja melhor eu me despedir, meu lord.

Um sorriso pesaroso curvou sua boca.

— Isso não fará diferença. Eu apenas seguirei você.

Isabella forçou seu olhar para longe para observar os dançarinos. Fortemente consciente de sua presença ao lado dela, achou que não tinha vontade de sair.

— Você vai dançar, lady? — Ele perguntou, seu tom suave novamente. Ele pegou sua mão e depositou um beijo na palma.

Sua boca, quente e úmida contra sua pele, a fez inalar bruscamente. De repente, todo o seu ser estava focado nele, em seus cabelos no brilho do fogo, as manchas douradas em seus olhos cinza-esverdeados.

— Vai?

Isabella olhou para aqueles que giravam pelo chão de madeira. Muitos estavam pior agora por beber e, para falar a verdade, ela estava

tão desfeita pelo seu toque que temia que parecesse uma idiota desajeitada.

— Melhor não — Isabella conseguiu falar. — Muitos, penso eu, estão bêbados. Temo que eles logo se choquem uns nos outros.

— Venha então — ele disse, sua voz baixa e urgente. — Caminhe um pouco comigo lá fora, onde é mais frio.

— Eu não acho que uma caminhada sozinha com você no escuro é algo que uma lady seria sensata em fazer. — Era para ser leve e provocadora, mas sua respiração acelerada não o fazia assim.

Ele envolveu ambas as mãos ao redor da dela.

— Certamente você não pensa que eu ultrapassaria onde eu não fosse desejado.

Ele não era de modo algum indesejado e ela apostaria uma dúzia de moedas de ouro que ele sabia.

Mas quando ele puxou sua mão, ela não resistiu a ele.

Ela baixou a cabeça, com medo de que alguém a chamasse e perguntasse o que ia fazer. Ele a levou do salão rapidamente, mas aqueles que estavam dentro estavam tão ocupados que duvidava que algum deles notasse sua partida. A música, a dança e a bebida provavelmente iriam bem noite adentro.

Podiam ser horas, ou amanhã, antes que alguém se perguntasse o que aconteceu conosco.

Eles atravessaram a arcada, a luz e o ruído se espalhando através da porta atrás deles. Estava quieto aqui e vazio entre os pilares de madeira. Sua mão era quente e insistente, enquanto ele a atraía mais para a escuridão.

Sua boca estava na dela no instante em que atingiram as sombras.

Era diferente sem a barba. Sua pele era suave contra a dela enquanto sua boca explorava. Sua respiração atraiu bruscamente as novas sensações e, como se estivesse temendo que a tivesse assustado, seu toque era suave. Ela cedeu e devolveu seu beijo, moldando seu corpo ao dele, com os braços em volta do pescoço para aproximá-lo mais.

Ele se separou um pouco e deu uma risada sem fôlego.

— Parece-me que não está mais frio aqui fora, afinal.

De repente, sua boca estava sobre a dela novamente; muito faminto para ser gentil agora. O frio do pilar atrás dela se arrastou através de suas costas enquanto ele a pressionava contra ele.

As vozes de dois homens em profunda conversa chegaram até eles, e Colyne se separou. Em um instante ele a puxou mais para trás nas sombras. Ele a manteve encaixada contra o peito quando dois homens do clã passaram por eles. O medo da descoberta colocou o coração de Isabella martelando. Colyne inclinou-se para sussurrar para ela, sua respiração quente contra a pele de sua orelha, enviando um estremecimento através dela.

— Eu acho que precisamos encontrar um lugar mais privado.

Ele a arrastou junto com ele e não demorou para estarem sozinhos no salão exterior, frio e escuro. Isabella manteve-se perto dele, buscando calor e tropeçando na bainha de seu vestido.

Ele parou quando ela se chocou contra ele e a olhou por um momento. Ele deu-lhe um meio sorriso, então mudou de direção e levou-a para a escada.

Seu coração acelerou quando ela percebeu para onde ele a estava levando.

Nove



Um Beijo Antes da Separação

Seu coração estava martelando agora, temendo ser descoberta a cada momento, mas eles não encontraram ninguém e logo chegaram à privacidade dos aposentos dela.

Uma lareira tinha sido acesa e, felizmente, Mary não era vista em lugar nenhum. De pé no centro do aposento, Isabella sentiu seu sangue cantando em suas veias e ela estava tremendo, ansiosa para ele fechar a porta e trancá-la.

Ele parou na porta aberta.

— Sua cabeça está mais clara agora?

Ela piscou.

— Você acha que estou bêbada?

— Você mal pode andar.

— Nada disso! — Ela gritou. — Eu tropecei, foi tudo!

— Eu não vou tomar liberdades com uma moça cuja cabeça está nublada com vinho.

Ela segurou a saia de seu vestido.

— Eu enrosquei meu pé no meu vestido!

Ele indicou o quarto com um aceno de cabeça.

— Você me deixou conduzi-la à sua cama com facilidade.

— Não porque eu tivesse muito vinho.

— Então você está achando que meus beijos não são ruins?

— Bem, claro que não são... — Ela caiu em si. — Você está me provocando!

Ele sorriu malicioso.

— Um pouco.

Ela estava pronta para gritar uma tirada que deixaria Kat orgulhosa, mas ele já estava fechando a porta e colocando o trinco.

Seu coração acelerou enquanto ele caminhava, muito devagar, em direção a ela.

Ele não está provocando agora.

Ele parou perto o suficiente para ela sentir o calor de seu corpo.

— Você não me achou realmente bêbada? — Ela sondou.

— Você não pode me culpar por querer ter certeza — ele murmurou, deslizando suas mãos em volta de sua cintura para aproximá-la mais. Sua boca escovou a dela suavemente, e então escovou novamente. Ele recuou para olhar para ela. Ela doía de desejo.

Ela inclinou a cabeça e aproximou a boca da dele.

Ela ouviu sua respiração suspender e, encorajada, aprofundou o beijo.

Em um movimento rápido, Colyne agarrou seus antebraços, interrompendo o beijo para inclinar a testa contra a dela.

Ele deu uma risada sem fôlego.

— Você traz para minha cabeça mais do que vinho.

Isabella franziu a testa. Ela não queria o sedutor que a afastava dele; ela queria o homem que estava ansioso demais para ser gentil quando estavam debaixo das escadas.

Ela o beijou de novo. Por um instante, seu aperto aumentou em seus braços como se ele fosse empurrá-la para longe, então seu toque suavizou. Ele segurou seu rosto enquanto ela o beijava. Seus dedos percorreram sua garganta e deslizaram sobre seu vestido. Ela deu um pequeno suspiro quando ele traçou a curva de seu peito. Ela podia senti-lo pronto contra ela.

Ele recuou, tomando uma trêmula inspiração.

— Peça-me para sair, querida, eu não tenho forças para fazê-lo.

Ao som áspero de sua voz, seu coração saltou. Com a ponta dos dedos, ela rastreou a linha da garganta até a cavidade, tão baixo quanto a frente aberta de sua túnica permitiria.

— E se eu pedir que você fique? — Ela sussurrou.

Ela podia vê-lo engolir.

— Você não sabe o que está pedindo, querida. Eu não sou um cortesão brincando por alguns beijos e que não quer mais de você.

A mão dela deslizou sob o tecido de sua túnica, seus dedos agarrando a pele quente lá.

— Fique.

Ele fechou os olhos por um momento, e ela pôde sentir seu coração martelando sob seu toque.

— Por favor — ela murmurou. — Colyne.

— Eu não posso fazer isso — ele respondeu com voz rouca, mesmo enquanto ele trouxe a boca até a dela.

Sua mão aninhou a linha de sua mandíbula, correndo sobre a pele, lá e ainda mais em baixo. Ela deu um gemido suave quando ele

segurou seu peito. O som pareceu desencadear sua fome, seus dedos já nos grampos de seu vestido. Habilmente ele desfez os nós e momentos depois deslizou o vestido de seus ombros até ele cair em um amontoado de damasco a seus pés.

Sua testa estava contra a dela enquanto ele seguia as linhas de seu corpo. Suas mãos estavam desajeitadas pelo desejo enquanto ele desfez cada laço de sua blusa dourada por etapas. Gentilmente ele empurrou o tecido fino de seus ombros. Ela estremeceu quando a blusa de seda caiu.

Isabella engoliu. Ela nunca tinha estado nua diante de um homem antes. Ela lutou contra a urgência de se cobrir.

Sua expressão era absorta, seus olhos maiores com desejo enquanto seu olhar a percorria.

— Tão adorável — ele murmurou, seus dedos traçando a linha de sua clavícula, o contorno de seu peito, a curva do quadril. — Minha querida.

Ele a agarrou pela cintura e em um movimento fluido, levantou-a para a cama. Os lençóis de linho pareciam frios contra o calor de suas costas. Suas mãos pegaram sua coxa e deslizaram pelo comprimento de sua perna, parando para soltar as meias que ela usava.

Ele desenhrou com a língua uma linha entre os seios. Ela inspirou com a sensação, o calor úmido da língua, a frieza a seguir onde a boca tinha estado. Suas coxas tremiam em reação agora.

Ele afastou o manto e, em um momento tinha puxado a túnica por sobre a cabeça para ficar nu diante dela. Em um movimento rápido, ele estava posicionado, ajoelhando-se sobre ela na cama. Ela já tinha visto homens nus antes, mas não tão de perto e nunca excitados assim.

Se qualquer homem pudesse ser chamado de bonito era Colyne MacKimzie.

Seus olhos se arregalaram quando ela olhou para ele e ele ficou parado lá, e ela sabia que ele confundia seu fascínio com o medo.

Sua pele era quase tão lisa quanto a dela; cabelos dourados-avermelhados cobriam seu peito, os fios pareciam iluminados, sobre a palidez de sua pele, pelo brilho do fogo. Seus olhos seguiram o nivelamento de seu abdômen, seus quadris estreitos e acima dos pelos púbicos, seu pênis no comprimento total.

Ela tocou seu peito e ele congelou. Ela explorou com admiração a suavidade do cabelo, o calor febril de sua pele. Sua mão foi mais baixa, escovando as linhas de seu estômago e sentindo os músculos tremendo debaixo dos dedos.

Ela hesitou por um momento, e depois o tocou timidamente.

Ele fez um som estrangulado. Seus olhos se fecharam e seus lábios se separaram.

Encorajada, envolveu seus dedos ao redor dele, maravilhando-se com a sensação sedosa de sua pele, ouvindo sua respiração acelerar quando ela o tocou.

Ela experimentou seu corpo, deslizando seus dedos para cima e para baixo em seu eixo, e sentiu a carne crescer enquanto ela acariciava.

Um gemido escapou de sua garganta enquanto sua mão o acariciava, e ela sentiu uma gota de umidade debaixo dos dedos.

— Pare, pare — ele ofegou.

Confusa, ela o soltou.

Ele baixou a cabeça, com a respiração irregular, o cabelo quase incandescente na luz do fogo.

— Eu não fiz certo? — Perguntou ela. — Eu não o agradei?

— Sim, você agradou. Demais. — Ele respondeu com uma risada vacilante.

Seu corpo cobriu o dela enquanto ele se curvava para beijá-la. Ela conheceu o delicioso choque da pele contra a pele quando sua boca encontrou a dela.

Isabella não conseguia pensar com ele tão perto; tudo o que importava agora era seu corpo contra o dela, seu calor e seu cheiro. Sua língua tocou seus lábios enquanto sua mão deslizava sobre seus seios, suavemente delineando. Enquanto a pressionava gentilmente na cama, ela pode sentir sua dureza contra ela e isso a fez tremer de novo.

Sua boca logo substituiu seus dedos e ela ofegou com a nova sensação enquanto sua língua provocava suavemente o bico. Sua mão deslizou sobre a pele de suas costelas e através de sua barriga para descansar na curva interna de sua coxa ao lado do cabelo escuro que ondulava lá.

O calor de seu corpo e as sensações que sua língua provocava fizeram com que ela se arqueasse contra ele. Sua mão cobriu seu centro e o aperto de resposta dentro dela fez com que ela mordesse seu lábio. Seus dedos a tocaram ligeiramente, enviando choques de prazer através dela. Sua cabeça caiu de volta à medida que a pressão de seus dedos mudou, e sua carícia se tornou rítmica.

Ele deslizou os dedos dentro dela. Ela ficou tensa com o súbito estiramento, o desconforto inesperado, e ele parou rápido, esperando até que ela se relaxasse contra ele.

Seus dedos recuperaram seu ritmo, lentamente no início, incitando o calor para construir até que ela estava se movendo contra ele, ansiosa por mais.

Ele deslocou seu peso para que estivesse pairando acima dela. Ele tocou sua boca na dela novamente, levemente, e ela gemeu quando ele se deslizou para dentro dela.

Não doeu, embora tudo o que ela tinha ouvido a fizesse esperar por isso. Ainda assim, a sensação de senti-lo completamente dentro dela era surpreendente.

Ele ouviu sua inspiração aguda e congelou, tremendo.

— Você quer que eu pare? — Ele perguntou, sua voz rouca. — Apenas diga-me agora, querida, enquanto eu ainda posso.

— Não — ela sussurrou. Sua dureza dentro dela causava-lhe dor com desejo de mais e as mãos dela foram para seus quadris para evitar que ele se afastasse. — Não, não pare.

Observando-a, ele lentamente se retirou quase fora, depois deslizou para dentro de novo.

Descansando em seus quadris, as mãos de Isabella seguiram seu ritmo, sua boca se entreabrindo com prazer enquanto ele se movia.

Ela estava tensa embaixo dele, equilibrada no limite, e outro golpe a fez gritar. Ela não podia fazer mais do que agarrar-se a ele enquanto ondas de prazer a atingiam.

Os olhos dela se abriram. O olhar de Colyne estava alargado, transfixado. Ela sabia que ele tinha visto sua libertação e aquilo o tinha excitado além da medida.

Seus olhos se fecharam fortemente e seus movimentos foram rápidos e profundos. Em um punhado de batidas seu foco interno e

absorto de repente cedeu. Ele ficou tenso, os lábios separados e ela sentiu que ele se esgotava dentro dela.

Colyne despencou contra ela, ofegante, ainda tremendo com sua libertação, o rosto enterrado contra seu pescoço. Ela o embalou contra ela, enrolando os dedos nos fios de seu brilhante cabelo.



Enquanto Isabella estava envolta em seus braços, o calor penetrou até em seus próprios ossos. Seu corpo parecia pesado e cansado e ela suspirou, aconchegando-se mais perto. Ele beijou sua testa.

— Eu machuquei você?

— Um pouco — admitiu ela. — Quando você me tocou dentro.

— Eu não quis machucá-la — ele murmurou, sua voz perturbada.

— Mas doeu quando eu a tomei?

— Não.

— Ao menos isso.

— Estou feliz — ela sussurrou, sua palma contra seu peito, — que você foi o primeiro.

— Estou feliz por você ter tido prazer nisso. Eu estava tão louco que eu pensei que eu falharia nisso. — Ele a beijou novamente, seus dedos tocaram o contorno de sua mandíbula suavemente, então suspirou. — Eu não posso ficar, querida. A metade das Terras Altas saberá sobre mim na sua cama, ao amanhecer, se eu não sair agora.

As palavras doeram mais do que esperava, e expulsaram-na de seu casulo confortável e seguro.

O que ela esperava? Que ele se declararia para ela? Que ele se levantaria contra o rei, Douglas e Kat e todo o seu clã por causa dela?

Ela piscou rapidamente para esconder suas lágrimas.

— Ah, querida, não chore. É difícil para mim aceitar deixar você como está.

— Você pode aceitar o suficiente para fazê-lo — disse ela, odiando a irritação em sua voz.

— Eu não desejo isso. — Ele segurou seu queixo e deu-lhe um pequeno sorriso e então deixou cair um beijo rápido em sua testa. — Mas eu vou arrumar tudo direito para amanhã. Eu prometo.

Ele ficou de pé e ela não pôde evitar reter o fôlego com a visão de seu corpo na luz do fogo. Os músculos planos e a força elegante de seu corpo desapareceram sob sua túnica e em um instante ele estava amarrando suas botas.

— Rápido, querida, não há tempo agora. A qualquer momento, sua criada estará na porta.

Ele jogou a blusa de seda para ela e se inclinou para encontrar o alfinete para prender seu manto em torno de seus ombros. O rosto de Isabella mal tinha chegado ao colarinho da blusa quando Colyne envolveu sua capa ao redor dela.

Ela queria argumentar, pedir-lhe que ficasse, mas ele já estava destrancando a porta. Ela o seguiu, o chão de madeira frio sob seus pés descalços. Ele abriu a porta para ir, mas então, com pressa, virou-se e agarrou-a em seus braços novamente, pressionando sua testa contra a dela.

— Faça sua criada vesti-la bem aquecida amanhã de manhã, — ele sussurrou. — Eu virei por você como primeira coisa e iremos para um lugar sem ninguém além de nós mesmos. Até então, ansiarei por você, querida.

Sua boca encontrou a dela novamente. Ela se agarrou a ele, esperando persuadi-lo a voltar para a cama, apesar do perigo da descoberta. Seus lábios tocaram sua fronte e ela suspirou enquanto ele a embalava. Ela inclinou a bochecha contra seu ombro enquanto os olhos se abriam de maneira sonhadora.

Isabella franziu a testa. Na luz fraca do salão, ela podia distinguir a curva de uma bochecha, o leve brilho do cabelo dourado, a suavidade arredondada da mulher.

Alisoun!

A amante de Colyne os observava atentamente das sombras, mas não era raiva ou ciúme no rosto da mulher — era presunção, como se esperasse encontrar Colyne lá.

Isabella sentiu frio.

De que ele brinca?

Colyne recuou para olhar para ela, e nesse instante Alisoun desapareceu, recuando em passos silenciosos.

— Isabella? Qual é o problema, querida?

Sangue de Deus, tudo isso tinha sido calculado? Nenhuma palavra doce ou carícia amorosa tinha sido honesta?

— Solte-me — ela sussurrou.

— Você está com raiva? — Sua testa franziu. — Você deve saber que vou apenas para proteger você.

Ela recuou.

— Saia.

Ele a alcançou, seu cenho franzido se aprofundou quando ela deu mais um passo para trás.

— Eu machuquei você antes. É isso? Creia, amor, desculpe-me por isto.

Ela balançou a cabeça.

— Você achou que eu seria sua prostituta?

Ele piscou.

— Minha...?

— Prostituta — ela disse, sua voz aumentando. — Por que você ficou comigo? É porque você odeia tanto o rei?

Ele balançou a cabeça um pouco.

— O rei?

— Uma ótima brincadeira, para ter a mim e ao resgate também!

— É o que você pensa? Que eu fiquei com você, para me vingar contra o rei?

— Douglas, então. Eu sei que o odeia quase tanto.

A bochecha de Colyne se contraiu.

— Você está errada. Odeio mais a Douglas.

A respiração saiu de seus pulmões. Mandá-la de volta a Douglas para se casar, sabendo que ele foi seu primeiro... uma boa vingança na verdade!

Um pensamento terrível ocorreu-lhe e ela desejou que não o tivesse. *Ele pensou em Alisoun enquanto ele estava comigo esta noite?*

Sabendo que ela estava a um batimento cardíaco de desabar, Isabella gritou:

— *Saia!*

Com uma explosão de movimento, ela o empurrou para trás; ele ficou tão surpreso que quase caiu.

— Isabella!

Uma voz tímida surgiu da escuridão.

— Milady?

Mary! Há quanto tempo ela estava lá?

Isabella estava tremendo agora. *Eu estarei arruinada por isso! Conhecida como prostituta de um chefe? Eu terei sorte de encontrar um proprietário para me levar como esposa!*

Mary olhava de um para outro. Seus olhos escuros e lúgubres estavam arregalados e suas mãos torcidas nas saias.

Ela é tímida como um coelho, talvez se...

— Mary! — Isabella estalou sua voz como um chicote. — *Onde você esteve?*

Mary estremeceu:

— Eu... desculpe, minha lady, eu estava...

— Não onde você deveria estar, como de costume! — Isabella retrucou. — Eu não deveria ter que enviar o seu lord para perguntar do seu paradeiro!

Mary olhou para Colyne, seu queixo tremendo.

— Desculpe, meu...

— Chega! Seu lord deseja voltar ao salão e sua língua tola testa minha paciência. — Isabella se virou. — Estou congelada, feche a porta, Mary!

Atrás dela, ela ouviu a porta fechar. Ele entraria? Nomeá-la prostituta na frente da criada?

Ele não o fez.

Mary se apressou, retirando o vestido de Isabella, aumentando o fogo, ajoelhando-se para colocar chinelos nos pés de Isabella.

Quando ela viu Alisoun pela última vez? Ela estava ausente do castelo ou, pelo menos, fora da vista de Isabella há muitos dias. Desde o passeio pela aldeia, Isabella percebeu, a caminho do poço. Isabella tinha se atirado em Colyne naquele dia também e ele a afastou, prometendo não voltar a tocá-la.

Mas desde então ele estava tão atento, tão encantador...

Todo o meu tempo aprendendo os modos habilidosos e astutos de um cortesão para que ninguém possa ter o melhor de mim, e para que! O passeio por suas terras ontem, a dança, seus elogios. E então, esta noite, a comida fina, a música, Colyne a persuadi-la no salão...

Esse homem me enganou. Ossos de Deus, mas eu sou uma tola!

Ladys na corte, mulheres nascidas com mais poder e melhor senso do que ela, perderam reputação e honra por uma queda com um amante bonito.

Se uma palavra disso alcançar sua família ou a corte da rainha Joan...

Isabella permitiu que Mary a instalasse na cama e escorregou para debaixo das colchas. Ela soltou um suspiro lentamente, desejando se acalmar. Seu sêmen ainda estava pegajoso entre suas coxas.

Mas com que propósito Colyne faria isso? Para evitar meu casamento com Douglas? Para envergonhar a rainha? Ele odeia o rei — ele esperava que eu o amasse o suficiente para espionar?

Quando Mary puxou as cortinas ao redor da cama, Isabella chamou:

— Você não deve sair deste quarto, Mary! — *Ele provavelmente não retornará esta noite, se tiver que passar por cima de você.*

— Sim, minha lady — veio a resposta trêmula de Mary.

Isabella virou-se de lado e enrugou o nariz com desgosto. Seu cheiro permanecia na roupa de cama. Ela tomaria um banho de manhã, decidiu e lavaria esses lençóis.

Não haveria evidência, nem lembrança, do que aconteceu. A menos que...

Não.

E se ele a tivesse deixado com uma criança?

Isabella cobriu a boca para não gritar.

Não, não, não. Foi só uma vez. Decerto isso leva mais do que isso? Os homens às vezes levavam anos para ter uma esposa com filhos. Isabella sabia que havia encantamentos, cordas amarradas escondidas na roupa de cama para evitar fazer uma criança, mas ela não tinha feito nada disso.

Haveria alguma coisa a fazer agora? Ela conhecia uma dama que jurou ser difícil urinar após o ato. Não, algo mais... algo que a Duquesa sussurrou para impedir de fazer uma criança...

— Mary! — Isabella gritou, já afastando as cortinas. — Eu quero um banho!

Mary olhou para ela com os olhos redondos.

— Um banho, minha lady? — A moça olhou em direção à janela para a escuridão lá fora. — Mas vai levar tempo para aquecer a água.

— Desperte a equipe da cozinha se for necessário! Alguns homens me tragam uma banheira imediatamente! Eu quero a água com calor o suficiente para escaldar!

— Minha lady, a maioria já foi para suas camas. — As mãos de Mary se torciam nas saias. — Além disso, você vai ter sua morte ficando molhada a essa hora.

— E você vai querer sua morte se você não fizer o que lhe disse!

O povo do castelo acharia estranho exigir um banho a essa hora. Eles suspeitariam que algo acontecera? Ela deveria esperar?

Dada a escolha entre um bebê de cabelo flamejante e o povo aqui pensando que ela era peculiar, ela ficaria com a última.

— Vá! — Isabella empurrou a garota para a porta.

Mary correu para fazer seu mandado e Isabella começou a andar novamente.

Dez



Revelação

Enquanto Mary corria para arrumar o banho, Isabella descobriu os pequenos pontos de sangue em suas coxas, mas felizmente nenhum nos lençóis ou na camisola. Ela distraiu a garota enquanto entrou na banheira. Com medo renovado da descoberta, Isabella lavou-se rapidamente. A água estava morna na melhor das hipóteses e ela estava tremendo e miserável quando ela deixou Mary secá-la.

Mary aumentou o fogo para chamas, mas foi muito após a meia-noite e provavelmente perto da alvorada que o cabelo de Isabella secou pelo calor do fogo o suficiente para ela ir para a cama. Ela caiu no sono apenas para sonhar com a visão novamente.

O fogo ardendo. Ela o conhecia! Traidor! Você mataria seu rei? Ele baixou a faca e a dor explodiu no peito dela...

Isabella acordou assustada. Suas mãos levantadas protetoramente contra o golpe, ela estava respirando com força enquanto os últimos ecos da visão desapareciam.

Ela gemeu enquanto sentou. Ela quase preferia o pesadelo ao horror muito real que enfrentava acordada.

Como ela poderia erguer a cabeça diante dele, ou de qualquer uma das pessoas do castelo?

Lembrou-se pensando em quão diferente estava o grupo quando sentaram-se no grande salão, a princípio tão subjugado e brincando de refinamento. Colyne treinou-os sobre como se comportar? Eles estavam a par do que ele pretendia fazer?

Como poderia suportar ver olhos que sabiam a cada momento? Ela acordou Mary, que parecia tão exausta quanto ela. Ela colocou a garota para acender a lareira e levantou-se bocejando enquanto Mary ajudava-a a vestir-se.

Só a visão de Kat sentada poderia ter trazido alegria, embora leve, para Isabella.

Kat parecia de melhor aspecto, um copo fumegante em sua mão, cor em suas bochechas e uma faísca em seus olhos novamente. Ela estava mais esbelta, mais pálida, porém com uma verdadeira semelhança a seu velho eu.

William também estava acordado e sentado. Caitrina ocupada com suas ervas, e seu humor também estava bom.

— Veja agora — William indicou com a cabeça para Isabella, — aí está sua lady! Você pode parar com sua mão se retorcendo e preocupada, Senhora Katherine!

Katherine acenou com a mão para ele como se estivesse espantando um inseto.

— Não lhe faça caso, lindinha. Eu duvido que alguém faça.

William pigarreou.

— Eu sou uma estrela em ascensão na corte do Rei James, vou fazer você saber.

Kat levantou uma sobrancelha.

— Enquanto algo de você ainda pode subir.

William gaguejou com a implicação e Kat lançou um sorriso coquete na direção dele, que até Isabella podia ver que ele não percebeu.

Se não estivesse tão desgostosa, Isabella teria rido.

O sorriso de Kat desapareceu quando encontrou os olhos de Isabella.

— O que foi, lindinha, qual é o problema?

Isabella estava profundamente consciente da presença de William e Caitrina e de seus olhares, agora curiosos, sobre ela.

— Na verdade, não é nada. Apenas uma dor de cabeça. Dormi mal novamente.

Em um instante, Caitrina estava ao seu lado, sentindo a febre em sua cabeça, verificando sua garganta.

— Seu estômago está sensível também?

— Não — Isabella disse, brevemente.

Ela também fazia parte do plano de seu irmão? Essas pessoas tinham grande ódio pelo rei, afinal.

Estranho quanto esse pensamento lhe doía. Isabella ficara maravilhada com o conhecimento de Caitrina e a respeitava muito. Isabella também tinha gostado da escocesa e a considerava uma amiga.

Não mais. Não tenho amigos aqui e não confiarei em ninguém, salvo Kat.

— Você não tem febre — murmurou Caitrina, franzindo a testa. — Posso preparar alguma coisa para a dor de cabeça.

— Não se incomode. Estou certa de que a dor de cabeça vai passar logo depois que eu quebrar meu jejum.

— Não é incômodo! E Malcolm irá dizer-lhe que posso curar uma dor de cabeça ou uma ressaca como ninguém mais.

A escocesa já estava a caminho de suas ervas, e se preparava para dedicar-se à tarefa de cura da dor de cabeça.

Não ousava confiar nela agora, mas se houvesse maneiras de impedir ter uma criança, ela iria apostar que Caitrina as conhecia.

Para saber tanto quanto Caitrina, e para ser tão útil, quão gratificante uma vida devia ser. Seu humor ensombreceu ainda mais. *Talvez é por isso que seu irmão não procriou bastardos.*

— Venha se sentar perto de mim, lindinha — insistiu Katherine, estendendo sua mão para Isabella. — Diga-me tudo o que aconteceu enquanto eu melhorava.

Isabella sentiu-se vacilar e esperava que William, do outro lado da sala, e Caitrina, ocupada, não notassem sua expressão ao sentar-se ao lado da cama de Kat.

Ela rapidamente assumiu a máscara de alegria e pensamentos sem problemas que ela conhecia tão bem.

— Oh, você perdeu pouco, Kat. Estive em torno do castelo tantas vezes que eu acredito que devo conhecer cada curva e cada pedra! Jantei com o pessoal do castelo e dancei um pouco. Em verdade, não posso aguentar o frio aqui! Diga-me, Sir William, o tempo é tão frio em Perth?

— Eu pensaria que é um pouco mais quente, minha lady, — disse Sir William. — Está assentada no rio Tay e isso pode explicar.

— Eu fico imaginando, Sir William, esse rio já congelou? Isabella perguntou com um interesse falso. — Você se lembra, Kat, o ano em que o Thames congelou e a corte teve um baile de máscaras de inverno no gelo? Houve um carnaval com tendas e tigelas, menestréis e

mascarados! Você se lembra, caminhamos sobre o rio, todas as ladys da duquesa vestidas de damas de neve?

— Hmm, sim, eu me lembro, — respondeu Kat, um minúsculo sulco ainda marcando sua testa. — Foi um festival alegre nesse ano e você uma linda donzela de neve, minha *pet*.

— O Tay, em alguns anos, congela, minha Lady — respondeu Sir William com cortesia. — Espero que você esteja ansiosa por muitas festividades de inverno como dama de companhia da rainha Joan. E agora, peço desculpas, mas — continuou fazendo um rosto aflito enquanto balançava as pernas ao longo da cama — eu devo recuperar meus pés.

— Talvez você não deva se apressar tanto — disse Isabella.

— Bah — respondeu Sir William, um pouco zangado. — Ontem eu andei até a escada e voltei. Eu já vadiiei tempo demais acamado.

— Hmm, — Katherine colocou. — Eu não acredito que já tenha ouvido um homem dizer isso na minha orelha antes.

Caitrina riu com o comentário de Katherine e o rosto de Sir William corou.

Involuntariamente Isabella se encolheu, de imediato pensando na retirada precipitada de Colyne de sua cama. *Parte de sua barganha com Alisoun? Que ele não demoraria na cama comigo uma vez que seu objetivo fosse atingido?*

— Eu não duvido que os homens de seu conhecimento sejam do tipo insignificante e facilmente sobrecarregados por esporte vigoroso, madame — disse William.

— Certamente eu concordo que encontrei muitos homens que não têm o vigor que eu tinha previsto, Sir William.

Sir William vacilou um pouco, parecendo instável em seus pés e vestido apenas com sua longa camisa.

Caitrina deixou a infusão fermentar.

— Talvez Lady Isabella esteja certa, você não deveria ter se apressado em se levantar tão logo.

— Bobagem — respondeu Sir William, endireitando os ombros. — Eu sou um cavalheiro a serviço da rainha Joan. Devo reconstruir minhas forças para que eu possa desempenhar meus deveres como Sua Majestade esperaria.

— Não há como falar com ele, você sabe — disse Katherine a Caitrina. — O homem é meio burro.

— Melhor meio burro, madame, — Sir William devolveu — do que toda harpia!

Katherine deu um suspiro teatral, levantando a mão para seu coração.

— Você ouve como ele fala comigo, lindinha? — Ela suspirou e acenou com desdém. — Bem, eu suponho que o mal humor seja esperado em uma idade tão avançada.

Mesmo em sua mágoa, Isabella não podia deixar de sorrir.

Ao ver que Sir William estava determinado, Caitrina o ajudou a terminar de se vestir. Ele estava claramente desconfortável no momento em que ela terminou e lutando para não demonstrar isso.

Sua mandíbula foi ajustada, e ele deu passos lentos e determinados para a lareira, onde parou para descansar, seu rosto pálido e brilhante com a transpiração.

— Mais fácil do que eu esperava. Eu serei eu mesmo de novo em pouco tempo.

Kat revirou os olhos.

— De verdade, Sir William, você deseja ser você de novo, mesmo se houver alguma pequena chance de você poder ser outra pessoa?

Sir William voltou-se rigidamente para encará-la.

— Ao retornarmos à corte, madame, deverei recomendá-la para se juntar ao exército de Sua Majestade no campo de batalha na França. Até os mortos se levantariam para escapar da sua companhia. Estrategicamente colocada, você conduziria nossos inimigos ao mar e nos traria vitória inimaginável!

Com isso, ele pareceu convocar toda a dignidade e força de que dispunha e coxeou para fora da sala.

Katherine balançou a cabeça, quase com carinho.

— Você iria pensar que o homem não poderia andar com uma barra de metal em sua parte traseira, e, no entanto, ele consegue!

— Kat — Isabella admoestou-a. — Você é muito áspera com ele. Ele não a conhece, mas você provoca.

Katherine acenou despedindo-o.

— Eu produzi um milagre, lindinha. Ele poderia ficar na cama sentindo dor e se tornando mais fraco ou ele pode cerrar os dentes e provar que estou errada, recuperando sua força. E aquele homem adotaria qualquer ação que provasse que estou errada. — Ela se levantou da cama e estendeu a mão para Isabella enquanto Caitrina se precipitava. — E não posso permitir-lhe um momento de vantagem sobre mim. Me ajude, lindinha. Eu preciso também estar acima, ou ele nunca me deixará esquecer que ele é o mais forte!

Nem Caitrina nem Isabella poderiam dissuadi-la agora que estava determinada. Kat iria estar vestida e era tudo o que precisava para isso. Logo que ela esteve, no entanto, ela cansou-se e foi persuadida a não ir mais longe do que o grande salão para sua primeira incursão.

Katherine caminhava mais devagar e com mais cuidado do que o habitual, mas as três mulheres chegaram ao grande salão com pouca dificuldade. Katherine suspirou com alívio enquanto Isabella e Caitrina a ajudavam a sentar no banco.

Isabella temia reunir-se com o povo do castelo. Até o mais baixo faxineiro devia ter ouvido falar da conquista do laird agora.

Mary serviu cerveja e aprontou o pão e o queijo. Isabella olhou para o rosto dela, quase desafiando-a a falar, mas a menina piscou para ela, parecendo uma ovelha assustada.

Kat tomou um longo gole da cerveja que ela ofereceu.

— Ah, agora isso é bem-vindo. Fiquei muito tempo naquele quarto. — Kat estremeceu. — Eu entendo o que você quer dizer sobre o frio, lindinha!

— A sala dos doentes está muito quente — disse Isabella, olhando para um lado e para outro para os poucos no salão. Alguns ela se lembrava da folia da noite passada. Eles a cumprimentaram com a cabeça e ela estreitou os olhos para eles.

— Eu ouvi o castelo fazendo festa na noite passada — disse Caitrina. — Eu não posso dizer quantos estavam enfermado uma dor de cabeça de manhã.

— Eles fizeram festa, lindinha?

— Eu realmente não poderia dizer — respondeu Isabella. — Eu achei o grupo cansativo e retirei-me cedo.

—Retirou-se? — Perguntou Caitrina, franzindo a testa. — Colyne estava num turbilhão para fazer tudo a seu gosto, e repreendeu os homens do clã para se comportarem. Ele escolheu tudo, até a música, ele mesmo.

— Ele não deveria ter se incomodado. Eu não notei nada digno de nota na noite de ontem. Na verdade, todo o grupo parecia infinitamente maçante.

O cenho de Caitrina se aprofundou e ela abriu a boca, mas Katherine falou primeiro.

— Ah, aqui está Sir William chegando! — Disse Katherine, quase orgulhosa. Ela franziu a testa enquanto ele se aproximava. — Ossos de Deus, eu nunca o vi com tanta disposição!

Sir William entrou no aposento, seus movimentos rígidos. Sua cor estava forte, com os olhos quase fechados de raiva.

— O que houve Sir William, qual é o problema? — Perguntou Kat em alarme.

William dirigiu-se a Mary.

— Procure seu lord, garota! — Ele ordenou, e então se virou e fixou seu olhar em Isabella, tremendo de indignação. — O canalha tem muito o que responder!



Mary saiu correndo do salão em busca de seu laird.

A respiração de Isabella veio em suspiros rápidos e superficiais.

Sangue de Deus, eles estão falando sobre isso no pátio? Todos os detalhes da cama foram repetidos para a diversão dos meninos da cozinha e das criadas da copa?

William recusou-se a responder a qualquer pergunta de Kat enquanto esperavam. Ele não se sentava nem bebia. Os dedos de sua mão direita se fechavam e abriam como se ele se coçasse pela espada.

Muitos dos homens do clã e criados se aproximaram. Nenhum desejava perder qualquer emoção por vir e eles murmuravam entre si.

Kat procurou o olhar de Isabella, sua expressão perplexa. Os olhos de Caitrina também estavam sobre ela. As unhas penetraram na palma da mão de Isabella enquanto lutava para impedir-se de fugir da sala.

Ser humilhada assim diante de todos!

O aposento ficou silencioso quando Colyne entrou.

O coração de Isabella trovejou em seu peito. Ela engoliu em seco, temendo que ela se envergonharia ainda mais ficando mal.

Ele estava franzindo o cenho, sua mandíbula sob tensão. Ele chegou ao centro do aposento e parou e ficou com os braços cruzados sobre o peito. Ele olhou para todos eles sob as sobrancelhas avermelhadas.

— Você desejava falar comigo, inglês? — Ele respondeu para William. — Vá em frente, então!

Sir William endireitou os ombros, duas manchas vermelhas colorindo suas bochechas.

— Eu ouvi através de *fofocas comuns no castelo* sobre seu comportamento desprezível!

Isabella engoliu em seco. Sangue de Deus, ela deveria antes ter se jogado no lago em lugar de sofrer isso!

O olhar de Colyne dirigiu-se para ela. Ela apertou as mãos para esconder sua agitação.

— Desprezível, é?

— Você nega isso? — Perguntou Sir William.

— Não, eu não o nego.

O olhar de William se estreitou, sua mão direita se abriu e fechou novamente.

— Você deu a sua palavra que Lady Isabella seria tratada com toda a honra que merece por seu berço. Você é um plebeu miserável, patife!

— Você não é tão velho ou doente para que possa me falar assim sem responder por isso. Nem vou lhe oferecer desculpas pelo que não é seu assunto.

As narinas de Sir William se alargaram.

— Não é para mim que você deveria implorar perdão, mas para essa doce lady...

Isabella recuou quando todos os olhos se viraram para ela.

— ... essa doce inocente que você tem tão injustiçada!

— Eu não vou me explicar em meu próprio salão! Isto não é seu assunto! — A fúria de Colyne virou para os homens do clã que se moviam desconfortavelmente sob seu olhar.

— Nem de vocês!

— Que você aja desse modo com uma jovem sob sua proteção é abominável — William apontou para Colyne. — Mas oferecer esse desrespeito a nossa rainha é a suprema traição!

Isabella piscou. William estava febril novamente? Ele estava falando loucuras!

Colyne o encarou.

— A rainha? Você pensa que eu... sobre o que você está falando, cara?

— Você não fez nenhuma tentativa de entrar em contato com Sua Majestade!

— O quê? — Isabella explodiu.

— Nossa rainha aguarda novidades de sua prima e ainda assim você não enviou nada para ela? Nenhuma palavra para aliviar sua

mente? Dois de seus homens — ele acenou na direção de Angus e Malcolm — estavam discutindo isto abertamente!

Os dois homens indicados se mexeram, suas expressões envergonhadas.

Isabella apertou a borda da mesa, tremendo de alívio. O resgate, era sobre isto que William estava falando.

Então ela franziu a testa. Ele não havia enviado nada à rainha? Ninguém da corte sabia que ela era prisioneira aqui? Espere, ele *disse* que tinha! Ela tinha certeza de que ele tinha dito!

— Nossa lady soberana não tem nenhuma palavra de que sua prima ainda vive! — William continuou. — E essa doce donzela se angustia como prisioneira nesta fria e miserável fortaleza.

— Desde que o castelo não é adequado para você, William — disse Colyne, — você dormirá no estábulo!

Os olhos de Isabella se arregalaram e ela ouviu a inspiração rápida de Kat. William tinha mal saído de seu leito da enfermagem. Por que enviá-lo para o estábulo, sem mesmo uma lareira!

William endireitou as costas e seus olhos se estreitaram.

— Eu *exijo* que você envie um comunicado para Perth dentro de uma hora! Informe a rainha que sua prima está prisioneira aqui e anseia por se juntar a seu noivo.

— Eu sou o laird aqui! — Colyne estava vermelho até a raiz do cabelo, e suas mãos estavam enganchadas agora em seus lados. — Você não exige nada de *mim*!

Seu grito ecoou através do salão. Agora, mesmo os mais robustos dos homens do clã pareciam desejar ter escolhido qualquer outro lugar para estar.

A expressão de Colyne era estrondosa. Em todo o grupo, apenas William o encarava firmemente.

— Ouça bem, pois eu não vou voltar a dizer — Colyne falou entredentes com um olhar sombrio para Angus e Malcolm. — É meu próprio assunto para tratar e eu não vou ser interrogado sob meu próprio teto! Seria como se eu ...

Isabella sacudiu a cabeça para limpá-la. Colyne estava falando ainda, mas suas palavras eram aborrecidas, indistintas. O salão apagou, os contornos e as cores desapareceram para branco, em seguida, para nada ...

O chão sob seus pés se separou. As damas da corte voltaram, gritando. Seus corpos macios a esmagaram. Ela não podia ver Kat! O fogo estava atrás dele, sangue em suas próprias mãos agora.

As sobrancelhas avermelhadas estavam juntas em um cenho franzido enquanto ele estava de pé sobre ela. Ele estava falando, mas não conseguia entender suas palavras.

Seu cabelo era uma chama de vermelho e ouro à luz da fogueira. Ele tirou a faca e a enterrou até o punho em seu peito...

Isabella gritou, levantando o braço para se proteger. Ela se afastou da mesa e derrubou a cadeira em sua pressa para fugir.

— Isabella!

Ela tinha escassa consciência de que ele gritava para ela, dos rostos assustados dos homens do clã.

— Lindinha!

Instintivamente Isabella virou-se para a voz amada de Kat e caiu no abraço de sua parenta, tremendo.

— O que é isso? — Gritou Katherine. — Qual é o problema, lindinha?

Isabella balançou a cabeça, sua mão apertada contra a boca.

Kat aproximou-se de Colyne. Ele ainda estava no seu lugar junto ao fogo, o rosto branco e chocado.

— Se você de qualquer forma machucou minha lady...

— Tenha certeza de que eu não o fiz! — Respondeu Colyne, com o rosto ruborizado.

— É claro que ela teme você como o próprio diabo, MacKimziel! — Disse Katherine bruscamente. — O que você fez para fazer com que ela estremeça?

— Eu não vou machucá-la! Ela sabe disso!

— Ela está machucada? — Caitrina perguntou com preocupação, já alcançando a muleta para ficar de pé.

— Kat — implorou Isabella, agarrando seus braços. — Por favor, eu devo ir aos meus aposentos!

Colyne deu um passo à frente, estendendo a mão para ela.

— Isabella...

— Fique longe!

Seu choro cru o deteve onde ele estava.

— Qual é o problema com ela? — Colyne exigiu de Kat. — Você já a viu assim antes, posso vê-lo no seu rosto. Diga-me, mulher!

— Minha lady está sobrecarregada — Kat mentiu suavemente, apertando seus braços em torno de Isabella. — Esgotada com preocupação e medo e saudade de sua liberdade. Ela deve descansar e aquietar-se ou ela vai ficar doente.

Colyne franziu a testa. Seu olhar procurou o rosto de Isabella. Ele concordou.

— Tudo bem, então, lady. Caitrina, vá em frente para o solar. Espere, vou carregar...

— Não! Nós a acompanharemos até seus aposentos. E se você tem alguma decência em você, meu lord, — disse Katherine bruscamente para ele, girando seu corpo ligeiramente para proteger Isabella, — você vai deixar minha lady em paz. É claro que você é culpado por sua angústia!

O rosto de Colyne ficou pálido. Ele olhou para ela por um momento e deu um passo instável para trás.

Ah, porque ele deveria vê-la assim!

Isabella o observou ir. Como ela poderia explicar? Mulheres foram queimadas por menos, e ela estremeceu com a lembrança de Jehanne se retorcendo nas chamas.



Descansando na grande cama cortinada, Isabella ainda se sentia abalada, como uma mulher que houvesse sido arrancada de um rio antes de se afogar. Ela cobriu seus olhos, lembrando sua atuação horrível no grande salão.

Suas visões nunca antes foram assim, tão vívidas e tão horríveis.

Se ele soubesse...

Sua amada amiga estava só agora se recuperando. Kat se aproximou instantaneamente no grande salão, sem medo de encarar qualquer um que se atrevesse a machucar sua lindinha. Ela era ferozmente protetora, sempre tinha sido. Isabella não podia confidenciar que o MacKimzie a tinha seduzido. O que Kat faria?

Ela se encolheu. Isabella sabia o que ela *poderia* fazer: encontrar um chicote de equitação e chicotear Colyne através do pátio, denunciando-o com sua própria marca de obscenidades políglotas.

Ou ir até Sir William e insistir na satisfação.

Ou ir até o rei e exigir vingança.

Isabella apostava que Kat empunhando o chicote de equitação era o mais provável do lote.

Não, ela não podia dizer a Kat o que tinha acontecido.

Não até que estivessem longe daqui.

Colyne era o laird aqui e ele deixou claro que ele não teria sua autoridade desafiada. Será que ele puniria Katherine se o acusasse? Os três eram prisioneiros aqui.

Ele poderia acorrentá-los na parede, se ele escolhesse. Ele poderia separá-los a seu capricho. As celas os aguardavam abaixo, no nível mais inferior do castelo.

Isabella ouviu uma batida na porta e ficou tensa. As cortinas estavam fechadas em torno de sua cama; ela só precisava ficar quieta, fingir dormir e Kat enviaria o intruso para longe.

Seu coração martelou. Se fosse Colyne, ele iria partir se Katherine exigisse?

Isabella ficou muito quieta, tentando controlar sua respiração. Ela ouviu Kat destravar a porta e abri-la.

— Como ela está?

Uma doce voz de mulher, suavizada por um sotaque Highlander. Caitrina.

— Ela está tranquila agora.

— Ela precisa de mim?

— Eu acho que não — disse Katherine instantaneamente, mas depois sua voz se suavizou. — Eu vou avisar você se ela precisar. O que ela mais necessita é dormir, pobre cordeirinho.

Houve uma pausa.

— A moça queixou-se de uma dor de cabeça antes. Se a tiver novamente, avise-me e vou lhe trazer mais chá de casca de salgueiro.

Um ruído de tecido.

— Eu irei avisar. Agora, por favor, deixe-a descansar.

— Você deve também descansar, lady.

— Sim, claro. Obrigada.

Isabella podia imaginar Caitrina permanecendo lá, desesperada por ajudar alguém com dor. Depois de outro momento, ela ouviu a muleta da escocesa e passos se retirando. A porta voltou a ser fechada e a trava foi colocada.

Isabella deixou seu corpo relaxar.

— Você pode parar de fingir, lindinha. Eu sei que você não está dormindo.

Katherine espiou pelas cortinas.

Isabella suspirou.

— Eu não consigo dormir, Kat. Temo a visão em meu sono novamente.

Kat empurrou a cortina de volta.

— Novamente?

— Isso vem a mim como um pesadelo.

— E novamente no grande salão. É um homem que você vê nessas visões, você diz. É o MacKimzie?

— Eu não sei. — Isabella passou a mão sobre seus olhos. — Espero que não.

— Mas a visão no grande salão, foi diferente?

— Sim, mais vívida, mais clara. Eu vi você e a rainha tentando barrar a porta. Eu vi sangue em minhas próprias mãos, senti a dor. Oh, Kat, estou tão assustada!

A cama afundou quando Katherine sentou ao lado dela.

— Eu sei, lindinha, mas eu estarei lá e nós vamos nos arranjar.

Não posso acreditar que você veria isso se fôssemos morrer.

Isabella pegou a mão de Katherine.

— Você foi sempre mais corajosa do que eu.

A sobrancelha de Kat se arqueou.

— Você sabia que o MacKimzie não havia pedido o resgate?

Isabella balançou a cabeça.

— Ele disse que já havia feito seus pedidos. No entanto, não sei a verdade disso. Mas por que a demora?

— Talvez ele tenha medo da retaliação do rei.

— Se ele temesse o rei James, ele não teria me pegado.

— Mas Sir William foi algo digno de se ver! — Exclamou Katherine de repente, seu rosto brilhando. — Eu não sabia que o homem possuía tanta coragem!

Isabella riu levemente.

— Como um coelho encarando um leão.

Katherine levantou sua mão, ofendida.

— Não tem isso! — As bochechas de Kat coraram. — O homem é um verdadeiro cavaleiro!

Isabella inclinou a cabeça, estreitou os olhos e sorriu divertida.

— Você gosta dele?

— Não fale tolices! — Retrucou Katherine, ocupando-se em endireitar a roupa de cama. — Uma lady pode admirar um homem corajoso sem se tornar uma idiota sobre ele.

Isabella absorveu isso silenciosamente. Ela nunca tinha visto Katherine *como idiota* sobre qualquer coisa e foi um pouco de choque.

— Kat, você acha que o MacKimzie suspeita? — Isabella gemeu. — Oh, o que eles devem pensar de mim!

Katherine balançou a cabeça.

— Você se preocupa demais. Eu não acredito que eles suspeitem nada mais de que você está cansada e desgastada. Mesmo o MacKimzie não murmurava sobre heresia ou feitiçaria, lindinha. Ele teria carregado você até aqui em seus braços se eu tivesse resolvido deixá-lo!

— Mas como eu agi! Não poderia suportar que alguém me visse assim novamente. Eu ficarei neste quarto, nesta cama, até que meu primo envie minha escolta e ao MacKimzie seu dinheiro.

— Você certamente não deveria!

Isabella endureceu a mandíbula.

— Não quero ver ninguém.

— Você não precisa *falar* com nenhum deles, se você decidir, lindinha — disse Katherine. — Mas você vai tomar ar duas vezes por dia por causa da sua saúde e ânimo. Se você não vai dormir agora, vamos caminhar um pouco fora. Será bom para nós duas.

— Eu não desejo isto — Isabella respondeu, puxando os cobertores para cima. — E você não vai me obrigar.

Katherine levantou uma sobrancelha para ela e o estômago de Isabella apertou.

Onze



Não Sozinha

— Eu teria feito você envidar um esforço maior para se alegrar conosco — Kat repreendeu-a quinze dias mais tarde, enquanto elas se dedicavam a outra caminhada. — Seu humor fleumático me dá indigestão! Se ao menos estivéssemos no Bella Court, você poderia ser sangrada corretamente por um médico para recuperar você!

— Você se alegra o suficiente para nós duas — disse Isabella. — E eu não tenho disposição para alegria.

— Ufa! Que projeto amargo você está esses dias! — Kat exclamou, fazendo uma careta e puxando o capuz de Isabella. — Douglas foi prometido a um lindo pássaro cantor e eu vou apresentar a ele um corvo!

Pelo menos duas vezes por dia: uma vez depois que elas quebravam seu jejum e uma vez depois do jantar, Katherine a agasalhava bem. Kat, decidida a acelerar sua própria recuperação e fortalecer a constituição de Isabella, levava-a pelo castelo, dando voltas e mais voltas pelo pátio até que suas bochechas estivessem avermelhadas pelo frio e seus dedos entorpecidos.

Ainda proibida de atravessar a ponte ou andar para fora para o campo, Isabella logo se viu quase selvagem de frustração. Ela desejava escapar, estar em algum lugar, *em qualquer lugar*, menos aqui. Muitas vezes ela manteve pássaros enjaulados quando estava na Inglaterra, mas depois disso nunca mais o faria.

Katherine também insistiu que elas mostrassem o rosto em cada refeição. A nova e óbvia atração entre Kat e William deixou Isabella sentindo-se muito estranha. Eles conversavam, se provocavam e flertavam como se ela não estivesse lá.

Colyne não fez nenhuma tentativa de falar com ela. Ele não deu nem uma olhada na sua passagem, mesmo quando estavam sentados na mesma mesa no jantar. Isabella poderia ter sido uma bota descartada por toda a atenção que ele deu a ela.

Alisoun a contemplava com um sorriso de conhecimento e zombaria que a deixava bastante desfeita depois de cada encontro. A mulher estava insolentemente lenta e descuidada ao servir Isabella. Ela passeava com uma confiança presunçosa, sabendo que Isabella não ousaria chamá-la ou reclamar.

Mas lentamente Isabella se deu conta, enquanto os dias passavam que, por qualquer motivo desprezível Colyne e Alisoun pareciam manter seu segredo para si mesmos.

Malcolm certamente não era alguém de perder uma piada pesada, se pudesse fazer uma. No entanto, quando se encontraram no corredor externo, Isabella indo para o solar, Malcolm para o pátio, ele simplesmente perguntou gentilmente sobre sua saúde. Nem por um olhar nem por palavra, Malcolm indicou que pensava nela qualquer outra coisa que uma lady virtuosa e uma convidada.

Por que Colyne a seduziu, ela se perguntava, se não ia usar isso contra ela de alguma forma? Por que ele manteve o silêncio? A preocupação, a perplexidade, a manteve acordada durante a noite enquanto Kat roncava ao lado dela.

Ele não me queria? Ela pensou sombriamente. *Ele poderia ser tão falso que tremia sob meu toque?*

Ele queria apenas usá-la?

Teria esperado conquistá-la para a causa dele contra o rei, e tendo falhado naquela missão, simplesmente sentiu que não valia a pena perder o seu tempo para destruir o bom nome dela?

Ele, afinal de contas, temia que ao deitar com ela tivesse ido longe demais? O rei James não era um homem para esquecer uma injúria ou hesitar em obter uma vingança.

Se o MacKimzie exigisse um resgate robusto por sua noiva por seu retorno seguro, simplesmente não seria do seu melhor interesse diminuí-la de qualquer forma. Colyne e Alisoun deviam ver a vantagem de segurar suas línguas.

Certamente *ela* nunca falaria sobre isso. Poderia ainda escapar disso incólume?

Ela ficava ansiosa com o correr dos dias. Ela sofria de pesadelos ainda, mas durante o dia em que suas visões eram sob medida para coisas triviais: uma meia perdida, Morag se escondendo do frio, a paixão de Mary com o menino Dougal do estábulo, mas nada de criança. Suas regras vieram logo após sua chegada ao castelo. Ela ainda teria semanas antes de saber com certeza e seus dias não passavam facilmente.

Ela jantou no grande salão com suas mesas desgastadas e cheiro de fumaça. Ela sentou-se ao lado de Kat enquanto ela flertava com Sir

William, sempre consciente do Highlander para quem ela não dignificava nada.

Ela andava com Katherine, agora através dos jardins do castelo cobertos de neve e não cultivados, através das galerias cobertas de pedra cinza, passando pela cozinha com seus maravilhosos aromas quentes onde ela e Colyne tinham comido bolo de mel.

— Eu não sei por que você insiste que eu jante no salão e não nos meus aposentos como eu gostaria — Isabella reclamou. — Nenhum dos escoceses fala agora comigo e você e William não falam com algum deles, apenas um com o outro.

— Nenhum fala com você porque o seu temperamento é tão amargo quanto uvas verdes — disse Katherine. — O MacKimzie assegurou a Sir William que ele já enviou o pedido à rainha e apenas aguarda a resposta de Sua Majestade. O resgate logo estará aqui e iremos para a corte, como deveria ser. Deixe-nos aproveitar isto ao máximo, lindinha, e mantenha os nossos corações iluminados em expectativa pelo seu próximo casamento.

Isabella apertou os dentes e correu para o pátio. Ela parou de repente quando viu Colyne, montado e pronto para partir, seu estômago deu um nó. Viajando para *vê-la* novamente.

Uma vez que Caitrina voltou a ocupar seu lugar como lady da casa, não demorou muito para que Alisoun começasse a passar a maior parte do tempo longe do castelo. A irmã de Colyne não gostava muito de sua amante. Malcolm fez muitos comentários obscenos sobre como o laird passava suas noites fora das paredes do castelo.

Isabella algumas vezes encontrou Colyne voltando de manhã cedo. Suas visitas à casa de Alisoun não melhoravam seu humor. Ele atravessava os corredores do castelo com um humor negro, tão mordaz

no tom e franzindo o cenho que mesmo Caitrina, com quem ele era gentil, reclamou de seu mau humor.

Então Isabella notou os outros homens prontos para montar também. Tão concentrada estava em Colyne que ela nem tinha visto Caitrina se debruçando ali na arcada.

— O que é isso? — Isabella perguntou a ela. — Eles viajam para caçar?

— Bem que eu queria! Outra incursão contra os MacLaulachs — disse Caitrina, com clara desaprovação em seu tom.

— Eles atacaram vocês? — Isabella perguntou.

— Não, mas Colyne quer fazê-los recuar para mais longe de nossas terras. E claro, os rapazes estão ansiosos por um pouco de perigo. Eles não estariam ansiosos por isso se fossem eles que consertassem os ossos e envolvessem as feridas.

Ela não podia deixar de olhar para ele. Sombrio, Colyne sentou-se na sela, os vermelhos, negros e verdes de seu manto xadrez brilhantes sob o sol de inverno, seu cabelo cobre brilhante.

Ele olhou em sua direção naquele momento. Isabella rapidamente se virou, com medo de que ele pudesse ler o anseio em seu rosto, mesmo a essa distância. Caitrina acenou para eles, os cascos dos cavalos batendo na ponte enquanto a cruzavam.

— Nada bom vai vir disso no final — disse Caitrina sombriamente. — Eu só espero que os rapazes voltem seguros e com nenhum dos MacLaulachs machucado também.

Por que ela não podia, depois de tudo o que ele tinha feito, romper o controle que ele tinha sobre ela?

Ela se assustou quando Caitrina tocou seu ombro.

— Você sente dor de cabeça outra vez, lady?

— Sim — respondeu Isabella secamente. — O ar aqui parece trazê-las com uma regularidade irritante. Posso apenas orar para que possamos prosseguir para Perth em breve. As dores de cabeça estão se tornando quase intoleráveis.

— Sobre esse assunto — Katherine perguntou suavemente, — há alguma palavra sobre quando podemos esperar nos juntar à corte?

Caitrina desviou os olhos.

— Eu não posso dizer. Colyne não confia em mim hoje em dia.

Por desacordo em relação a Alisoun, sem dúvida.

— Por favor, faça um apelo a seu irmão a meu favor — disse Isabella friamente. — Meu aprisionamento aqui se torna cansativo e minhas forças cada vez mais abatidas.

Caitrina assentiu com a cabeça, sua testa franzida.

— Eu irei pedir que você possa ter a liberdade de um curto passeio fora dos muros, por causa de sua saúde e para aliviar você da monotonia.

Kat se iluminou.

— Talvez até o poço. Eu gostaria de ver um novamente. Oh, pense em como a mudança de cena elevaria nossas forças, lindinha!

Isabella se encolheu involuntariamente. Ela não conseguia pensar em nenhum local fora do castelo menos propenso a levantar suas forças do que aquele onde tinha se agarrado a Colyne, procurando seu beijo logo antes dele afastá-la em favor de Alisoun.

Sem esperar para ver se Katherine a seguia, Isabella começou a volta do pátio. Para sua irritação, Katherine começou uma conversa animada com Caitrina, seguindo atrás dela, de modo que festejou todas as palavras alegres. Kat instou Caitrina a falar sobre o poço e o campo em geral.

Enquanto conversavam atrás dela, Isabella sentiu a dor de cabeça que ela fingira antes se materializar em uma banda apertando seu crânio. Ela aumentou seu ritmo, deixando as outras ladys para trás.

Ela não podia deixar este lugar maldito e se juntar à corte com rapidez suficiente!



Gritos no pátio abaixo a acordaram.

Isabella afastou as cortinas da cama e estava fora dela em um momento, pressionando o rosto contra a vidraça para ver. Ainda levariam horas até o amanhecer e o painel frio contra sua bochecha a fazia estremecer. De seu ponto de observação, ela podia distinguir cavalos e pessoas com tochas se movendo no pátio, mas pouca coisa. As vozes elevadas e o grito de um homem com dor alcançaram-na de baixo.

— O que é, lindinha? — Katherine gritou. — O castelo está sob ataque?

— Eu não sei! Eu mal consigo ver.

Quando Isabella se virou da janela, viu que Mary estava acordada, em pé ao lado de seu beliche e torcendo as mãos.

— Mary! — Isabella empurrou a garota em direção à porta. — Rapidamente! Vá, descubra o que está acontecendo!

Isabella e Katherine vestiram suas batas e chinelos rapidamente, cada uma ajudando a outra. As mãos de Isabella tremiam enquanto ela se vestia. Os homens do rei vieram levá-la à força? James era um homem brutal.

— Minha lady, seus cabelos! — Katherine protestou quando Isabella abriu a porta, seus cabelos soltos e fluindo atrás dela.

— Deixe! — Isabella falou, já no corredor, Kat seguindo-a. Ela estava na escada, pronta para descer correndo, quando Mary subiu correndo, em lágrimas.

— O que é ? — Isabella exigiu. — O que está acontecendo?

— É o laird! Oh, minha lady, os MacLaulachs o feriram muito!

A respiração de Isabella saiu de seus pulmões. Ela balançou em seus pés.

— Você está desmaiando? — Perguntou Katherine, a mão no braço de Isabella.

Ela sacudiu a mão de Kat e virou-se para mudar de direção, indo agora para o solar. Caitrina estaria lá, pensou, erguendo as saias enquanto fugia. Caitrina não o deixaria morrer.

O solar era uma tempestade de atividade. Malcolm berrava com um pano encharcado de sangue em seu rosto. Jamie cuidou de seu pai, tentando mantê-lo quieto enquanto ele se encolhia e amaldiçoava. Angus inclinou-se contra a porta, o rosto exausto manchado de sujeira e suor, sua túnica manchada de sangue. Isabella entrou no quarto, seus lábios se abrindo ao vê-lo.

O rosto de Colyne estava contorcido de dor quando os homens do clã o abaixaram em uma posição meio sentada no beliche. Sua camisa estava ensanguentada, arrancada de seu ombro esquerdo, seu cabelo secando em mechas suadas e emaranhadas, incrustadas de sujeira. Isabella fez um som estrangulado ao ver o pano que ele segurava no braço esquerdo já encharcado de sangue.

Ele levantou os olhos e olhou furioso para ela.

Caitrina estava ocupada na lareira, soprando freneticamente uma xícara enquanto trabalhava. Ela continuou a esfriar a mistura com seu sopro enquanto avançava vagarosamente pelo cômodo para o irmão.

— O que fez isto? — Perguntou Caitrina, levantando o pano para examinar o corte. — Espada ou punhal?

— Espada — Colyne falou entredentes. — Um par de bastardos veio oscilando. Cortei dois, mas um dos caras veio atrás de mim como um demônio.

Caitrina congelou.

— Você matou algum deles?

— Eu não sei! Malcolm me segurava e nós estávamos correndo para os cavalos com os demônios MacLaulach seguindo atrás de nós.

— Está um pouco quente para beber ainda — disse Caitrina com preocupação, verificando novamente a xícara. — Você pode tentar?

— Entregue-o a Malcolm — disse Colyne brevemente. — E costure meu braço!

— A poção do sono tornará mais fácil para você — ela respondeu. — Seria doloroso, costurar o seu braço.

Ele lhe deu um olhar frio e duro. Caitrina abaixou o copo e pegou outro.

Ela hesitou.

— Você está seguro, Colyne?

— Eu preciso da cabeça clara. Continue com isso!

— Eu preciso limpá-lo. — Ela olhou para os homens do clã a seu lado. — Segurem-no.

Os homens o mantiveram firme e ela derramou o conteúdo da taça sobre o braço. Ele soltou um grito agonizante e cerrou os dentes.

As veias de seu pescoço incharam e ele respirou forte, seu punho apertado contra a dor.

Completada sua tarefa, Caitrina acenou para os homens saírem. Isabella deu um passo atrás, com a intenção de deixar Caitrina com seu trabalho. Ela não era necessária nem desejada aqui.

Seu movimento atraiu a atenção de Colyne. Ele virou com o cenho franzido.

— Você se recuperou então? — Ele perguntou bruscamente.

Ela assustou-se com o som de sua voz. Ele não falava com ela há semanas.

— Recuperei-me?

— Depois de ficar desgastada e atormentada em minhas mãos — ele falou entredentes. — Você teve mais de uma quinzena aliviada da minha companhia desprezível. Você está agora recuperada? Ou ainda outra dor de cabeça trouxe você aqui esta noite?

— Não. — Ela hesitou, surpresa e magoada de que ele soubesse de suas queixas. — Mary disse que você estava morrendo.

— Oh, sim? — Ele fez uma careta quando Caitrina usou o fio para costurar seu braço e ele mordeu um pouco com suas palavras. — Desculpe-me desapontá-la novamente.

— Vejo que você está quase você mesmo, e fora de perigo — Isabella respondeu. — Portanto, vou me retirar e deixar você se curar.

— Não se preocupe comigo! Eu não serei a causa de sua histeria de novo.

— Você nunca foi. Mas uma vez que você não revelará nada sobre como ou quando eu estarei livre desse maldito lugar, estou involuntariamente investindo em sua contínua boa saúde.

— Eu viverei o tempo suficiente para estar livre de você — ele resmungou. — Não tema!

— Eu duvido muito se você está determinado a provocar seus inimigos dessa maneira tão demencial.

— Eu não sou como o seu Douglas, moça. Despreocupado o suficiente para permitir que outro homem tome o que é dele!

Isabella sentiu o sangue fugir de seu rosto. Ela virou-se e afastou-se do solar.

— Feridas de Deus, lindinha! — Exclamou Katherine, seguindo-a para o corredor. — Esse homem tem uma língua como uma víbora!

Antes que Isabella pudesse formular uma resposta, ela se viu olhando a cara da amante de Colyne.

Em um instante, a expressão surpreendida de Alisoun se transformou em um sorriso intencional e malicioso.

— Lady Isabella, o laird acabou com você tão rapidamente?

— Seu laird está gravemente ferido — Isabella disse friamente, e os olhos da mulher cintilaram na direção do solar ao som de seu grito. Caitrina estava sem dúvida costurando seu braço. — Eu deveria pensar que você estaria mais preocupada com ele do que comigo.

— Sim, e eu gostaria de olhar e ver por mim mesma como ele passa. Eu lhe agradeceria que não me mantivesse aqui conversando, *minha lady*. — Ela mal aprofundou uma cortesia e caminhou com uma lenta insolência, seus quadris balançando. No momento de passar, ela sacudiu a saia na direção de Isabella.

Katherine fez um som de desgosto, mas Isabella apertou os dentes e murmurou:

— Venha, Kat. Vamos dormir.

— Quem era essa *mala* para tratá-la assim?

— A amante do MacKimzie — respondeu Isabella brevemente.

— Como ela tem a audácia de falar com você dessa maneira?

— Eu creio que seja porque ela sabe que não será punida por isso.

— Eu vou falar com o MacKimzie eu mesma. Pensar que uma cadela tão comum irá lhe tratar assim!

Isabella acenou com impaciência.

— Ela é a prostituta do vilão e eu, a filha de um conde. Eu irei sentar-me ao lado da rainha com todos os prazeres da corte diante de mim. Ela terá sorte se ele a mantiver um ano antes de casá-la com um camponês. Ele é um vilão enganador e eles formam um par bem adequado!

Ela uniu seu braço ao de Kat e disse:

— Venha. Vamos dormir.



Colyne convocou a ela e a Katherine para o solar na manhã seguinte.

Sua amante fez uma pequena queixa sobre ela? Isabella levou tempo para se vestir antes de ir. Quando o MacKimzie a visse, ele a reconheceria como a filha de um conde.

Isabella ficou surpresa ao ver que Sir William tinha sido convocado também.

O rosto de Caitrina estava abatido e cansado. Ela ficou em silêncio e sombria ao lado do irmão, como se os visitantes tivessem chegado no meio de uma discussão entre eles.

Colyne estava apoiado em travesseiros, o braço bem enfaixado. Sua boca era uma linha apertada e seu rosto tinha um tom pálido.

Malcolm ficou perto da porta e ele indicou a bandagem no rosto para Isabella.

— Eu acho que será uma muito boa cicatriz, não acha, lady?

— Muito boa — ela concordou. Uma das muitas, pensou.

— Fico feliz por isso também! Não é fácil para um homem ser tão bonito e é uma sorte que vou deixar o fardo tão jovem.

Isabella sorriu.

— E dá às garotas algo para beijar melhor — ele continuou com uma piscadela. — Eu acho que é isso que Colyne tinha em mente. Mas da próxima vez — ele disse para Colyne — pense em que seja mais baixo do que o braço, rapaz. Nós queremos que valha a pena o tempo da moça.

Katherine deu uma risada curta e chocada, e o sorriso de Isabella desapareceu.

— Ainda sua língua tola! — Gritou Colyne, seu tom afiado o suficiente para empalidecer o rosto de Malcolm.

Ele olhou para todos com sombras de insônia sob seus olhos.

— Caitrina deseja sair até o poço para oferecer orações, como é o seu hábito. Uma vez que está bem dentro da terra MacKimzie, ela pede que vocês três sigam com ela.

Embora Isabella não quisesse ir ao poço, seria uma alegria sair do castelo depois de uma estadia tão longa, mesmo por um curto período de tempo.

— Eu disse a ela que não.

O ânimo de Isabella desabou. Quando ela ouviu o som pequeno e desapontado de Katherine, ela disse:

— Por que você nos trouxe aqui, então? Foi só pela satisfação de nos ver derrubados e sofridos diante de você?

Seus olhos se estreitaram.

— Eu não posso deixar você ir, Lady Isabella. Caitrina não deseja que eu cavalgue hoje e eu não posso deixar outro assumir a responsabilidade por você. — Os olhos de Colyne foram para William. — Eu sei que você é um homem de honra, Sir William. Você coloca os seus votos para a rainha mais acima de qualquer outro? Você tentaria fugir daqui e voltar para ela?

Sir William endireitou-se com orgulho.

— Eu tentaria, meu lord.

Colyne assentiu.

— Então eu não posso deixar você ir. — Ele olhou para Katherine.
— Eu permitirei que você vá, Senhora Katherine.

— Você vai permitir? — Kat exclamou.

— Sim. Você será guardada por Angus e Jamie, mas eu poderia enviá-la sem guardas e você voltaria sozinha sem abandonar sua lady.

Katherine assentiu.

— Isso mesmo.

Colyne voltou-se, uma pontada de dor em seu rosto enquanto se movia.

— É por isso que eu os trouxe aqui, assim vocês poderiam ouvir minha decisão e meus motivos vocês mesmos. Caitrina e Katherine podem sair ao meio dia, depois de comer.

— Oh, — exclamou Katherine. — Não, eu não poderia ir sem minha lady.

Isabella falou rapidamente.

— Por favor vá, Kat. Você ficou confinada dentro das muralhas do castelo mais do que eu.

— Mas eu não posso deixar você sozinha!

— Sir William estará comigo — lembrou ela. — Certamente você pode confiar meu bem-estar a ele por um curto período de tempo.

— É verdade, Senhora Katherine — Sir William disse com firmeza. — Eu não posso oferecer a sua lady sua sabedoria e conforto, mas eu daria minha vida por ela.

O rosto de Katherine se suavizou quando ela olhou para ele. Isabella usou isso a seu favor.

— Será só por algumas horas, Kat. Você queria ir há semanas.

Kat olhou entre eles e suspirou.

— Tudo bem, irei. E eu contarei sobre cada ramo de árvore e cada floco de neve quando eu voltar. Na verdade, você sentirá como se tivesse estado lá!



Isabella estava aliviada sem palavras quando finalmente Katherine saiu. A promessa de sair a mantinha tão animada como uma criança a quem se prometeu um doce.

Katherine não conseguia decidir o que vestir, não podia decidir o que levar, ela tagarelava alegremente sobre o que ela veria até que Isabella estivesse pronta para empurrá-la para fora pelo portão do castelo para obter um momento de paz.

Colyne encontrou-os no pátio. Ele deu instruções estritas a Angus e Jamie, lembrou a Caitrina para não demorar muito. Ele disse com firmeza a Kat que deveria obedecer às instruções de seus protetores se quisesse ver o exterior do castelo outra vez antes de ser resgatada.

Tendo entregado sua mensagem com uma expressão furiosa, o MacKimzie recuou. Katherine abraçou Isabella três vezes, jurando que

não demoraria, ganhando uma promessa de que Isabella deveria exibir apenas comportamento mais prudente e feminino, instando-a a confiar em Sir William se ela tivesse necessidade.

No fim de sua paciência, Isabella empurrou Katherine para sua montaria.

Isabella e Sir William responderam ao aceno alegre de Katherine com os seus próprios quando ela saiu, radiante. Isabella respirou aliviada quando Kat sumiu de vista.

— Com que eu posso distrair você enquanto sua companheira está fora? — Perguntou Sir William. — Eu tenho um livro de poesia o qual eu posso ler para você.

Isabella ouviu o bufar de desdém de MacKimzie por trás deles. Ela rapidamente pegou o braço do homem mais velho, pedindo que ele caminhasse com ela.

A última coisa que ela queria, agora que tinha escapado da implacável alegria de Katherine, era ter que suportar os esforços de Sir William para conquistá-la.

— Eu achei que você hoje estava programado para a prática com a espada.

Ele confirmou.

— É verdade que estive negligente em meus esforços ultimamente.

E devido não em uma pequena parte a Kat, Isabella pensou, sorrindo por dentro.

— Eu não poderia suportar pensar que você negligenciou seu dever para com a rainha Joan apenas para me fazer companhia. Não me deixe distrai-lo de sua prática.

— Embora o MacKimzie só tenha me permitido usar uma espada de prática de madeira, eu ousou dizer que estou ficando mais forte — ele

comentou. — Mas eu posso atrasar minha prática até que a Sra. Katherine volte.

— Oh, você não deve! — Isabella protestou, com algum alarme verdadeiro. — Kat estará ansiosa para nos contar a ambos sua aventura. Pense em quão angustiada ficará se você não puder atendê-la.

O pensamento de decepcionar Katherine parecia o fator decisivo final e ele concordou.

— Mas e você, minha lady?

— Oh, — Isabella encolheu os ombros. — Eu vou me ocupar. Talvez eu aproveite o tempo para descansar. Espero que a Sra. Katherine torne a ceia muito animada esta noite.

Sir William curvou-se para ela e Isabella encontrou-se sem a alegria de Katherine, a galanteria de Sir William, a vigilância de Caitrina ou a carranca de MacKimzie pela primeira vez em semanas.

Ela estava feliz com a liberdade.

Era de tarde, mas ela foi a seus aposentos de qualquer maneira e permitiu que Mary trocasse suas botas de exterior para chinelos de interior antes de dispensar a garota. Ela balançou os dedos dos pés, curtindo o fogo e o descanso de uma conversa constante e uma alegria forçada.

Ela fechou os olhos. Em breve ela se juntaria à corte e se divertiria em todas as suas distrações. A rainha a acolheria, e o rei James, tão áspero com os súditos, era conhecido por ser gentil e generoso com as damas da rainha.

Em breve estarei casada, uma das damas da rainha. Eu vou girar com um vestido novo todas as noites e dançar com homens dos mais finos modos. Espero não pensar nele uma vez que eu saia daqui. Não

vou sentar-me à sua mesa, ouvindo aquele sotaque suave e morno. Lembrar do modo como sua voz soou quando ele...

Isabella ficou de pé rapidamente e jogou seu manto em torno dos ombros.

Ela encontrou alguns outros. Depois de muitos dias de seus olhos gelados e sem Katherine para forçar as gentilezas, ninguém a cumprimentou. Ela vagou sem rumo e encontrou-se no solar. Agora estava vazio, deixado arrumado e limpo. As ervas de Caitrina estavam cuidadosamente armazenadas e dispostas. O quarto tinha sido arejado e as ervas doces misturadas com o junco do chão.

Isabella tocou distraidamente o pequeno livro no qual Caitrina fazia seus registros, invejosa do vasto conhecimento curativo da escocesa. Caitrina anotava cuidadosamente o que ela tinha usado para que doença, que ervas pareciam ajudar ou prejudicar.

Caitrina sabia o que poderia trazer uma criança, ou evitar uma?

A mente de Isabella se afastou do pensamento daquela noite.

Por que cada pensamento deve sempre voltar a ele?

Suas regras não estavam atrasadas, ainda não, ela pensou. Seu tempo variava até uma quinzena às vezes. Não havia sentido em se preocupar e essa era a primeira oportunidade para desfrutar de um pouco de solidão.

Isabella pegou as ervas, os potes, os livros. Ela poderia aprender com Caitrina, não poderia? Que útil seria no funcionamento de sua própria casa!

A idéia de estar ocupada em uma tarefa tão interessante e útil, possivelmente por horas, trouxe-lhe o primeiro prazer real que conheceu em semanas. Ela falaria com Caitrina imediatamente após o retorno da mulher.

De repente, as ervas, o livro — tudo isso — desapareceu, recuando como a maré se esvaziando.

Um pano flutuou na mão de Kat. Angus e Jamie falaram nas proximidades, mas não estavam perto o suficiente. Homens escondidos assistiram Caitrina amarrar seu pano à árvore. As espadas estavam silenciosamente embainhadas. Eles se aproximaram. As mulheres não viram...

O livro caiu dos dedos de Isabella enquanto o solar voltou ao foco.
— Kat — ela sussurrou.

Isabella chutou o precioso livro de Caitrina em sua pressa para sair do solar. Ela se estabilizou contra a pedra fria da escada, sem perceber que ela segurava sua saia mais alta do que qualquer lady deveria, enquanto corria. Ela entrou no grande salão para descobrir que apenas os criados se detinham lá.

— Onde está seu laird? — Ela exigiu. — Onde está o MacKimzie?

Os criados olharam para ela sem expressão. Nenhum falou.

Ela correu, deixando-os.

As cozinhas? Seus aposentos?

Com Alisoun?

Ela arriscou, verificando o pátio primeiro. Um soluço de alívio surgiu de sua garganta quando ela espiou seu cabelo vermelho-dourado, brilhante na luz do sol do inverno.

— Colyne!

Ela ergueu as saias para correr em direção a ele. Ela ainda usava chinelos de interior, macios e decorativos; eles não fizeram nada para proteger seus pés da neve ou do chão duro.

Ele estava correndo em sua direção agora, alarmado.

— O que é? — Ele exigiu depois de alcançá-la. — O que aconteceu?

Ela agarrou seus braços.

— Vá atrás deles! Vá para o poço!

Seu olhar passou por cima dela, suas mãos segurando seus braços de volta.

— Você está ferida? Você precisa de Caitrina?

— Não! Há homens, se escondendo nas proximidades, observando-os!

Ele piscou, sua cabeça levantando um pouco.

— Há...?

— Oh, por favor, ouça-me! — Ela implorou, suas palmas contra seu peito agora. — Eles estão em perigo! Você tem que ir agora!

Ele balançou sua cabeça.

— Sobre o que você está falando, moça?

— Por favor, os homens estão lá, estão armados, eu os vi!

— *Viu?* Como poderia?

A boca de Isabella de repente ficou seca. Não podia pensar em nada para dizer, nenhuma resposta ou desculpa. Não havia nenhuma maneira pela qual ela pudesse saber essas coisas, mas ela sabia, e não havia tempo para explicar.

Uma luz de compreensão, ou talvez reconhecimento, surgiu no rosto de Colyne. Seus lábios ficaram brancos.

Ele a soltou de repente e recuou.

— Por favor, Colyne. — Lágrimas vieram a seus olhos pela maneira como ele a olhava. — Por favor, vá atrás deles.

Seu rosto estava pálido, mas ele assentiu.

Ele levantou a voz, gritando roucamente para que os rapazes se juntassem a ele.

Os homens foram surpreendidos. Uma palavra cortante do chefe os colocou correndo para enviar o chamado aos seus companheiros em todo o castelo. Os homens do clã se apressaram a montar os cavalos, prendendo espadas e encontrando escudos.

Pareceu uma eternidade para Isabella antes que os homens fossem reunidos, os cavalos preparados, o portão aberto.

Colyne estava preparado para montar seu cavalo de guerra quando o guarda deu um grito.

Isabella olhou para o portão para ver um cavaleiro solitário retornando.

— Oh, não — ela sussurrou. Mesmo de onde ela estava, ela podia ver o sangue emaranhado nos cabelos de Angus, e ele estava caído sobre o pescoço do cavalo, como se mal estivesse se segurando.

— Abaixem-no, rapazes! — Chamou Colyne.

As mãos, ao mesmo tempo rápidas e gentis, desceram seu parente.

Angus mal parecia consciente. Seus olhos rolaram em sua cabeça.

— O que aconteceu? — Perguntou Colyne, segurando seu rosto para que o homem tivesse que olhar para ele.

— Colyne,— Angus grunhiu. — Caitrina, a mulher inglesa...

Colyne acenou com a cabeça encorajando-o, esperando que Angus pudesse falar novamente.

— No poço. MacLaulachs... levaram-nas...

— Jamie? — Perguntou Malcolm, sua voz geralmente estrondosa, tremendo.

Angus sacudiu a cabeça.

— Não vi. Pegou as mulheres. Jamie e eu, tentamos. Eles me deixaram...

— Montem! — disse Colyne aos homens. — Isabella, faça o que puder por Angus.

Os olhos de Isabella se arregalaram.

— Eu não conheço as artes de cura como sua irmã.

— Morag pode ajudá-la, ela não pode fazê-lo sozinha com os olhos tão ruins, mas ela ensinou um pouco a Caitrina. William também pode ser útil para você, ele deve conhecer remédios do campo de batalha.

Isabella assistiu os homens, agora prontos para lutar, atravessarem o arco da ponte. Foi só então que ela se lembrou do braço de Colyne, como Caitrina lhe pediu para não cavalgar hoje, e ela sentiu seu estômago se apertar.

Como ele poderia esperar lutar se ele nem deveria cavalgar?

Doze



O Estandarte Está Erguido

Eles retornaram ao castelo ao anoitecer.

Isabella entrou correndo no pátio assim que ouviu os gritos dos guardas da torre. As sobrancelhas de Colyne estavam caídas, sua expressão sombria.

Isabella fez uma contagem silenciosa de seu número quando eles entraram. Todos os homens estavam de volta, mas sem Katherine, Caitrina ou Jamie.

— O que aconteceu? — Isabella perguntou assim que ele desmontou.

— Eles atravessaram para a terra dos MacLaulach — disse Colyne brevemente, jogando as rédeas para o jovem Dougal. — E levaram nossa gente com eles. Não há cavalgada em suas terras sem mais homens. Teríamos sorte de sair de novo.

— O que você vai fazer? — Isabella perguntou, seguindo atrás dele para o castelo.

— Chamar os nossos aliados e convocar homens suficientes para destruir um maldito monte deles. Os MacLaulachs levaram meu pessoal e não deixarei nenhum deles vivo.

— Kat está lá — Isabella gritou, horrorizada. — E Caitrina e Jamie! Você não pode atacar!

Ele a ignorou.

— Espere, por favor, ouça-me! — Isabella pegou seu braço na entrada do grande salão e ele se encolheu. Sentindo algo molhado e quente em sua palma, ela afastou a mão. — Você está sangrando.

Ele encolheu os ombros.

— Deixe.

— Você deve limpá-lo e atá-lo pelo menos.

— Eu não preciso que você me cuide!

— Envie para Alisoun fazê-lo então — disse ela com dureza. — Mas você vai me ouvir. Você não pode liderar uma força contra o MacLaulachs com nossa gente lá.

— Eles levaram minha irmã! — Ele meio gritou. — E o menino do Malcolm e sua Katherine!

— Você quer se vingar ou você os quer de volta?

— Como se já não estivessem mortos!

— E se eles estiverem, eu irei entregar todas as jóias, todas as roupas, toda riqueza à minha disposição para arrasar as terras de MacLaulach.

Isso o deteve.

— Você irá?

— Eu vou ver até o último MacLaulach ser exterminado, — ela respondeu. — Se a nossa gente estiver morta. Se eles estão prisioneiros, você deve negociar por eles.

— Eles nos odeiam! Por que eles não machucariam aqueles que amamos?

— Você odeia o rei? E Douglas?

— Não é o mesmo — ele respondeu. — Eu não vou machucar você, eu nunca faria!

— Você não pode atacar com nossa gente no coração deles, cercados por seus inimigos, e vencer!

— Sim, eu posso! *E* eu terei a cabeça do MacLaulach em uma lança dentro das paredes deste castelo!

— Porque seu orgulho é mais importante do que Caitrina!

Seus olhos se estreitaram perigosamente.

— Tenha cuidado com o que você diz agora, lady.

— Eu acho que você foi muito longe nas terras deles. Você queria empurrá-los de volta e você não pensou que eles eram uma ameaça. Você estava errado e não quer admitir isso.

— *Eu* estava errado? — Ele perguntou furioso. — Eu tenho a culpa de que os MacLaulachs sejam covardes o suficiente para levar duas mulheres numa oração?

— Pense no que importa agora!

— O que importa é ver os MacLaulachs mortos! Eu nem mesmo sei se nossa gente ainda está viva! E você não vai querer saber o que as moças podem esperar se elas estão.

— Eu sei o suficiente da guerra para saber que nunca é gentil com as mulheres. Mas se houver uma chance de que possamos trazê-los de volta com segurança, então devemos tentar.

— Nós não temos homens suficientes aqui. Preciso de mais homens!

— Não, apenas um para levar a mensagem de que você deseja negociar a sua liberação.

— Você acha que o ouvirão? — Sua risada sem graça ecoou no escuro no exterior do salão. — Provavelmente eles vão pendurá-lo como um cachorro antes dele respirar para falar!

— Pense nisso, Colyne! Se um cavaleiro vier sozinho da corte oferecendo-se para negociar por mim, você ouviria o homem?

Sua expressão era cautelosa.

— Sim.

— E se centenas dos homens do rei estivessem prontos para atacar, mas eles enviassem um cavaleiro, quão bem você receberia esse homem? Você o ouviria? Ou o exército em torno de você o tornaria menos disposto a tratar?

Ele estendeu o braço na direção das terras de MacLaulach.

— Eles nos insultaram e levaram nossos parentes! Nós não podemos deixar que passe impune.

— Vingança ou Caitrina, o que você terá?

Um músculo em sua bochecha se contraiu.

— Se você estiver errada...

Os homens da corte não só dançavam e lisonjeavam o rei, mas também conduziam exércitos e negociavam tratados. Ela sabia que esse era o caminho correto a seguir.

— Kat está lá, — ela disse, com a voz apertada. — Você não precisa me dizer o que eu vou sofrer se eu estiver errada.

Ele mudou de posição.

— Se eu enviar uma chamada, posso reunir algumas centenas de homens.

— Quanto tempo? — Ela contrapôs. — Quinze dias antes de serem reunidos e você poder liderá-los? Enquanto Caitrina, Katherine e Jamie estão cativos e MacLaulach levanta seus próprios aliados para combater os seus?

Sua boca estava traçada em uma linha apertada.

— Diga-me o que você está pensando.



Malcolm foi enviado para negociar com os MacLaulachs. Ele estava cansado, tendo andado com os outros, mas com Jamie em perigo ele não deixaria outro ir. Ele lutou na França, ainda era um oponente feroz, e ele conhecia cada ramo e colina da terra.

Sir William teria ido voluntariamente, sozinho e desarmado. Ninguém poderia questionar agora se seu dever para a rainha era maior do que seu carinho por Katherine, mas depois de meses com os Highlanders, ele ainda não falava suficientemente bem seu idioma para negociar. Ele ficou desapontado quando Colyne escolheu contra ele. William insistiu em obter a promessa de Colyne de que ele pudesse cavalgar na expedição para resgatar Katherine se a oferta de resgate fosse rejeitada.

Para a surpresa de Isabella, Colyne concordou, e Sir William, tremendo com a força de sua emoção, agradeceu-lhe genuinamente. Sir William pediu a devolução de sua espada e seriamente fez uma promessa de não usar isso contra qualquer MacKimzie durante a duração do seu cativeiro. Sir William retirou-se para limpar e afiar sua espada, se fosse chamado ao serviço de Katherine.

O jantar foi uma refeição sombria. Houve pouca conversa, nenhuma música nem alegria. No final da refeição, Colyne dirigiu

todos os que não precisassem ficar acordados para suas camas. Se eles viajassem para a guerra então ele precisaria que eles descansassem.

Isabella comeu pouco e retirou-se para ver como Angus estava indo. Com a ajuda dos preciosos livros de Caitrina e a assistência de Morag e William, Isabella limpou e costurou o corte na cabeça de Angus e colocou uma atadura. Isabella mastigava o interior de sua bochecha enquanto trabalhava. Ela estremeceu com a força necessária para perfurar a pele com a agulha curva, mas Angus era um paciente cooperativo e grato e seus pontos estavam bem feitos. A concentração necessária para a tarefa dominou qualquer escrúpulo, mas sua boca estava ferida quando terminou.

Isabella tocou dentro de sua bochecha dolorida com a língua e estremeceu. *Devo me lembrar de não fazer isso.*

Ainda assim, ela estava quase aturdida com a realização, e orgulhosa de como ela conseguira.

Uma vez que ela verificou o paciente, juntou bandagens frescas, um copo e uma garrafa de bebida forte que Caitrina usava para limpar feridas.

Ela encontrou Colyne em seu quarto, olhando distraidamente para as chamas.

Ela nunca tinha estado em seus aposentos antes e o espaço era bastante maior que aquele que ela ocupava. Este quarto estava decorado com cama cortinada, malas que se dobravam para armazenamento e poucas cadeiras. Havia mais um quarto além que a lady da casa tinha usado para sentar ou trabalhar em tempos passados. O piso de madeira continha alguns tapetes preciosos e as paredes algumas cortinas, mas faltava um pouco daquele toque suave

que o quarto de Caitrina continha. Esses quartos eram confortáveis, mas tinham uma sensação distintamente masculina neles.

Sua amante ou não teve a oportunidade ou a inclinação para modificar o espaço.

Alisoun também está dentro?

Isabella fez uma parada ao lado da porta pesada de carvalho, tímida para entrar caso ele não estivesse sozinho.

— MacKimzie?

Isabella olhou para o quarto além, mas nenhum rosto presunçoso e bonito apareceu ao som de sua voz.

O rosto de Colyne estava seco.

— Sim?

— Eu devo cuidar do seu braço.

Ele olhou as bandagens e os panos com desinteresse.

— Não está tão mal. Deixe.

Confiante agora de que ele estava sozinho, Isabella entrou.

— Seu braço precisa ser cuidado e quanto mais cedo você me deixar começar, mais cedo vou terminar.

Ele deu um sorriso sem humor.

— Você soa como Caitrina.

— Espero que ela me instrua nas artes de cura quando ela retornar.

Isabella indicou uma cadeira ao lado do fogo e deu-lhe um aceno de cabeça significativo. Ele não fez nenhum movimento para se sentar. Ela o encarou olho no olho.

— Parece que você já está aprendendo com ela. — Ele suspirou, alcançando o fecho que segurava seu manto. — Faça do seu jeito então.

Para ela cuidar do braço, ele teria que remover o manto e a túnica, o que o deixaria com...

Nada.

Ele pegou seu olhar de consternação e um sorriso rápido e consciente acendeu seu rosto.

— Eu... talvez você... — ela balbuciou, seu rosto quente.

— Eu não tenho qualquer coisa que você não tenha visto ou tocado.

Ela recuou rapidamente.

— Vou buscar Sir William para cuidar de você.

Ele riu. Fazia tanto tempo que tinha ouvido aquela risada...

— Espere, moça! Se você não pode olhar para mim, vire-se.

Isabella hesitou, mas virou as costas.

— Diga-me quando posso olhar.

— Você pode olhar sempre que quiser, — ele respondeu por trás dela. — ou tocar nesse assunto.

Depois de usá-la tão terrivelmente, ele realmente pensou que poderia seduzi-la novamente?

Ela virou a cabeça para falar, palavras cortantes prontas. Ele tinha tirado o *plaid*¹² e já puxava a túnica sobre sua cabeça. A luz do fogo iluminou seu corpo, mostrando cada curva lisa e suave de seu tronco, quadris e coxas.

E ele não estava brincando quando a convidou a tocá-lo.

Ela virou-se de volta rapidamente antes que a camisa passasse pela cabeça.

— Pronto, moça, — ele disse atrás dela. — você pode virar agora sem ofender seus olhos.

¹² *Plaid*: um pano feito com um padrão de tartan, enrolado em torno da cintura e lançado sobre o ombro e preso na frente

Ela tentou regular a respiração. Fiel à sua palavra, ele estava sentado diante da lareira, esperando por ela. O *plaid* estava ao seu redor, mas a túnica caída de lado para deixar o braço e o ombro nus.

Algumas das bandagens de Caitrina haviam soltado e a ferida estava vermelha e inflamada.

Verdade seja dita, ela não estava certa de como proceder.

Ela tateou gentilmente. A ferida estava quente sob seus dedos.

— Isso dói?

— Claro que dói! Você pensa em mim como um demônio que não sente dor?

— Eu não sei como Caitrina faz sua poção do sono — disse ela, agora duplamente determinada a aprender a arte da escocesa.

— Eu não vou beber, mesmo se você a fizer. Eu não posso dormir profundamente ou por muito tempo esta noite.

Ela franziu a testa, tentando pensar o que Caitrina poderia fazer.

— Eu acho que deveria limpá-lo primeiro.

Ela lembrou-se de como isso o fez sofrer ontem. Segurou um pano para pegar o excesso, respirou fundo e derramou a bebida sobre a ferida. Ele fez um som como um suspiro estrangulado. Sua mão agarrou o braço da cadeira tão forte que os nós dos dedos ficaram brancos. A transpiração brilhava em sua testa.

— Melhor me dar um pouco de bebida antes de fazer mais.

Ela havia mordido novamente o interior de sua bochecha.

— Deixe-me terminar primeiro. Então você pode beber o que sobrar.

Apertando os dentes, ele manteve-se firme enquanto ela derramou o líquido e limpou com o pano limpo. Ela entregou o copo e ele tomou o conteúdo rapidamente.

Isabella estava disposta a costurar o braço novamente, mas parecia que a costura era desnecessária. Ela espalhou o bálsamo de cicatrização de Caitrina e o envolveu, esperando que ela estivesse fazendo a escolha certa.

— Eu acho que isso vai resolver — disse ela, olhando por cima de sua obra. — Posso ver por que Caitrina não quis que você viajasse hoje. Você teve sorte de não ter aberto o corte.

Ele deu uma risada curta e amarga.

— Sim, minha sorte continua a se manter.

— Posso fazer mais alguma coisa por você? — Isabella moveu os pés. Agora, seu trabalho estava completo, ela estava agudamente consciente de que estavam sozinhos em seus aposentos. — Você precisa de ajuda para se vestir?

— Eu me viro bem o suficiente. — Ele segurou o copo. — Ainda vou beber mais disso.

Ela permitiu-lhe alguns momentos de privacidade para se vestir, prolongando enquanto ela enchia o copo.

Ele pegou o copo que ela trouxe para ele, mas não bebeu. Sentou e acenou com a cabeça para a outra cadeira.

— Sente-se, moça.

Isabella hesitou. Curar sua ferida era uma coisa. Sentar com ele sozinha em seu quarto era outra. E ela não tinha certeza em qual deles confiava menos.

— Eu acho que irei me retirar, meu lord.

— Eu revirei uma e outra vez na minha cabeça. — Ele a perfurou com um olhar. — Não havia maneira de que você pudesse saber que os homens MacLaulach estavam lá.

Isabella sentiu-se gelar.

— Você pode ficar de pé ou sentar-se como quiser. Mas você não deixará este quarto até que eu saiba a verdade e deixe você ir.

Ela afundou na cadeira, a madeira lisa dos braços sob as palmas das mãos.

— Se você soubesse de antemão que os MacLaulachs estariam lá esperando no poço, você nunca teria deixado que Katherine fosse.

Ela estendeu as mãos.

— Meu lord, com certeza você confundiu minhas palavras, eu simplesmente...

— Não há necessidade de enrolar mentiras sobre mim, — ele advertiu bruscamente — eu vou ter a verdade, você sabe.

Ela engoliu em seco.

— Você não sabia antes — ele continuou. — Você sabia quando estava acontecendo. Como, então? Como você poderia saber o que você não sabia?

Ela virou o rosto para o fogo, observando as chamas saltarem e torcer.

Depois de um tempo, ele falou de novo calmamente.

— Eu conheci uma moça, com sua idade, anos atrás, que sabia coisas que ela não poderia saber. Lutei com suas tropas, francesas e escocesas, pelo rei Charles. Eu segui sua bandeira e ela nos falou sobre seus santos. Eu a vi capturada. Mais tarde, ela foi vendida para os ingleses, jovem como ela era e uma donzela também. Muitos dos franceses e dos escoceses a chamaram de santa. Mas havia muitos, mesmo entre seu próprio povo, que a temiam. Os ingleses a chamavam de herege e bruxa e, no final, todas as suas visões não ajudaram nada. Os ingleses a queimaram.

Isabella apertou as mãos para esconder seu tremor.

Ele inclinou a cabeça.

— Você parece muito assustada.

Seus lábios ficaram rígidos.

— Não tenho nada a temer.

— Olhe para mim. — Ela o fez e seu olhar a queimou. — Você tem medo do destino de Jehanne para você?

Isabella fez um pequeno som sufocado.

— Você teve uma visão, não é? Foi como você soube que os MacLaulachs estavam levando nossa gente. — Ele procurou seu rosto e acenou com a cabeça uma vez, quase imperceptivelmente. — Ah, agora esta é a verdade disso.

— Você não pode me denunciar, — ela sussurrou — se você fizer isso, não haverá resgate.

— Não, — ele disse suavemente — eu não vou denunciar você.

Lágrimas borraram sua visão por seu tom gentil.

— Você teve uma visão, então. Foi a primeira?

Seus lábios se separaram, mas não conseguiu falar.

Os olhos dele se arregalaram.

— Não, não é? — Ele respirou. — Você já teve visões antes.

Estava tremendo muito agora. Estar tão exposta diante de alguém era terrível; diante de Colyne MacKimzie, era quase insuportável. Ainda assim, havia uma parte dela que desmoronou de alívio porque ele sabia.

— Há quanto tempo? — Ele perguntou. — Desde que você era uma menina pequenina?

Ela baixou o olhar para o tapete desbotado debaixo de seus pés.

— Sim.

— Sua Katherine sabe então. Você não disse a nenhuma alma a não ser Katherine?

— Você diria, se você tivesse visto Jehanne levada à estaca? — Ela perguntou com voz rouca. — Se você tivesse visto o que aconteceu? — Ela sentiu a bile subir à garganta com a lembrança. — Eu nunca conheci tanto horror como quando a queimaram. Eu pensei que eles deveriam fazê-lo porque eram homens de Deus e conheciam o mal. Eu pensei que eles iriam ver isso em mim.

— Você teme por sua alma? — Ele perguntou gentilmente.

— Eu não tinha medo quando era criança. — Ela deu de ombros impotente, lágrimas queimando seus olhos. — Eu pensei que todos podiam fazer o que eu fazia. E quando descobri que não podiam, Kat me amava, no entanto. Eu sabia que isso deveria ser secreto. — Isabella limpou suas bochechas com a parte de trás de sua mão. — Meu próprio tio, o cardeal Beaufort, bispo de Winchester, presidiu o julgamento de Jehanne e ele pediu que a condenassem. Eles estavam com medo, você sabe. Os homens que levaram Jehanne para a morte. Eles temiam o castigo de Deus, mas ainda assim a queimaram.

— Ach, — ele disse suavemente — você tem carregado um pesado fardo.

Ela baixou tanto a voz que quase não expirava as palavras.

— Havia conversas na Bella Court que o rei Henry tinha sido enfeitiçado. Havia murmúrios... sobre mim. As visões que eu tenho... Não posso escondê-las agora como fazia antes.

Ele passou a mão sobre os olhos, balançando a cabeça.

— Por isso é que você correu e me ultrapassou com medo no corredor naquele dia. Eu sabia que Katherine já tinha visto isso antes, eu podia ler isso em seus olhos.

Isabella molhou os lábios.

— Colyne, no dia em que você nos levou na estrada... Eu nunca tive uma visão tão vívida. Eu a tive de novo, cada vez mais clara, a pior no salão naquele dia.

— O que você vê? — Sua testa enrugou. — Você não vê as chamas sobre você?

— Eu não sei o que vejo! Não sei onde estamos, Kat e eu. Se é uma casa, é muito antiga. Eu sei que estou com a rainha, com as damas da corte, o rei. As paredes e o chão racham. Estamos gritando. Eu vejo... — Sua voz falhou e levou um momento antes que ela pudesse continuar. — Um homem com uma faca. A rainha está sangrando. Eu o vejo virar-se para mim, levantar a faca, então ele... — A mão dela foi até o peito, onde, em sua visão, a faca mergulhou. — Eu vejo o cabelo à luz do fogo. Parece ser o seu.

Ele olhou para trás, horrorizado.

— Você *me* vê ferindo você?

Isabella balançou a cabeça.

— Não vejo o rosto dele.

— Mas você correu de mim naquele dia.

— Eu vejo seu cabelo. À luz do fogo naquele dia, seu cabelo, o jeito que você ficou...

— Eu não sou um assassino!

— Você odeia James, você me contou você mesmo. Ele é odiado através das Terras Altas. Certo número de lairds ficaria muito feliz em ver a cabeça dele erguida em uma estaca fora do castelo de Edimburgo.

— Você vê se o rei morrerá?

— Eu não sei. Talvez o rei e a rainha, e eu também.

— Isso é o que você vê? — Ele exigiu bruscamente. — Você também vê lá sua própria morte?

Lágrimas a cegaram.

— Eu não sei. Desde Jehanne, pensei que não devia viver para ser muito mais velha do que sou agora. Mas Kat! Por favor, quando a trouxermos de volta em segurança, você a deixará ficar? Você a manterá aqui, mesmo que ela não queira?

— Elas sempre acontecem, essas coisas que você vê?

Ela olhou para o fogo.

— Sim.

— Hoje, quando você veio correndo, eu deveria ter partido com sua palavra. Você procurou salvá-los.

— Mas não importou, você não os alcançou a tempo. Eles foram levados de qualquer maneira.

— Mas eu poderia ter. Aguardei os outros rapazes, mas se eu tivesse ido sozinho, naquele momento, talvez estivesse lá para detê-los.

— Ele olhou para ela. — Você virá a mim e me contará quando vir essas coisas?

Ela se moveu em seu assento.

— Isso não é sábio. Não haverá quem acredite em você inocente de feitiçaria se eu fosse denunciada.

— Algumas das tropas de Jehanne eram escocesas. Não nos julgue pelas maneiras inglesas.

— Jehanne era uma santa! Eu nem mesmo sou mais uma donzela!

Seu rosto se contraiu.

— Isabella, eu... — Ele parou quando o som de vozes elevadas os alcançou. — Malcolm.

Eles chegaram no grande salão logo antes que o tio de Colyne entrasse. O suor riscava o rosto de Malcolm mesmo no ar frio. Ele estava sem fôlego. Outros também se reuniram, ansiosos para ouvir as notícias.

— Diga-me — disse Colyne.

— O velho MacLaulach está morto, seu filho é laird agora — disse Malcolm. — Eles me fizeram esperar até que o homem pudesse ser levado a falar comigo. Os homens do clã de MacLaulach disseram-lhe que não se encontrariam com você.

O coração de Isabella afundou. Tudo isso, ela pensou, apenas para acabar em um derramamento de sangue.

Malcolm afastou os cabelos úmidos.

— Mas o MacLaulach gritou para se calarem. Ele se encontrará com você no lugar onde nossas terras se juntam, se vier comigo e com nenhum outro homem.

Colyne parecia sombrio.

— Qual é a sua avaliação do MacLaulach?

— Ele é mais novo do que você, mais magro. Já o vi antes, tenho certeza disso. Eu acho que é quem pode ter cortado você, rapaz. Este é determinado e os outros o seguirão.

— Você acha que ele vai tratar conosco honestamente?

— Eu acho que sim, rapaz. Mas eu estaria errado em dizer-lhe para ir. Se ele for falso e nos matar a todos dois, com Angus machucado, e Jamie apanhado, não há gente suficiente na aldeia para montar contra eles sem ajuda e nenhum preparado para liderá-los como laird.

— Você viu algum deles? — Isabella perguntou. — Katherine ou Caitrina ou Jamie?

Malcolm sacudiu a cabeça e refletiu seus medos para o mais novo em seus olhos.

— O MacLaulach disse que Jamie estava ferido, mas não muito, e ele diz que Caitrina está atendendo-o. Ele diz que as mulheres não serão desonradas.

— Você acredita nele? — Perguntou Colyne.

— Sim — finalmente Malcolm disse. — Sobre isso, eu acredito.

Colyne dobrou os braços, a testa franzida.

— Mas ele diz que vai negociar conosco?

— Sim — disse Malcolm relutantemente. — Eu não acho que você vai gostar do que você vai ouvir, Colyne. O rapaz tem um olhar duro em seus olhos.

Colyne assentiu.

— Quando negociamos com ele?

— Amanhã, cedo.

— Você e eu iremos encontrá-lo, disse Colyne. — Ele olhou para os homens do clã e diminuiu sua voz para que apenas Malcolm pudesse ouvi-lo. — Peça-lhes que se preparem o melhor possível. Se não retornarmos, tenha cavaleiros prontos para procurar nossos aliados. Vá e diga aos rapazes, depois descanse um pouco.

Isabella seguiu Colyne no exterior do salão quando Malcolm correu para transmitir as ordens do laird.

— Meu Lord...

Ele olhou para ela, sua boca era uma linha sombria.

— Se eu não voltar, Angus levará você e Sir William para Perth.

— Não. Vou com você amanhã para ver o MacLaulach.

Ele piscou.

— Não — ele disse brevemente, virando-se para se afastar.

— Eu vou com você — ela insistiu, acompanhando seu passo.

— Você fica aqui, e isso é tudo!

— Você me pediu para falar com você sempre que eu — ela baixou a voz, olhando para o exterior do salão para ter certeza de que ela não seria ouvida — visse alguma coisa.

Agora ele parou para olhar para ela, franzindo a testa.

— Você viu?

— Não, — ela disse honestamente — mas se eu visse eu estaria muito longe para lhe contar.

Ele balançou a cabeça e começou novamente.

— Ach, você está falando tolice!

— Você disse que poderia ter alterado as coisas se tivesse saído de imediato, se tivesse acreditado na minha palavra. Caitrina e Jamie e Katherine estão detidos pelo seu inimigo. Se houver alguma vantagem que você tenha, você deve aceitá-la.

— Eu não posso levar você, mesmo que eu estivesse louco o suficiente! O MacLaulach disse apenas eu e Malcolm.

— E nenhum outro homem. Eu não sou um homem.

— Você não consegue nem levantar uma espada, e muito menos empunhá-la, isso se tivesse que fazê-lo!

— Jehanne nunca levantou uma espada. Ela só carregava sua bandeira e liderava exércitos.

— Você não é Jehanne!

— Não, eu não sou Jehanne, mas você precisa de mim e eu vou com você.

— Ach, sua idiota!

Ela o encarou olho no olho.

— Eu seria um louco em levá-la ali!

— Mas você vai?

— Sim, — ele cuspiu — como o maldito imbecil que eu sou, eu levarei você!

Treze



Os MacLaulach

Eles saíram com a primeira claridade.

Isabella sentia-se lerda e tão cansada que desejava rastejar de volta sob as cobertas. Quando ela encontrou sua cama na noite anterior, ela tinha caído em um sono exausto, por uma vez sem problemas de pesadelos. Ela dormiu profundamente, mas nem perto do suficiente. Mary a acordou quando ainda estava escuro. Isabella ficou piscando contra a sonolência enquanto a menina a vestia com suas roupas mais quentes. Mesmo em botas robustas, camiseta de lã e meias-calças, vestido forrado de pele, manto e luvas, ela sentia o frio.

Ela hesitou no topo da escada naquela manhã, sabendo que Colyne aguardava no grande salão. Sentia-se curiosamente desconcentrada com seu segredo conhecido. Sentia como se a terra tivesse se deslocado sob seus pés e o mundo ao seu redor se configurasse em contornos novos e desconhecidos.

Ela mal conseguiu encontrar seu olhar quando se juntou ao grupo sombrio no grande salão para quebrar seu jejum.

Ele a sentou ao lado dele na mesa, como se fosse natural que ela devesse estar lá. No final da refeição, ele ajustou seus passos para caminhar ao lado dela para o outro lado do pátio onde os cavalos, selados e prontos para andar, esperavam. Ele a ajudou para montar o próprio Cobweb e, quando Colyne colocou as rédeas em suas mãos, seu toque permaneceu.

Ele sabia agora, sabia o seu pior, e ele não desistiu dela.

Ela procurou seu rosto, seu coração acelerando. *O que quer que tenha acontecido naquela noite... mas as coisas são diferentes agora. Tenho certeza disso. Quando voltarmos novamente, talvez...*

Malcolm trouxe seu cavalo para o lado dela, sua sobrancelha enrugada com preocupação.

— Os MacLaulach nos esperam. Não devemos perder tempo.

— Você não precisa me lembrar, eu sei, tio. Colyne pegou as rédeas do cavalo de guerra de Jamie.

Malcolm balançou a cabeça para Colyne enquanto ele montava.

— Ach, rapaz, o que você está pensando ao trazer essa lady? Se for uma armadilha, você a leva também direto para o perigo.

Colyne ficou em silêncio por um momento, dedilhando as rédeas em suas mãos e depois endireitou os ombros.

— Eu sei o que eu estou fazendo. Vamos então.

Colyne liderou o caminho, ela a seguir, e Malcolm seguindo-os. Os sons dos cascos dos cavalos eram pesados enquanto atravessavam a ponte de madeira.

O frio estava em todos os lugares, o ar tão cortante e gelado com a neve caindo que picava os olhos de Isabella. Ela segurou o capuz de sua capa fechado sobre o nariz e a boca para proteger seu rosto. Os pelos minúsculos da pelagem cutucavam o canto do olho e sua

respiração tornou o revestimento de peles úmido. Mesmo assim, o cheiro desagradável da pele úmida era preferível ao frio mordaz contra suas bochechas.

As costas de Colyne estavam retas enquanto ele caminhava diante dela. Ele manteve o ritmo moderado e a Cobweb não teve problemas para acompanhá-lo. Os cascos dos cavalos esmagavam a neve enquanto cavalgavam na floresta.

Ele a deixou vir na premissa instável de que uma visão podia surgir para adverti-lo de traição ou fornecer orientação. Somente que ela não fazia ideia de como convocar uma visão. Ela podia prever tanto quando uma visão apareceria como poderia invocar uma chuva. Isabella pesquisou em suas memórias, buscando algo que ela fez ou poderia fazer para trazer uma.

Certamente ela nunca *desejou* que elas viessem. Elas eram indesejáveis, uma peculiaridade que a diferenciava e a deixava desconfortável em sua própria companhia. As visões vinham de repente, sem aviso ou motivo.

Mas se eu posso convocar uma, eu terei certeza que Kat está segura.

E se eu estou com uma criança ou não...

Colyne pegou o ritmo do cavalo de guerra. A vida da corte tornou-a bem treinada em amarrar seus temores em um pequeno pacote. Ela sabia como colocar esse pacote em um canto de sua mente e retornar à roda com uma expressão alegre e de ninguém mais sábio. Isabella não teve dificuldade em se manter com os homens agora.

Estava perto do meio da manhã quando Colyne abrandou o cavalo para caminhar, o bosque se diluiu, e em momentos estavam além das árvores nevadas e em uma clareira.

Os ombros de Colyne ficaram tensos e Malcolm praguejou em voz baixa.

Os lábios de Isabella se entreabriram quando viu o número de homens de MacLaulach esperando por eles no outro lado da clareira.

Colyne manteve a posição enquanto encarava o inimigo. Malcolm e Colyne estavam armados, é claro, mas dois contra mais de vinte não podiam ser contestados.

O silêncio os saudou quando os cavalos pateavam o chão. Os homens do clã de MacLaulach ficaram terrivelmente surpresos ao vê-la, mas permaneceram, claramente dispostos a tolerá-la aqui.

Colyne desmontou, entregou as rédeas do cavalo de guerra a seu tio e aproximou-se de Isabella.

— Fique no seu cavalo — advertiu, quando ela se preparava para desmontar.

Ela se acomodou de volta na sela enquanto ele se colocava de pé ao lado dela.

Ele olhou para ela com expectativa.

— Sinto muito — ela sussurrou. — Não tenho orientação para lhe oferecer.

— Então, talvez o céu pensa que eu não precisarei disso.

Ele olhou para os MacLaulachs. Os homens o observavam severamente. Os cavalos dos homens do clã balançavam a cabeça com impaciência.

— Fique para trás o mais que puder — disse Colyne calmamente, sua respiração visível no frio. — Se houver derramamento de sangue, vire e monte como se a Boca do Inferno estivesse atrás de você e não olhe para trás. Se eles a pegarem antes de alcançar o castelo MacKimzie... — Ele parou, sua boca trabalhando por um momento. —

Diga-lhes quem você é. Não consigo pensar, mas eles estarão ansiosos pelo resgate. Mas, Isabella não diga a eles o que você me disse.

Eu não deveria ter vindo! Sua presença aqui colocou Colyne em perigo e Malcolm dez vezes mais. Colyne lutaria para dar-lhe a melhor chance de voltar para o castelo, mesmo que isso destruísse suas próprias chances de fuga.

— Eu sei que você prevalecerá aqui, Colyne. Eu sei que você nos levará para casa novamente em segurança.

— Eu não achava que você pensava tão bem de mim. — Ele colocou a mão no pescoço do cavalo e olhou para o rosto dela interrogativamente. — Diga-me, moça, ontem à noite, quando você estava cuidando de meu braço...

Colyne se inclinou mais para perto, o peito contra sua perna e deixou cair a voz para um sussurro.

— Você espiou, não é?

O rosto de Isabella ficou quente, e ela olhou para ele, com a boca aberta com vergonha.

Colyne sorriu.

— Ah, agora *há* algo para um homem pelo que viver.

Ele se virou e caminhou em direção aos MacLaulachs com graça confiante, sua cabeça erguida com orgulho.

— Eu sou o MacKimzie — Colyne gritou quando chegou ao centro da clareira. Ele carregava seu escudo e abria bem os braços, a espada embainhada. — Eu venho para negociar com seu laird.

Um jovem desmontou de seu cavalo na linha MacLaulach perto das árvores. Encontrou Colyne no centro, mantendo uma meia dúzia de passos entre eles.

O MacLaulach era mais novo, mais baixo e mais delgado do que Colyne.

— Eu sou o MacLaulach — disse ele, quando estava a poucos passos de Colyne. O jovem laird estava armado, mas não pegou sua espada.

Colyne acenou com a cabeça para ele.

— Você pegou dois de meu clã e uma dama inglesa. Eu os quero de volta.

— Seu homem disse que queria negociar por eles. — O MacLaulach ergueu o queixo em direção a Colyne. — E o que você está oferecendo em troca, MacKimzie?

— Quinze vacas.

O MacLaulach deu uma risada sem humor.

— Você é um homem rico, de fato, MacKimzie, para oferecer tanto.

— Eu não desejo insultar você ou dar prejuízo aos homens do clã oferecendo menos.

O MacLaulach olhou para ele, o olhar estreitado, e deu um pequeno aceno concordando.

— Você pode ter o rapaz e a lady inglesa pelas vacas, — concordou o MacLaulach. — mas a moça, não.

Isabella sentiu o ar sair de seus pulmões. A postura de Colyne ficou rígida.

— Você não quer dizer... — Colyne começou, sua voz soando estrangulada. — Caitrina não está morta?

O MacLaulach sacudiu a cabeça bruscamente.

— Ela não está machucada. Ainda assim, você não a terá de volta, MacKimzie, nunca.

Colyne desembainhou sua espada em uma explosão de fúria e Isabella sentiu-se empalidecer.

Sangue de Deus, o que ele está fazendo? Com seu ombro machucado ele está louco em desafiar o MacLaulach assim!

O jovem laird mal teve tempo de bloquear o balanço da espada de Colyne. Ele pegou o escudo sob o ombro dele e empurrou Colyne para trás. O MacLaulach recuou rapidamente para pegar sua espada e seus homens se deslocaram para correr para a frente.

Vendo o movimento deles, o jovem laird lançou-lhes um olhar furioso.

— Fiquem onde estão! — Gritou o MacLaulach.

Assustados e irritados com a ordem de seu laird, seus homens cessaram sua carga. Resmungando, eles obedeceram e voltaram para a linha das árvores.

O MacLaulach observou com cautela enquanto Colyne se aproximava dele.

— Você ainda pode ir em paz, MacKimzie.

— E deixar minha irmã com gente como você? — Os olhos de Colyne se estreitaram. Ele circulou. — Você não é páreo para mim, MacLaulach.

— Vamos ver — o jovem laird desafiou.

Colyne avançou com rapidez surpreendente, trazendo sua espada baixa e girando. O MacLaulach bloqueou com seu escudo, mas por pouco. A lâmina do MacLaulach surgiu, derrubando a espada de Colyne enquanto o jovem pulava para trás e se reorganizava.

E a seguir, Colyne continuou circulando, testando. Ele era o melhor lutador, mas seu ombro dificultava-lhe muito. O MacLaulach cedeu espaço apenas para voltar no momento seguinte. Um pedaço da

espada de Colyne pegou o MacLaulach na panturrilha. Ele gritou e balançou, e Isabella prendeu a respiração ao ver o quão perto sua lâmina veio da garganta de Colyne.

Colyne inclinou-se para trás, tomado de surpresa pela ferocidade do ataque. No próximo instante, Colyne correu e bateu no MacLaulach uma série de golpes. O jovem laird caiu de volta, mancando e respirando com dificuldade. Ele ficou de pé, seu escudo mantido firme, a espada pronta.

— Você vai morrer aqui, rapaz — provocou Colyne. — Suas vísceras derramadas no chão!

O MacLaulach ficou pálido, mas aumentou o aperto em sua espada, seu rosto ajustado e determinado.

— Venha me pegar então.

— Eu vou ter sua cabeça apodrecendo em uma estaca!

Os homens MacLaulach ficaram tensos quando seu laird caiu, mal se afastando do balanço de Colyne. Eles já tinham as espadas na mão. Se o seu laird morresse, Colyne não sobreviveria a ele por muito tempo.

O MacLaulach se mexeu, tirando força de seu núcleo interno, um homem pronto para morrer agora, e matar. Este jovem laird lutou imprudentemente, como se ele já estivesse perdido.

Não foi uma visão que veio a Isabella então; foi uma lembrança.

— Espere! — Ela gritou, descendo de seu palafrém.

Ela soltou as rédeas de Cobweb. O animal nervoso recuou de volta para os outros cavalos enquanto ela corria em direção aos homens.

O campo estava gelado, o terreno duro traiçoeiramente desigual enquanto corria. Seu pesado vestido de lã a impedia, suas botas

desajeitadas na neve e Malcolm gritava para ela parar. Isabella agarrou suas saias e levantou-as para correr mais rápido, o espartilho de seu vestido sufocando a respiração que ela precisava tanto para a velocidade, sem saber que os homens MacLaulach podiam ver suas pernas até as ligas.

A espada de Colyne balançou outra vez e o MacLaulach ficou tenso, vindo para ele por debaixo.

— Levantem suas mãos! — ela gritou.

Colyne parou com seu grito e lançou-lhe um olhar atônito de olhos arregalados.

— O que você tem?

O MacLaulach hesitou também quando a viu, suas sobrancelhas escuras se unindo. Seus homens se mostraram incertos, olhando para o laird para ver se eles deveriam se apressar ou não.

— Por favor, parem com as mãos!

O rosto de Colyne estava furioso.

— Pênis de Deus, mulher! Volte!

— Esperem, por favor! — Ela levantou a mão para eles. Ela não conseguia recuperar o fôlego para falar; seu coração martelava enquanto se movia entre eles.

O MacLaulach era jovem, talvez alguns poucos anos mais velho do que ela. Seus cachos escuros agarravam-se úmidos em seu rosto corado e ele fez uma careta ao colocar peso na perna ferida. Ele estava respirando com dificuldade, seu braço da espada tremendo.

Isabella molhou seus lábios.

— Você se chama Ihone?

— Sim — ele respondeu, seus olhos escuros estreitados e desconfiados.

Isabella acenou com a cabeça para ele.

— Caitrina curou você, não foi assim? Anos atrás.

— Curou? — Colyne olhou duro para o MacLaulach. Uma sombra de familiaridade caiu em seus olhos. — Eu conheço você! Vocês estavam quase fazendo invasão de matança em nossa terra, você é aquele que os rapazes trouxeram de volta.

— Claro que você me conhece — disse o MacLaulach. — Passei quase um mês sob o seu telhado, MacKimzie.

— Caitrina atendeu você! — Colyne segurou sua espada com um aperto com os nódulos brancos. — Salvou sua miserável pequena vida, e é assim que você lhe paga?

Malcolm estava fora de seu cavalo agora e o MacLaulach inclinou a cabeça, os pés plantados contra a próxima acusação. Seu clã levantou suas espadas.

— Não, esperem! — Isabella gritou, levantando a palma da mão para Colyne. — Caitrina o ama!

Colyne ficou parado.

— Ela o ama — disse Isabella, mais suave. — Ela o ama há anos.

— O que? Minha irmã ama um MacLaulach? — Perguntou Colyne. O rosto de MacLaulach sombreou-se.

Isabella deu um passo em direção ao jovem laird.

— Você a ama, então, como ela ama você?

— Sim — ele disse, lançando um olhar duro para Colyne. — *Eu* sou o MacLaulach agora, sem nem o pai nem o chefe para me contradizer. Eu não vou perdê-la de novo.

— É por isso que...? É o que você quis dizer, que você não a enviaria para casa? — Colyne balançou a cabeça um pouco, sua espada baixando um fio de cabelo. — Você quer se casar com ela?

O MacLaulach pareceu ofendido.

— Você acha que eu iria levá-la sem me comprometer?

Colyne abaixou a espada e o MacLaulach abaixou a sua.

— Deixe-me ouvir isso dos lábios dela, MacLaulach.

O MacLaulach assentiu com a cabeça para um dos homens, que partiu e voltou logo com Caitrina. Seu rosto estava tenso enquanto olhava entre os dois homens. Ihone embainhou sua espada e alcançou-a antes que ela pudesse desmontar. Com o cuidado mais gentil, ele a ajudou a descer do cavalo.

— Você está ferido! — Caitrina gritou, apoiada em sua muleta.

— Não é tão ruim quanto parece, amor — respondeu o MacLaulach com um meio sorriso. Sua mão encaixou em sua bochecha. — Seu irmão sabe agora, então não tenha medo.

Caitrina olhou entre Colyne e Ihone. Seus olhos estavam vermelhos como se ela tivesse acabado de parar de chorar. Ela dirigiu-se a Colyne com Ihone atrás dela. Ihone reteve-se, mas não longe, como se ele suspeitasse que Colyne queria roubá-la.

— Eu estava com muito medo que vocês matassem um ao outro — disse Caitrina, sua voz trêmula.

— Bem, eu quase matei seu homem de toda maneira — Colyne retrucou, lançando um olhar desdenhoso em direção a Ihone. — Em todos esses anos, por que você não me falou?

— Como eu poderia? — Seus olhos brilhavam com lágrimas. — O que você teria dito, ao ouvir que eu amo alguém que você odeia?

Colyne moveu o peso, a boca apertada.

— Você está decepcionado comigo, Colyne? — Perguntou Caitrina com uma voz pequena.

— Não, eu não estou decepcionado com você. — Ele olhou para o Ihone atrás dela e acenou com a cabeça para ele. — Você ama o homem ainda? Depois de todo esse tempo?

— Sim. — O queixo de Caitrina tremia. — Para sempre.

Colyne soltou a respiração e embainhou a espada. Ele olhou para o MacLaulach.

— O rapaz, Jamie, e a inglesa?

O MacLaulach sinalizou para os homens que estavam por trás dele e um partiu para cavalgar em direção à sua terra.

— Eles podem retornar com você hoje — respondeu o MacLaulach, movendo-se protetoramente em direção a Caitrina. — Você pode enviar as quinze vacas por eles amanhã.

— Sim — resmungou Colyne. — Eu acho que você estará recebendo essas vacas como parte do dote de Caitrina, em vez disso, MacLaulach.

Outro cavaleiro apareceu na floresta atrás da linha MacLaulach e Isabella gritou. Um dos homens do clã de MacLaulach veio cavalgando, Kat segura na sela na frente dele. Parecia cansada e irritada, mas bastante bem. Ao ver sua lady, Katherine deu uma bofetada nas mãos do homem.

— Solte-me, filho da puta! — Katherine repreendeu. — Cão plebeu!

— Ach, agora essa uma — murmurou MacLaulach. — Eu teria lhe dado vacas para levar de volta, MacKimzie.

— Você ainda pode — Colyne retrucou.

Isabella lhe lançou um olhar apertado e Colyne deu-lhe um encolher de ombros meio tímido.

Ihone acenou com a cabeça para o homem segurando Katherine e, visivelmente aliviado por estar livre dela, ele a deixou ir. No instante seguinte Kat estava em seus braços.

— Oh, lindinha! Tive tanto medo de não lhe ver de novo!

— Kat, você está bem?

Katherine assentiu.

— Nós fomos bem tratados, lindinha. Não tenho queixas.

— Sir William estará feliz por lhe ver, Kat. Ele tinha estado fora de si de preocupação.

O rosto de Katherine ficou iluminado.

— Foi? — Ela gritou, encantada.

Outro dos homens de MacLaulach chegou, conduzindo Jamie em seu cavalo. O jovem parecia pálido, mas sorriu levemente quando viu seu pai.

— Ele precisa descansar e se curar, disse Caitrina a Malcolm, que lutou para esconder suas lágrimas com o retorno seguro de seu filho.

— Mas ele deverá se curar bem.

— Ainda assim, é melhor levá-lo para casa — respondeu Colyne. — Malcolm, pegue a Sra. Katherine. Irmã, você vai cavalgar comigo.

O MacLaulach deu um rápido passo em direção a Caitrina.

— Ela fica — disse o MacLaulach friamente.

Colyne ficou quieto.

— Você disse que desejava se casar com ela.

— Sim — respondeu Ihone com cautela.

— Ach, cara, eu não posso apenas entregá-la para você!

— Sim, você pode!

— Ela não vê você há anos! E o seu clã nos invade noite e dia!

— Não mais que seus amigos levando nossas vacas!

— Eu preciso saber que vai cuidar dela como você deveria!

MacLaulach se zangou.

— Não é um insulto para você, MacLaulach — Colyne colocou com firmeza. — É claro que Caitrina confia em você, mas eu também devo confiar. Você faria algo diferente para você próprio?

O olhar perturbado do MacLaulach foi para Caitrina.

— Eu vou fazer você confiar, MacKimzie — disse Ihone, suas costas se endireitando. — O que você me dá, eu também lhe darei de presente. Eu lhe dou minha irmã, Bredach, para tomar para esposa.

Isabella congelou. *Ele havia dito — para esposa?*

A cabeça de Colyne se ergueu.

— Sua irmã?

— Não há uma moça mais bonita para encontrar, exceto Caitrina — disse Ihone com um olhar em direção dela, parecendo satisfeito com seu rubor.

— Ela é bonita, Colyne — assegurou Caitrina. — Ela será uma boa esposa.

O MacLaulach olhou para Colyne e ergueu o queixo.

— Bem, MacKimzie?

Colyne mudou de posição. Seu olhar encoberto descansou sobre o jovem laird e Caitrina, então oscilaram para os outros, Kat, Jamie, ela mesma.

Não, pensou Isabella, sua garganta tão apertada que dificultava respirar. *Oh, não, não, por favor! Ele não pode...*

— Sim, MacLaulach. — Colyne ofereceu ao jovem laird seu braço para apertar. — Se a sua irmã quiser me ter, eu a tomarei para esposa.

Quatorze



Hogmanay

A irmã de MacLaulach, Bredach, era a garota mais adorável que Isabella já tinha visto. Sua beleza teria sido o brinde de qualquer corte e Isabella imaginou que o rei Henry teria ficado bastante desfeito em sua presença.

Certamente Colyne MacKimzie estava.

Por ordem de Colyne, todos se reuniram para dar as boas-vindas ao MacLaulach, e sua irmã, ao Castelo MacKimzie. O coração de Isabella martelou enquanto Colyne estava piscando e claramente de língua amarrada pela beleza de sua noiva quando o MacLaulach a apresentou.

Bredach grudou-se em Colyne enquanto ele tropeçava em suas palavras de boas-vindas e, em seguida, pegava sua mão esbelta e branca nas dele com cuidado, como se fosse feita de cristal de Murano.

Sem dúvida, a garota já tinha experimentado essa reação dos homens antes.

Bredach era uma verdadeira ruiva, com a delicada pele de porcelana exclusiva dessa coloração e uma linda boca rosa. Não

vinculados ao estilo escocês, seus cabelos brilhantes contra a pele de marfim escorriam pelas suas costas e quadris, e apenas isso a teria marcado como uma beleza rara. Ela também possuía uma forma delgada, cintura pequena, mãos brancas graciosas e um rosto que poderia enviar um homem a perturbação.

Ao lado da beleza resplandecente de Bredach, Isabella era tão simples como uma cambaxirra¹³.

Ela era mais nova do que Isabella também, não mais de dezessete anos, e provavelmente tinha conhecido apenas a proteção amorosa de seu clã, e uma empregada de rosto doce.

Tão satisfeitos estavam os clãs de terem feito a paz que estavam ansiosos agora para fazer amigos para o Ano Novo. Celebrações foram planejadas, com festas e mascarados, o castelo preparou-se para hospedar tantos dos dois clãs quantos poderiam caber dentro das paredes ou nos terrenos. O salão estava decorado e até o menor membro dos familiares estava com ânimo exuberante.

Caitrina e Ihone iriam se comprometer essa noite para adicionar alegria extra à celebração de Hogmanay (Ano Novo) com seu noivado. Na Décima Segunda Noite (Dia de Reis), o auge das festividades (essa noite tendo sido escolhida por vários métodos de adivinhação e a exaustiva leitura de sinais para ser a mais auspiciosa) Caitrina e Ihone fariam seus votos matrimoniais.

A garganta de Isabella se fechou quando viu Colyne sorrindo para a mulher que em breve iria ser sua esposa. Ela pouco falou com ele desde o momento em que ele apertou o braço do MacLaulach. Nos dias que se seguiram ao retorno ao Castelo MacKimzie, Isabella demorou-se onde pensou que ele poderia passar, aguardando alguma palavra,

¹³ Ave comum.

alguma esperança. Ela procurou buscar seus olhos sempre que se encontravam, mas mesmo que pudesse reunir a coragem para deixar seu coração à nu, não havia oportunidade. Kat ou William estavam sempre à mão, ou um dos homens do clã, ou Caitrina.

Só uma vez houve um momento entre eles. Pouco antes de sua caminhada, Kat descobriu que estava esquecendo sua luva e Isabella esperou abaixo das escadas enquanto ela foi em sua busca.

Colyne chegou na esquina naquele momento. O corredor estava vazio, exceto por eles e Isabella viu que ele percebeu isso também.

Sozinho e não observado pela primeira vez em dias, ela sorveu a visão dele. Seu rosto ainda estava barbeado, suas bochechas coradas, e estava claro que ele estava aí apenas pelo frio. O próprio ar ao redor dela ficou carregado de sua presença.

— Meu lord MacKimzie — ela cumprimentou.

Ele deu um aceno respeitoso.

— Lady Isabella.

Você não me pedirá que o chame 'Colyne' agora?

Escondidos sob seu manto, os dedos dela arrancavam o forro de pele.

Temos apenas alguns momentos, com certeza. Por que você não fala?

— Você está para se casar — ela disse fracamente.

Ele deu um sorriso pesaroso.

— Talvez a moça não terá simpatia por bandidos e vai correr para casa.

Seu peito parecia vazio. *Não significo nada para você, então?*

— Mas você...? — Ela perguntou, procurando o rosto dele.

Sua voz apertou.

— Eu lhe disse uma vez, lembra-se? Eu não quebrarei uma promessa depois que eu a fizer.

— Eu me lembro. — A paz, o bem-estar do clã e a felicidade de sua irmã dependiam dele manter essa promessa.

Sua cabeça virou para olhar atrás dela.

— Ah, essa Mary! — Kat se queixou, luvas na mão. — Nunca encontrada quando necessária, e quase inútil quando ela... — Ela interrompeu quando viu Colyne. — Meu Lord MacKimzie.

Ele recuou.

— Estou feliz em encontrar você bem, Lady Isabella.

Kat estendeu a mão para detê-lo.

— Meu lord, você teve notícias da rainha?

Ele parou, ainda meio virado.

— Não, mas eu tenho em mente resolver o assunto tão rapidamente como possa ser feito agora, disso você pode ter certeza.

— Por favor, faça — disse Isabella, seu tom frio. — Estou ansiosa para me casar.

Era mesquinho, tolo; lembrando a Colyne que outro homem esperava para tomá-la como esposa, a levaria para a cama *dele*. Ela queria machucá-lo, ferir com palavras se essas eram as únicas armas que lhe restavam.

Mas se ela o tinha ferido, ele não deu nenhum sinal disso.

— Eu também — respondeu Colyne brevemente. — Mas devo deixar vocês agora. O MacLaulach e sua irmã chegarão em breve e tenho muito o que fazer para que eu possa receber a moça corretamente. Ele gesticulou com a cabeça para elas. — Eu terei muita ocasião para ver os duas durante ‘*Christmastide*’.



Isabella beliscou em suas refeições, observando sem atenção os preparativos para o *Christmastide* nos dias que antecederam a chegada de Bredach. Como os quartos privados eram limitados, Caitrina, envergonhada, disse-lhes que ela e Katherine seriam transferidas para compartilhar outro quarto, muito menor, de solteiro. Colyne tinha decidido que Bredach deveria ocupar os quartos que Isabella desfrutava agora. Katherine ficou ofendida levemente, mas Isabella recebeu a notícia com um silêncio branco. Naturalmente ele gostaria que sua lady tivesse o melhor conforto e acomodações que o castelo tinha para oferecer.

Isabella ficou em pé ao lado da cama quando a última de suas coisas foi levada. Ela envolveu seus dedos em torno do poste da cama e descansou sua bochecha contra a madeira lisa. Por um instante, que fez com que sentisse como se seu coração estivesse rasgando, Isabella perguntou-se quanto tempo levaria antes de Colyne afundar na suavidade da mesma cama com Bredach.

Para se livrar da insistência de Kat sobre a necessidade de se alegrar, ela se arrastou para se juntar à sua prima nas diversões que a casa fornecia.

A própria Caitrina varreu para fora as cinzas do fogo de Natal. Muito foi feito aqui pelas visões dessas cinzas frias e o pessoal da casa se reunia para ouvir o que esperar no próximo ano. Apertando os olhos para as cinzas, Morag falou de fortunas e fez previsões para quem desejasse e para o próprio clã. Ela viu um pé voltado para a sala, que anunciava uma nova chegada, geralmente concordaram em ser os visitantes que estavam chegando.

Morag viu prosperidade, e franzindo a testa, falou de muita turbulência a chegar a essas terras. Isto preocupou Caitrina, mas Morag assegurou que nada além de casamentos felizes viriam para todos aqueles que os fizessem no Ano Novo.

Morag convidou todas as pessoas para avançarem para contemplar as cinzas para ver por si mesmas. Mesmo Kat avançou ansiosamente, olhando para Morag para a interpretação. Isabella, testemunha de muitas sortes contadas na corte, recuou. Ela não tinha nenhum desejo que sua vida fosse lida com a fuligem de uma lareira Highland por uma mulher com uma venda sobre o olho.

— Você olhou para as cinzas, lady? — Perguntou Colyne, calmamente, parando ao lado dela. Sua voz foi modulada para que apenas ela pudesse ouvir. — Elas dizem alguma coisa para você do casamento?

— Certamente não — ela respondeu com frieza, acintosamente satisfeita por seu olhar incrédulo.

Ela os deixou todos com as histórias de Morag, de Cailleach,¹⁴ seus caminhos como o Espírito do Inverno, e retirou-se para seu quarto minúsculo. Nessa única coisa a Sorte sorriu para ela. Isabella não teve visões dele e sua bonita nova noiva.

Katherine ainda insistiu em uma caminhada diária enquanto aguardavam a palavra da corte. Sua prima sempre encontrou por acaso com Sir William durante esses passeios e eles sentavam juntos nas refeições, é claro. O alívio trazido pelo retorno seguro de Katherine trocou a admiração de William para uma adoração plena.

¹⁴ NT – Cailleach é uma figura mitológica que aparece na Irlanda e Escócia. Na Escócia, ela personifica o espírito do inverno, aprisionando a deusa Bríde em sua montanha no final do outono, anunciando o início do seu reinado.

Caitrina, geralmente tão séria e pensativa, passou por esses dias com uma excitação vertiginosa. Ela estava nervosa, certamente não por seu amor por Ihone ou o dele por ela, mas porque tudo deveria funcionar bem em razão de que os clãs se juntassem, senão seus planos de casamento seriam impedidos. Caitrina também podia falar de pouco mais do que seu amado. Seu rosto ficava bastante brilhante apenas ao dizer seu nome, e ficou claro que ela pensava nele constantemente.

Mas muito pior do que a adoração de Caitrina por Ihone era sua conversa sobre o próximo casamento de Colyne. Quão feliz ela estava por Colyne ter um bom par, como o casamento duplo deveria fortalecer ambos os clãs, quão bela e boa esposa Bredach seria, e Caitrina falava sobre isso com muita frequência!

Na tarde do banquete de Hogmanay, Isabella quase ficou louca pela soma de tudo e estava determinada a não aguentar mais.

Nas escassas horas antes da celebração, ela ficou no grande salão, cercada pelos preparativos frenéticos de última hora, e ansiava por algo muito pesado com o qual bater na cabeça de Colyne MacKimzie.

Ele não parecia irritado por ter sido parado por seu pedido para ser dispensada. Caitrina, ao seu lado e mais ansiosa sobre seu casamento do que nunca, empalideceu com a sugestão de que Isabella se ausentasse.

— A paz é frágil e eu não terei guerra porque você não quer levantar uma taça para eles — respondeu Colyne com um olhar reconfortante para Caitrina.

Os MacLaulachs estavam sendo instalados e os criados corriam para trazer água quente para banho, ansiosos por estender todo o conforto e cortesia que pudesse ser obtido no Castelo MacKimzie.

Isabella tentou novamente.

— Meu lord, eu não sou membro nem convidada desta casa. Minha presença na festa de hoje à noite dificilmente será importante para o MacLaulach ou sua irmã.

Caitrina se mexeu em sua muleta, seu olhar suplicante indo para Colyne.

— Tudo dentro das terras MacKimzie irá torná-los bem-vindos e juntar suas mãos na amizade — disse Colyne. — E isso é um fim para isso.

E eu vou beijar a bunda do demônio primeiro! — Para ter certeza, Isabella disse, lutando para controlar seu temperamento:

— Eu sou apenas uma prisioneira inglesa prestes a ser resgatada. Não posso acreditar que estão ansiosos para apertar *minha* mão como amiga.

O tom de Colyne tornou-se lacônico.

— Eu sou o laird aqui. Eu a *tereí* lá para a festa esta noite, e você mostrará seu rosto até o último *Christmastide* mascarado e ‘reel’ ¹⁵ também. Não iremos arriscar insultar o MacLaulach ou sua irmã por seus caprichos.

— Meu lord... — ela começou através de dentes cerrados.

— Você é filha de um conde e prima da rainha, sim? Eu sei que você se mostrou feliz diante de nobres que comeriam alegremente seu coração no mercado — ele retrucou, seu rosto avermelhado até a linha

¹⁵ NT dança típica da Escócia

do cabelo. — Então, você pode fazer um show de seu bom comportamento e honrar o clã MacLaulach conosco!

Seu coração martelou com o insulto quando ele a deixou ali cercada pelos preparativos para homenagear sua noiva.

Isabella endireitou as costas. *Eu vou mostrar de que material eu sou feita de fato, MacKimzie!*

Para a festa de Hogmanay, Isabella vestiu um vestido de veludo azul escuro e usou suas melhores jóias. Ela pediu a Kat para enrolar seus cabelos com um ferro aquecido no fogo, para prender na frente e revestir os cachos com pérolas. Apesar do resmungo de desaprovação da Kat, Isabella deixou seu véu ao estilo escocês e puxou a blusa para mostrar seu decote. Rouge coloriu as bochechas e o bálsamo fez sua boca parecer mais cheia e avermelhada como se tivesse passado as horas anteriores sendo beijada por outro. Entrando no grande salão, Isabella atraiu muitos e admirativos olhares dos clãs MacKimzie e MacLaulach e alguns dos seus olhares se demoraram calorosamente.

Centenas de velas, provavelmente mais do que a casa podia se dar ao luxo de usar, ardiam no salão e membros de ambos os clãs preenchiam a sala, que parecia estar pronta para explodir. Grupos de sempre-vivas de folhas verdes e escarlates adornavam o salão e cada pessoa no atendimento usava o seu melhor.

Isabella ergueu o queixo quando a corneta soou e se virou com os demais para olhar. Colyne e Bredach entraram juntos, despertando sons de aprovação da multidão.

Eles eram um par bem adequado e impressionante, o laird MacKimzie e sua nova noiva.

A barba de Colyne tinha crescido de novo para sua plenitude e seus cabelos caíam livres no estilo Highlander. O manto brilhante,

laranja, vermelho e preto em torno de seus ombros estava preso com um pino de prata moldado na forma de um dragão; sua túnica e calças eram do melhor tecido.

Sua grande altura e ombros largos só fizeram a forma esbelta de Bredach parecer ainda mais delicada e fina. Seu vestido cor de açafão foi bordado com fio verde e exibia sua bela figura na sua maior vantagem. Seu cabelo brilhante passava de seus quadris e refletia luzes douradas no fogo das velas. Com essa luz e sob o olhar adorável de seu noivo, a garota parecia mágica, quase sobrenaturalmente, bonita.

Sorridente e orgulhoso, Colyne conduziu sua lady a seu salão e o coração de Isabella silenciosamente quebrou.

Bredach sorriu para ele quando ele a levou para o alegre meio de seus clãs recém-unidos, seu rosto aberto e em forma de coração estava incandescente.

Quando passaram por Isabella em seu novo lugar em uma das mesas inferiores, Colyne apenas deu uma olhada em sua direção.

Colyne ajudou Bredach na cadeira ao lado dele. O MacLaulach tomou seu lugar ao lado de Caitrina no outro lado de Colyne e Isabella afundou sem expressão no banco enquanto a celebração de Hogmanay começou.

Sentada em uma mesa inferior, mas em linha de visão direta, Isabella não podia deixar de ter conhecimento total das atenções gentis de Colyne com Bredach. Isabella tinha sido a beneficiária daquele sorriso, daqueles lindos e persistentes olhares não fazia muito tempo atrás. Vê-lo dá-los a Bredach agora era como uma doença que se espalhava para fora de seu coração como sanguessuga de sua própria alma.

Colyne marcou todas as palavras que Bredach pronunciou e pesou cada palavra que ele falou com ela. Ele se esforçou para alimentá-la com os pedaços mais elegantes. Os músicos tocaram músicas para Bredach tão suaves e doces quanto a primavera.

Ele não deu um sorriso malicioso para Bredach; ele a tratou com o maior respeito, tendo muito respeito por seu pudor. Isabella sabia que Colyne via essa garota de uma maneira que ele nunca a viu. *Essa* garota nunca seria seduzida e se tornaria uma das suas prostitutas.

Isabella e aqueles nas mesas inferiores foram servidos de cerveja e hidromel. Uma grande parte do que aqueles na mesa alta bebiam, parecia suspeitosamente com o vinho que era previsto agradar a mesa de Lord Douglas depois do casamento.

Isabella estava sentada entre Kat e Duncan, um primo do MacLaulach. Ele era um jovem esbelto e de cabelos escuros com uma pele pálida, bonito no estilo Highland, com aparência muito semelhante a de seu laird. Seu rubor se aprofundava cada vez que seus olhos azuis mergulhavam no decote baixo de seu vestido e, em pouco tempo, ele estava sempre de rosto vermelho. Ele fez o seu melhor para cuidar dela, mas ele não tinha sido educado em boas maneiras, derramando o hidromel que eles compartilhavam, deixando cair o pedaço de carne que ele ofereceu antes que ela pudesse pegá-la.

Uma coisa em que os dois clãs pareciam concordar era o ódio mútuo ao rei. O rosto de Duncan ficou fechado com indignação enquanto falava sobre James.

— Eu devo pedir-lhe para falar com a maior restrição na minha presença — Isabella admoestou, mas sorriu quando disse isso. — Eu sou prima da rainha e, portanto, do rei também.

Seus olhos se arregalaram e se dirigiram para a mesa alta.

— Prima do *rei*? O MacKimzie sabe?

— Claro. Ele espera que minha prima real me dê um bom resgate.

Duncan piscou para ela, e ela se perguntava se ele estava calculando seu valor em ‘vacas’, juntamente com o peso de seus seios.

— Você vive na corte então? — Perguntou Duncan.

— Eu morei na corte do rei Henry desde os doze anos. Ainda não me juntei à corte do rei escocês, mas eu irei depois que meu resgate for pago.

— Eu ouvi dizer, — ele arriscou, a maçã de sua garganta balançando, — que não há um lugar mais cheio de maldade do que a corte.

Bredach brincando ofereceu um doce a Colyne e o tirou de volta, rindo.

Isabella voltou sua atenção diretamente para Duncan.

— Eu aposto que os cortesãos são os primeiros a concordar com você sobre esse assunto.

— Não tem medo de voltar para tal maldade?

— Não, com certeza. — Ela olhou para ele de soslaio. — Mas, então, estou muito acostumada a isso.

Ele se inclinou para a frente, baixando a voz.

— Vai me contar então, de maneiras corteses?

Ela sorriu para ele sobre o copo.

— A que maneiras você se refere?

O rubor se espalhou até as próprias pontas de seus ouvidos.

— Lady Isabella!

O som da voz de MacKimzie erguendo-se acima dos sons da festa a surpreendeu. Ela olhou em sua direção para ver que ele estava fazendo sinal para ela aproximar-se.

Ela ficou onde estava, suas narinas queimando.

Chamando-me até ele como um criado ou um cachorro, não é?

— Eu acho que o MacKimzie quer uma palavra com você — disse Duncan, e Isabella engoliu sua resposta mordaz a um conselho tão útil.

Isabella captou o olhar de Kat. Normalmente ela nunca iria levantar e ir até ele. Ele deveria em respeito a seu nível e sexo vir até ela.

As pessoas olharam em sua direção como se estivessem se perguntando por que ela tardava. Isabella estava de repente consciente de quantas sentadas ao redor dela eram do clã MacLaulach.

Kat levantou um ombro ligeiramente como se dissesse, *o que podemos fazer?*

Rigidamente, Isabella levantou-se e, elevando-se em toda sua altura, foi ficar de pé diante dele na mesa alta.

Colyne acenou com a cabeça para ela.

— Lady Isabella.

Isabella fez uma cortesia leve para ele.

— Meu Lord.

— Eu falei aos nossos convidados do seu toque de harpa e voz doce. Eu gostaria que cantasse para nós.

Isabella sentiu como se sua garganta estivesse se fechando.

Ele teria que *cantar* para Bredach também?

— Eu acho que você deve me desculpar — ela respondeu friamente. — Temo que eu venha a ser uma cantora pobre para uma celebração tão importante, e faria um show desagradável.

Colyne olhou para Bredach, que virou seu sorriso deslumbrante para ele. Pareceu que ele levou um momento para lembrar de Isabella de pé diante dele, mas quando ele o fez sua maneira tornou-se brusca.

— Você é uma cantora suficientemente boa. Cante agora para receber nossos convidados.

Isabella estreitou os olhos perigosamente.

— Você tem uma boa voz — Malcolm colocou antes que ela pudesse falar. Ele olhou para o MacLaulach. — A moça realmente toca docemente a harpa.

Os servos levaram sua harpa para o salão e agora estavam colocando-a no lugar.

Ela ficou de pé por um momento, observando os servos enquanto colocavam o instrumento, tentando controlar a respiração.

— O que devo tocar para você então, meu lord? — Perguntou ela. — Canções de amor, como antes? Ou devo me preparar para a tarefa de fazer corar Lady Bredach?

Bredach riu, mergulhando o rosto em direção ao ombro de Colyne, e Isabella podia ver Colyne mudar de posição desconfortavelmente.

— Eu acho que você deve tocar algo para os ouvidos de uma donzela.

— Os ouvidos de uma donzela? — Isabella perguntou, colocando o dedo no queixo. — Tenho medo de não me lembrar de nada.

Os olhos de Colyne tomaram um brilho de advertência.

— Pegue sua harpa, minha lady — ele disse sem entonação, mas com uma corrente subjacente de crescente raiva. — Estou certo de que uma melodia adequada virá a você uma vez que você comece.

— Toque, Lady Isabella — pediu Caitrina de repente. — Eu nunca ouvi você e eu deverei gostar muito.

Relutantemente, Isabella olhou para Caitrina. Olhando para os olhos suplicantes de Caitrina, assim como os de seu irmão, ela não podia deixar de lembrar os esforços exaustivos da garota para curar Kat e Sir William, mas também que ela logo se casaria depois de conhecer tanta dor.

Isabella não teve isso nela de manchar a noite de compromisso de Caitrina. Ela assentiu com a cabeça e foi até a harpa dela. Lembrou-se dos olhos de Caitrina na árvore do poço sagrado, profundamente triste quando amarrou um pano pelo amor perdido. Ela não tocava pelo prazer de Bredach ou para envergonhar Colyne, ela iria fazer o melhor para Caitrina e Ihone.

Quando seus dedos encontraram as cordas, uma música veio até ela. Era uma música francesa, um conto de amantes separados em terras encantadas, condenados a se separar para sempre se não se encontrassem ao cair da noite. Eles buscaram um ao outro com uma esperança cada vez menor, reunidos quando a última luz do crepúsculo desapareceu por *Fey*¹⁶ movido por sua situação.

Na verdade, quando as últimas notas desapareceram, Isabella ficou surpresa com o quão bem ela cantou. Sua voz geralmente não era tão segura ou tão forte.

Os olhos de Ihone estavam úmidos, mas Caitrina estava chorando livremente.

— Ah, lady, você tem uma linda voz — disse Caitrina, rindo de suas próprias lágrimas. — Agradeço por sua música.

¹⁶ Destino

— Cante outra! — Gritou Bredach. — Essa música foi muito triste!
— Continuou ela, virando os olhos azuis para Colyne com um biquinho e segurando seu braço. — Diga-lhe para cantar algo alegre para mim.

Colyne parecia quase desfeito por seu toque, piscando para baixo para seus dedos delgados apoiados em seu braço. Mesmo de onde Isabella sentou, ela podia ver os músculos da garganta funcionando.

— Sim, devemos tê-la cantando novamente — ele concordou fracamente

— Meu lord, — Kat gritou de seu lugar ao lado de Sir William, seu tom suave. — oh, deixe minha lady terminar sua refeição primeiro! Seus cozinheiros se superaram e você teria minha doce lady sem nenhuma amostra disso!

— Eles superaram as expectativas que eu poderia ter — acrescentou Sir William, graciosamente. — Eu não sei quando vi pela última vez uma festa tão magnífica, meu lord.

Houve gritos de concordância entre o grupo de como tão finamente a mesa tinha sido preparada.

— De verdade — Kat concordou, fazendo um gesto para Isabella para se juntar a eles na mesa. — Minha lady, venha agora e experimente por si mesma. Eu não provei essas delícias nem mesmo no Natal na corte do rei Henry!

Minha Kat rápida e inteligente! Agradecida sem medida, Isabella fugiu para a segurança de seu assento no banco ao lado de Duncan.

Encorajado por Katherine, Duncan se ocupou em servir Isabella uma iguaria após a outra. Na verdade Isabella não tinha estômago, mas não havia esperança de escapar das ofertas infinitas que ele fazia e ela se esforçava para fingir a alegria que não sentia.

Chegou o momento de Caitrina e Ihone trocarem votos voluntários para fazerem seu compromisso. Eles coraram e sorriram um para o outro enquanto ficavam diante do grupo.

Ihone falou primeiro, e com nervosismo tocante, pegou a mão de Caitrina na sua.

— Eu, Ihone, tomo você, Caitrina, para mim, como esposa prometida e ao mesmo tempo entrego-lhe minha fidelidade.

Caitrina, sorrindo através das lágrimas, pegou a mão de Ihone na dela.

— Eu, Caitrina, tomo você, Ihone, como meu esposo prometido e ao mesmo tempo entrego-lhe minha fidelidade.

Ihone inclinou-se para a frente e tocou sua boca na de Caitrina, mas ficou claro que era um beijo casto apenas porque estavam diante de tantas testemunhas.

Um aplauso surgiu do grupo e até mesmo Isabella, com medo em seu coração e sabendo o que estava por vir, levantou uma taça para eles.

Ela tomou um gole, quase não conseguindo engolir e, aflita, ela, como o resto do grupo, olhou para Colyne e Bredach, esperando os votos de compromisso para tornar seu noivado público.

Colyne sorriu para eles, pegou a mão de Bredach e levantou com ela.

— Toquem algo brilhante para minha lady, — ele pediu aos músicos — e afastem as mesas daqui para que possamos dançar. Temos muito para celebrar esta noite!

A sugestão foi recebida com uma concordância entusiasmada, e uma onda de atividade se seguiu enquanto eles limpavam um espaço e os músicos irromperam em uma melodia alegre.

Isabella sentiu o estômago revolver. Claro que já estavam noivos. A combinação tinha sido feita há semanas na terra de MacLaulach.

Ela levantou a taça até seus lábios, mas não conseguiu beber.

— Você vai dançar, lady? — Duncan perguntou timidamente.

Isabella olhou para as dançarinas, balançando e sapateando no círculo da dança das Highland.

— Sim — ela disse, eu vou.

Kat pareceu surpresa quando Isabella se juntou aos dançarinos, mas não a chamou de volta. Por sua parte, Isabella se atirou na dança, girando e sapateando com Duncan de forma que sem dificuldade ela pudesse acompanhar os outros bailarinos.

Ela dançou até o grupo se arrumar para um ‘reel’ e, sabendo que ela teria que segurar as mãos de todos os dançarinos do sexo masculino, incluindo Colyne, ela fez um gesto para que Duncan a deixasse se retirar.

Ela se juntou a Sir William e Katherine na beira do salão e, com gratidão, bebeu a cerveja que Duncan lhe ofereceu.

— Você dança a maneira Highland muito bem, lindinha, — comentou Katherine, levantando as sobrancelhas. — como você veio a aprender as danças tão bem?

— Eu tive oportunidade de aprender enquanto você estava doente — Isabella respondeu, tomando outra bebida.

Ela podia ver a questão se formando nos olhos de Kat e ela falou antes que pudesse indagar mais.

— Diga-me, Sir William, — disse Isabella, já conhecendo a resposta — eles dançam tanto na corte do rei James?

— Eu devo dizer que não — respondeu William. Consciente do homem MacLaulach ainda com eles, ele acrescentou apressadamente:

— Uma grande pena, porque parece tão alegre. Você está especialista nisso, minha lady. Talvez você vai lançar uma moda.

Oh, eu nunca mais dançarei à maneira Highland novamente quando eu sair desse lugar.

— Talvez, — Isabella disse e olhou para sua prima — repare Kat, eles estão novamente configurados para o próximo turno! Você não vai tentar? Você tem sangue escocês suficiente para fazer isso.

Kat tornou a objetar e Duncan galantemente colocou:

— Eu vou levar você se desejar.

Kat olhou ansiosamente para os dançarinos.

— Vá — disse Isabella. — Eu devo recuperar o fôlego e estou com uma grande sede. Sir William se sentará comigo um tempo.

Kat, com um pobre show de relutância, permitiu que o jovem escocês a conduzisse ao terreno.

Sir William viu Kat pular em sua parte na dança.

— A senhora Katherine tem uma paixão pela vida que eu raramente tenho visto. Verdadeiramente ela tem uma alma alegre.

— Eu creio que ela é a mais nova e eu a mais velha, — respondeu Isabella — apesar de quantos anos possam ser.

Os olhos escuros de William descansaram gentilmente sobre ela.

— Estou feliz que seu ânimo esteja bom esta noite, minha lady. A senhora Katherine tem se preocupado muito com seu estado de espírito e saúde.

— O aprisionamento pesa demasiado sobre mim e ainda sem um fim à vista. — Colyne estava falando agora com Ihone e Caitrina. Bredach, se possível ainda mais atraente enquanto a dança colocava uma cor em seu rosto, terminou sem fôlego sua dança com o filho de Malcolm, Jamie.

— O MacKimzie disse que seria uma semana mais, talvez quinze dias e nenhuma palavra sobre quando eu vou me juntar à corte!

— Vou falar com o MacKimzie novamente e rogar-lhe para chegar a um acordo rápido com Sua Majestade — prometeu William. — Ele não pode ter motivos para prolongar essas negociações ou nossa prisão.

— Não — murmurou Isabella. Bredach correu direto em direção a Colyne, jogando os braços sobre o pescoço dele e rindo enquanto ele a girava. — Não consigo pensar que ele tenha razão.

A dança terminou. Kat voltou com Duncan e imediatamente beijou Sir William.

Isabella pestanejou em divertida surpresa quando o rosto de Sir William corou.

Kat olhou-o inocentemente.

— Porque é o costume após a meia-noite, Sir William! Agora é hora de oferecer igualmente ao amigo e ao estranho um beijo e um bom Ano Novo!

— Ah, — disse o cavalheiro, parecendo nervoso. — E, portanto, um bom Ano Novo para você, Senhora Katherine. — E ele gentilmente beijou sua bochecha.

Kat corou, parecendo encantada apesar da sua moderação.

— Bom ano novo para você! — Isabella ouviu Caitrina dizer.

Caitrina, radiante ao lado de seu Ihone, pressionou um beijo na bochecha de Sir William e depois na de Katherine. Isabella beijou Caitrina por sua vez e depois Kat, Ihone e Sir William, muitos deles rindo da tolice disso.

Isabella virou-se e encontrou-se de frente para Colyne.

Seu sorriso desapareceu instantaneamente.

Apenas o calor dele, o cheiro masculino e limpo apenas dele, era suficiente para trair uma espetada de saudade.

Ela virou sem pensar, sabendo que ela deveria fugir ou se fazer de tola, e colidiu com Duncan, que riu e a pegou em seus braços.

— E bom Ano Novo para você, lady — disse Duncan, dando-lhe um persistente suave beijo na boca.

Duncan cheirava a sabonete e lã da Highland, seu corpo jovem quente contra o dela.

— Patife! — Kat repreendeu com um fingido tom escandalizado, batendo no seu braço brincalhona.

— Este é seu homem? — Colyne perguntou ao MacLaulach, olhando para Duncan.

— Sim — respondeu Ihone. — É também meu primo.

— E logo também será meu. Primo, — ele dirigiu-se a Duncan — esta lady está prisioneira aqui, sob minha custódia, guardada e tratada honradamente por todos os que se importam com meu bom nome.

Tratada honradamente! A respiração saiu de seus pulmões. Sua inocência tomada, seus segredos desnudados, apenas para ser deixada de lado, tudo esquecido por uma beleza maior e uma melhor combinação?

Duncan soltou desajeitadamente Isabella de seu abraço, o rosto corado e bastante envergonhado.

— Sim, eu sei.

Colyne indicou o salão com um aceno de cabeça.

— Há muitas garotas bonitas aqui com quem você poderia divertir-se, mas esta lady você deixa em paz.

Duncan olhou para Ihone, que falou rapidamente.

— Ele não quis desrespeitar você, MacKimzie.

Ele sorriu abertamente e bateu em Duncan no ombro.

— Eu não tenho rancor contra você, primo, enquanto você me importar. Venha e erga uma taça comigo pela nossa amizade e o Ano Novo.

Colyne fez uma pausa para dar uma olhada para Kat.

— E você, senhora Katherine, deveria cuidar melhor da sua lady.

As costas de Katherine se endireitaram, ofendida.

Isabella tocou seu braço.

— Deixe para lá, Kat.

Colyne ofereceu vinho a Duncan enquanto sua noiva compartilhava um rápido beijo com seus homens do clã e com Jamie também. Bredach ficou na ponta dos pés e os braços dela rodearam o pescoço de Colyne, as mãos dele apoiadas em sua minúscula cintura enquanto eles compartilhavam o beijo de Ano Novo.

— Parece que o assunto terminou agora — Isabella disse calmamente.

Quinze



O Senhor dos Tolos

Foi poucos dias depois, na manhã da Noite de Reis, que Isabella finalmente viu sua chance de escapar.

Suas saias se espalhando atrás dela em sua pressa, seu olhar se movendo para ter certeza de que ela não era observada por ninguém. O povo do castelo estava ocupado com os preparativos para a celebração da noite. Caitrina ficaria ocupada por horas com a preparação para os casamentos. Kat e William tinham sido atraídos para um jogo com alguns dos MacLaulachs e ninguém mais pensaria em procurá-la.

Quase ao chegar no corredor externo, Isabella parou, seus dedos pressionando contra a pedra dentada o suficiente para machucá-los.

Colyne e Bredach estavam lá, brincando com máscaras pertencentes aos mímicos que Colyne tinha contratado. Colyne colocou uma de idiota, uma máscara cômica com um grande nariz e queixo e fitas vermelhas para os cabelos e barba, em seu rosto e levou Bredach às gargalhadas.

Ele parecia um idiota, mas Colyne só se importava com sua noiva agora. Nenhum pedido de Bredach era muito bobo, nenhum exigente demais, e ele faria com que todos a servissem também. Mesmo Kat foi convocada para arrumar o cabelo de Bredach e o pobre Jamie, especialmente, suportou o maior fardo de buscar e levar para a garota.

Isabella recuou, suas unhas perfurando sua palma enquanto lutava para se controlar. Só quando o povo do castelo dormia, ela poderia arriscar-se em torno de seu coração quebrado e destroçado. Mais tarde, a salvo e em total escuridão, ela podia deixar-se recostar quebrada novamente, sua mão pressionada contra a boca para que ninguém a escutasse chorar.

Ela não ousou atravessar aqui e o tempo era curto. Ela mudou de direção e contornou o grande salão para chegar ao solar ao invés. Não havia doenças além dos problemas provocados por muita bebida, e ela soltou um suspiro de alívio por encontrar o espaço desocupado.

Com o coração martelando Isabella fechou a porta atrás dela. Tinha que haver algo nos livros de Caitrina sobre como uma mulher poderia saber se ela estava com uma criança.

E como se livrar dessa criança se ela estivesse.

As mãos de Isabella tremiam enquanto levantava o primeiro livro. Um cirurgião poderia escrever sobre essas coisas? Mas certamente, se John of Arderne ¹⁷ tomasse tempo para discutir a costura de uma fissura no traseiro de um homem, ele abordaria a questão de uma mulher que carregava uma criança que não podia ter?

Com cuidado, ela pulou as páginas, seus olhos examinando o texto.

¹⁷ NT. O primeiro cirurgião inglês, considerado patrono da cirurgia no país

Colyne tinha vindo até sua cama algumas semanas atrás. Era simplesmente cedo demais para dizer?

Não expeli o conteúdo do meu estômago — nem mesmo uma vez! Todas as mulheres fazem isso no início da gravidez então eu não posso estar com uma criança.

Olhando para a barriga antes de se banhar, ela não percebeu nenhuma mudança. Vestida apenas em sua camisola, ela colocou a mão lá, mas não conseguiu detectar nada. Às vezes ela atrasava seu período uma semana ou mais e ela era uma donzela, então talvez seus períodos atrasados não significassem nada. Seus seios estavam doloridos como sempre ficavam antes de sangrar. Certamente suas regras viriam em breve.

Isabella passou freneticamente através do primeiro livro. O cirurgião fez muita torcida pelo paciente e fez pequenas piadas. Ele detalhou a mecânica da costura dos cortes e do corte dos membros, mas não havia nada sobre mulheres ou partos.

Ele vai se casar com ela esta noite. Casar com ela!

Isabella mordeu o interior de sua bochecha. Ela teria uma vida inteira para chorar por ele, mas muito pouco tempo para encontrar o que precisava aqui.

Ninguém notaria sua ausência hoje à noite na Noite de Reis, não com a excitação da Festa dos Tolos e dos casamentos.

Por que a rainha leva tanto tempo em chegar a uma decisão? Certamente, ela não pode pensar que o resgate é tão caro assim!

Ela desejou o bem a Caitrina e Ilhone, mas não tinha que suportar.

Ela pegou o próximo livro. Se ao menos pudesse perguntar a Caitrina! Mas mesmo que ela pudesse abordar o tópico de uma

maneira que não aumentaria as suspeitas da garota, ela não conseguia pegar Caitrina sozinha por um momento.

Ossos de Deus, deve haver algo!

Enquanto ensinava a Isabella, Caitrina sacudiu a cabeça ao usar o último de seu poejo. O estômago de Isabella se apertou por saber que a erva necessária para trazer sua menstruação tinha estado embrulhada ordenadamente no solar, mas agora estava esgotada. A primavera reabasteceria os suprimentos de Caitrina, mas seria tarde demais então.

Vozes se elevaram do salão. Isabella apressadamente fechou o livro e empurrou-o novamente no lugar.

Ela voltou-se quando Caitrina entrou com Bredach.

— O solar é aqui — disse Caitrina por cima do ombro. — Eu deveria pensar que você pode achar que ele se torne seu favorito...

Vendo Isabella, Caitrina interrompeu-se.

— Eu não pensei achar alguém aqui dentro, lady.

— Eu pensei em arrumar um pouco aqui, enquanto todos estão ocupados preparando a Noite de Reis. As palavras soaram fracas e Isabella esperava que a observadora Caitrina não visse suas mãos tremendo.

Não havia como remediar a situação. Isabella olhou para a lady de Colyne.

Na leve luz das janelas de vidro do solar, Bredach estava maravilhosa. Isabella sentiu-se envergonhada por ter se coçado para cortar a pele impecável da garota com suas unhas, até o sangue correr.

Bredach estava ocupada olhando ao redor da sala como se estivesse tomando sua medida e determinando como ela iria preferir o

mobiliário quando fosse dela. Passou-se um momento até notar o olhar de Isabella. Sua boca franziu num arco rosa, mas hesitou. A garota também tinha esquecido o nome de Isabella ou nunca se incomodou em aprender. Bredach sorriu um pouco incertamente e olhou para Caitrina, levantando as sobrancelhas interrogativamente.

Isabella cerrou os dentes. *Eu sou a filha de um conde! Eu não vou deixar essa chata me ver desfeita!*

— Eu sou Lady Isabella Beaufort.

— Oh, sim — respondeu Bredach, sua voz doce e de menina. — Eu me lembro agora. A lady inglesa que cantou para nós. Colyne disse que você pode ficar aqui por um tempo.

Bredach avançou, uma donzela graciosa em plena floração da juventude. Desgostosa, Isabella percebeu que ela estava metade da cabeça mais alta que a garota também.

— Como Colyne pensa em você como hóspede, eu também devo — disse Bredach calorosamente. — Nós gostaríamos que pensassem nessa casa como sua até vocês seguirem para a sua própria.

— Obrigada — Isabella administrou.

— Há muito planejado para esta noite — continuou a garota. — Para comemorar o casamento de Caitrina.

Bredach olhou para Caitrina e corando, murmurou:

— Quero dizer, nossos casamentos.

A boca de Isabella ficou rígida.

— Temo que eu seja uma companhia fraca. Eu imploro que você me desculpe se eu não assistir à celebração da Noite de Reis.

— Não seja boba — a garota disse ingenuamente. — Vocês não podem perder a Noite de Reis! Eu nunca conheci um lugar tão alegre como este, eu vou a cada hora da alegria à felicidade!

— Sem dúvida, somos simplesmente possuidoras de temperamentos diferentes. Creio que eu seja muito aborrecida e reservada para um grupo tão *exuberante*.

A garota pareceu refletir sobre isso e o som de uma voz masculina chegou até elas.

— Eu não consigo pensar, mas as moças devem estar aqui em algum lugar. Eu não as vejo abaixo das escadas...

Isabella reconheceu a voz de Jamie e, sentindo seu coração bater no peito, viu Colyne em seus calcanhares.

Ele parou de repente depois de vê-la.

Bredach olhou para trás e um olhar deliciado, de uma jovem alegremente apaixonada, tomou seu rosto. Além do mais, o brilho de adoração tornou a garota escocesa muito linda de olhar.

As pernas de Isabella enfraqueceram-se ao ver Colyne piscar para Bredach enquanto a garota ignorava-o.

Um homem perplexo, na verdade.

— Eu vi bastante do castelo, Colyne — disse Bredach. — Eu penso nele já como casa.

Isabella pode vê-lo engolir em seco quando Bredach enfiou o braço no dele e, por um momento, inclinou a bochecha contra seu ombro.

— E olhe — continuou Bredach — acenando com a cabeça em direção a Isabella. — Eu falei com a lady inglesa que você mantém prisioneira. Ela não é tão temível quanto todos vocês me querem fazer pensar.

— Eu acredito — ele respondeu, conseguindo encontrar sua voz depois de tudo — que você pode estar pensando na Sra. Katherine.

Ele olhou para Isabella.

— Você está bem, lady? — Ele perguntou em seu sotaque quente.

— Eu não falo com você desde Hogmanay.

Por um momento, não havia ninguém na sala senão ele.

Você esqueceu tudo, Colyne?

O beijo que você roubou? Como o rapaz ganhou uma moeda quando foi você quem colocou um rubor nas minhas faces? Que uma vez que você se deitou tremendo em meus braços e nada no mundo importou, salvo você?

Você esqueceu?

Pois descobri que não posso.

— Agradeço-lhe, estou bem — respondeu Isabella, surpreendida ao descobrir que a voz dela não tremeu. — Mas ansiosa para me juntar à corte. Você chegou a um acordo com Sua Majestade?

Bredach puxou o braço dele e ele piscou, virando-se para olhar para ela.

— Eu disse a ela para vir ser feliz com a gente na Noite de Reis. — Ela olhou para Jamie e Caitrina. — Você deve dizer a ela também.

— Sim, venha, lady — Jamie ecoou, dando a Isabella um sorriso alegre.

— Colyne contratou menestrelis para cantar para nós e prometeu a melhor das festas para a Noite de Reis. — Bredach fez um beicinho para ele. — Colyne, peça que ela venha esta noite!

Colyne moveu os pés.

— Sim — ele disse tensamente com um rápido olhar para Isabella. — Como diz lady Bredach, você deve vir.

— Sim, claro, você vai — Caitrina colocou rapidamente, sua testa enrugada, seu olhar implorando. — Você deve estar lá para abençoar meu casamento ou vai significar má sorte para nós.

O estômago de Isabella estremeceu e ela engoliu em seco.

— Claro, eu irei — ela disse fracamente.

Caitrina sorriu aliviada.

— Eu vou procurar você, lady. Mas temos muito o que fazer até então.

Em alguns instantes, Caitrina afastou os outros e fechou a porta atrás dela.

Isabella tremia. Ela apertou os olhos, respirou rapidamente, desejando esperar, contando as batidas de seu coração.

Espere, espere. Eles devem estar perto das escadas agora, e quase longe o suficiente para que nenhum possa ouvir. Apenas outro.

Isabella agarrou um dos potes. Ela caiu de joelhos, já se dobrando, e no momento seguinte estava repentina e completamente doente.



O sol continuou sua jornada através do céu; cada batimento cardíaco tornava mais próximo o momento em que Colyne faria seus votos matrimoniais.

Apaticamente permitiu que Katherine a ajudasse a se vestir. Kat conversava alegremente enquanto se preparava para arrumar o cabelo de Isabella e adorná-la com jóias. Isabella olhou sem vontade para o espelho polido enquanto Katherine trabalhava.

Suas regras estavam atrasadas, verdade, mas isso tinha acontecido antes quando ela ainda era uma donzela. Talvez o incidente hoje mais cedo tenha sido apenas um transtorno de estômago. Deve ter sido assim. Talvez estivesse simplesmente doente, um inverno

gelado chegando. Sua garganta estava um pouco dolorida e ela não tinha dormido muito bem.

Mas se...

Ela olhou fixamente para seus próprios olhos, perguntando-se se ela tinha a coragem de se jogar da torre para o pátio abaixo.

— Lindinha?

Isabella piscou, percebendo que tinham passado alguns minutos desde que ela havia respondido da maneira mais superficial.

— Sim, Kat?

— Lindinha, qual é o problema?

Ela não deve dizer a Kat, não esta noite, nem momentos antes de serem aguardadas para aparecer na Noite de Reis e testemunhar o casamento do homem que a seduziu.

— O meu encarceramento torna-se cada vez mais pesado, Kat. Eu desejo escapar deste lugar.

Katherine estalou a língua.

— Eu não duvido disso! Eu mesmo estou aborrecida até a morte com a monotonia e a simplicidade dos prazeres encontrados aqui! Nada além de vacas e ovelhas e aqueles que as cuidam para a sociedade! Devo dizer que o *Christmastide* foi uma distração bem-vinda e Sir William uma excelente companhia, mas eu também desejo retornar aos modos refinados da corte. — Ela lançou um olhar desdenhoso para seu quarto pequeno e esparso. — E para ter aposentos adequados novamente!

— Sir William falou com... — se ela dissesse seu nome, ela quebraria em pedaços — o chefe?

Katherine suspirou, balançando a cabeça.

— Ele falou. O MacKimzie diz que o acordo com a rainha ainda não foi alcançado. Ele sugeriu que enquanto o inverno estiver sobre nós, precisamos nos resignar a nos juntar à corte na primavera.

O estado de espírito de Isabella piorou ainda mais com as notícias. Ela esperava a liberdade breve. Algo devia ser feito. Se o pior fosse verdade, ela não poderia continuar presa aqui, sua barriga crescendo com mais evidência. Na primavera, ela não poderia esconder isso. No verão, ela seria forçada a ficar confinada, possivelmente no mesmo cômodo, para dar à luz a seu filho.

Ela estremeceu interiormente. Ela teria sorte se encontrasse algum casamento, mas e a criança? Ele iria reconhecê-la? Quem se importaria com isso? Amá-la? Ele iria também ser tirado dela? Ele levaria o bebê para um aldeão para criar e não pensaria mais nisso?

Ela seguiu Kat para o banquete arrastando os pés. Os músicos estavam tocando, o corredor explodindo de luz e alegria. No início de Christmastide os clãs se mesclavam com apreensão, mas agora se misturavam livremente. Havia muitos brindes e muitos estariam bêbados em pouco tempo.

Os casais jovens estavam reunidos na mesa alta como de costume, agora animada e alegre. Apesar de doente de desgosto, Isabella poderia invocar alguma pequena felicidade para Caitrina. Ela nunca vira Caitrina tão perfeitamente alegre. Naquele momento, Caitrina encontrou seu olhar e Isabella encontrou forças dentro dela para retornar o sorriso da escocesa.

Ihone levantou a taça para brindar a Caitrina, brindando a beleza e a bondade, que fez com que cada homem brindasse sua mulher. Sir William fez um ótimo discurso para Katherine, fazendo-a corar de

prazer enquanto elogiava sua suavidade, sua voz doce e maneiras gentis.

Finalmente, todos os olhos se voltaram para Colyne sentado ao lado de Bredach.

Bredach endireitou-se com expectativa, mas Colyne parecia perdido, meio sorrindo como o tolo que ele era.

A duração do silêncio estava ficando estranha enquanto Colyne olhava em volta da sala, aparentemente tentando invocar palavras.

Ele sorriu de repente e levantou a taça.

— Para a moça mais bonita da Inglaterra e da Escócia!

Isabella sentiu o sangue fugir de seu rosto, e o grupo deu vivas. Bredach corou de prazer enquanto Colyne brindava a ela e bebia profundamente da taça dele.

Os rostos alegres, o calor e a alegria do grupo congelaram e as cores de repente sumiram para nada...

Eles estavam dentro agora. Segurem a porta! A rainha caiu sobre ela. Ela o conhecia! Seu cabelo brilhava como fogo. A dor explodiu em seu peito enquanto ele mergulhava a faca.

Não, não!

— Lindinha?

Isabella sentiu uma fina linha de transpiração brotando sobre sua testa e lábio superior quando o salão voltou a entrar em foco. Ela agarrou a mesa e seus olhos cintilaram sobre a sala enquanto lutava para acalmar a respiração.

Ninguém, exceto Katherine, percebeu sua distração. Mesmo Angus, provavelmente o único confiável para sentar-se ao lado dela, não parou sua conversa para olhar para ela.

— Lindinha, você está bem?

Isabella concentrou-se no rosto de Katherine.

— Eu estou fraca. Devo voltar ao nosso quarto — ela sussurrou. — Quando pensa que eu posso escapar?

Katherine olhou em volta

— Depois que os votos matrimoniais forem falados, eles servirão o bolo de feijão que eu espero — ela murmurou. — Aí então haverá uma grande movimentação enquanto a festa começa, e eu acho que ninguém deve perceber se você está aqui ou não.

Isabella assentiu, rapidamente tomando um gole de sua cerveja, com a mão tremendo.

Caitrina e Ihone voltaram a comparecer diante do grupo, cada um usando seu melhor. O cabelo dourado de Caitrina estava glorioso à luz das velas, seu rosto iluminado com felicidade, e o olhar de adoração de Ihone nunca se afastou dela.

Não houve nervosismo, apenas o brilho total de uma feliz união. Eles disseram os votos, cada um por sua vez, diante de suas muitas testemunhas, vinculando-os e aos clãs, por laços de casamento e, nos próximos anos, laços de sangue também.

Desta vez, o beijo entre eles não foi casto e o grupo, incluindo Isabella, deu vivas.

Já era tempo. Isabella manteve as mãos cruzadas no colo, disposta a suportar isso.

Finalmente, quando não ouviu nada, olhou para cima apenas para ver que os casais estavam novamente sentados.

Seu estômago se agitando, ela olhou para Angus ao lado dela.

— Seu lord não se casa hoje à noite?

Perplexo, Angus olhou para a mesa onde Colyne e Bredach estavam sentados.

— Ele já não está casado? — Malcolm disse isso.

Claro, pensou Isabella apaticamente. A declaração pública não era necessária para fazer um casamento, apenas os votos. Ele podia ter feito esses votos dias atrás, ou tendo seus clãs como testemunhas ou na privacidade de uma cama cortinada, e ela nunca teria sabido.

Algumas palavras anteriores de Bredach foram filtradas de volta para ela e a fizeram corar. Como ela encorajou Isabella a pensar em *sua* casa como dela, como ela disse que eles iriam comemorar o casamento de Caitrina e então se deteve para acrescentar o dela própria.

A dor disso era pior do que Isabella podia ter imaginado. Ela olhou sem ver a fatia do bolo de Reis servido para ela. Comer o bolo sinalizava o início da festa; em alguns momentos, ela poderia escapar.

Ela não teria pensado em perguntar se ele tinha se casado, e ninguém pensaria em dizer a ela.

Isabella comeu sem sentir o gosto, seu coração um martelar maçante no peito.

Ele poderia nem mesmo ter me dito?

Ela mordeu em algo duro, e assustada, automaticamente puxou-o de sua boca. Se ela estivesse pensando claramente, ela o teria escondido em sua mão. Ela teria implorado a Kat ou Sir William para ocupar seu lugar. Em vez disso, estupidamente, ela segurou para ver o que era.

— Oh, não, — ela sussurrou.

— Ach, você tem o feijão! — Angus gritou. — Lady Isabella é a *Abbot of Unreason!* ¹⁸

¹⁸ *Abbot of Unreason*: era, na escócia, um oficial nomeado por sorte durante o *Christmastide* para presidir a *Feast of Fools*.

Todos os olhos se voltaram para ela e Isabella olhou ao redor para eles consternada enquanto a aplaudiam.

Por que isso aconteceu com ela, este ano entre todos? Ser servida da fatia de bolo com o feijão seco e ser declarada *Abbot of Unreason*?

Angus já estava encorajando-a a ficar de pé e empurrando-a para a mesa alta, onde Colyne sorriu amplamente e abandonou seu assento, oferecendo-o com um floreio. Mortificada, Isabella afundou na cadeira, ainda quente de seu corpo, seu perfume assim como o sol em um campo, ainda persistia e encontrou-se ao lado de Bredach, que sorriu e a aplaudiu.

Colyne a tocou pela primeira vez em semanas, enquanto colocava a coroa como governante da Festa dos Tolos em sua cabeça.

Isabella olhou em volta para o grupo. A enorme coroa de feltro e fitas do tolo parecia que iria tombar a qualquer momento, e ela nem conseguiu convocar um sorriso.

— O *Abbot* deve ter um consorte — gritou Bredach, olhando em volta. — Quem será escolhido para governar com você?

Isabella não conseguiu pensar. O Senhor dos Tolos como era chamado na Inglaterra, reinava sobre a Festa dos Tolos. Tudo de cima ficaria para baixo, o mais alto nível seria o dos camponeses, e os criados se sentariam para serem servidos.

Isabella olhou em volta para ver quem ela poderia esperar que tornasse isso mais suportável. Angus? Malcolm? Duncan, do clã de MacLaulach?

— Jamie! — Isabella gritou, simplesmente porque seu olhar desgovernado e frenético descansou sobre ele. — Jamie governará comigo!

Surgiram gritos de aprovação pelo grupo. Corando, Jamie abriu caminho da borda do salão até a mesa alta. Bredach ofereceu seu assento para ele.

Isabella aleatoriamente, e sem qualquer pensamento, nomeou os membros de sua corte entre os criados. Morag, Agnes, dois garotos da cozinha, Dougal do estábulo, e assim por diante. Eles tomaram seus lugares na mesa alta e os que estavam sentados lá, divertidamente, desistiram de seus lugares para os recém-chegados.

Isabella percebeu com um arrepio de horror que, de acordo com as regras de jogo, o laird agora devia servi-la.

Colyne já estava servindo o vinho, antecipando o brinde que ela faria para começar a festa. Com dedos nervosos ela levantou a taça, palavras dispostas para vir até ela, mas a mente vazia.

Apenas Kat podia ver sua angústia, sua testa enrugada enquanto observava da mesa inferior. Dos últimos vestígios de sua força, Isabella amarrou a mágoa e a dor em um pequeno pacote e colocou-o em um canto de sua mente.

Isabella levantou o queixo e sorriu. Ela levantou a taça bem alta para saudá-los todos, sabendo agora ser a própria imagem de uma cortesã alegre.

— Salve este bom grupo! — Gritou com fingida alegria. — Deixemos a festa dos tolos começar!

Um aplauso surgiu. Os cozinheiros superaram seus esforços para Hogmanay, com um olho no espírito da Noite de Reis. Bredach cortou uma torta para Jamie e ela deu um grito assustado quando um pássaro vivo escapou para voar pela sala, deixando aqueles que a rodeavam chorando de rir.

Havia muitas brincadeiras. Malcolm encontrou o pano em seu bolo declarando-o a menina vulgar. Sir William, para a diversão de todos, encontrou o cravo revelando-o a todos como um vilão.

Colyne levantou o graveto de sua própria fatia de bolo.

— Vejam! — Ele gritou. — Eu sou o maior dos tolos!

O grupo aplaudiu enquanto se inclinava para ela. Colyne se endireitou para olhar para ela com olhos brilhantes.

— Você está bem escolhida para me governar, meu *Abbot*. — Ele enrolou o graveto entre os dedos, sorrindo. — O que você quer que eu faça, então? Quer que eu cante para você?

Doía apenas que ele a observasse tão alegre, seu sorriso tão aberto.

Todos estavam esperando que ela dissesse algo inteligente, algo espirituoso.

— Não — Isabella sussurrou. — Não — sua voz aumentou, alegre novamente. — Eu vou... *Malcolm* vai cantar para mim, do jeito de uma donzela!

O velho escocês ficou de pé, ansioso para brincar. Malcolm começou a cantar a canção de amor de uma donzela, em um falsete espantosamente ruim, e bateu as pestanas com tanto entusiasmo que isso colocou o local às gargalhadas.

Isabella mergulhou no papel e fez declarações ridículas para divertir o grupo. Ela declarou que as mulheres deveriam se curvar e os homens reverenciar. Ela incentivou os mascarados em sua rude e grande comédia e música.

Através de tudo, embora todas as palavras faladas entre eles a machucassem, ela ordenou a Colyne com alegre altivez.

Ser servido pela esposa de seu laird deixava Jamie quase sem fala de vergonha ao seu lado apesar, ou talvez por causa, do entusiasmo de Bredach.

Isabella e Jamie lideraram a ‘reel’ para começar a dança. Os membros da corte dos tolos dançaram, assim como os servos, com os outros sentados para aplaudir e encorajar. A festa se tornou mais extravagante, enquanto muitos estavam agora bêbados, mas não havia dúvida sobre o sucesso da celebração.

À meia-noite, Isabella inclinou a cabeça para deixar Colyne remover sua coroa, retornando o mundo ao normal e todas as coisas novamente para seu lugar. Colyne conduziu Bredach de novo como Laird e Lady na dança e houve uma grande mexida, já que os celebrantes encontraram de novo seus próprios locais.

Agora aliviada de seus deveres como *Abbot of Unreason*, Isabella escapou da confusão da sala para a frieza do exterior do salão.

Em alguns momentos, ela se encontrou afinal, e abençoadamente, sozinha.

Refugiando-se nas sombras, ela descansou sua testa quente contra a pedra fria de sua prisão.

Ela precisava falar com Kat na primeira oportunidade. Ela precisava sair deste lugar, e logo, ou sabia que *iria* encontrar em si mesma a coragem de escalar aquela torre e se jogar dela.



Isabella instou Katherine a andar com ela cedo. Ela tinha a intenção de derramar a história na privacidade de seu quarto, mas Mary se enrolou com suas tarefas e Isabella descobriu que não podia ficar quieta. Poucos estavam acordados após a celebração da noite

passada; muitos dormiam agora no grande salão, já que havia pouco espaço para eles dentro do castelo.

— . . claro que, de um homem de sua criação e bom caráter só pode ser esperado! Mas não consegui suportar e deixar uma coisa assim passar despercebida! Sua dignidade ser tão agredida sem ninguém para falar sobre isso? Fui *direta* para aquele MacLaulach e... — A respiração de Katherine aparecia no ar frio do pátio, mas Isabella não podia prestar atenção a nada que sua parenta dizia.

Bredach estava no cômodo acima, envolta nos braços de Colyne, sua esposa agora ...

Isabella agarrou o braço de Katherine e puxou-a para a privacidade de uma alcova, onde falou num francês em tom baixo.

— Kat, como uma mulher sabe, com certeza, se ela está com uma criança?

A expressão de Katherine ficou intrigada e, um momento depois, ela piscou, seu rosto ficando caído com o choque. Isabella não conseguiu encontrar seu olhar.

Katherine cobriu a mão de Isabella com a sua.

— Oh, lindinha!

As lágrimas borraram sua visão. Não houve desaprovação, nem desapontamento nem reprovação, apenas os olhos inalterados e amorosos de Kat.

— Lindinha, quem...? — Kat balançou a cabeça então seus olhos se arregalaram. — O MacKimzie?

Isabella acenou com a cabeça concordando, limpando suas bochechas molhadas com o dorso da mão.

— Ele...?

— Não — disse Isabella rapidamente. — Eu estava querendo.

— Não, não abaixe sua cabeça, lindinha! Na verdade, você não é a primeira donzela a ser apanhada por um rosto bonito e uma bolsa vazia. Houve momentos em que ele olhava para você e eu pensei... — Os olhos de Katherine se umedeceram e ela balançou a cabeça. — Eu *sabia* que algo era o problema, mas nunca imaginei. A culpa é minha! Você é tão jovem. E agora ele está casado ...

— Kat — Isabella sussurrou, agonizante. — Se você sabe, por favor...

— Quão atrasadas estão suas regras?

— Uma quinzena, talvez um ou dois dias mais — sussurrou Isabella. — Mas ele apenas ficou comigo uma vez. E eu me banhei depois.

A boca de Katherine virou uma linha sombria.

— Há muitas mães que disseram o mesmo. Só uma vez e o banho é igual a nada. Você tem estado mal do estômago?

— Eu como o suficiente para que os outros não notem, e não me importo com isso.

— Seu estômago está delicado?

Isabella engoliu em seco.

— Ontem eu estava doente. Meus seios estão doloridos e eu não quero nada mais do que dormir.

Contra a esperança que ela tinha pensado que Kat iria rir dos seus medos e tranquilizá-la que ela estava enganada, sua expressão era grave.

— Se estivéssemos em Bella Court, há mulheres em quem eu confiaria para fazer isso direito, mas nenhuma aqui. Poejo.

— Não há nenhum poejo no castelo e eu não ousou perguntar a Caitrina o que mais eu poderia usar! Eu verifiquei seus livros ontem,

mas não consegui encontrar nada. Kat, você sabe qualquer coisa que eu possa fazer?

— Ouvi dizer... — Kat balançou a cabeça. — Mas isso também pode matar. Eu não vou arriscar você, lindinha. Os bebês chegam cada vez mais cedo, Douglas nunca saberá se fomos rápidas.

— Mas se a criança nascer com o cabelo vermelho, não consigo esconder isso!

— Douglas também é um escocês. Apresentar-se com um bebê ruivo dificilmente fará levantar as sobrancelhas — disse Katherine com dureza. — Nós devemos levá-la para ele rapidamente ou então atrasar o casamento.

— *Atrasar?*

— Sim, vá para uma das aldeias das *Lowland* até a criança nascer.

— Então, o que? — Isabella perguntou. — Eu não posso voltar para a corte com um bebê a reboque!

— Vamos encontrar para o bebê uma ama-de-leite, e pagar a sua manutenção. — Katherine deu um tapinha na sua mão. — Você não seria a única mulher a se retirar da corte para ter uma criança em segredo, lindinha.

A imagem de uma criança com olhos cinza-esverdados passou pela mente de Isabella e sua mão foi protetora para seu abdômen. Ela nunca a veria? Ela nem mesmo a conheceria?

— Não podemos arriscar qualquer conhecimento sobre a criança. Você carregar o bebê do MacKimzie não será um segredo neste lugar por mais de uma hora — advertiu Katherine — interrompendo os pensamentos de Isabella. — Não podemos mais esperar por ele chegar a um acordo com a rainha. Nós devemos nos afastar daqui e com a

maior velocidade possível. Minha *pet*, o MacKimzie não pode certamente desejar que tais notícias atinjam a esposa dele, talvez se você lhe disser...

— Não! — Isabella gritou. Para ele olhar para ela com desprezo ou, pior, compaixão! Seu primeiro pensamento seria para Bredach e como protegê-la ... Ela baixou a voz para um sussurro.

— Como podemos sair daqui? Eu não posso nem cruzar a ponte.

Katherine segurou a mão de Isabella.

— Não há solução para isso. Sir William deve escapar, só ele pode levantar os homens do rei para nossa causa.

— Mas como?

— Nós devemos pensar — disse Katherine, sua testa franzida. — Existe algum maneira, qualquer maneira, para tirá-lo do castelo?

— Não — Isabella insistiu. — Nós não podemos nem...

Ela parou, de repente lembrando a visão que ela tinha tido no estábulo, há meses atrás.

Girando em volta em seu cavalo para olhar para o castelo e um homem, com o rosto escondido com um manto Highlander, cavalgando com ela enquanto a neve começava a cair ao redor deles.

— Lindinha?

— Eu sei uma maneira — Isabella respirou.

Dezesseis



Fuga

Com o plano estabelecido, eles foram em busca de Colyne.

Ela e Katherine encontraram-no tomando café da manhã com Bredach e em plena visão do pessoal do castelo e dos convidados. Conforme esperado, Caitrina, o MacLaulach e vários homens de ambos os clãs também estavam presentes no grande salão, muitos dos quais ainda sofrendo os efeitos das celebrações da noite passada.

Isabella e Katherine fizeram uma reverência para Colyne e Bredach. Isabella podia ver por sua expressão como deleitava a garota MacLaulach ser homenageada como dona do castelo.

— Lady Isabella — disse Colyne com um aceno de cabeça para ela.
— Senhora Katherine.

— Meus lordes — respondeu Isabella, incluindo o MacLaulach. Docemente, para Bredach e Caitrina, ela acrescentou: — E ladys. — Então continuou: — Eu tinha esperança de implorar a você uma indulgência, meu lord.

Colyne franziu a testa.

— O que você pede, lady?

— Agora que Cupido fez com você uma paz tão excelente e sua terra se limita apenas com amigos, eu pensei se seria possível que Katherine e eu pudéssemos fazer um pequeno passeio.

— Um passeio? — Colyne franziu mais o cenho. — Eu acho que não é sábio.

— Mas com certeza, meu lord, suas terras são tão seguras agora quanto o castelo? — Disse ela afastando as mãos amplamente. — Você não espera traição de alguém que é agora seu irmão?

A tensão no salão subiu imediatamente. Pelo olhar que ele enviou ao redor da sala, Isabella sabia que Colyne estava ciente disso.

— Não, nunca — ele respondeu com firmeza. — Não tenho medo por mim nem por alguém dos meus clãs, mas você está restrita ao castelo, não obstante.

— Mas, na verdade — Isabella argumentou, — você e sua nobre lady — com um aceno de cabeça para Bredach — nos pediram para nos considerar convidadas nesta casa. Você não pode pretender negar?

Um lampejo de aborrecimento passou por seu rosto.

— Eu não quero dizer que você deveria se considerar menos do que homenageada aqui. Mas você não pode esperar andar livre.

Kat se levantou.

— Meu lord MacKimzie, quando Sua Majestade, o Rei James, era um cativo do rei inglês, ele recebeu todas as cortesias devidas a seus status, incluindo, meu lord, o direito de sair de caça. Agora vejo que a minha lady, prima de sua rainha como ela é, não deve ser tratada como digna de seu status enquanto reside *nessa* casa. Venha, lindinha — ela fungou. — Vamos embora.

— Oh, mas Colyne — gritou Bredach, tocando seu braço, seus olhos suplicando. — Você não pode tratá-las assim! Eu disse que eles

seriam tratados como convidados deveriam ser, e a parente da rainha também! Deixe-as cavalgar se isso lhes agrada!

— As ladys ainda são cativas — respondeu Colyne brevemente. — Eu não posso deixar as duas vagarem livremente.

— Oh, muito bem, então! — Kat exclamou. — Se apenas uma de nós pode cavalgar então você vai, lindinha. Eu vou ficar aqui.

— Eu não disse... — Colyne começou.

— Oh, Kat — Isabella interrompeu. — Obrigada! Eu estive desejando cavalgar por causa das minhas dores de cabeça.

— Vocês ainda está com elas, lady? — Perguntou Caitrina, preocupada.

Isabella deu de ombros indefesa, tentando o seu melhor para parecer perturbada e frágil.

— Eu sei que você sugeriu semanas atrás que um passeio me faria bem. Lamento não ter seguido seu conselho então.

Caitrina assentiu.

— O passeio ajudará você, minha lady. Eu sei como as dores de cabeça a atormentaram nas últimas semanas .

— Pare agora! — Colyne colocou, sua voz aumentando bruscamente. — Eu não disse que a moça pode passear!

— Colyne — gritou Caitrina. — Você não pode deixá-la sofrer assim! É muito pouco o que ela pede!

— Não se preocupe, amor — disse o MacLaulach a Caitrina, sua mão cobrindo a dela. — Seu irmão fará o certo pela lady.

A irritação estava clara no rosto de Colyne agora.

— Ela é um prisioneiro valioso — ele respondeu bruscamente. — Não posso correr o risco de deixá-la ir fora do castelo.

Isabella alargou os olhos com inocência, com as mãos cruzadas em súplica.

— Meu lord, você tem medo de que eu escape? Com Kat deixada para trás e eu mesma sob guarda?

Uma luz brilhou nos olhos de Colyne e ficou claro que ele pensou que tinha os meios para passar a perna em todos.

— Na verdade, Lady Isabella, eu deixaria você ir, mas eu não posso proteger você no seu passeio hoje. E eu também não posso dispensar um homem para você neste dia.

Isabella assentiu, abatida. Então ela olhou para o MacLaulach como se uma idéia tivesse ocorrido de repente para ela.

— Posso perguntar a um de seus homens se ele está livre para me acompanhar, meu lord?

Colyne resmungou, mas MacLaulach assentiu.

— Sim, lady, pergunte a quem você quiser.

— Não! — Disse Colyne. — Ela não pode sair com um dos seus rapazes!

O local ficou em silêncio.

Todos os olhos se voltaram para ele e nenhum mais incisivo do que aqueles dos MacLaulach, que disse:

— E por que isso?

Colyne limpou a garganta.

— Eu não posso pedir a um de seus rapazes para assumir a responsabilidade.

— Meu lord — Kat colocou-se suavemente, deslizando para a frente para dirigir-se ao MacLaulach, — como alguém que já foi sua prisioneira, eu conheço você como sendo um homem de honra. Se você fosse tão nobre para que um de seus homens aceitasse a

responsabilidade pela segurança da minha lady, então seria meu privilégio confiar isso a você.

Kat falou com tanta doçura, de forma tão convincente, que Isabella podia ver o peito do MacLaulach crescer sob o olhar adorável de Caitrina.

— Eu estou honrado, lady, por sua confiança — ele disse solenemente. — Eu aceito isso de você.

A expressão de Katherine se transformou em um sorriso de pura admiração e ela fez uma reverência.

— Obrigada, meu lord.

O MacLaulach enviou um olhar desafiador para Colyne.

— Isso preenche sua aprovação, *irmão*?

Colyne parecia ter engolido uma pedra.

— Sim.

Katherine lançou-lhe um sorriso e virou-se para sair. Então ela fez uma pausa, como se um pensamento de repente viesse até ela.

— Meu lord — disse ela, ao MacLaulach, — posso confiar que possamos pedir a qualquer dos seus homens que estão à mão para acompanhá-la? Não existe um em quem não possamos confiar?

— Você pode pedir a qualquer homem MacLaulach e confiar nele como faria comigo — ele respondeu. — Você tem minha palavra sobre isso.

— Obrigado — Kat respondeu docemente.

Isabella e Katherine ofereceram outra reverência ao grupo e retiraram-se.

— Bem jogado, lindinha — Kat murmurou quando eles estavam fora do alcance da voz.

— E você também — Isabella respondeu, com um rápido olhar atrás dela.

Colyne parecia irritado, mas o sorriso de Bredach estava virado para ele, sua mão esbelta e graciosa descansando em seu braço.

Já esquecido...

— Agora precisamos ir para o solar. Eu tenho um trago para misturar.



Kat conduziu o homem MacLaulach de volta ao quarto delas. Ela tinha feito um show de pedir a este homem, à vista de seu chefe, para acompanhar sua lady.

Isabella já havia enviado Mary com uma ladainha de tarefas para ocupar a garota e ela olhou para o homem MacLaulach, Donald.

Ele era da altura certa e com um físico suficientemente próximo. Este era um homem que seria amável ao levantar uma taça, um bebedor entre os bebedores.

Kat o convidou para o quarto pequeno.

— Minha lady está ...

— Eu certamente não estou pronta! — Isabella criticou. Ela virou-se para considerar seu reflexo no espelho polido sombriamente enquanto Kat fechava a porta. — Katherine, eu não acho que este véu, ou meu cabelo, me servem. Mude-o imediatamente!

No espelho, Isabella podia ver o homem se deslocando impacientemente atrás dela enquanto Kat acelerava no quarto para atender aos pedidos de Isabella. Kat parou e acenou com a cabeça para a cadeira.

— Eu sinto muitíssimo. — Ela serviu uma taça e ofereceu isso ao homem. — Apenas alguns momentos para agradar a todos, eu prometo. Fique à vontade, lord, não será longo.

— Meu cabelo, Katherine! — Isabella gritou. — Rapidamente agora! Eu desejo cavalgar!

Isabella fez beicinho quando Kat flutuou ao redor dela, fixando o cabelo, pegando um novo véu. Kat estava escovando seu vestido quando eles ouviram o som estridente da taça do homem batendo no chão.

Ele estava caído onde ele sentou, com a boca aberta dormindo.

As mulheres trocaram sorrisos então se curvaram para recuperar a taça e o jarro de seu lugar ao lado dele.

— Oh, Kat — ela gritou, enquanto olhava para o cântaro esgotado da cerveja adulterada. — Quanto você deu a ele?

— Somente uma taça, ele deve ter servido mais para si mesmo enquanto não estávamos olhando.

Isabella sentiu uma grande preocupação.

— Não era minha intenção envenenar o homem. Ele dormirá um dia e uma noite inteiros .

— Tanto melhor — retrucou Katherine.

Eles ouviram uma batida suave. Katherine apressou-se a abrir a porta e Sir William entrou no quarto.

Ele acenou com a cabeça para Isabella.

— Minha lady — ele sussurrou.

Ele apertou a mão de Katherine, e ela apertou a dele com as suas duas.

— Você já fez bem — disse William, olhando o homem do clã de MacLaulach. — E ele está armado. Ainda melhor, pois não consigo liberar minha própria espada sem ser percebido.

— Eu pensei que o chefe tivesse autorizado isso para você — Isabella respondeu.

Sir William assentiu.

— E retomou antes do clã MacLaulach chegar. Mas por que precisa que eu me disfarce em um do clã deles, minha lady?

— O MacKimzie conhece seus próprios homens bem, mas ele não conhece todos do MacLaulach de vista ainda — explicou Isabella apressadamente. — Os homens do clã que guardam o portão não esperarão conhecer todos os MacLaulach. Por consideração, eles vão detestar ter que parar um.

— Talvez você não devesse voltar ao castelo — sugeriu William. — Talvez devêssemos viajar para Perth. Posso levá-la a Blackfriars em poucos dias e depois retornar para negociar a liberação da Sra. Katherine.

Isabella e Katherine trocaram um olhar.

— Eu pensei nisso — Isabella confessou. — Mas Katherine e eu juntas podemos esconder melhor o seu desaparecimento, talvez por um dia ou dois. Devo aparecer novamente esta noite na ceia ou a gritaria vai crescer. Direi que fiquei separada de meu guarda e voltei para o castelo por mim mesma. Eles pensarão menos em um guarda desaparecido se o cativo voltar pacificamente.

— Eles vão perceber — advertiu William.

Isabella assentiu.

— Sim, mas nesse momento você estará a muitas milhas daqui e capaz de se comunicar diretamente com a rainha. Na verdade, pela

própria palavra de MacKimzie, a resposta de sua Majestade deveria estar aqui há quinze dias! Se minha prima não chegou a um acordo com o laird, então você deve convencê-la a enviar homens para forçar sua mão.

— Temo a raiva de MacKimzie contra você quando ele souber da minha fuga — disse Sir William.

— Eu também. Eu não vou ter quebrado minha palavra para ele. Eu ainda aguardo que ele me liberte aqui, mas sim, espero que ele fique bastante furioso. Depressa agora, e deixe-me ter meu passeio. Espero que esta seja a única liberdade que terei até você retornar para me salvar, Sir William .

— Eu devo despi-lo, disse Sir William.

— Eu vou ajudá-lo — Katherine falou.

— Esta não é uma tarefa apropriada para uma senhora fidalga — disse William com desaprovação.

— Oh, que saco! — Katherine retrucou. — Estou certa de que ele não tem nada que eu não tenha visto antes!

Quando William pareceu chocado, Katherine arqueou uma sobrancelha para ele.

— *Sou* viúva, Sir William.

Aliviado, William voltou-se para sua tarefa e perdeu o sorriso rápido e inteligente de Katherine para Isabella.

— Eu vou ter algumas provisões para lhe entregar uma vez que estejamos livres do castelo — disse Isabella. — Katherine tem mais. Ela irá levá-lo até o pátio e permanecerá caso precisemos de sua ajuda. Quando nos formos, ela vigiará o homem MacLaulach. Ela vai dizer que ela acabou de ver você e que você está por aí se houver alguma dúvida. — William assentiu e Isabella continuou. — Esconda suas

roupas debaixo do manto, teremos de trazer de volta as roupas do homem e vesti-lo antes que ele acorde. Dê-me o seu manto, vou escondê-lo debaixo do meu.

Katherine já tinha tirado o manto do homem.

— Melhor você ir ver os cavalos, lindinha.

Isabella assentiu. — Encontre-me no pátio, e lembre-se de ficar para trás e usar a capa do Highlander para cobrir a cabeça e o rosto. Vou afastar o garoto para longe e trazer os cavalos. Vamos montar assim que ele estiver longe, e começar a cavalgar.

William concordou com a cabeça.

— Vou levá-lo lá, lindinha — prometeu Katherine.

Isabella jogou seu manto sobre o de William, escondendo-o bem e escapou pela porta. Ela desceu na ponta dos pés a escada e se pegou, rapidamente esquivando-se de volta quando viu o MacLaulach andando com Caitrina na galeria. O par parecia ter olhos apenas um para o outro, mas Isabella não queria arriscar-se a ser vista e recuou para as sombras enquanto passavam com uma lentidão agonizante.

Uma risada suave vinda de um dos arcos chamou sua atenção logo que MacLaulach e Caitrina saíram de vista. Alisoun tinha surpreendido, *se essa é a frase*, pensou Isabella amargamente, um dos homens de MacLaulach. Ele ainda estava ajustando sua túnica e lhe deu um rápido beijo apaixonado, extraindo uma promessa de que ele iria vê-la em poucas horas, antes dele escapar.

Alisoun gastou alguns minutos para alisar os cabelos e apressar-se. Ela foi na direção oposta a do homem, que infelizmente trouxe a escocesa diretamente para o caminho de Isabella. Alisoun parou quando viu Isabella.

Ela sorriu maliciosamente e abriu caminho para Isabella, balançando os quadris.

— Parece que o laird está bem e verdadeiramente terminou com você.

— Eu não sei o que você quer dizer — Isabella respondeu friamente.

Alisoun jogou a cabeça.

— Ach, certamente você sabe! Eu vi você com ele no seu quarto e eu sei que você fez sexo com ele, não é verdade? Ele teve você e terminou com você.

Agora ele estará enviando suas sobras para outro homem pegar e vai montar a moça MacLaulach na mesma cama. Você pode ter sangue tão frio quanto o de Cailleach, mas aposto que isso está corroendo seu interior sempre que você olha para ele!

Isabella estreitou os olhos.

— Eu deveria pensar que você estaria mais preocupada com suas próprias perspectivas. Espero que você seja uma fazendeira adequada. Não acho que Lady Bredach deixe seu marido manter sua *puta*.

O rosto de Alisoun ficou vermelho e ela deu um passo em direção a Isabella, apertando as mãos em punhos.

— Eu nunca deitei com o MacKimzie e qualquer um que diga de maneira diferente é um mentiroso!

Isabella bufou.

— Acho isso difícil de acreditar.

— É verdade! — Disse Alisoun furiosamente. — Ele estava muito ocupado arfando atrás de você como um cachorro atrás de uma cadela no cio! Ele não me quer, mas pelo menos não me joga como você faz!

— Você parece ter se atirado em um MacLaulach ao invés.

— Neill me ama e acredite em mim, eu serei sua esposa antes de Handsell!¹⁹ Você não é nada mais do que a prostituta do chefe apesar de todas suas coisas finas e maneiras arrogantes — disse Alisoun. — E uma perdedora na verdade. Agora que ele tem a bonita garota MacLaulach, ele não vai estar montando você de novo!

Quando Alisoun se afastou, Isabella olhou para ela, esquecendo momentaneamente sua tarefa.

Ela não era sua amante? Nunca foi? O coração de Isabella bateu. Não havia trama entre eles?

Ele não desejava Alisoun afinal?

Claro que não. Ele tinha Bredach, uma bela esposa que o adorava, em troca. Mesmo que Alisoun nunca tivesse sido sua amante, ele estava perdido para Isabella exatamente do mesmo jeito.

Não devo insistir no que poderia ter sido ou eu vou cair aqui e chorar até estar seca. Deixe que isto aguarde meu retorno aqui depois que William for embora.

Isabella fechou os olhos brevemente para afastar isto de sua mente. Somente fazer William sair importava agora.

Ela tinha que chegar aos estábulos.

Seus dedos arrancaram a pele do revestimento de sua capa, mas quando ela alcançou os estábulos, viu apenas Dougal, o jovem garoto do estábulo que se sentou na sua Corte dos Tolos.

Ela levantou os ombros, afixou um sorriso e tentou parecer mais confiante do que se sentia.

— Olá, Dougal. Eu vim pela Cobweb. Você pode selá-la para mim, por favor? A minha escolta também precisará de um cavalo.

Ele se mexeu e ela pôde ver seu pomo de Adão subir e descer.

¹⁹ NT — Primeira segunda-feira de janeiro

— Eu não posso fazer isso sem o chefe dizer.

— Oh, ele me deu permissão para passear hoje. Vá e pergunte se você quiser. Eu acho que ele está no grande salão, só corra rápido, fazem séculos desde que eu estive fora desses muros!

Dougal começou uma corrida através do pátio.

Isabella ficou na entrada dos estábulos e procurou preocupada por William.

Sua respiração congelou quando ela reconheceu Colyne, andando braço no braço com Bredach, no pátio distante. Sua cabeça brilhante estava inclinada para ela, seu rosto amável levantado para ele enquanto eles falavam.

Dougal correu em direção ao par e o coração de Isabella martelou, então, a náusea cresceu nela.

Iria Colyne vir para questioná-la, ou pior ainda, exigiria falar com a escolta?

Não devo ficar enjoada, não aqui. Sangue de Deus, agora não!

Isabella cravou as unhas na palma da mão e forçou-se a respirar pequenos sorvos de ar frio.

Colyne lançou a Dougal um olhar irritado e assentiu com a cabeça, acenando para o menino sair para voltar sua atenção para sua noiva.

O garoto parecia envergonhado quando voltou.

— Desculpe-me, eu não aceitei sua palavra, lady.

— Você não me ofendeu — ela assegurou, convocando um sorriso.

— Você poderia selar os cavalos por favor? Um dos homens MacLaulach deverá estar aqui em breve para andar comigo. Espero que ele não esteja muito atrasado, eu anseio por voltar a cavalgar .

Dougal assentiu e colocou-se na tarefa. Isabella sabia que levaria algum tempo para preparar os cavalos, mesmo que já estivessem tratados.

Com isso em mente, ela olhou ao redor do muro do estábulo, um olho em uma das entradas arqueadas para o pátio.

Não demorou muito para que Sir William aparecesse lá, Kat com ele. Disfarçado como ele estava pelo manto preto e verde do clã MacLaulach, Isabella teria dificuldade em reconhecê-lo ela própria.

Dougal tinha os cavalos preparados agora. Ela acenou de volta para William. Ela rezou para que nenhum MacLaulach o visse lá e o chamasse, que nenhum homem do clã MacKimzie reconhecesse o cavaleiro inglês no manto de MacLaulach.

Ela se encontrou com Dougal com um sorriso enquanto ele conduzia os cavalos para fora.

— Aqui — ela ofereceu, alcançando as rédeas de Cobweb. — Vou levá-la.

Ela conduziu o palafrém e Dougal encaminhou o outro cavalo para o pátio.

— Ela parece bem. Eu aposto que ela comeu rapidamente a aveia!
— Isabella acariciou o nariz de Cobweb. — Preguiçosa! Você estará tão gorda quanto os cachorros da duquesa em breve!

— É bom um cavalo engordar no inverno — retornou Dougal. — Ela vai queimar isso na primavera.

— Espero montá-la o suficiente para ajudá-la com isso! — Ela fez um show olhando em volta como se estivesse angustiada. — Não consigo imaginar onde está minha escolta. Por favor, Dougal, você correria até o salão e perguntaria? É um dos homens de MacLaulach, chamado Donald, que deve marchar comigo.

— Claro, lady — disse Dougal, mais feliz agora que sua conversa tinha mostrado que ela não estava brava afinal. Ele ofereceu as rédeas para ela segurar.

Ela esperou até que o menino estivesse a uma boa distância antes de andar rapidamente com os cavalos em direção a William. O cavaleiro correu de seu lugar e estava em seu cavalo rapidamente, já exortando-o em direção ao portão.

Isabella montou o palafrém, seu coração martelando.

— Dougal! — Ela chamou.

Ela conseguiu sua atenção exatamente quando ele estava prestes a entrar. Ela sorriu e acenou, deixando-o ver que havia um homem atrás dela, montado e pronto para sair.

Um homem envolto em um manto MacLaulach.

Dougal acenou de volta em reconhecimento.

Os guardas olharam para eles, mas o garoto do estábulo acenou, deixando-os saber que tinham permissão para ir.

Sua respiração veio rápido enquanto cavalgavam em uma marcha pela ponte; o som dos cascos dos cavalos pareceu estranhamente alto contra a madeira. A qualquer momento, ela esperava ouvir um clamor, mas não houve nenhum.

A neve caiu gentilmente ao redor deles e Isabella virou-se em seu assento para olhar o castelo.

A imagem do homem atrás dela vestido com um manto xadrez de Highlander, seu rosto cuidadosamente escondido, era a própria imagem de sua visão, e ela sabia com certeza que não seriam perseguidos.



Isabella e Sir William mantiveram um ritmo lento e constante, não desejando atrair a atenção dos guardas enquanto eles se afastavam. Eles alcançaram velocidade quando chegaram à aldeia, mas não ousaram falar.

Muitos dos aldeões tinham ido ao castelo para Christmastide; ainda era possível que William fosse reconhecido. Isabella não respirou facilmente até que eles tivessem subido a colina e fossem escondidos pelas árvores.

Isabella desacelerou o cavalo e olhou para trás. Sir William olhou para trás também e eles trocaram um olhar. Eles estavam fora da vista do castelo e da aldeia. Um rápido olhar em volta da floresta confirmou que estavam sozinhos.

Isabella puxou as rédeas e desmontou.

Sir William desmontou também e já estava retirando o manto de MacLaulach. Ela afrouxou o próprio manto para retirar de debaixo o dele e entregou-o, tomando as rédeas do seu cavalo em troca.

Isabella se virou para lhe dar privacidade enquanto ele trocava por suas próprias roupas.

William vestiu-se rapidamente e tirou as rédeas dela.

— Eu irei cavalgar para o leste. Há lairds leais ao rei até mesmo tão longe nas Highlands. Talvez eu não tenha que andar até Perth. Eu enviarei mensagem para a rainha assim que eu puder e retornarei para exigir sua liberação. E você, minha lady?

— Eu irei para o oeste. Se nos seguirem, eles terão que se separar para cavalgar atrás de nós. Vou tentar aguardar até quase escurecer antes de voltar ao castelo, para lhe dar mais tempo. Isabella entregou-lhe uma mochila.

— Minhas jóias estão dentro. Negocie ou venda-as se você precisar disso.

Ele as escondeu em seu casaco.

— Eu não falharei com você.

Isabella sorriu para ele e beijou impulsivamente sua bochecha gelada.

— Meu pai morreu quando eu tinha apenas alguns dias, Sir William. Espero que você me perdoe se eu lhe der um pouco do carinho que eu teria dado a ele.

O cavaleiro corou, seus olhos úmidos.

— E se eu tivesse sido abençoado com uma criança, não posso pensar que eu poderia cuidar mais dela.

Isabella recuou.

— Cavalgue rápido. Seja cuidadoso. Verei você em breve.

Ele se curvou para ela, um cavalheiro até o final. Ele montou seu cavalo, afastando-se tão rápido quanto a floresta permitiria.

Isabella observou até que ele estava fora da vista, deixando escapar uma respiração instável. Se fosse possível alcançar o rei ou trazer ajuda, Sir William Dernbury faria. Ela se sentiu quase tonta quando ela montou.

Logo ficarei livre deste lugar, e dele.

Ela cruzou as trilhas que eles tinham deixado antes para confundir a pista e depois cavalgou para o oeste. Ela nunca tinha andado sozinha antes. Em cada um dos outros passeios, ela estava protegida, abrigada, acompanhada. Ela não queria sobrecarregar William com seus medos e não havia nenhuma solução para isso de qualquer maneira. Ela deveria permanecer longe do castelo o tempo que pudesse, até o pôr do sol, se possível.

Ela endireitou suas costas, decidida a curtir seu passeio, o ar fresco e limpo em seus pulmões.

A liberdade disso logo acalmou seus nervos. Uma vez que ela se casasse, não mais uma herdeira para ser barganhada, negociada, guardada, ela podia conhecer uma maior liberdade de movimento, que nunca tivera antes. Talvez ela cavalgasse sozinha todos os dias.

Agora havia a questão de cobrir a fuga de William. Não havia uma alma nas terras do castelo ou provavelmente na aldeia desconhecendo o carinho entre Sir William e Kat. Talvez eles pudessem fingir que os dois haviam tido uma briga de amantes e William se escondeu para pensar?

Isabella sorriu para si mesma, pensando em como Kat apreciaria a oportunidade de fazer o papel da amante perturbada. Ela brilhou ao atuar quando a oportunidade na corte exigiu isso.

Ele ficará furioso.

Uma palpitação de medo percorreu seu peito ante o pensamento de enfrentar Colyne quando descobrisse seu golpe. Lembrou-se de Bredach fazendo beicinho e o olhar dele de adoração. Não, Colyne não toleraria bem ser exposto na frente de sua esposa.

Ele deve afastá-la de Kat. Fechá-las uma longe da outra. Provavelmente iria, sabendo quão tristes isso as tornaria de estarem separadas.

Era final da tarde e estava começando a se cansar. Depois de tantas semanas dentro, ela não estava mais acostumada a cavalgar. Suas coxas e quadril estavam doendo e seus pés adormeceram.

Isabella mastigou o interior de sua bochecha. Ela tinha se virado e revirado de novo ontem à noite, perturbada por pesadelos e

preocupação. Ela tinha estado enjoada novamente naquela manhã. Se ela estivesse confinada, não demoraria muito para que percebessem...

O vento aumentou e ela teve uma sensação repentina de desconforto. Ela parou Cobweb e olhou para cima.

Tinha começado a nevar.

O mal-estar se configurou num aperto em seu peito e Isabella virou Cobweb em direção ao castelo. As árvores estavam mais espessas aqui do que se lembrava e era difícil se orientar. A neve estava chegando agora em lufadas, a paisagem rapidamente se tornando sem características.

Ela marchou em direção a um terreno mais alto. *Se eu vir o castelo, ou mesmo o lago, eu posso encontrar o meu caminho!*

Ela manteve o ritmo de Cobweb para subir a colina, apenas para descobrir que ela não estava onde pensou que estava.

A neve estava descendo pesadamente agora. Ela não podia ver o castelo, nem a aldeia nem mesmo o lago. Apenas madeiras inclinadas e árvores cobertas de neve, uma paisagem indistinguível de branco.

Neve recolhida em seu manto, os flocos apagando sua cor vermelha brilhante. Ela virou o cavalo para olhar ao redor.

Eu ainda prefiro a ira de Colyne do que congelar até a morte, ela pensou, tentando evitar o pânico. Claro, ela podia sentir-se diferente uma vez que enfrentasse a fúria do escocês.

Havia um largo fluxo à frente, a água se movendo lentamente para baixo abrindo um claro caminho através da tempestade. Ela instigou Cobweb para adiante; o cavalo pegou velocidade. O palafrém sabia que essa direção era a certa.

Os ombros de Isabella relaxaram. *Eu só preciso seguir a margem da corrente até o lago e vou encontrar o castelo.*

Foi bom que ela tivesse encontrado o riacho. A neve crescia cada vez mais profunda em torno dos cascos de Cobweb. Os passos do cavalo ficaram mais difíceis. Isabella chutou o cavalo para incentivá-lo, mas o palafrém tropeçou num monte de neve.

A neve, o riacho, as árvores, todo o mundo desapareceu.

Seu cabelo brilhava como fogo. O sangue da rainha em suas mãos. Ela ergueu o braço contra o golpe em seu peito.

Ele a abraçou uma vez com tanta ternura...

O mundo retornou, inclinando-se ao redor dela enquanto ela caía.

Uma centelha de luz explodiu atrás de seus olhos e então ela não viu mais nada.

Dezessete



Sem Ninguém a Não Ser nós

Isabella gemeu contra a dor em sua cabeça. Ela olhou sombriamente; havia algo sobre ela, e não muita luz. Ela moveu a mão e descobriu que a coberta sobre ela era um pano.

Colchas. Ela lutou sob seu peso, sem saber onde ela estava ou como tinha chegado lá.

— Quieta, moça. Não vá se machucar.

— Colyne? — Perguntou, desorientada, tentando distinguir suas feições na luz fraca.

— Sim. — A cama afundou enquanto ele se sentava ao lado dela.

Isabella lambeu os lábios. Estava com sede e o movimento fazia a dor irradiar para os seus olhos.

— Onde... onde...?

— Você está segura agora, mas me deu o maior susto da vida. Foi uma maravilha eu a ter encontrado afinal.

— Encontrar-me? *Eu estava perdida?*

— Sim. — Ele gentilmente afastou os fios de seu cabelo para longe de seus olhos. — Seu cavalo veio de volta para o castelo e nem sinal de

você ou seu guarda inútil, possa Cailleach congelar seus testículos! Foi o suficiente para tirar dez anos de minha vida.

— Meu cavalo? — *A neve, Cobweb tropeçando.* — Eu acho que eu caí.

— Caiu, e quase estava enterrada na neve quando eu encontrei você. É uma coisa boa que seu manto seja vermelho, moça.

— Minhas mãos, meus pés, doem.

— Eu aposto que sim — ele respondeu. — Espere! Não se mova ainda, deixe-me ver.

Suas mãos queimavam e picavam como se tivessem sido colocadas no fogo. Ele a tocou suavemente, examinando cada dígito por sua vez.

— Você estava perto de congelar, mas não acho que vai perder os dedos das mãos ou dos pés.

Isabella estremeceu com a idéia.

— Onde *estamos*? — Isso não se parecia com qualquer parte do castelo que conhecia.

— Numa casa de campo, não longe de onde eu a encontrei.

— Estamos na aldeia?

— Não na aldeia. Um chalé no oeste, mais perto das montanhas.

— Oh — ela murmurou. — Devo agradecer-lhes.

— Agradecer a quem? — Ele perguntou, intrigado.

— Às pessoas que vivem aqui.

Ele deu uma pequena risada.

— Não há pessoas que vivem aqui. Apenas nós mesmos.

— Somente nós?

— Sim, você não lembra, não é? Quando eu disse que iríamos sair, apenas nós dois? Foi aqui que eu quis dizer.

— Eu me lembro — ela sussurrou. Aquela noite parecia ter sido há muito tempo. Um nó se formou em sua garganta enquanto pensava nisso. — Há algo para beber?

— Você não pode descansar mais? Agora está totalmente escuro e seria melhor para você.

— Estou com muita sede — ela murmurou, se mexendo.

— Tudo bem, espere agora — ele advertiu. — Deixe-me ajudá-la.

A cama era estranha, como uma grande caixa na qual havia sido colocada uma cama. A porta estava aberta, mas ela imaginou que poderia ser fechada para aquecimento, ou privacidade.

Ele se inclinou e deslizou o braço debaixo de seus ombros para colocá-la em uma posição sentada. A sala flutuou um pouco no início e sua cabeça martelou; ela podia distinguir parte do chalé agora à luz do fogo no centro do pequeno espaço.

As paredes de pedra rosa eram altas; o resto das paredes estava coberto de relva e argila. Vigas apoiavam o telhado de palha.

Parecia muito a casa de campo que haviam ido juntos há algumas semanas, *seriam meses?*, atrás. Só não havia família alguma aqui, nenhum bebê gritando com medo do rosto barbado de Colyne.

Era silencioso. Muito quieto.

Ele lhe ofereceu um copo de madeira, e ela tomou um gole. Estava frio, como o resto do cômodo; ela estava seca e bebeu a cerveja toda antes de entregar o copo de volta.

Ele ofereceu um pouco de resistência quando ela se moveu para ficar com os pés debaixo dela para levantar, mas talvez temendo que uma luta a machucasse, deixou que ela fizesse o que queria. Foi então que ela percebeu que estava envolta apenas em um cobertor.

Automaticamente ela puxou a colcha para cobrir-se, procurando em volta sua blusa, o vestido e manto.

— Você estava encharcada. — Ele acenou com a cabeça para o fogo e ela pôde ver suas coisas penduradas para secar lá.

Desajeitadamente, e com tanta dignidade quanto conseguiu reunir, ela ficou de pé. O chão era de terra simples com alguns tapetes trançados espalhados em volta.

— Obrigada por me encontrar, meu lord. Talvez seja melhor voltarmos ao castelo agora.

— Nós não podemos ir esta noite! Está escuro como breu e a neve ainda caindo.

— Nós não podemos ficar aqui!

— Por quê?

— Nós estamos sozinhos!

Um sorriso malicioso se espalhou pelo rosto dele.

— Isso nós estamos.

Ela virou a cabeça para liberar palavras cortantes, mas o quarto girou e ela quase perdeu o equilíbrio.

Ele estava lá em um instante.

— Talvez precisemos aguardar um pouco antes de você se movimentar muito — ele advertiu, deixando-a na cadeira baixa. — Sente-se, moça.

Sentada era melhor, ela concordou em silêncio.

— Você vai ficar enjoada?

— Certamente espero que não. Eu não acho que minha cabeça vai aguentar isto e eu não tenho nada no meu estômago em todo caso.

— Você está com fome então?

— Sim — ela admitiu. — Se a minha cabeça parasse de girar, eu arriscaria isso. Eu não comi desde esta manhã.

— Sim, vi que você não estava no almoço. Há um pouco aqui e isso deverá ser suficiente para nós. Eu mantenho comida aqui para quando eu venho.

— Você vem aqui?

— De vez em quando.

Se Alisoun não era sua amante, havia outra mulher que ele trazia aqui?

— Por quê? — Ela perguntou antes que pudesse se impedir. — Por que você vem aqui?

— Um lugar para pensar e não ser encontrado. Não há privacidade em um castelo, nem mesmo para o laird.

— Eu pensei... — ela interrompeu.

Ele inclinou a cabeça para olhar para ela.

— Você pensou?

— Nada. O que há para comer?

Ele riu.

— Bem, não bolo de feijão! Eu só tenho sopa para oferecer-lhe, mas vou tentar servir você muito bem.

Ela se encolheu com a referência à Festa dos Tolos. Ele colocou um pouco de sopa da panela pendurada sobre o fogo em uma tigela de madeira, e entregou-a para ela.

— Lembre-se, acaba de sair do fogo.

A tigela estava agradavelmente quente em suas mãos.

— Eu não vi muito você em Christmastide. Você gostou da maneira Highland de observar os doze dias?

— Você não me viu? — Isabella repetiu, incrédula. — Você comandou minha participação em cada banquete e dança e tradição!

Ele deu uma pequena risada.

— Claro! E você fez uma 'Abbott' muito boa .

— Obrigada — ela respondeu laconicamente. Ela pegou um pouco da sopa na colher e soprou para esfriar.

Houve silêncio por um instante enquanto ela provava sua comida. Não a sua favorita, mas saudável o suficiente e felizmente quente.

— Não consigo achar que a nossa alegria possa se comparar ao Natal da corte do rei inglês.

Por que ele estava fazendo isso? Pairando sobre ela assim?

— É tudo por causa do rei — disse ela. — Os nobres dão ao rei os mais elaborados e caros presentes de ano novo e diversões que podem pagar, e muitas vezes mais do que podem pagar, para ganhar seus favores.

— Eu tenho um presente de Ano Novo para você — ele disse quase timidamente. — Eu irei dar isso a você no Handsel...

— Handsel? — Ela perguntou, franzindo o cenho. ²⁰

— Eu espero que os ingleses não tenham isso. É quando nós damos nossos presentes de Ano Novo.

Isabella voltou à sua sopa.

— Não pedi nenhum presente, meu lord. Nem eu quero um.

— Não me chama de 'Colyne' agora? Se bem me lembro, você poderia ter qualquer coisa que desejasse só fazendo isso.

Seu aperto na colher aumentou.

— Eu não acho que eu deveria fazer isso de novo, meu lord.

²⁰ NT — Primeira segunda-feira do ano. Quando são dados os presentes de Ano Novo.

— Ach, bem, espero que você possa conseguir qualquer coisa de mim de qualquer maneira.

Ele puxou outra cadeira para sentar-se diante dela. Era muito baixa e os joelhos ficavam espetados quando ele estava sentado. Seus cabelos, barba, até os pelos vermelhos em seus braços e mãos captavam a luz do fogo. Ele se inclinou para a frente, seus braços em suas coxas, olhando para ela.

O exame dele era enervante.

— O que você está fazendo? — Ela cobrou.

— Olhando para você.

— Isso eu posso ver — ela respondeu tensamente. — Pare com isso.

— Eu não posso. Eu não estive muito perto de você há semanas.

Ela olhou para o chão, para as paredes de barro, para o fogo, em sequência, depois voltou para ele.

— Não há outra coisa que você pudesse fazer?

— Não, e nada mais que eu queira.

— Talvez, — disse ela bruscamente — você poderia se ocupar em encontrar uma maneira de retornarmos ao castelo. Você não preferiria estar lá?

— Não na verdade. Sinto falta desse velho monte de pedras.

Isabella piscou.

— Você morou aqui?

— Sim, por um tempo. — Ele indicou a casa simples. — Você então está chocada? Por eu me achar em casa em tal humildade?

Ela franziu a testa.

— Sua família pegou o castelo recentemente, então?

— Não — ele disse calmamente. — Nós chegamos aqui um pouco depois que os homens do rei chegaram.

— Os homens do rei vieram aqui? Quando?

— Anos atrás. — Colyne arrancou um graveto do chão. — Depois de Inverness.²¹

— Inverness?

— Sim. — Ele torceu o graveto, com o rosto tenso. — O rei convocou os chefes a Inverness quando ele voltou. Ach, deve ter nove anos, não, quase dez agora. — Ele segurou o graveto em ambas as mãos, rolando entre os dedos. — Foram convocados, e querendo paz com o rei, eles foram, meu pai e Malcolm com eles.

Isabella sentiu seu estômago apertar por seu tom.

— O que aconteceu?

Colyne olhou para o fogo.

— Era final do verão quando eles foram e perto do inverno antes que eu soubesse que o rei tinha jogado todos eles no calabouço.

Os olhos de Isabella se arregalaram.

— Todos? Quantos?

— O lote — ele respondeu. — Mais de cinquenta homens. Alguns, como Malcolm, voltaram para casa. Alguns ele manteve durante anos. Diferentes castelos, casas diferentes.

Ela podia ouvir as palavras que não eram ditas.

— Seu pai?

— Ele não foi tão afortunado. Colyne jogou um graveto no fogo. — Quatro dos chefes James matou imediatamente para impedi-los de seguir Alexander, o Lord das Ilhas. O rei enforcou meu pai meses antes de eu saber qualquer coisa sobre ele.

²¹ NT — Inverness é a cidade da Escócia, capital da região das Highlands, onde o Rei James I aprisionou os chefes dos clãs.

Isabella engoliu em seco. Ao retornar à Escócia, James pegou seus parentes, os Albany Stewarts, e quase os dizimou. Muitos nobres foram presos então, até o pai do seu futuro marido, mas ela não tinha sabido que o rei virou sua sede de sangue para as famílias dos Highlanders também.

— Você disse... os homens do rei...

— Ah, sim, mas foi mais tarde. Durante anos os clãs chegaram à rebelião aberta. O rei veio até às Highlands para subjugar todos nós, e uma vez veio aqui. Foi assim que encontrei tudo quando voltei de Orléans. — Ele inclinou a cabeça. — Caitrina não lhe falou? Foi como sua perna foi esmagada, durante aquele cerco, quando queimaram o castelo. Minha mãe também morreu então e a pequena Margaret com ela.

— Não — ela disse tensamente. — Ela nunca me disse. Oh, Colyne, eu não sabia.

— Viu, querida — ele disse suavemente. — Eu não tive que esperar muito tempo para ouvir você dizer meu nome.

Ela inclinou a cabeça com o timbre quente de sua voz. Estavam a quilômetros do castelo, e a neve era muito profunda agora...

— É por isso que Caitrina tanto teme quanto tem raiva do rei. Ela não teme nada tanto quanto a ele. Não creio que ela durma tranquila enquanto ele estiver sentado no trono .

— Estou surpresa que ela possa ser tão gentil comigo sabendo que eu sou sua prima.

— Ela é uma alma generosa. E ela tem o Ihone dela agora, então ela tem muito para agradecer a você.

Isabella desviou o olhar. Colyne também poderia agradecer por ela ter trazido Bredach para ele.

— Você deveria comer. Você precisa disso.

A tigela ainda estava quente. Ela conseguiu comer mais alguns bocados, mas ele, observando-a comer, fez a sopa parar na garganta. Ela devolveu a tigela.

— Você deve descansar de novo. — Ele se virou, colocando sopa na tigela para si mesmo. — Faltam horas até o amanhecer.

Isabella voltou para a cama fria, tremendo contra o frio do simples colchão de linho. Ela colocou os cobertores ao redor dela e virou as costas para o quarto, abaixando o rosto debaixo das cobertas.

Ela mergulhou mais profundamente no calor escasso dos cobertores. Ela deveria dizer a ele, ela se perguntou, dedilhando o linho do lençol. Ele ficaria zangado? Ele certamente a enviaria correndo para a corte para que Alexander Douglas pudesse pensar que a criança era dele.

Ele a enviaria para lá sem demora.

Ela fechou os olhos. Não era isso o que ela queria?

O fogo crepitou. A cadeira dele rangeu, algo raspou na mesa lateral enquanto ele se movia silenciosamente ao redor do chalé.

— Mexa-se um pouco sobre a cama, moça.

Seus olhos se abriram.

— Por quê?

— Para que eu possa entrar nela. Eu não quero passar por cima de você.

Ela virou-se para encará-lo, meio se sentando e segurando os cobertores sobre ela.

— Você não vai dormir aqui, MacKimzie.

— Sim, eu vou.

— Você pode não dormir nesta cama!

— E onde você queria que eu dormisse? No alpendre com o cavalo?

Seu olhar se estreitou.

— Não me importa *onde* você dorme, mas você não vai compartilhar *minha* cama.

— Moça — ele começou, esfregando as mãos sobre os olhos, — está muito tarde e muito frio. Se você não consegue pensar no meu conforto, então pense no seu próprio. Dois na cama será o dobro do calor .

— Você *não* vai compartilhar minha cama!

— Isabella, eu vou compartilhar a cama com você, quer você goste ou não, para seu próprio bem. Se você não me quiser esta noite, deixarei você, mas eu não vou ter você procurando sua morte por teimosia .

Ela olhou fixamente para ele.

Ele encontrou seus olhos, inflexível.

— Tudo bem! — Ela expeliu. — Faça o que quiser, MacKimzie. Você sempre faz.

Com isso, ela se moveu na cama, deixando espaço suficiente para ele subir.

Ele suspirou.

— Ach, mas como eu queria que fosse assim.

Ela deitou de costas para ele, com a boca apertada.

Por que ele deveria dormir aqui? Ele está fazendo isso apenas para me ver destruída!

O som do pano farfalhando fez ela se virar. Ele tinha descartado seu manto e calças e estava prestes a puxar sua túnica por cima de sua cabeça.

— O que você está *fazendo*?

Ele parou, ainda segurando a borda de sua túnica para puxá-la sobre sua cabeça.

— Estou indo para a cama!

— E você quer se despir?

— E o que, você quer que eu durma com minhas roupas?

— Pelo menos use a túnica!

— Por quê? — Ele exigiu. — Você tem minha palavra, eu não tentarei tomá-la! O que você quer de mim?

— Eu quero que você use sua túnica!

— Isabella, se você não quiser ver, afaste seu olhos para outro lado, mas eu não vou ficar aqui com a minha bunda de fora no frio por mais tempo!

Com isso ele puxou a túnica por cima de sua cabeça.

Ele estava nu e, mesmo nessa luz, ela podia distinguir todos os planos e curvas.

Seu coração estava batendo selvagememente e ela rapidamente se virou para a parede.

Ela sentiu seu peso na cama e ele se acomodou sob os cobertores ao lado dela. Seu lado estava quente contra suas costas e ela podia sentir o calor do corpo dele contra sua pele.

Ele suspirou.

— Ah — disse ele. — É bom descansar um pouco.

A sensação de sua pele contra a dela fez sua respiração acelerar.

— Isabella?

— Sim? — Ela conseguiu falar.

— Se você precisar de alguma coisa, diga-me, sim?

— Posso garantir-lhe, MacKimzie, não precisarei de nada que você possa fornecer.

Ele suspirou novamente e ela sentiu seu corpo mexer.

— Diga-me se você precisar, querida.

Isabella segurou a coberta sobre ela com firmeza. Ele ficaria muito desapontado se achasse que dormir com ela seria tão fácil quanto isso. A arrogância disso! Pensar que tudo o que precisava era deitar ao lado dela e ela o teria. Se ele pensou que ele tinha tido o lado áspero de sua língua antes, deixe ele colocar uma mão sobre ela agora!

Seu coração bateu enquanto os minutos passavam.

Ele estava tão quente e a cama duplamente quente com ele nela.

Eles estavam sozinhos agora como nunca antes tinham estado. A neve significava que ninguém deveria vir atrás deles. Ele não teria que escapar dessa vez. Sua empregada não iria apanhá-los. Um toque no ombro, um beijo contra o pescoço dela... certamente ele faria *alguma coisa*.

Desta vez, eles teriam a noite inteira.

Isabella se mexeu ligeiramente e se aproximou um pouco mais dele...

Seu quadril estava contra suas nádegas, o músculo de sua perna contra o dela.

Colyne se agitou e suavemente ...

Roncou.

Ela se virou para olhar para ele. Seus olhos estavam fechados, seu rosto relaxado e a boca levemente aberta.

Adormecido? Ele está adormecido?

Ela caiu sobre suas costas. Eles estavam sozinhos, na cama, pele a pele nua e nem mesmo tentou.

Claro que não.

Ele estava casado com Bredach agora. Por que ele deveria querê-la quando sua linda nova esposa aguardava seu retorno à cama?

Ela observou Colyne por um longo tempo, sua respiração profunda e regular enquanto ele dormia ao lado dela. Suavemente, ela afastou a mecha avermelhada que havia caído sobre sua bochecha.

Com cuidado, para não acordá-lo, ela deslizou seu braço sobre o peito dele, movendo-se para que ela ficasse enrolada contra ele.

Isabella se aninhou contra Colyne, sua bochecha contra seu peito. Ela observou as sombras dançando no teto da cama da caixa e ouviu seus batimentos cardíacos até que a exaustão a tomasse.

Dezoito



Promessas Feitas e Rompidas

Isabella estava envolta em um calor escuro e envolvente. Meio adormecida, aconchegada com tanto carinho, sentiu lábios que escovavam levemente contra a sua têmpora.

Braços suaves se apertaram ao redor dela e ela se aconchegou mais perto. Seus dedos levemente rastrearam a curva de sua bochecha. Ela virou o rosto para ele, o cheiro quente e limpo dele nas narinas. Sua boca tocou a dela e a reação de seu corpo ao calor úmido foi imediata. A respiração de Isabella suspendeu enquanto ele aprofundava o beijo, abrindo gentilmente seus lábios com a língua.

Colyne puxou impacientemente o cobertor. Seu coração martelando, ela se moveu para permitir que ele a liberasse. No instante seguinte, ela ficou nua de encontro a ele e estremeceu enquanto a pressionava completamente contra ele.

Seu corpo parecia incrivelmente quente enquanto sua boca encontrava a dela novamente. Sua mão percorreu a pele quente do seu musculoso ombro e para baixo na curva de suas costas, descansando em seu quadril por um momento. Uma emoção a percorreu com o som

suave que ele fez quando ela deixou seus dedos traçarem mais abaixo, sobre o músculo de sua coxa e para cima, seus dedos curvando-se em torno dele.

Ela sentiu sua dureza, deslizando a mão ao longo de seu comprimento. Sua respiração acelerou sob seu toque, seu beijo mais faminto.

Ele tirou sua mão dele e beijou sua palma. Ele segurou seus pulsos com as mãos e a virou para deitar de costas. Ele segurou seus pulsos na cama ao lado de seus ombros enquanto abaixava a cabeça para levar sua boca ao seio. A respiração dela suspendeu com o calor úmido, sua língua gentilmente provocando.

Ela se arqueou debaixo dele enquanto sua boca se movia mais para baixo e suas mãos soltaram seus pulsos apenas para percorrer o comprimento de suas coxas. Deslizando as mãos para a parte de trás de suas pernas, ergueu-a, espalhando-a sem esforço enquanto a boca atingia o topo de sua coxa.

Piscando na luz fraca brincando no teto da cama em caixa, Isabella esperou, insegura e aberta.

Seus pensamentos se misturaram; ele baixando-a para a cama naquela noite, seu casamento, a fuga de William, a criança.

Eu o quero demais.

Sua respiração escapou bruscamente quando o calor de sua boca encontrou a parte mais sensível de seu centro, as mãos sob suas nádegas. Ele a manteve lá enquanto ele incitava sua excitação cada vez mais alto.

Ela fechou os olhos. Mantida cativa pelo prazer que ele tirava dela com os movimentos de sua língua, ela se arqueou contra ele.

Seus dedos estavam enrolados nos lençóis quando a sensação úmida de repente cessou.

Ela abriu os olhos, olhando para ele, desesperada para ele continuar.

Em um instante, seu corpo estava sobre o dela, os quadris entre suas coxas enquanto ele se posicionava acima dela. Ele sustentou-se erguido pelo braço dobrado ao lado dela, seu rosto a poucos centímetros do dela, sem tocá-la, exceto pelo pincelada leve de sua dureza contra ela.

O calor dele se aproximou apenas de sua entrada, tentador, deixando-a tremendo debaixo dele.

— Você me quer? — Ele murmurou, esfregando a boca contra a dela.

— Sim. — Ela estava aberta e pronta, doendo por ele agora.

Ele ficou onde estava, a ponta dele tocando-a, esperando.

— Por favor, Colyne — ela respirou.

Ao som de seu nome, ele gemeu e deslizou para dentro dela.

Ela fez um som suave enquanto sua dureza a preenchia. Ele parou assim por um momento, permitindo que seu corpo se ajustasse a ele. Sua mão apertou seu quadril quando ele começou a se mover devagar e ritmicamente dentro dela.

Suas mãos encontraram as costas dele, depois seus quadris e a sensação dele se movendo sob suas mãos enquanto ele empurrava dentro dela. A tensão estava se acumulando dentro dela novamente enquanto ele se movia.

Cada golpe a levava mais perto; ela estava pronta, no limite, quando sua boca escovou a dela.

— Colyne — ela conseguiu falar.

No instante seguinte, ela gritou quando as ondas de prazer a atravessaram.

Seu corpo ficou tenso, seus movimentos mais instigantes agora enquanto ele empurrava mais fundo. Seu rosto estava enterrado em seus cabelos, sua respiração quente contra a pele de seu pescoço, e ela sentiu seus músculos debaixo de suas mãos sacudirem com pequenos tremores.

— Ah, querida — ele gritou com voz rouca e ela sentiu que ele estremeceu quando sua libertação o encontrou. Ele estava ofegante, tremendo, sua bochecha quente pressionada contra a dela, e ele desabou sobre ela, exausto.

Eles ficaram deitados assim enquanto a respiração de Isabella abrandava. Ela se deleitou com a pesada sensação lânguida agora em seus membros, o peso quente de seu corpo sobre o dela.

Ele escovou sua boca contra a dela levemente.

— Agora, há a doçura que eu não experimentava há muito tempo.

Seu tom auto-satisfeito a sacudiu de volta para si mesma.

Eu sou sua prostituta então? Ele quererá tanto de mim depois que ele retornar para Bredach?

Ele franziu a testa.

— Você está bem?

— Deixe-me levantar!

Ele hesitou por um instante, procurando seu rosto. Ele saiu fora dela.

Tão logo ficou livre de seu peso, ela se afastou. Ela pegou um cobertor, puxando-o em torno dela antes de sair da cama.

O chão de terra gelada sob seus pés descalços a chocou até seu interior enquanto ele colocava sua túnica.

Para onde ela pensou em fugir, enrolada apenas numa colcha e com os pés descalços? Havia apenas este minúscuo chalé e neve profunda lá fora.

— Vocês está ficando enjoada?

— Não — Isabella sussurrou.

Ele trouxe suas roupas para ela.

— Vista-se, então. Você vai morrer assim.

Apaticamente ela pegou suas roupas, virando-se para se vestir. Ela se virou de volta para ver seu manto já colocado quando ele se inclinou para acender o fogo.

— Venha e sente-se aqui onde é mais quente.

Ela afundou na cadeira. Assustada, sentiu que ele acomodava suavemente a capa sobre seus ombros.

— Você vai tomar uma cerveja, querida?

Ela olhou para ele sem interesse, mas recebeu o copo e engoliu um pouco da fermentação fria antes de devolvê-lo.

— Você está melhor agora?

— Não.

Isso pareceu dar-lhe uma pausa.

— Você está com fome então?

Ela sacudiu a cabeça.

Ele puxou uma cadeira para sentar-se de frente para ela, com os olhos atentos ao rosto.

— Por que você não me falou sobre a criança?

Ela congelou.

— Você soube?

— Não, eu não soube até ontem. Eu estava preocupado por você estar longe há tanto tempo. Perguntei ao Dougal sobre sua direção e

sua pequena criada, Mary, junto com ele. — Sua boca se mexeu por um minuto. — Ela estava tremendo de medo e disse que de qualquer modo eu precisava encontrá-la rápido para o bem da criança.

Mary! Isabella fechou os olhos.

A garota cuidara de suas roupas e de sua pessoa por meses. Mary era sua criada tempo suficiente para notar que ela não usara os *braies* ²² que ela precisaria se suas regras tivessem vindo. Mary também sabia que Colyne tinha estado no quarto dela, a tinha visto vestida apenas com uma camisola sob sua capa, naquela noite.

Ele afastou o cabelo de seus olhos.

— Eu fui tolo por não ter sabido, nem mesmo pensado nisso. Você ficou muito pálida, muito pensativa nessas semanas. Eu pensei, bem, agora não importa. Não posso acreditar que você não me disse.

Isabella balançou a cabeça.

— Como eu poderia?

— Vocês não estava com medo, não é mesmo? Não de mim? — Ele perguntou suavemente, a dor em sua voz inconfundível. — Você não confia em mim, querida?

— Confiar em você? — Ela gritou. — Ah, e você ficaria satisfeito por saber que eu estava grávida, tenho certeza!

— Bem, claro! Douglas não terá você agora!

A cabeça de Isabella se ergueu.

— Você fez isso para evitar meu casamento? Para me afastar da corte?

— Ach, moça, com sua mão acariciando meu pau, eu não estava pensando claro o suficiente para planejar tudo isso! — Ele disse com

²² NT — *Calções usados durante a menstruação*

uma pequena risada. — Mas sim, estou feliz com a criança. Você não está?

— Sangue de Deus, claro que não! Se não me casar rapidamente, não posso esperar escapar da ruína do meu bom nome. Ou isso ou eu tenho a criança em segredo e pago pela sua manutenção.

Ele parecia chocado.

— Você daria nosso filho como um filhote indesejável?

— O que você quer que eu faça? — Ela exigiu, de pé agora com raiva. — Os homens podem ter bastardos e amantes em grande quantidade, mas uma lady não pode!

— *Esta* criança não vai nascer no lado errado do cobertor — ele retrucou, levantando também.

— Você não está esquecendo que você já *tem* uma esposa? — Ela cruzou os braços. — Ou você agora me enviará voando para Lord Douglas para passá-lo como seu?

— Esposa? — Suas sobrancelhas franziram. — Você quer dizer Bredach?

— Sim, e bastante conquistado por ela, não está? Estou surpresa que você tenha percebido que eu fui embora!

— Conquistado!

— Você passou todos os momentos bajulando-a e eu fui testemunha de muitos deles!

— Passei todos os momentos tentando escapar de casar com ela!

— *Escapar* de casar com ela? — Ela gritou. — Você já não é casado?

— Claro que eu não sou casado, você sabe muito bem! E quanto a Bredach, eu rompi com ela.

Isabella pestanejou.

— Você rompeu com ela? Mas por que?

— Por amor a você! — Ele quase gritou. — Para me casar com você!

A respiração escapou de seus pulmões.

— Casar comigo?

Ele parou de repente.

— Você não quer se casar?

— Você... você quer casar comigo? Mas você prometeu se casar com Bredach.

— Sim, claro que prometi. Por sua causa, eu prometi!

— Como por mim?

— Como por você? — Ele disse, sua voz aumentando novamente.

— O que, eu deveria insultar o irmão dela, e nós cercados por seus homens? Com sua própria doce pessoa a um fio de cabelo das espadas de MacLaulach? Você sabia que era por sua segurança! Eu estava olhando diretamente para você quando eu dei a resposta.

Ela balançou a cabeça.

— Eu pensei...

— Você achou que eu estava apaixonado pela *Bredach*? Comigo seguindo você, sendo um idiota por você? Eu não posso suportar nem mesmo um dia sem ver você! Você não percebeu que eu flutuava à sua volta na Noite de Reis, cheio de alegria apenas por estar perto de você!

— Mas por que nunca me falou disso?

— Eu falei! No corredor no dia anterior à chegada da moça!

Isabella franziu a testa. O que ele...?

— Antes de Kat chegar até nós? Você disse que estava ansioso para chegar a um acordo com a rainha, ansioso para... — Ela parou, pestanejando para ele. — Ansioso para se casar. Você queria dizer — ansioso para se casar *comigo*?

— Claro! Eu disse-lhe então que eu iria manter minha promessa para você para que tudo ficasse certo entre nós. — Sua testa franziu. — Pênis de Deus, mulher, você tinha que saber o que estava em meu coração de toda maneira! Você tem a visão!

— Não! Quero dizer, sim, eu tenho, mas eu... — Ela balançou a cabeça. — Você rompeu com a Bredach?

Ele bufou.

— Não, *ela* rompeu *comigo*. Ontem eu a coloquei diante de seu irmão, chorando para confessar seu amor pelo jovem Jamie e implorando ao MacLaulach para que ela não a fizesse se casar comigo!

— Bredach ama *Jamie*?

— Sim — ele respondeu, como se ela fosse estúpida por não saber. — Ela despertou para o rapaz semanas atrás, quando seu irmão o fez prisioneiro e proibiu-a de falar com ele. Eu não posso acreditar que o MacLaulach não soubesse que uma negação como essa apenas a atrairia para o rapaz mais ainda!

— Ach — ele continuou, balançando a cabeça. — Mas não era pequena coisa ter Jamie em sua companhia para Christmastide, comigo tentando parecer maçante como uma pedra para ela, e seu irmão olhando o tempo todo! Nem fácil torná-la ver a verdade por si própria! Bredach é uma garota bonita, mas ela não é uma pessoa para pensar.

Isabella piscou para ele.

— Bredach ama *Jamie*?

— Se você tivesse me dado mais um dia, você podia ter visto ela sair de novo como prometida esposa de Jamie e não minha. Mas eu obtive a boa vontade de seu irmão para liberá-la e não há uma rixa

entre os clãs por causa do rompimento. Então não há razão para nós não nos casarmos agora.

— Nós, casarmos?

Ele se mexeu.

— Eu estava preparado para trazer você aqui naquela manhã. Nós deveríamos cavalgar, lembra? Então eu poderia me prometer a você. E naquela noite, quando nos sentamos junto ao fogo também, eu estava tentando, mas depois o Malcolm voltou. — Ele passou a mão pelos olhos dele. — E então os MacLaulachs e os homens do clã pairando em volta, e sua Katherine nos vigiando como um falcão...

— E quanto a Lord Douglas? A rainha? E quanto ao resgate?

— Você não pensa que eu iria desistir de você, não é?

— Você mentiu — Isabella respirou. — Você nunca enviou nada à corte. Nunca houve negociações com a rainha.

Ele mexeu os pés.

— Desculpe-me por isto, mentir para você como eu fiz. William falava comigo dia e noite sobre isso e Angus também. Eu pensei, apenas se eu tivesse um pouco mais de tempo para arrumar tudo no lugar.

Ela balançou a cabeça.

— Você nunca disse a ninguém que eu estava aqui?

— Claro que não, eles iriam querer você de volta — disse Colyne suavemente. — Você acha que eu poderia suportar deixar você ir?

Hesitantemente, ele estendeu a mão para tocá-la, rastreando a linha de sua bochecha gentilmente com o dedo.

— Diga-me, amor, o que quer que eu tenha feito para afastar você de mim naquela noite, basta apenas me dizer, eu vou fazer isso direito.

— Oh, — Isabella sussurrou, lágrimas enchendo seus olhos. — Alisoun...

Suas sobrancelhas franziram.

— *Alisoun?* O que há com ela?

— Eu pensei que era sua amante.

Sua cabeça recuou um pouco para trás.

— Mas por que você pensaria tal coisa?

— Eu apenas... aquela primeira noite, eu a vi beijar você na galeria...

— Me beijar? Oh! — O entendimento chegou ao rosto dele. Ele parecia embaraçado. — Você viu aquilo? Você viu que ela me beijou e não eu a ela?

Isabella refletiu, lembrando o que tinha visto.

— Sim, sim, eu vi — ela concordou devagar. — Mas ela estava lá. Quando você estava saindo naquela noite, você me beijou na porta de entrada. Ela estava lá no corredor, observando-nos.

Ele ficou atônito.

— Por que você não me falou?

— Ela parecia tão... gratificada. — Ela estendeu as mãos. — Eu pensei que você só tinha se deitado comigo para... pensei que era um plano entre vocês dois e cada vez que eu a via, a maneira que ela olhava para mim. Ontem, nós nos falamos. Ela disse que nunca tinha se deitado com você. Que você não a quis...

Sua expressão era tímida.

— Ela falou com você sobre isso?

— Parece que há mais do que ela disse. — Os olhos de Isabella se estreitaram. — Talvez seja melhor você me dizer agora.

— Oh. — Um rubor cresceu no pescoço dele. — Ela deixou seus desejos claros... — Ele limpou a garganta. — No dia em que eu levei você até o poço, naquela noite ela, han, estava esperando em minha cama.

— Entendo.

Ele limpou a garganta novamente.

— Bem, eu sou um homem, sabe.

Isabella cruzou os braços.

— Eu me lembro disso, sim.

— Ah, bem, ela estava nua na cama, como me convidando. Olhei para ela, claro. — Seu rosto estava escarlate. — Eu estava ardendo por você, Isabella, e achando que eu nunca a teria. Eu, bem, apenas por um momento, apenas um momento, sabe? Pensei sobre isso.

Isabella esperou.

— E? — Ela induziu.

— Bem, eu não fiz isso! — Ele abriu bem os braços. — Mas alguém rancorosa, é Alisoun, e ela não aceita ser dispensada! Eu ameacei colocá-la nos ombros e deixá-la de bunda de fora no salão para fazê-la ir.

Isabella olhou para ele por um momento. Até as pontas de suas orelhas ficaram vermelhas. Seus olhos se arregalaram, mas mesmo cobrindo sua boca com a mão, ela não conseguiu evitar.

Ela explodiu rindo.

— Desculpe! — Ela disse chorando de rir. — A idéia de você levar Alisoun para o grande salão! — Ela ficou sufocada com risadinhas. — Bunda de fora além de tudo!

Ele sorriu hesitantemente, ainda cauteloso. —

Assim, você não está zangada então? Por eu olhar, e... e pensar, e ameaçar envergonhar a moça, quero dizer?

Ainda sorridente Isabella balançou a cabeça.

— Estou surpresa que você sentiu necessidade de confessar que você *pensou* sobre isso.

— Bem, você tem a visão. Eu pensei que seria melhor que eu dissesse antes que uma visão o fizesse.

Ela não via tudo, é claro. Embora, pensou, poderia haver uma vantagem considerável em deixá-lo pensar que ela poderia...

— Ah, querida — ele murmurou, sua testa contra a dela. — Você nunca saberá como eu desejei você. Eu não podia pensar no que eu faria se a perdesse quando você era tudo o que eu queria .

Ela apoiou as mãos nos ombros dele.

— Colyne, eu tenho que lhe dizer uma coisa. Quando eu estava cavalgando de volta ao castelo, tive uma visão. Eu acho que é por isso que eu caí.

Ele ficou quieto.

— Conte-me.

— Eu acho que é você que eu vejo segurando a rainha. Ela está ferida, sangrando. A faca... Ela toca o peito dela.

Sua cabeça se ergueu de novo.

— Eu nunca poderia machucar você! Colocaria a faca em mim primeiro.

Ela deu de ombros impotente.

— É o que eu vejo.

— Você me vê com a rainha e você também, sim?

— Sim.

— E se você nunca estivesse perto da rainha? E se você nunca fosse para a corte?

— O que você quer dizer?

— Fique — ele disse com voz rouca. — Fique comigo. Me tome como marido.

O perigo disso fez os joelhos dela enfraquecerem.

— Minha família ficará furiosa — sussurrou Isabella. — Se você se casar comigo sem sua permissão, eles me deserdarão sem um tostão.

— Eu não me importo com seu dote!

Ela balançou a cabeça.

— Eu nunca poderia retornar à minha família na Inglaterra. Eles estariam dentro do seu direito de me acorrentar e matar de fome por desobediência. A rainha Joan também vai me banir da corte.

Colyne deu-lhe um meio sorriso.

— Bem, eu não tenho nenhuma pressa de me apresentar na corte também.

— Colyne, você não pode ficar feliz com isso! Eu sou a protegida do meu tio e prometida a Lord Douglas. Eles reclamarão ao rei que você roubou sua propriedade. Ele vai lhe banir, ou pior. O rei exigirá meu retorno.

Ele a olhava seriamente.

— Querida, eu quero a noiva não o dinheiro. Como seu marido, eu cederei o lote para seu tio ou Douglas ou o rei. James casou-se com Joan por amor, sim? Vou enviar mensagem a ele e dizer que eu amo você, não é diferente. E eu irei enviar seus bens também para a guarda do rei. Isso deverá acalmar bem seu temperamento. Não acho que James, ou sua família, poupará a despesa para aumentar a força necessária para tirar você de mim.

Isabella considerou. A rainha tinha bastante primas para escolher. Havia uma série de garotas de Beaufort para dar a Douglas. Ele, seu tio e o rei se oporiam à perda de seus rendimentos e bens, e não a dela. Se Colyne abandonasse o dote, o rei e sua família teriam pouco interesse em reaver uma mulher já casada e com filho.

— O castelo está bem preparado para a guerra, querida. Na terra dos MacKimzie você não tem nada a temer. Nem o rei, ou sua família ou as chamas. Uma vez que o portão esteja abaixado levará um ano ou mais para violá-lo e estaremos seguros dentro. Com o MacLaulach como aliado nosso agora, sua família vai achar a tarefa de levar você bem superior a eles.

Sua esperança de libertar William era acelerar as negociações para um acordo. O rei nunca sustentaria a despesa para enviar tropas, no inverno, a um lugar tão remoto, por uma mulher. Seu coração acelerou. Com a neve tão profunda, William não poderia provavelmente voltar com uma força grande o suficiente para tomar um castelo fortificado.

Isto *poderia* funcionar.

Suas sobancelhas franziram.

— Eu sei que esta não é a vida que você pensou para si mesma. Eu também tenho terras na França. Talvez em um ano ou algo assim eu poderia procurar posição na corte de Charles.

— Não me importo de não viver na corte.

— Eu posso oferecer-lhe meu amor e os meios para moldar uma vida feliz. Você e a criança. — Ele olhou para ela hesitante. — Você acha que poderia vir a amar-me?

— Bem, é claro que eu amo você — Isabella explodiu. — O que você achava?

— Você me ama? — Ele respirou. No instante seguinte, seu rosto brilhou alegremente. — Você me quererá então, como marido?

Na visão dela o homem não era seu marido. Ele era um assassino com raiva, mas se eles devessem se casar e nunca irem à corte, nada disso poderia acontecer.

Eu o amo demais...

Ela engoliu em seco.

— O risco é terrível.

Os olhos dele eram suaves.

— Eu amo você, querida. Você me teve, coração e alma, quando você pegou minha mão na escada pela primeira vez. Eu não me importo com o perigo. Você vale tudo isso e mais.

— A visão... — Ela colocou as mãos no peito dele, séria. — Nós nunca devemos ir à corte. Nunca devemos ver a rainha.

Ele deu um aceno de cabeça.

— Nunca.

Ela podia sentir seus batimentos cardíacos sob sua mão.

— Sim.

Ele procurou seu rosto.

— Você vai?

Seu coração iluminou-se com pura alegria. Ela sorriu.

— Sim, Colyne, eu vou casar com você.

Ele sorriu em troca.

— Agora? Podemos ir à igreja depois.

Isabella hesitou. Mesmo a Igreja declarava que os votos de casamento ditos em segredo, sem o consentimento de sua família e sem testemunhas, eram tão vinculativos quanto os votos com grande fanfarra na porta da igreja, diante do rei e da corte. Mas ela também

sabia o quão decepcionada Kat ficaria de não ver aquela troca final de promessas.

— Eu não gostaria de machucar a Kat.

— É melhor feito na frente de testemunhas, eu sei. Você se comprometerá comigo, então? Será minha noiva?

Ela concordou.

Colyne pegou sua mão na dele, seus olhos sérios.

— Eu, Colyne, tomo você, Isabella, como minha noiva e eu lhe prometo minha fidelidade.

Isabella sorriu para ele através das lágrimas.

— Eu, Isabella, tomo você, Colyne, como meu noivo e eu lhe prometo minha fidelidade.

Ele sorriu e beijou-a.

— Bem, o que devemos fazer agora?

Ela riu e puxou-o de volta para a cama.



A neve começou novamente e Colyne não se aventuraria do lado de fora com ela até que parasse.

Colyne dificilmente a deixaria aventurar-se fora da cama antes do dia seguinte. Nem, atraído pelo deleite que ele encontrou em amá-la, ele queria.

Ele teria que fazê-la comer, entretanto, com medo de que uma única refeição perdida a prejudicasse.

Ele a sentou e colocou sua capa em torno dela, uma tigela de sopa quente em sua mão, enquanto ele cuidava do cavalo e pegava madeira para acender o fogo.

Ele colocou os troncos no fogo, alimentando-os com gravetos, a luz pegando o cabelo vermelho-dourado de sua barba.

A tigela de madeira em sua mão empalidecia e desbotava, o chalé à sua volta com ele...

Colyne conduzia o cavalo, ela sentada na sela, montes de neve altos em volta deles.

Ela podia ver o castelo. Eles estavam quase lá.

A luz do sol brilhava na neve e iluminava seu rosto. Ele sorriu por cima do ombro para ela.

— *Viu, eu levei você para casa segura, querida.*

O calor se espalhou por seu peito. Casa. Ela já teve uma antes?

Eles estavam seguros

— Isabella? Você está bem?

A chalé estalou de volta à consciência dela.

— Sim. — Ela sorriu. — Sim, eu estou.

Colyne olhou para ela com curiosidade.

— Você parecia...

Isabella enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Kat diz que eu pareço sempre como se eu estivesse *sonhando acordada* quando eu tenho uma visão. Minha avó se perguntava se eu estava afligida com ataques.

— Uma visão — ele disse, sua voz impressionada. — Pode me falar sobre isso?

Isabella abaixou a cabeça.

— Não foi nada. Somente nosso retorno ao castelo.

— Você pode ouvir os santos falarem com você? Como Jehanne ouvia?

— Não. — Ela hesitou. — É como se tudo parasse e se transformasse em vidro colorido, então o vidro fica claro e desaparece no nada. Então estou em outro lugar e vejo o que acontecerá.

Seus olhos estavam arregalados.

— Uma coisa maravilhosa, isso.

Isabella deu uma risada tímida.

— Eu trocaria isso por um par de meias de lã, se eu pudesse. Às vezes eu acho que trocaria de lugar com alguém para ser diferente do que eu sou.

Ele segurou sua bochecha, seus dedos fortes suavemente contra sua pele.

— Eu não iria querer ter alguém a não ser você, querida. E sendo você, nada além de você mesma.

Suas palavras e seu olhar tão amoroso, tão quente, trouxe uma onda de lágrimas aos olhos dela.

— Eu não quis fazer você chorar, agora.

— Não me mostro aos outros com facilidade, nem mesmo a Kat. Você deve me dar tempo para se acostumar com isso .

— Eu poderia ficar aqui para sempre e manter você apenas para mim, mas espero que a Sra. Katherine arranque meus cabelos por deixá-la tão preocupada. E melhor nos casarmos hoje ou Sir William exigirá justiça pela espada.

Colyne sorriu para ela.

Ele me ama. Oh, mas deixe-me ter isso! William levará uma quinzena, talvez mais. Até então, vamos nos casar e ir para a cama, então nem meu tio poderá usar o seu chapéu de Cardeal para ter isto anulado.

Certamente, Colyne entenderá por que isso foi feito.

E hoje pelo menos, vamos chegar ao castelo com segurança. Disso tenho certeza.

Ela ia dizer a ele, prometeu silenciosamente, no momento em que estivessem do lado de dentro do portão.

Com a segurança do castelo ao seu redor e a presença de seus aliados MacLaulach, ele receberia a notícia um pouco melhor.

Ela esperava.

A neve tinha parado de cair e a idéia de se casar hoje o fez ficar pronto retornando com toda a velocidade. Ele pediu que ela sentasse ociosa enquanto ele arrumava o chalé. Sorrindo internamente, ela se perguntou o quanto ela poderia ser permitida fazer até que o bebê nascesse.

Ela sugeriu que eles voltassem para o castelo cavalgando juntos no mesmo cavalo, mas ele achou que era muito extenuante para ela. Ele a ajudou a montar o cavalo, insistindo em cavalgar devagar para o castelo.

— Eu não posso acreditar que a Sra. Katherine não me tenha chicoteado pelo castelo — disse Colyne, inclinando-se para as curvas enquanto ele conduzia o cavalo — sabendo como sabia sobre a criança.

— Não seja muito presunçoso — Isabella retrucou. — Ela ainda pode aplicar a punição.

— Caitrina ficará aliviada ao saber o que aflige a você. — Colyne balançou a cabeça. — Ela falou comigo sobre você. Ela disse que mantê-la prisioneira estava fazendo você adoecer.

— Ela disse isso?

— Sim — respondeu Colyne, e por seu tom, Isabella sabia que Caitrina tinha dito isso com frequência. Ele olhou de volta para ela,

preocupado. — Você está enjoada, amor? Eu sei que as mulheres se sentem mal no início de uma gravidez.

— Às vezes. Hoje estou cansada — Isabella respondeu. — Mas eu acho que foi mais o que você fez do que pela criança.

— Ach, eu não quero sobrecarregar demais você. Deixarei você em paz um pouco, devo?

— Eu não acho que isso seja necessário — disse ela. — Ou bem-vindo.

— Você pensa que a criança é um rapaz? — Ele perguntou de repente, seu rosto brilhando. — Ou uma moça?

— Um desses sim — ela provocou.

Ele olhou para ela.

— Morag diz que uma mulher às vezes sabe.

— Nenhuma das ladys que eu já conheci!

— Eu me perguntava se talvez você tinha tido uma visão, querida.

— Não. Não vi nada da criança.

— Talvez você verá, ainda. — Ele olhou para ela, sorrindo. — Quando o momento estiver mais próximo.

— É muito mais longe, Colyne?

— Não muito. Você está com frio, amor?

— Não, eu apenas quero muito estar dentro agora.

— Ach, depois de todo esse tempo dentro das paredes? — Ele brincou, mas ele acelerou seu ritmo.

Ela estava cada vez mais ansiosa no momento. Kat deveria ter sido apanhada agora. O homem MacLaulach tinha despertado há muito tempo, para se encontrar privado de suas roupas.

Quando eles chegassem a verdade seria conhecida e, no entanto, Isabella ficava mais frenética para chegar ao castelo a cada momento

que passava tanto que os dedos dela apertaram a sela do cavalo até que suas juntas ficaram esbranquiçadas.

Ele notou sua preocupação e fez uma pausa quando alcançaram a crista olhando para o castelo e a aldeia abaixo.

— Viu, eu trouxe você para casa em segurança, querida.

Ela levantou o olhar e deixou escapar a respiração, calor se espalhando pelo peito.

Casa e segura.

Como ela tinha visto.

O castelo e a aldeia pareciam os mesmos de quando os vira pela última vez. Eles permaneceram inalterados, e sossegados.

O sorriso dela desapareceu.

Muito, muito sossegados.

— Colyne — ela sussurrou, deslizando fora do cavalo.

Ele também estava tenso, já ciente de que algo estava errado.

O portão estava aberto, mas não havia guardas vigiando. Não havia crianças correndo para brincar na aldeia, nem idas e vindas como habitual para uma casa de campo. Dois homens atravessaram o portão, mas mesmo a essa distância, ela podia ver que eles não eram nem homens do clan nem Highlanders.

Isabella ouviu algo então. Cavaleiros, aproximando-se do sul. Ela não podia dizer o número deles, mas pareciam ser meia dúzia pelo menos.

Colyne também os ouviu. Ele já estava pegando sua espada.

— Monte! — Ele ordenou, empurrando-a de volta para a sela. Ele tinha empalidecido e as sardas em suas bochechas superiores se destacaram contra sua palidez. — Vá para a terra dos MacLaulach! Diga-lhes...

Ele parou quando os cavaleiros cruzaram a colina, movendo-se para ficar protetoramente na frente dela.

Horrorizada, Isabella reconheceu Sir William montado no cavalo de MacLaulach. Um grupo de homens cavalgava com ele, armados e vestidos de gibão²³ e meia-calça ²⁴como Lowlanders.

Colyne lançou-se para utilizar sua espada.

Não, oh, por favor, não!

Estes eram os homens do rei.

Sir William fez seu cavalo parar. Ele sinalizou aos outros homens para recuar e aproximou seu cavalo.

— Sir William? — Colyne respirou, olhando o cavaleiro com espanto completo.

— Meu Lord MacKimzie — William respondeu com uma inclinação na cabeça, depois se endireitou. — Em nome de Sua Majestade, rei James, exijo a libertação de Lady Isabella Beaufort.

O cavaleiro desmontou, entregando as rédeas a um soldado nas proximidades. Ele caminhou em direção a eles, sua mão apoiada no punho de sua espada.

— Eu preferiria que nós dois ajustemos isso, meu lord, sem violência desnecessária — disse William. — Mas saiba que eu trouxe uma companhia de homens e a convocarei se eu precisar. Entregue Lady Isabella à minha proteção pacificamente e eu lhe dou a minha palavra de que você não será ferido. Agora, por favor?

Colyne balançou a cabeça.

— *Você os trouxe? Como?*

²³ NT — jaqueta abotoada que é moldada e montada no corpo de um homem

²⁴ NT — qualquer um dos vários estilos de roupas masculinas para as pernas e parte inferior do corpo usados da Idade Média até o início do sec. XVII

— Colyne — disse Isabella rapidamente. — Eu... — As palavras pegaram em sua garganta enquanto Colyne olhava para ela. — Eu o enviei.

— Você o enviou? Eu não entendo.

Ela molhou os lábios.

— Eu o disfarcei como um homem do clã de MacLaulach. Ele saiu comigo do castelo como minha guarda.

— Mas por que você faria isso? — O sangue drenou do rosto de Colyne. — Tudo foi uma palhaçada. Você e Katherine fizeram uma confusão na frente do MacLaulach. Você mandou enviar um de seus rapazes e eu concordei. E tudo o que eu podia pensar era como romper com Bredach para libertar-me para você. — Os olhos dele se arregalaram de angústia. — Você quebrou sua palavra. Você me jurou que você não tentaria escapar.

— Eu não escapei — ela respondeu, alcançando-o. — Por favor...

— E o portão ficou aberto por minha ordem, os homens do clã se espalharam para procurá-la. — Ele se virou, olhando para o castelo e a pequena aldeia abaixo, muito ansiosamente ainda. — Isabella, o que você fez?

— Colyne, desculpe, não quis...

— Por favor saiba MacKimzie, isso não me traz alegria, — disse Sir William seriamente. — Lamento os que foram perdidos nesta batalha. Entregue-se agora e resigne-se a ser julgado por Sua Majestade por seus crimes.

— *O que você fez?* — Gritou Colyne, agonizante.

Ele olhou em redor para ela com uma expressão de tanto ódio que ela quase afundou de joelhos sob o peso disto.

— Colyne...

No instante seguinte, ele estava correndo em direção ao castelo, sua espada na mão.

— Colyne!

Contorcendo-se contra o aperto de Sir William, Isabella assistiu com horror quando Colyne correu para se juntar a uma luta que fazia muito tempo estava perdida.

Dezenove



Sob a Roda da Fortuna

— Colyne!

— Minha lady!

Isabella lutou contra o aperto de William. Colyne deslizou na encosta nevada, escondendo-se para correr.

Isabella girou.

— Por favor, William, não o deixe morrer!

Ele piscou para ela, incrédulo, depois levou os homens que observavam.

— Por favor — ela sussurrou.

A suspeita em seus olhos desapareceu ao entender e seus ombros caíram.

— Eu farei o que puder. Fique em paz para que eu possa ir atrás!

Ela assentiu e ele a soltou. William ordenou que fosse escoltada para a guarda de Katherine e Isabella, deixada com o homem do rei, rapidamente o perdeu de vista.

Os guardas a levaram a um pequeno lugar escondido na floresta. No meio Kat esperava, sua expressão ao mesmo tempo aliviada e alarmada quando viu Isabella.

— O que eu fiz? — Isabella soluçou ao ver sua prima. — Oh, Kat, ele será morto!

Kat abraçou-a e sussurrou ferozmente em seu ouvido.

— Aqui não!

Quando Kat se afastou, Isabella viu medo real no rosto de sua prima. Ela olhou para os homens escutando. Os homens do rei a olhavam com interesse.

— Sir William é um cavaleiro valente e capaz. — Kat falou com uma voz suficientemente alta para estar certa de ser ouvida. — Ele enfrentou esse perigo antes.

— Claro — Isabella disse em voz alta. — Sim, claro. Perdi a cabeça.

— Vamos rezar por ele. — Kat acenou com a cabeça para um dos guardas. — Procure um cobertor. Não vou querer a minha lady ajoelhada na neve.

O homem concordou com a cabeça e Kat levou Isabella para uma clareira próxima. Quando ele voltou com uma manta de cavalo áspera, Kat dirigiu-o para colocá-la para elas. Elas se ajoelharam juntas.

— Deixe-nos rezar em paz — disse ela ao guarda. — Mas venha até nós imediatamente com as novidades.

O homem recuou respeitosamente. Kat apertou as mãos em uma postura de oração e, agitada, Isabella tentou imitar seu porte sereno.

— Como? — Isabella perguntou através de lábios entorpecidos. — William não poderia ter chegado a Perth e voltado!

— William encontrou um contingente de homens do rei que estavam viajando para o sul. Seu comandante, Hugh Seton, é bem

conhecido de William e concordou em retornar aqui. Eles vieram horas atrás — disse Kat. — Com tanta gente e o portão aberto, eles tomaram o castelo facilmente.

Isabella pensou de repente em todos os que estavam dentro do castelo. Caitrina, Jamie, Malcolm, Dougal, o garoto de estábulo que se orgulhava tanto de cuidar de Cobweb...

— Foram mortos?

— Eu não sei. Um dos MacLaulachs ficou gravemente ferido. William deixou Caitrina ir até ele. Todos nós estávamos procurando por você e pelo MacKimzie. Os homens eram muito poucos para montar uma defesa. William, verdadeiro cavaleiro que é, poupou a vida em troca de rendição.

— Querido Deus — Isabella sussurrou. Ela tentou se levantar, mas Kat a segurou.

— Eu tenho certeza, ele pode fazer isso, William vai pegar o MacKimzie vivo. Tenha em mente que somos observados, lindinha.

Isabella apertou suas mãos trêmulas em uma pretensa oração.

— Ele nunca se renderá. Ele vai fazê-los matá-lo.

Os joelhos de Isabella ficaram gelados, uma palavra repetindo-se em sua mente.

Por favor, pensou. Por favor.

Ela não podia viver se ele não vivesse. Ela não podia suportar.

Parecia ter passado um tempo muito longo desde que ela se ajoelhou ali na neve ao lado de Kat.

Por favor.

A cabeça de Isabella levantou quando o som de pisadas triturando chegou até ela.

William!

Rígida pelo frio, Isabella ficou em pé, procurando em seu rosto sombrio por uma palavra. Ele acenou para o guarda se afastar.

Kat estava ao lado dela quando o homem ficou longe do alcance da voz.

— Eu estava preocupada por você, William.

Ele deu um aceno rápido com a cabeça.

— Eu estou ileso, Katherine, mas isso está longe de ser meu melhor dia.

— Por favor, — Isabella gritou, seu punho apertando seu esterno.
— Ele está...?

— Eu louvo a Deus — William respondeu com cansaço, — que o MacKimzie tenha considerado oportuno se render para o julgamento do rei.

Capturado, então. Mas não morto.

Não morto!

Isabella engoliu.

— Ele foi apanhado sem ferimentos?

— O MacKimzie viu a sabedoria da rendição. Ele está ileso.

Isabella fechou os olhos brevemente.

— Obrigada — ela murmurou. — Obrigada, William.

Ela não conseguia ver o castelo desta clareira. O vento aumentou; bocados de neve e gelo picavam suas bochechas.

— A lady Caitrina. Quão assustada ela deve estar.

— Estamos todos sujeitos à vontade de Sua Majestade. Estou certo de que o rei considerará que o MacKimzie concordou em receber punição pelos atos dos homens do seu clã. É minha esperança que Sua Majestade será... — William se moveu desconfortavelmente — clemente.

Isabella encontrou seus olhos, e o cavaleiro abaixou o olhar. James não era um homem misericordioso, nem alguém que perdoasse aqueles que agiam contra ele. Enforcamento atrás de enforcamento eram testemunhas de sua brutalidade.

Rapidamente Isabella atravessou a clareira para que ela ficasse a um braço de distância de William.

— Deixe-me vê-lo, falar com ele — ela implorou, sua mão em seu braço. William já estava balançando a cabeça e sua voz falhou. — *Por favor*, mesmo apenas por um momento!

— Não, isso não é possível. — Ele recuou. — Eu julgo que é melhor que o MacKimzie seja imobilizado enquanto espera o transporte como um veterano bem treinado. Não posso deixar de ser muito cauteloso.

Isabella olhou para ele, balançando a cabeça.

— Ele tratou você sempre como convidado! Sua *própria irmã* o ajudou! E como sua gratidão, você o acorrentaria como um comum...

— Minha lady — ele interrompeu, seus olhos escuros equilibrados. — Nós temos uma longa e desconfortável viagem à nossa frente. Sua escolta está se preparando para andar. Eu acho melhor que partamos para Perth imediatamente.

O frágil controle de Isabella se quebrou. Suas mãos enroladas em punhos em seus lados, suas narinas queimando.

— Leve-me para ele neste instante!

— Isabella! — Kat advertiu, apertando-a pelos ombros e depois suavizando seu tom. — Você está exausta. — Sua prima falou deliberadamente. — Talvez esses arranjos serão revisados na estrada.

— Vou direcionar os homens para preparar suas montarias. Saímos num quarto de hora.

Ele curvou-se para ela e Isabella o observou ir com olhos estreitados.

— Você pode me deixar agora, Kat. Estou de novo de posse de mim mesma.

Kat hesitou, mas deixou cair as mãos.

— Você deve dizer a William para liberá-lo.

Kat olhou-a fixamente.

— Por que devo fazer isso?

Isabella olhou para ela com impaciência.

— O rei não gastaria os homens e as moedas para retornar e recuperar um lugar tão remoto quanto esse. Tudo o que William precisa fazer é reunir seus homens, deixar Colyne aqui e isso será o fim disso. Ele fará isso, marque minha palavra, se *you* lhe pedir.

Kat recuou.

— Você está louca, lindinha? Soltar um salteador?

— Colyne não é um salteador!

— Um sequestrador e rebelde contra o rei!

Isabella correu atrás de Kat e segurou seu braço.

— Se ele fosse deixado *aqui*...

— Com o castelo tomado e os homens do rei em volta? — Kat perguntou. — Como então, ao retornar à corte, William explicaria ter deixado um rebelde livre no campo? Ou você acha que ele também deve trair o rei por causa do MacKimzie?

— Colyne pode ir para a França, ele tem terras lá. O pensamento disso trouxe uma onda de dor e saudade nela que fechou os olhos por um momento.

Melhor ele ser livre na França e se separar de mim do que ficar aqui e ser o prisioneiro do rei.

— Oh, Kat, mas é tão simples! Um momento de desatenção, um guarda chamando no momento certo e Colyne escapa...

— Então, William ia parecer um idiota bobo!

Kat soltou-se de seu aperto.

— O que importa como William parece? — Isabella gritou. — Você preferiria ter Colyne levado, acorrentado, para o rei?

Kat aproximou-se dela.

— Isso é coisa nossa, Isabella! Esta é a fuga que *você* planejou e nós três executamos! Nosso lugar está na corte e o seu é com o seu marido!

Isabella balançou a cabeça.

— Você não entende! Colyne e eu...

— Oh, eu sei que ele rompeu com a garota MacLaulach! — Katherine interrompeu bruscamente. — Sem dúvida, o MacKimzie pretendia que você tomasse seu lugar como lady nesta pequena propriedade, para governar ovelhas e vacas, onde até a lady da casa se envolve no trabalho duro! Mas esta não é a vida para a qual você nasceu, Isabella! Você está destinada ao *melhor*! Você é a filha de um conde, prima da Rainha da Escócia e do rei da Inglaterra, de ambos!

— Eu não me importo com isso, Kat! Não mais.

— Isso você diz agora, minha lady. Penso que você achará seu lugar na corte mais adequado para você do que sendo prostituta de um Highlander mendigo.

A respiração precipitou-se dos pulmões de Isabella.

— Eu dificilmente acho que seja seu lugar para ...

— Minha lady — Katherine interrompeu friamente: — Estou certa de que quando você tiver o *filho de Lord Douglas*, você verá a sabedoria

de ter assumido o seu devido lugar na corte. Agora, o nobre responsabilizado para levá-la à rainha, e a seu marido nos espera.

Com isso Kat virou-se, seus pés esmagando a neve.

Em um momento, Isabella ficou sozinha na clareira, sua respiração visível no frio.

Suavemente, sua mão esfregou seu abdômen. As esperanças que ela teve para esta criança, de ser criada com seu pai, com amor...

Ela engoliu em seco. A criança teria seu amor. E ela desfaria o sofrimento que tinha levado ao pai.

Ele só precisa escapar de William e seus homens...



Isabella já estava na sela quando os guardas trouxeram Colyne.

Seus lábios se separaram e ela quase gritou ao vê-lo. Um guarda estava de cada lado dele, cada um segurando um de seus braços. Seus ombros estavam caídos, sua cabeça pendia em absoluta derrota, seus pulsos já amarrados com uma corda áspera.

Seus olhos nunca o deixaram e ela queria que ele a olhasse. Se o fizesse, certamente ele veria o amor que ela tinha por ele, sua determinação de libertá-lo.

Colyne nem mesmo levantou a cabeça.

Os guardas o empurraram para a carruagem à espera. William proibiu-o de montar e quis colocá-lo em vez disso na carruagem que tinha levado a si mesmo e a Kat para o Castelo MacKimzie, alguns meses atrás.

Eles o empurraram para dentro. Colyne olhava inexpressivamente à frente dele.

Isabella apertou os dentes diante da humilhação que estavam impondo a ele, já instigando Cobweb para intervir quando William lhe lançou um olhar afiado e alerta.

Ela hesitou, Cobweb tropeçando inquieto por baixo dela.

O olhar de Isabella foi para os homens à sua volta, seus olhos curiosos voltando-se para ela.

Suas mãos apertaram as rédeas, quando um dos homens do rei atou Colyne pelos tornozelos também.

William fechou as cortinas da carruagem e as amarrou.

Vinte



Traição

As cordas penetraram na carne de seus pulsos e tornozelos e Colyne ficou feliz com a dor. Seu ombro também doía sendo sacudido na carruagem. Ela tinha estado certa aqueles meses atrás; andar nessa coisa gelada poderia fazer alguém ficar doente.

Ele fechou os olhos brevemente ao pensar nela, deixando o balanço implacável da carruagem machucar seu ombro.

Eu deveria ter feito com que me matassem.

Ele tinha corrido para o castelo, em direção à casa. Ele mal podia manter seus pés debaixo dele por causa da neve e do gelo. O chão irregular causava uma agonia de lentidão, a espada na mão parecia ter triplicado de peso. O resultado de Jargeau, Meung-sur-Loire, e uma dúzia de outras batalhas na França, assombrou sua memória. Os homens apanhados na batalha matariam os inocentes, mesmo as mulheres, até as crianças.

O que você fez, Isabella?

Ele correu mais rápido. Sua respiração era irregular, seu hálito visível e umidade em suas bochechas enquanto seus passos ressoavam pela ponte.

Não há sons de combate, de luta? Nenhum grito de guerra ou choque de espadas?

Caitrina, Jamie, Angus, dezenas de caras amadas passaram por sua mente. Os primos com os quais ele crescera, crianças que conhecia desde antes de poder caminhar. Eles estavam lá, todos eles, deixados indefesos por *sua* ordem.

Quatro homens do rei o cercaram no momento em que entrou no pátio.

Muitos dos homens de seu clã estavam aqui, cercados por guardas, forçados a se curvar no chão. Eles olharam para ele, seus amigos, sua família, assustados, derrotados. Alguns estavam feridos. Um dos MacLaulachs morreu, a neve vermelha debaixo dele, sua esposa chorando ao lado dele.

As crianças encolhidas contra suas mães. Caitrina e seu novo marido ajoelhados na neve sob as espadas dos homens do rei...

Colyne ergueu a espada em desafio quando os homens do rei levantaram suas armas.

Ele ordenara que o portão fosse aberto por causa *dela*.

Ele falhara com todos eles.

Eles teriam a satisfação de vê-lo morrer por isso.

— Pare, meu lord! — William gritou de seu cavalo atrás dele.

Colyne virou-se para encará-lo e o cavaleiro desmontou. Os homens do rei, mais confiantes do que nunca de que podiam cortá-lo rapidamente, aproximaram-se.

— Fiquem parados! Deixem-no para mim! — William ordenou, levantando sua palma enluvada para eles. Os homens estavam confusos, olhando um para o outro. — Obedeçam-me!

Colyne se preparou enquanto os homens se afastavam.

— Venha agora, inglês! — provocou Colyne. — Mate-me, se puder, velho!

Ele deu um passo em direção a William e depois outro, a neve sendo esmagada sob suas botas, mas o cavaleiro não desembainhou sua própria espada.

— Defenda-se!

William manteve os braços abertos e caminhou em direção a ele.

— Meu lord, eu imploro, entregue-se à justiça do rei.

— A *justiça* do rei? Sim, e que James seja chamado de volta para governar o inferno, onde ele pertence! — Colyne deu outro passo em sua direção. — *Lute*, cara! Eu vou lhe matar onde você está se você não lutar!

— Então você se afastaria do meu conceito de você, meu lord. — William deu um passo à frente, suas mãos esticadas, as palmas das mãos erguidas. — MacKimzie, o dia está perdido.

— Então vou morrer aqui em minha própria terra!

William assentiu.

— Talvez o rei fique satisfeito com isso. Mas Sua Majestade foi sempre alguém para ver a justiça aplicada por ele mesmo.

Colyne mostrou-lhe os dentes. O vento aumentou, o gelo cortante nos olhos. A mulher do MacLaulach soluçou e alguns dos pequeninos também. Seu nariz picava com o cheiro de terror e sangue que haviam trazido para sua casa.

— Se você não quer lutar, morra e seja maldito! — Colyne cuspiu e deu outro passo em frente. Sua lâmina estava na garganta de William agora.

— Eu dou a minha palavra, com toda fé, MacKimzie — disse William, com voz baixa e urgente. — Que se você ceder à justiça do rei, se você aceitar o julgamento da lei, farei tudo o que puder para proteger os que estão aqui de sua vingança.

— O rei é um demônio encarnado! Ele vive de sangue tanto quanto faz crueldades! — Colyne balançou a cabeça. — Não sabe, cara? No mínimo James vai tomar essas terras e expulsar todos para morrerem de fome!

Tão fácil. Uma volta de seu pulso e a garganta de William seria cortada. Ele poderia afastá-la e executá-lo se ele escolhesse. Ele poderia até levar um ou dois dos homens do rei também antes de caírem sobre ele.

William molhou seus lábios.

— Sua Majestade algumas vezes é duro, mas se ele acreditar que eles lhe obedeciam como chefe, talvez ele possa ser persuadido a ter piedade. Seu tio ou sobrinho herdariam. Não seria como se você deixasse um filho para trás.

Colyne ficou quieto, a espada agarrada na mão e era tudo o que ele podia fazer para não gritar.

Ele a *amou*, a ela e ao filho deles também.

Ele teria morrido por eles.

Por *ela*.

E a criança, inocente, não importa o que *ela* tivesse feito. Ele nunca poderia reivindicá-lo agora, nem por palavra ou por ação.

— Não — murmurou Colyne. — Não há nenhum filho meu.

Ela entregou tudo: ela mesma, o clã, até a criança, a Douglas e ao rei.

Não tenho nada agora, a não ser a esperança de que esticar o meu pescoço será suficiente para satisfazer James.

Em um movimento rápido, Colyne ofereceu sua espada.

— Não! — Caitrina soltou-se do aperto de Ihone e levantou-se.

William levantou a mão para os guardas e eles a deixaram passar mancando em sua muleta até ele.

— Não! — Caitrina agarrou-o em um abraço.

— Está tudo bem — Colyne disse de forma automática, seus braços ao redor dela, sua bochecha contra a suavidade de seus cabelos.

— Você não está indo — ela insistiu contra seu peito.

Ele acariciou a parte de trás da cabeça dela como fazia quando era uma menina pequena, acordada com pesadelos sobre o rei e seus homens.

— Eu tenho que ir.

Sobre o ombro de Caitrina, Colyne encontrou os olhos de Ihone. Seu novo irmão, por exemplo, entendeu que ele não iria voltar.

Mantenha-a, mantenha todo o meu clã seguro, como eu deveria ter feito.

Ihone deu um ligeiro aceno, sabendo sem ele falar o que Colyne pediria a ele. Colyne sentiu uma corrente de gratidão e devolveu o aceno de cabeça.

— Escape se você puder — ela sussurrou. — Vamos lutar contra eles aqui e ir por você.

— Não — ele disse com firmeza, segurando-a pelos ombros para olhar em seu rosto. — Malcolm é laird agora, e Jamie depois dele.

Ela sacudiu a cabeça, sua testa franzida em uma teimosa negação.

— Mantenha-se viva, e a seu homem. — Ele tocou sua mão na bochecha dela. — Tenha uma boa vida, irmã. Ele lhe deu um meio sorriso. — Nomeie pelo menos um de seus filhos com meu nome, e advirta-o para que ele não seja um idiota como seu tio.

— Colyne...

— Não. — Ele balançou a cabeça novamente e deixou cair os braços. — Está feito agora. Eu prometo que vou ganhar a mercê do rei se eu puder.

William acenou com a cabeça para Ihone para se aproximar e gentilmente a encaminhou para o marido.

— Você terá que ficar atado, MacKimzie — disse William, já fazendo sinal aos guardas.

Um puxou as mãos de Colyne na frente dele e outro preparou um pedaço de corda.

— Não! — Caitrina lamentou-se, tentando ultrapassá-los. Um se virou para golpeá-la, mas Ihone a protegeu, puxando-a para trás.

— Não! Deixe-me ir! — Seu rosto distorcido pela dor enquanto ela girava, sua mão esticada para ele. — Colyne! Não os deixe levá-lo!

Ele inclinou a cabeça enquanto os homens do rei amarravam seus pulsos.

Ihone teve que segurar Caitrina de volta quando o levaram para longe. Seus soluços, suas maldições gritadas sobre William e o rei, o seguiram.

Agora Colyne observava a paisagem passando pelo pequeno espaço entre a cortina e a lateral da carruagem. Ele se perguntou se

James pediria sua cabeça para colocar num poste fora das muralhas da cidade como a de seu pai.

Cada girar da roda e árvore passando o levavam para mais longe de casa e mais perto de Perth.

Para o rei.

Através do pequeno espaço nas cortinas, Colyne viu o respirar dos cavalos, as costas largas dos homens do rei à sua volta. Ele tinha pequenos vislumbres dela de vez em quando, montando seu palafrém bonito e gordo para se juntar à corte, a capa rica da filha de um conde cobrindo-a.

Ela me traiu.

Ela traiu a todos nós.

Em sua mente, ele ainda podia ouvir Caitrina gritando.

As amarras ásperas em seus pulsos tiraram sangue enquanto suas mãos se fechavam em punhos.



No portão da pousada, Isabella permitiu que um dos guardas a ajudasse na sela. Raramente em sua vida ela tinha sido forçada a cavalgar tanto assim e ela não estava acostumada agora até mesmo a passeios curtos. Suas pernas estavam tão rígidas que precisava se apoiar no homem para caminhar.

Ela olhou para Colyne apenas para ver que a cortina permanecia fechada e dois guardas já haviam tomado seus lugares, com as espadas prontas. Ela esticou o pescoço, mas não teve nenhuma vista dele antes de ser conduzida através do arco de pedra e no pátio de terra.

Dois andares de corredores em cada lado do pátio, uma linha de portas visível nos dois andares. Galerias externas e escadas chegavam às portas dos quartos nos andares superiores.

No interior, o salão de madeira tinha teto alto, as vigas do telhado abertas e um fogo alegre queimava no centro da lareira. Os juncos do chão pareciam ter sido trocados não muito antes, mas cheiravam a bebida velha, a comida velha e a xixi dos cães de guarda.

Uma muito jovem, mas respeitavelmente coberta mulher correu para a frente. Vestida com um avental de couro, a mulher tinha uma gordura fresca e rosada nela. Ela encheu algumas canecas e as serviu com um sorriso aberto e então foi em busca de seu marido.

As mesas de cavalete organizavam-se de cada lado da sala e estremecendo, Isabella desceu sua parte traseira dolorida num banco. Muito ressecada para se preocupar com a qualidade da cerveja, Isabella a bebeu.

— Um lugar bastante bom — disse Kat com cansaço. — Não é, lindinha?

A fadiga de William se apresentou e ele passou a mão pelos olhos.

— Pela graça do céu, passaremos a noite confortavelmente aqui.

— *Todos nós?* — Isabella perguntou.

Ele lhe deu um olhar irritado.

— Eu não manteria ninguém fora de casa em um clima como este, minha lady.

— Oh, para ter certeza de que estaremos aconchegados em camas quentes — ela disse com dureza. — Embora alguns de nós estejam amarrados como gansos pendurados em um mercado.

O tom dele tornou-se cortante.

— Estou sujeito à vontade do rei, como todos nós estamos. Mas todos conhecerão o conforto de um fogo e uma boa refeição nesta noite.

— Eu acho o fogo muito agradável — Kat colocou. — Este lugar nos atenderá bem. Pena que não há família que possua essas terras para receber minha lady.

William olhou para o fogo.

— O Clã Campbell domina o castelo no rio Dorchart.

Isabella olhou para ele. *Não pedir a hospitalidade do castelo para a prima da rainha? Mas por que?*

Seu coração acelerou. Se William evitou o castelo, ele tinha uma boa razão.

Colyne poderia ser parente dos Campbells? Uma família orgulhosa não levaria bem que seu parente estivesse atado mãos e pés, prisioneiro do rei James.

James não era o único homem que reclamava o trono escocês. Tinha sido sussurrado que a sua não era a reivindicação mais forte.

O castelo no rio Dorchart...

Dominado pelo inimigo do rei ou parente de Colyne, não importava. Se ele pudesse chegar ao castelo, haveria ajuda para ele lá.

Os homens do rei ainda podiam manter o Castelo MacKimzie, mas se Colyne pudesse voltar para casa, ele tinha aliados, assim como os MacLaulach, que poderiam ser chamados para lutar.

O estalajadeiro, rosto corado e, pelo tamanho de sua barriga, próspero, entrou apressado seguido por sua jovem esposa. Seu olhar rapidamente avaliou o custo de suas roupas e sua recepção foi calorosa.

— Vocês terão nossos melhores quartos, nenhum perigo e seus cavalos também serão atendidos. — O estalajadeiro assentiu. — E então, quantos de vocês, lord?

— Eu mesmo, as ladys, nossos guardas ...

— Ah, não muitos nesta época do ano, meu lord, e você é muito bem-vindo aqui! Não há melhores camas por aqui e uma excelente ceia para começar! — Pelo olhar que ele deu à mulher, ela deve ser sua esposa recente. — Graças a Beatrice, aqui.

— E um prisioneiro — acrescentou William.

O estalajadeiro piscou; sua esposa parou para encarar William de olhos arregalados.

— Um prisioneiro! — Gritou a jovem esposa do estalajadeiro. — Eu não vou ter um criminoso sob meu telhado! Aquele será alojado no estábulo.

— Não é para você falar assim de seus superiores! — Isabella enfureceu-se. — Este é um nobre aguardando o perdão do rei. Você deveria se orgulhar de tê-lo sob seu teto!

O estalajadeiro deu à esposa um olhar cortante.

Claramente, não desejando ofender os convidados com os meios para serem generosos, Beatrice curvou-se numa reverência.

— Como você disser, milady.

Isabella virou o olhar para o estalajadeiro, que se moveu com dificuldade e enxugou as mãos no gibão de couro.

— Ah, ótimo! Para ter certeza de que podemos encontrar algo de acordo, meu lord! — Ele se entusiasmou, um sorriso em seu rosto arredondado, vermelho novamente. — Excelentes portas de carvalho nesta casa, lord! Sólidas como nenhuma outra! Ah, oh. — Ele olhou para Beatrice. — Vocês têm guardas para o homem, sim?

— Providencie o quarto e eu terei a responsabilidade de guardar...

— William olhou para Isabella. — O cavalheiro.

O estalajadeiro bateu as mãos, esfregando as palmas das mãos juntas.

— Ah, ótimo, então! Ótimo!

Kat levantou-se cansadamente, esfregando suas costas.

— Eu por exemplo seria grata a você, senhora, se nos mostrasse o nosso quarto e enviasse as criadas com água quente também. Ah, mas toda essa cavalgada e frio me deu uma fome agora à noite! Você não está com fome, lindinha?



William os forçou forte naquele dia, e a escuridão já estava cobrindo quando Isabella e Kat voltaram ao salão para jantar. Ela e Kat sentaram-se separadas dos homens em uma das longas mesas de cavalete, como convinha a sua hierarquia e sexo. A esposa do estalajadeiro serviu-as rapidamente e depois se ocupou com os homens.

— A cerveja é bastantes saudável — comentou Kat.

Isabella tomou um gole, estremecendo.

— Saudável, mas não agradável. — Ela enrugou o nariz com a refeição de sopa fina, frios, pão duro e queijo, mas levantou a colher de qualquer maneira. — Eles não podem estar esperando uma gorjeta.

Kat suspirou, mexendo em sua sopa.

— William vai dar-lhes uma de acordo com a nossa posição, no entanto.

Um dos talbots ²⁵ gemeu, olhando Isabella de forma suplicante, sua cauda abanando.

Por impulso, ela jogou um pouco de carne para o cachorro. O caçador pegou-a e quase instantaneamente engoliu, abanando a cauda na esperança de mais. Seu companheiro trotou para ela e Isabella jogou a cada, um bocado.

Kat reprovou.

— Não, lindinha. Você vai estragar os animais. Sir William — chamou Kat, iluminando-se ao vê-lo entrar na sala. — Junte-se a nós, por favor.

Ele tinha se lavado, seus cabelos bem penteados, mas o cansaço aparecia em seu rosto.

— Eu irei, e na verdade eu agradeço.

Ele acenou com a cabeça para a esposa do estalajadeiro quando ela o serviu, mas Isabella viu que ele também se encolhia em seu primeiro gole da cerveja.

— Nós temos como chegar a Perth depois de amanhã. — William suspirou, mexendo-se no banco. — Eu ficarei feliz com isso. Tenho muitos anos na sela, acho.

— Nós devemos ficar outra noite então — disse Isabella. — Eu não gostaria que você estivesse exausto.

William encontrou seus olhos diretamente.

— Estou bem o suficiente para cavalgar amanhã, minha lady. Eu vou descansar quando eu a entregar à guarda de Sua Majestade.

O som de um andar instável e um praguejar murmurado pelo guarda fizeram Isabella olhar para a entrada. Retido entre dois guardas, Colyne tropeçou no corredor. Seus ombros curvados, suas

²⁵ NT – Cão de caça – Raça atualmente extinta

mãos firmemente atadas, seu olhar ausente permaneceu fixo no chão à frente dele.

Isabella enterrou as unhas nas mãos para não gritar.

Eles o empurraram para um lugar no final da outra mesa de cavalete. Beatrice colocou comida e bebida diante dele e depois correu.

Seus olhos eram de um homem apanhado em um pesadelo do qual ele não conseguia acordar.

Kat colocou a mão no braço de Isabella. Foi só então que ela percebeu que ela estava de pé para ir até ele.

— Eu acho que vou para o nosso quarto — Isabella disse fracamente e acenou à sua prima para ficar. — Não, Kat, fique e termine. Eu posso encontrar meu caminho sozinha.

Ela olhou para ele de soslaio quando passou.

Olhe para mim, Colyne! Você, você entre todos, vai ler meu coração nos meus olhos e saber que não vou abandonar você!

Seu olhar parecia lento, como se sua mente tivesse se quebrado com seu ânimo.

Atrás dela, os sons do salão voltaram ao normal, os presentes estavam comendo, conversando e ficando à vontade.

Ela parou fora da claridade. Ela colocou sua mão na parede, virando a esquina para olhar para ele.

A comida e a bebida colocadas diante dele sem tocar.

— Ele é bem bonito, aquele.

Isabella se assustou. Ela não tinha ouvido a esposa do estalajadeiro atrás dela.

— Mas você pode dizer que ele é um demônio de um homem — murmurou Beatrice. — Apenas olhando para ele.

— Estou surpresa ao ouvir você dizer isso, quando você o colocou no corredor, no quarto ao lado do nosso.

A esposa do estalajadeiro piscou.

— Mas pode ter certeza de que ele não está lá! Por que ele está alojado naquele primeiro quarto do pátio! Eu mesma o coloquei lá!

Isabella fingiu franzir a testa.

— O último? Na ala direita? Bem, então quem está no quarto ao lado do nosso?

— Bem, minha lady, ninguém está — Beatrice respondeu, uma carranca alterando seu rosto carnudo e rosa. — Todo o resto está em volta do pátio. Para não incomodá-la, o cavalheiro disse.

— Que atencioso — murmurou Isabella.

— Você vai para sua cama então, lady?

— Sim, mas sempre estou acordada para comer ao alvorecer. — Isabella ofereceu à mulher o seu sorriso mais doce. — Você tem alguma coisa que eu possa ter para comer?



Kat apagou a vela, colocando-se na cama ao lado dela. Seu quarto era pequeno como uma cela de freira, e para o alívio de Isabella, elas não tinham que compartilhar o quarto ou a cama com outros. Isabella lutou para não ceder ao calor, ao escuro e ao silêncio. A cama estreita, coberta com um colchão de palha envolto em linho e empilhada com cobertores, era confortável afinal...

Isabella assustou-se acordando, seu coração batendo com medo.

Manhã? Sangue de Deus, eu dormi a noite toda?

Kat ressonou suavemente. Isabella deixou escapar o ar. Kat era sempre a primeira a levantar.

Ainda era noite, mas não tinha como saber quanto tempo antes do amanhecer.

Isabella saiu da cama. Kat gemeu e se agitou. Isabella congelou e prendeu a respiração até o ronco familiar começar de novo.

O quarto estava escuro como breu. Ela tinha marcado onde suas botas baixas e capa foram colocadas, mas enquanto Isabella sentia seu caminho pelo chão, ela teve problemas para encontrá-los. Ela estava pronta para ir sem elas quando sua mão encontrou o couro. Quando Kat não estava olhando, ela enfiou sua pequena faca na bota esquerda. Sentindo por dentro, ela percebeu que ainda estava lá.

Ela estava transpirando apesar do frio no momento em que ela pegou suas coisas.

Não demorou para que ela percebesse que não conseguia mover o trinco e abrir a porta, a menos que suas mãos estivessem vazias. Atrapalhando-se com o trinco para liberá-lo, ela estremeceu com o ranger da porta ao abrir.

Ela deslizou suas coisas para o corredor com o pé e deixou a porta fechada atrás dela.

Havia uma réstia de luz aqui, apenas o suficiente para ver o formato do corredor.

Longe do fogo e do calor da cama, Isabella, vestida apenas em sua camisola, estava tremendo quando colocou as botas. Ela envolveu o manto ao redor de seus ombros e esperava que o som de seus dentes chacoalhando não aumentasse.

O fogo ainda queimava no corredor. O guarda estava dormindo, mas as cabeças dos cachorros surgiram instantaneamente e eles cheiraram no ar. Isabella chegou atrás da urna de lavagem no corredor para pegar o que ela havia escondido lá. Ela fez um suave som de beijo

e os cães correram para ela, suas caudas balançando. Ela alimentou-os com pedaços de carne, acariciando suas cabeças. As unhas dos cachorros clicaram contra o chão enquanto seguiam Isabella passando pelo guarda e através do corredor.

Ela hesitou, olhando para a espada do guarda, mas não se arriscaria a acordar o homem. Se ela tivesse Colyne em segurança fora, ele não teria necessidade de lutar.

Isabella destrancou a porta exterior. Um cachorro gemeu, abanando a cauda para ela enquanto ela deslizava para fora. Ela alimentou-o com outro pedaço. Enquanto ele estava mastigando, ela colocou a mão no pelo quente de sua cabeça para empurrá-lo de volta e fechou a porta atrás dela.

O frio fez sua respiração suspender. A lua estava em declínio, mas havia luz suficiente para ver. O pátio estava vazio e silencioso. Todos, salvo ela e os cachorros, dormiam profundamente.

Ela deliberou se era melhor para ela pegar um cavalo primeiro.

Não, era melhor libertar Colyne, pensou. Se necessário, ele podia dirigir-se ao castelo a pé.

A lama do pátio tinha congelado em sulcos traiçoeiros. Ela atravessou o caminho, cuidadosa com seu equilíbrio.

Haveria um guarda com ele e a porta estaria trancada por dentro. Ela não tinha esperança de quebrar a porta ou entrar pela pequena janela com apenas sua pequena faca de comer.

Não havia solução para isso. Ela simplesmente teria que pegar o guarda para abrir a porta para ela. Silenciosamente.

Mas não tinha ideia de como.

Não importa. Ela pensaria em algo. Uma vez dentro... bem, Colyne estaria lá. Juntos, eles dominariam o guarda.

— Isabella!

Ela assustou-se demais, suas mãos indo para seu coração enquanto ela girava.

— Kat! — Ela sussurrou. — Pelos ossos de Deus, mas você me deu um susto!

— O que você faz aqui? — Exigiu Kat. Sua prima estava envolvida em sua própria capa, tremendo também.

Isabella pediu silêncio a Kat, com o olhar procurando pelo pátio. Kat tinha fechado a porta da pousada atrás dela e os cachorros estavam quietos.

— O que você faz aqui? — Kat repetiu. Isabella podia ver seu cenho franzido, mesmo nessa luz fraca.

— Fique quieta! — Ela agarrou o braço de sua prima, prestando atenção. Ela ouviu o vento nas árvores nuas, mas o resto era silêncio gelado.

— Você sabe muito bem o que — Isabella sussurrou. — Colyne deve escapar esta noite. Pode não haver outra chance. Devo liberá-lo *agora*.

— Você não fará tal coisa! Volte para o nosso quarto imediatamente, Isabella.

Isabella olhou fixamente. Onde estava a Kat, amorosa e leal? Colyne estava preso naquele quarto. Dentro de uma hora, ele poderia estar seguro com o Clã Campbell, se ela agisse *agora*.

— Eu acho que você se esquece quem está a serviço de quem — Isabella voltou friamente. — Se você não deseja me ajudar, volte para o nosso quarto agora e deixe-me com o meu negócio.

Kat ficou em silêncio por um momento.

— Muito bem, faça do seu jeito, minha lady.

Kat girou em seus calcanhares e deixou Isabella sozinha no pátio.

Isabella prendeu a respiração, mas Kat estava quieta enquanto abria a porta e escorregava para dentro.

Felizmente, os cães não latiram.

Sem dúvida, Kat ficaria de mau humor quando Isabella voltasse, mas ela suportaria. O pior de Kat valeria a pena.

Isabella esperou, ouvindo, mas tudo ficou em silêncio novamente.

Ela só tinha que afastar o guarda ou distraí-lo de alguma forma. Poderia subornar o homem? William tinha devolvido as jóias que ela tinha entregado a ele; ela as tinha para oferecer uma vez que Colyne se fosse. Certamente, o guarda saberia que ela era rica.

Pena que Alisoun não estava aqui, pensou Isabella com um sorriso sombrio. Ela conseguiria distrair o guarda rapidamente.

Ela usava apenas a camisa sob o manto. Ela poderia distrair o homem como Alisoun conseguia? Ela se sentiu uma tola para tentar. Ela não tinha a beleza de Alisoun nem a confiança fácil em seus próprios encantos.

Isabella lambeu os lábios. Era um plano tão bom quanto tinha.

E se o homem não fosse atraído pela luxúria, ou suborno, bem, ela pensaria em algo.

O berro de Kat justo sacudiu as janelas da pousada e quase fez Isabella perder os sentidos.

Sua prima gritou de novo, alto o suficiente para despertar cada alma mesmo dentro de um profundo sono. Os cachorros começaram a latir em pânico.

Isabella conhecia bem sua prima. Ela ouvira Kat gritar em terror real, há alguns meses, na estrada de Perthshire e seus gritos agora soavam falsos para a orelha de Isabella.

Houve o som da consternação e do alarme enquanto os moradores tentavam navegar pelos quartos e corredores escuros. Ela podia ouvir choques e pragas enquanto os homens tentavam encontrar seu rumo.

Dentro da estalagem Kat chamava freneticamente por ajuda.

Isabella apressou-se a ficar debaixo da galeria. O quarto de Colyne estava apenas a poucas portas de distância.

O que, em nome do inferno, Kat está fazendo?

A porta do quarto de Colyne estrondou aberta, e o guarda que estava dentro despencou fora.

Isabella pressionou-se para trás enquanto o guardião corria para a porta da pousada, passando por ela na escuridão sem perceber.

Os gritos de Kat podiam ser ouvidos claramente mesmo do pátio.

— Sir William! Guardas!

O guarda desapareceu pela porta da entrada. A porta do quarto de Colyne estava aberta pendurada nas dobradiças.

A descrença e a alegria mantiveram Isabella atordoada ainda por um momento.

Oh, Kat! Oh, obrigado!

Ela correu para a porta aberta, sua faca na mão. Ela iria entrar e cortaria suas amarras rapidamente. Claro que com o tumulto que Kat estava fazendo, ela nem precisa ser muito silenciosa também. Se apenas as mulheres fossem autorizadas no palco! Verdadeiramente Kat tinha perdido sua vocação.

Não havia tempo para conseguir uma montaria agora. Ele teria que ir para o castelo a pé. Colyne conhecia as Highlands. Ele lutou na França. Ele chegaria ao castelo.

Eu poderia ir com ele.

Seus pensamentos caíram, derrubaram-se e seguiram em frente.

Nós poderíamos nos afastar, educar nosso filho juntos. Devemos ter um cavalo! Se eu me apressar, haveria tempo suficiente.

— Minha lady está desaparecida! Rapidamente! Procurem em toda parte!

A respiração de Isabella estancou. O choque disso a manteve congelada.

— Encontre Lady Isabella! — O grito de William correu através da escuridão. — Você e você, segurem o prisioneiro!

Não! Oh, Kat, não! Querido Deus, como você pode?

Os homens de William estavam alerta agora. Eles se derramaram dos quartos ao redor do pátio, armando-se, outros seguindo o grito para encontrá-la.

Não. Não. Sua garganta se fechou. Um poço de lágrimas ameaçava levantar-se de seu peito.

Este é o meu único momento, minha única chance, de salvá-lo.

Uma tocha queimou no canto de sua visão.

— Minha lady? — Perguntou o estalajadeiro.

Tê-lo tido tão perto e sabê-lo perdido agora para a sede de sangue do rei pela mão de *Kat*! A dor disto, o horror disto, queimou seu peito.

— Não — ela sussurrou, balançando a cabeça. — Não.

Os homens de William estavam no quarto de Colyne agora e Isabella fechou os olhos.

Kat, oh, Kat! Por quê?

Vinte e Um



Abadia de Blackfriars

William estabeleceu um ritmo constante e chegaram às muralhas da cidade de Perth no início da tarde. Quando a carruagem atrás deles se separou, a paisagem mudou.

Suas roupas de casamento eram resplandecentes, o vestido adequado para uma rainha. Isabella ficou balançando de exaustão.

A corte, Douglas também, todos a esperaram na porta da igreja.

E em algum lugar, nas proximidades, a luz de Colyne tornou-se mais fraca quando Kat colocou a última jóia no seu cabelo.

Isabella, piscando, voltou a si mesma quando a visão desapareceu. Ela pressionou a mão contra o peito, ofegante como se uma parte de seu coração estivesse arruinada. Ela olhou para trás, torcendo-se em sua sela, e Cobweb diminuiu, sentindo sua tensão.

Blackfriars, onde o rei morava, estendia-se do outro lado de Perth. A abadia estava além das muralhas da cidade, mas a carruagem e os cavaleiros que a guardavam tinham direção diferente, agora se dirigiam diretamente para a cidade...

Onde eles o estão levando?

Sir William seguiu em direção a ela. Seus olhos permaneceram decididamente para a frente enquanto a carruagem e os guardas mudavam de direção atrás dele.

A carruagem estava quase nos portões da cidade agora.

— Onde você está levando o MacKimzie? — Ela exigiu tão logo ele chegou ao alcance de sua voz.

— Meu lord será mantido na prisão do rei para aguardar o julgamento de Sua Majestade.

Isabella observou enquanto a carruagem desaparecia pelos portões.

— Quem vai falar por ele? Ele deve ter um amigo na corte para solicitar sua liberação!

William olhou em volta de forma desconfortável, mas Isabella já não se importava com quem a ouvisse.

— Deve haver alguém para lembrar aos outros os serviços do MacKimzie ao seu rei na França! Deve haver alguém que tenha coragem para apoiá-lo!

William trocou um olhar com Kat.

— Por sua causa, espero que sim, minha lady.

Isabella esperou, mas ele não disse nada mais, parado olhando para ela.

Seu lábio se curvou.

— Um sábio cortesão se aferra às estrelas em ascensão, não aquelas pisoteadas.

— Nenhum cortesão sobrevive por muito tempo se ofender o rei — replicou William com ardor. — Somente um tolo aceitaria um rebelde que o rei estará determinado a destruir!

— Vamos ver — Isabella retrucou e abruptamente virou Cobweb, usando o pontapé afiado de seus calcanhares para exortar o cavalo em direção à corte com toda a velocidade.



— Eu creio que o Tay ainda pode congelar durante a nossa estadia aqui — observou Kat, alegre como o fogo. Ela escovou um vestido de veludo azul profundo, modificando-o dessa maneira e isso naquela fraca luz de inverno, examinando-o para quaisquer falhas antes que Isabella o usasse para ser apresentada. — E você será novamente uma donzela de neve.

De onde ela estava sentada junto da lareira, Isabella olhou através do vidro frio da única janela de seu pequeno quarto. Ela não se importava com as grossas cortinas bordadas da cama ou o colchão de penas finas. Não importava o quão perto seus aposentos estavam dos apartamentos reais ou quão fina era a seleção de carnes e frutas em conserva dispostas diante dela. Tudo o que ela viu foi o proibitivo inverno escocês. Onde estava ele agora? Ele não teria fogo quente ou comida boa, nenhuma palavra de conforto ou esperança.

— Eu não sou mais nenhum tipo de donzela.

Rapidamente Kat fechou a porta.

— Tenha cuidado, Isabella! — Ela sussurrou com medo. — Você esqueceu para que estamos aqui?

— Oh, pelo jeito não — Isabella disse, e ficou de pé para encarar sua prima. — Nós estamos para me ver casada antes que Alexander suspeite que o bebê não é dele.

— Eu estou no fim da compreensão com você, Isabella! Você tenta a mão do destino, a cada passo, pronta para destruir a maioria de nós com essas birras infantis!

— Como você destruiu minha chance na pousada!

— Eu fiz isso por sua própria segurança!

— Como você pode, Kat? — Ela balançou a cabeça. — Você tem alguma idéia do que você moldou? O que você pôs em marcha? Por minha vida e sangue, nunca vou lhe perdoar isso!

Kat empalideceu.

— Eu irei suportar o custo do que fiz e acho que valeu a pena.

Os olhos de Isabella arderam.

— Você o destruiu. Você nos destruiu, ele e eu, a ambos. Tudo porque você não se importa com nada além de William!

Kat ficou branca.

— Como você pode, você entre todos, dizer isso para mim? Você sabe que não é verdade!

— Então mostre que isso é falso! Ajude-me! Ajude *a ele*!

— E o que, por favor, você queria que nós fizéssemos, eu e William? Alinhar-nos publicamente com inimigos do rei? Subornar o senescal ²⁶de Sua Majestade com mil libras para ter uma palavra no ouvido do rei?

— Kat, você acha que eu me importo com o custo agora? Ele deve ser libertado! Eu devo salvá-lo!

Kat apontou para o elegante vestido que ela escolheu.

— Então coloque seu vestido e faça-se agradável ao seu noivo, Isabella! Provavelmente, *ele* tem a influência, e suficiente boa vontade do rei, para ganhar a clemência de MacKimzie. Diga a Douglas que

²⁶ Era um oficial nas casas de nobres importantes durante a Idade Média. A função mais básica de um senescal era a de supervisionar festas e cerimônias domésticas.

você deseja isso como um ato de misericórdia! Diga que será um mau começo para o seu casamento ter o homem enforcado!

Isabella colocou a mão em sua barriga, já balançando a cabeça.

— Casar com Douglas? Você sabe que não posso.

— *Não pode?* — O tom de Kat estava alto. — O que você quer dizer?

— Eu estou noiva de Colyne.

— Você está noiva de *Douglas*!

— Eu estou casada em meu coração com Colyne. Nada mudará isso.

Kat pegou as mãos de Isabella nas dela. O aperto de Kat foi forte, sua voz baixa e urgente.

— Lindinha, como alguém que a ama verdadeiramente, digo isso a você, se você quiser salvar a vida de MacKimzie, vá fazer uma reverência para seu noivo legal. Use todo o seu charme e ganhe Douglas para sua causa com as palavras doces de uma lady fidalga.

Isabella encarou Kat.

— Você faria com que eu passasse por isso? Você iria me ver casada com Alexander Douglas? Me faria romper um voto feito com amor para Colyne?

— Qual outro caminho está aberto para você? Você deve se casar com Douglas!

Isabella balançou a cabeça.

— É isso que você queria para mim? Casar-me contra meu coração?

— Você estava disposta o suficiente na Inglaterra quando o acordo foi feito!

— Kat, agora estou muito mudada, *ele* me mudou muito, eu não sou mais essa garota!

Kat fechou os olhos por um momento.

— Se a Sorte sorrir, você ainda pode ganhar perdão para o MacKimzie. O rei é bem conhecido por sua bondade com as damas da rainha. Douglas pode ser convencido de que você é muito suave para que um homem seja condenado em seu nome.

— Eu amo *Colyne*. — As lágrimas transbordaram e ela as deixou cair. — Eu o amo, Kat, e não vou querer ninguém mais por minha vida inteira.

— Isabella, você não pode defender um rebelde. Você será arruinada, e jogará fora qualquer esperança que o MacKimzie tenha de misericórdia. — A voz de Kat caiu para um sussurro agonizante. — Pense na criança se você não for pensar em si mesma!

Isabella virou o rosto.

Ela nunca mais o veria. Nunca estaria com ele para discutir, ou rir, ou amar. Era quase insuportável de pensar. Ela nunca veria seu sorriso malicioso e provocador, sentiria seus braços em volta dela.

Mas... mas se ela *pudesse* convencer Douglas a implorar ao rei, se ela pudesse ganhar o perdão de Colyne, mandá-lo para casa para seu clã, não valeria o preço?

Ela nunca mais colocaria os olhos nele, mas ela saberia que ele vivia.

Ela teria, pelo menos, isso. E seu filho para amar.

Ela quase podia ver essa criança, atravessando o Castelo MacKimzie, fugindo de seus pobres professores como seu pai, seus olhos brilhando de malícia.

Salvar Colyne significava perdê-lo. Perder qualquer possibilidade de uma vida juntos.

Como posso suportar o custo disso? Agora não há outro caminho senão casar com Douglas.

Perdoe-me, Colyne, pensou. Saiba que isto é feito por você, e pela criança.



Kat tinha superado a si mesma. Os olhares de admiração enviados em direção a Isabella enquanto caminhavam pela abadia, para a sala do trono, disseram muito. A cor safira escura do veludo tornava sua pele pálida de inverno perolada, o puro branco de seu véu contra seus cabelos escuros, as jóias colocadas de forma exata, mostrando-a como uma donzela rica e modesta.

A mão hábil de Kat com os cosméticos reforçou os encantos que ela poderia reivindicar. Kat ficaria ao seu lado quando fosse apresentada. Juntas, ela prometeu, elas receberiam a medida de Alexander Douglas e do Rei James. Ela prometeu ajudar Isabella a seduzir o marido e ganhar a mercê do rei.

Muito provavelmente ela seria Lady Douglas esta semana.

Tão pouco tempo...

Um cortesão inclinou-se profundamente para ela. Vestido de rico veludo vermelho, a própria alma das maneiras corteses, ele tirou o chapéu para revelar cabelos prateados.

Ela levou um momento para reconhecê-lo e ela cumprimentou-o inclinando-se em retorno.

— Sir William.

— Minha Lady Isabella.

Ele se endireitou, seu olhar indo para o chão. Com medo de sua raiva, talvez que ela pudesse causar uma cena, desprezando-o aqui publicamente.

— Você vai me acompanhar ao interior? — Isabella perguntou.

William olhou para Kat e ofereceu a Isabella seu braço.

— Eu ficaria honrado se você me permitisse.

Ele caminhou ao seu lado, a mão dela em seu braço.

— A maneira pela qual nos separamos da última vez, minha lady, pesa muito na minha mente. Eu falei verdadeiramente naquele dia na floresta; você é como minha própria filha para mim. Eu não faria nada nesse mundo que pudesse lhe causar dor.

Isabella lançou a voz muito baixa.

— Por favor, onde ele está? Quanto tempo antes de...

— Eu esperava que estivesse equivocado. — William fez um som, muito parecido com um suspiro. — Ele está alojado na prisão da cidade, mas chegou lá, saudável e forte.

— Mas, William, ele está...

— Não posso lhe contar mais, pois não sei mais nada.

— Você pode trazer notícias dele?

William hesitou.

— Eu vou tentar.

Isabella ergueu o queixo.

— Eu vou ganhar-lhe o perdão do rei.

— Tenha cuidado com isso — insistiu William. — Esta corte não é menos traiçoeira do que a que você deixou. Na verdade, provavelmente mais, já que você é estrangeira aqui.

— Eu vou levar em conta os perigos. — Isabella ofereceu a William um sorriso tocado com um brilho de lágrimas. — Por favor, bom William, leve-me para encontrar meu marido.

As portas foram abertas para permitir sua entrada. O camareiro anunciou-os e o rei concedeu sua permissão para que se aproximassem.

O salão de pedra elevado da abadia tinha sido convertido em uma sala do trono com tapetes brilhantes e magníficas tapeçarias. Os tronos ficavam perto do fogo, flanqueados em ambos os lados com enormes candelabros cada com dúzias de velas acesas. A lareira, grande o suficiente para um homem ficar de pé, ostentava um fogo ardente e cada vela nos lustres acima estava acesa.

As damas da rainha estavam posicionadas ao lado de Sua Majestade, seus vestidos coloridos como as plumas de pássaros exóticos. Os homens da corte, não menos suntuosamente vestidos, estavam ao lado de seu rei. A riqueza de suas roupas e a arrogância de seu porte mostravam a riqueza surpreendente e o enorme privilégio da corte.

Os olhos da corte escocesa estavam sobre ela enquanto William a conduzia adiante, cada pessoa avaliando essa lady inglesa para ser aliada, inimiga ou não valer a pena.

Ninguém importa aqui além do rei, pensou Isabella. Ele sozinho pode poupar a vida de Colyne.

O rei James era um homem poderosamente constituído, barrigudo e no seu auge. Ele tinha barba, com os cabelos aparecendo abaixo do seu chapéu incrustado de jóias, marrom avermelhado e levemente acobreado, o suficiente para mostrar seu sangue escocês.

Ele sentava-se à vontade no seu trono com sua prima, Joan, sentada ao lado dele.

— Permita-me apresentar Lady Isabella Beaufort, filha do primeiro conde de Somerset — declarou Sir William. — E sua prima, a Sra. Katherine Holland.

Isabella afundou em uma profunda cortesia diante do estrado elevado.

— Vamos, ladys, levantem-se — disse o rei cordialmente.

Isabella se endireitou, suas saias farfalhando enquanto ela o fazia. Para sua surpresa, a rainha levantou-se para pisar no estrado, assim como o rei.

A rainha Joan avançou, sorrindo e abraçando-a calorosamente. Sua prima tinha se mantido bem em sua idade e beleza. A pele cor de leite da rainha não estava marcada e seu cabelo correto não mostrava prata.

— A sua visão alegre meu coração, prima. Nós nos preocupamos muito por você! — A rainha riu. — Você cresceu desde a última vez que a vi! Você não era mais do que uma criança, ainda com dentes de leite quando eu vim para cá!

Isabella não teve que forçar o sorriso que deu à rainha.

— Sua Majestade é a mesma imagem da minha memória. Eu fiquei honrada de ser tomada ao seu serviço.

Isabella virou-se para o rei e ele abraçou-a calorosamente, beijando uma bochecha e depois a outra.

— Lady Isabella, recebemos você como prima da nossa rainha e nossa própria amada parente.

— Fico sensibilizada por sua bondade, Sua Majestade.

O rei pegou a mão de Isabella e a encarou seriamente.

— Nós enviamos cavaleiros quando você não chegou em tempo hábil, mas nenhum conseguia descobrir traço de seu paradeiro. Nosso coração se alegra com sua chegada segura à nossa corte.

— Sou grata por sua preocupação, Majestade, mas fui tratada com toda a honra durante o meu cativeiro, digno de um de seus parentes.

Os olhos castanhos do rei estavam encapuzados.

— Ah.

Um cortesão se moveu em seu lugar e o rei olhou de soslaio para ele.

— E aqui está aquele cujo coração se alegra muito mais do que o nosso com sua ansiada chegada — o rei comentou, sorrindo. — Bem, adiante-se Douglas, e apresente-se para a lady!

Lord Douglas correu para a frente. Ele era jovem, não mais do que vinte e quatro, e bem favorecido. Bonito, ele tinha uma pequena semelhança com seu primo real. Ele estava barbeado, sua mandíbula quadrada, o nariz longo e aristocrático. O gibão e a meia calça cor verde floresta, bordados, tinham o corte da moda, e ele possuía umas bonitas pernas também.

Isabella agarrou o braço de William contra a fraqueza súbita em suas pernas quando Alexander Douglas inclinou-se para ela, seus cabelos vermelho-dourado brilhantes sob a luz dos candelabros.

Vinte e Dois



O Jogo está Feito

Seu cabelo, o modo que Alexander se mexeu.

Os gritos, a faca...

Isabella estava tremendo tanto que tinha que se apoiar em William. Pelo canto de seu olho, ela podia ver seus olhos pestanejarem para ela com preocupação.

O cabelo de Alexander era da mesma cor brilhante que o de Colyne.

Oh, querido Deus, eu estava errado em pensar isso de você, Colyne? É Douglas então quem se virará para mim com o sangue da rainha em suas mãos?

Kat limpou a garganta suavemente. Isabella percebeu que Alexander ainda se curvava para ela.

Com o coração martelando, Isabella afundou-se em uma reverência.

— Lord Alexander Douglas — o rei apresentou. — Embora eu não espere que você reconheça um noivo nervoso quando você vê um.

Houve risadas na corte e Douglas endireitou-se, com um claro rubor.

— Venha, cara — o rei suplicou jovialmente. — Você tem estado observando a estrada por horas para sua chegada. Você não pode ficar mudo agora!

Lord Douglas lançou um sorriso rápido e embaraçado para o rei e limpou a garganta.

— É mesmo como diz Sua Majestade — disse Douglas a Isabella. — Eu já estava esperando sua chegada desde que a notícia chegou à corte de que você fora libertada do seu cativeiro. Na verdade, meu coração se alegra com sua chegada em segurança.

Ela podia vê-lo engolir enquanto a olhava.

Ele era cortês, bonito, fidalgo. Aqui estava um jovem tímido que, com seus olhares para seu rosto e sua forma, parecia achá-la muito agradável.

Uma combinação brilhante, na verdade. Naquele momento, ela sabia que ela teria chegado a amá-lo, se ela não tivesse sido atacada na estrada de Perthshire.

Se eu não tivesse amado Colyne primeiro...

— Fale, lady! — Disse o rei, rindo. — O pobre infeliz vive por sua própria palavra.

Ela empurrou seu terror e confusão para longe e colocou-os em um canto de sua mente.

Isabella levantou o queixo, olhando timidamente para Alexander como uma donzela modesta deveria.

— Estou profundamente honrada, meu lord. Não consigo lembrar quando recebi uma tão graciosa boas-vindas. Agradeço-lhe por isso.

Os cálidos olhos castanhos de Alexander se iluminaram. Ele era tão jovem e parecia tão sério. Poderia esse homem gentil e tímido realmente matar seu rei?

E eu?

— É uma combinação boa — o rei declarou à corte, em seguida, olhou para Douglas. — A lady é sua. Esteja sempre consciente de que você a esteja merecendo, primo.

Alexander estendeu sua mão. Isabella hesitou um momento e colocou a mão na dele.

Douglas deu um sorriso tímido.

— Eu estarei, Sua Majestade.

O rei sentou-se novamente, a rainha Joan ao lado dele, sorrindo.

— Eu gosto de um casamento! — Comentou o rei. — Quando você vai se casar então, Douglas?

— Com sua permissão — Douglas respondeu, — amanhã.

Isabella piscou e rapidamente recuperou suas feições.

— Meu lord Douglas! — A rainha gritou, rindo. — Não antes da segunda-feira! É muito cedo para ter tudo feito como deveria, se você me perguntar por quê!

Alexander moveu os pés, seus ombros caíram um pouco, mas ele assentiu.

Ela lutou contra o desejo de fugir da sala.

Três dias, pensou Isabella. Apenas três dias.

Sua mão estava quente entre as dela. Ela olhou Douglas sob seus cílios e sua cor ficou alta.

Eu salvarei Colyne.

E se puder, vou me salvar e a criança também...



Alexander Douglas se esforçou para servi-la bem no jantar. Ele lhe ofereceu os melhores pedaços de carne, limpou sua taça antes de oferecê-la, e seus modos eram requintados.

Ele falou com a língua de um cortesão, mas ele não conseguiu esconder seus rubores enquanto a olhava.

Outro caminho foi desembaraçado. Ela esperava que a náusea não voltasse até depois do jantar. Não seria fácil manter a criança escondida durante muito tempo na estreita companhia da corte.

Mas quem eu vejo? Alexander? Ou Colyne? Sangue de Deus, o que eu faço?

Isabella tomou outro gole de vinho com uma mão trêmula.

O rei e a rainha enviaram uma série de pratos em sua direção, transmitindo seu carinho e sua óbvia aprovação ao casamento.

Alexander estava satisfeito com ela. Eles estavam noivos agora pela própria palavra do rei. A maioria pensaria que eles não esperariam os três dias até o casamento para procurar uma cama comum.

Ela mastigou o interior de sua bochecha. Talvez ela devesse persuadi-lo para sua cama. Certamente isso ajudaria a convencê-lo de que a criança era dele. Ela não queria nenhum outro além de Colyne, mas ela deveria entrar em sua cama em três dias de qualquer maneira e se...

Assustada Isabella encontrou Sir Robert Stewart, o camareiro do rei, de pé diante dela.

Stewart estendeu uma tigela para ela.

Isabella trocou um olhar com Kat, sentada do outro lado da sala.

Isabella acenou com a cabeça para ele.

— Sir Robert.

Robert se endireitou, seus olhos escuros brilhando à luz das velas.

— Lady Isabella, tinha ficado a impressão em mim que eu a ofendi gravemente.

O olhar de Isabella revelou que o rei os observava com olhos apertados. Outros da corte também, incluindo o irmão de Alexandre, o poderoso Conde de Douglas, marcaram sua troca.

— Ofendeu-me? O que você pode querer dizer?

Sir Robert, provavelmente com uma reivindicação maior ao trono escocês do que seu primo James, deu um sorriso apertado.

— Os guardas que enviei com você foram... inadequados. Não posso expressar-lhe a profundidade do meu remorso pelo seu sequestro e aprisionamento.

Isabella lembrou o terror quando os Highlanders atacaram, e Kat, já muito doente, quase morrendo no Castelo MacKimzie. Ela lembrou também, a boca de Colyne sobre a dela no poço, ele ensinando-a a dançar como um escocês, a criança que ela carregava.

Ela ofereceu sua mão para ele e sorriu graciosamente.

— Você está totalmente perdoado, Sir Robert. Meu cativo foi um inconveniente, nada mais. Na verdade, fui tratada com tanta honra e cortesia, dificilmente não me achei entre amigos. Eu acho melhor que tudo seja esquecido por todos.

Os olhos de Sir Robert se estreitaram quando ele se curvou sobre sua mão. Ocorreu-lhe, como deveria ter feito há muito tempo, que serviria a família Stewart muito melhor se sua garganta tivesse sido cortada na floresta de Perthshire.

Isabella estremeceu. Ela deveria se importar também com os riscos.

O rei, pelo menos, ficou satisfeito por sua reconciliação pública, e seus desejos eram tudo o que importava.

— Majestade — Alexander chamou quando Robert os deixou. — Agora que ela veio com segurança para nós, posso pedir sua permissão para brindar minha lady?

O rei deu um sorriso genuíno e acenou com a mão seu acordo.

Isabella deslocou-se em seu assento quando Alexander virou-se para ela.

— Eles dizem que um casamento feliz é realmente um tesouro, minha lady — disse Alexander, levantando a taça de vidro fino. — Com você, não posso deixar de me achar mais rico do que Creso.²⁷

— Sim, o dote dela faz você assim! — Falou o tolo do rei, tirando risos da corte.

Os olhos escuros de Alexander estavam quentes.

— Não, na verdade. Lady Isabella é o seu próprio dote.

Sua sinceridade acalmou a corte e a fez engolir em seco. Ela viu-se por um instante de pé naquela mesa, Colyne brindando-a, sorrindo um pouco sobre a taça.

Alexander levantou sua taça para ela.

— Nenhuma jóia no mundo poderia ser mais preciosa do que você, Lady Isabella, e eu as trocaria todas por ter você como minha noiva.

O rei concordou com a cabeça e levantou sua taça. Alexander bebeu para ela e a corte com ele.

²⁷ NT Creso, rei dos Lídios, foi um dos mais famosos monarcas da Antiguidade, sendo as riquíssimas ofertas que fez ao santuário de Delfos referidas por múltiplos autores.

Ele gostava de sua taça de vinho. Não demorou muito antes de ter bebido suficiente vinho para que suas bochechas mostrassem manchas de cor.

— Claro, todos nós tememos que você morresse — confessou Alexander, suas palavras baixando de tom. O som dos trovadores deveria cobrir sua conversa, mas claramente ele havia aprendido a ter cautela nesta corte.

— Verdade? — Isabella respondeu, olhando-o de volta com os olhos arregalados. — Realmente fui mantida da maneira mais confortável e na companhia da própria irmã de Lord MacKimzie. Até fui autorizada a cavalgar.

Ele estava corado, o cabelo em volta da testa parecendo úmido, mas ele bebia profundamente outra vez.

— Eu gostava da irmã do MacKimzie enquanto estava em sua companhia — continuou Isabella. — E ela sempre foi gentil comigo. Você não acha que sua punição será severa, não é? Devo me afligir por sua causa.

Douglas deu uma pequena risada.

— Vou ver o bastardo enforcado por isso!

O coração de Isabella acelerou.

— Meu lord! — ela disse, olhando para ele com os olhos arregalados e inocentes — Eu não poderia suportar até mesmo que um cão fosse enforcado em meu nome!

Ele encolheu os ombros.

— Eu imagino que o rei fará conforme sua vontade e não há nada para nos preocupar.

— Sim — ela concordou. — E que mal foi feito, de qualquer forma? Com o mensageiro derrubado em algum acidente e um resgate nem

mesmo exigido, nem pago, acho que o assunto terminou, não é? Imagino que a minha manutenção custou a ele mais, afinal. Ainda assim, eu tenho pena dele! Não consigo imaginar que o exercício o tenha beneficiado. Imagino que o rei, na sua misericórdia, deveria aplicar uma multa contra ele.

Alexander estava parecendo um pouco pior por beber. Ela se perguntou se ele lembraria o suficiente da conversa para que fosse útil.

Sob a cobertura da toalha de mesa, ela sentiu a mão de Alexandre em sua coxa.

Assustada, ela olhou para cima e seu olhar ficou quente.

Ela sorriu um pouco em troca e fechou os olhos como se fosse tímida.

Não importa o que custe...

Vinte e Três



O Preço

Um homem de aparência fina — Kat murmurou, observando Alexander e o rei no tênis dois dias depois.

— Verdadeiramente se a cor de seu cabelo não fizesse eu me sentir fraca quando o olho — Isabella respondeu: — Deveria marcá-lo como muito favorecido.

— O rosto do homem ainda está oculto para você? — Kat sussurrou.

Isabella assentiu. Sua visão, como pesadelo, voltou a aparecer na noite anterior. A rainha, o grito, a faca, ela o *conhecia*, mas não podia ver seu *rosto*.

Mas o cabelo dele! Como o de Alexander!

Como o de Colyne ...

E se eu estiver errada? E se eu tivesse alterado as coisas, como ele pensava que eu poderia? Amargo, mesmo para me salvar e perder Colyne.

Kat suspirou.

— Não há solução para isso agora. O rei fez o par entre você e ele. Romper com Douglas agora a arruinaria e não temos para onde fugir. Nós não conseguiremos o suficiente entre nós para fugir de suas buscas e existe...

A *criança*, pensou Isabella, impedindo-se de colocar a mão sobre seu abdômen. Ela o imaginava com os olhos de Colyne. Imaginava segurá-lo, brincando com ele quando ela tinha tido o bebê no chalé, ouvindo seu riso. Isso parecia há anos atrás agora.

Ela deveria se afastar daqui para protegê-lo. As visões, os pesadelos, eram um horror. Ela não conseguia lembrar a última vez que tinha dormido bem.

Ela já tinha ganhado inimigos nesta corte. Os Stewarts, Robert e seu avô, Walter Stewart, o conde de Atholl, a observaram com os olhos apertados quando ela saiu da missa naquela manhã com a rainha. Não tinha sido um descuido que o herdeiro do trono, também chamado James, tivesse sido deixado protegido no Castelo de Edimburgo. Seria difícil se mover contra o rei e seu herdeiro, ao mesmo tempo, em diferentes fortalezas.

O rei tinha muitos guardas para protegê-lo de seus inimigos. Ele deveria saber que ele estava em maior perigo com seus amigos.

Mas só aqui posso ganhar o perdão do rei para Colyne! Eu devo ver isso.

— Pelo menos um herdeiro de Douglas com cabelo vermelho não fará sobranceiras se levantarem — murmurou Isabella.

Kat lhe deu um olhar interrogativo.

— Talvez não seja ele na sua visão — disse Kat, de repente esperançosa. — E Douglas é um bom pedaço de homem.

Isabella olhou para ela.

— Quando ele não está bêbado.

Kat deu de ombros.

— Há homens com piores defeitos. Ele é um bebedor feliz pelo menos.

O rei marcou um ponto e os espectadores aplaudiram. James sorriu.

— Olhe como ele joga — Kat acrescentou, sua voz muito baixa. — Apenas o suficiente para desafiar o rei, mas no final ele vacila, apenas o suficiente, então Sua Majestade nunca suspeita que ele não faça o melhor que pode.

— Um cortesão de berço — Isabella concordou, observando seu noivo.

O par começou outro set, e Alexander captou o olhar de Isabella.

Ele sorriu para ela.

— E já gosta de você — observou Kat.

— Gosta suficiente, você acha?

As ladys e lordes da corte gritaram seu encorajamento para ambos os jogadores, mas sempre com um pouco mais de entusiasmo pelo rei.

Alexander acolheria a criança, ela sabia. Ele ficaria muito feliz com um herdeiro tão rapidamente. Prova de sua virilidade e a marca registrada de um matrimônio bem sucedido.

E ela teria algo de Colyne para sempre.

A voz de Isabella foi tão suave que seus lábios mal se moviam.

— Eu devo vê-lo.

Em um instante, Kat agarrou seu braço e afastou-a.

A voz de Kat era um sussurro furioso.

— É impossível! Você sabe disso!

— Deve haver uma maneira!

— O MacKimzie não é uma hora em uma casa de campo, Isabella! Ele espera na prisão para ser enforcado! Você *não pode*!

— O rei atrasa seu pronunciamento e até William não consegue adivinhar a intenção de Sua Majestade. Se houvesse algum meio para levá-lo para longe, talvez para a França...

— Nós três ajudarmos um prisioneiro real a escapar? Você ficou louca, criança?

— Kat, por favor...

— Você já pensou, minha lady, que o MacKimzie pode não receber bem a mulher que trouxe a ruína para seu clã e encaminhou-o para a forca? Por que ele não deveria odiar você?

O chão pareceu desaparecer debaixo de seus pés. Na mente de Isabella, nada havia se alterado entre eles. Ela o amava, e ele sabia disso, sorrindo para ela por cima do ombro enquanto ele conduzia o cavalo. Não importa o que lhes acontecesse, ela o amava.

Mas se Colyne, preso e temeroso por seu clã, pensasse em si mesmo abandonado por ela...

Por um instante, ela estava de volta com ele, olhando para os chalés, ficando tão assustadoramente silencioso. Mais uma vez, sentiu o horror de reconhecer os homens do rei no topo da colina. Os olhos de Colyne se arregalando com uma aturdida dor por sua decepção, seu rosto branco enquanto olhava para o castelo abaixo.

— *O que você fez, Isabella?*

— Por que ele não deveria amaldiçoar você, Isabella? Você o destruiu e tudo o que ele considerava querido.

— Pare, por Deus, pare! — Isabella ofegou, afastando o braço dela. Ela correu para a galeria, sem se importar com aqueles que a

rodeavam. Sua mão estava pressionada contra suas costelas enquanto lutava para respirar.

— Minha lady!

Alguém pegou suavemente seu braço. Isabella ficou assustada ao encontrar Alexander ao lado dela. Seus cabelos ruivos se pregavam à sua testa e suas bochechas estavam coradas pelo esforço.

— Minha lady, para onde você está correndo? — Seu tom era leve e ele estava um pouco sem fôlego de seu jogo com o rei.

— Oh. — Isabella começou a pensar. — O jogo. Você já terminou? Você ganhou, meu lord?

Alexander riu levemente.

— Não, Sua Majestade é, de longe, o melhor jogador. Estou honrado que o rei se digne a jogar contra mim.

— Claro. — Isabella meio que sorriu. — Desculpe, não vi o fim.

— Você quer caminhar comigo? — Ele sugeriu, acenando com a cabeça para a galeria aberta.

Ela se virou e continuou em um ritmo mais tranquilo, com Alexander ao seu lado.

Ele me odeia agora? Ela cruzou suas mãos trêmulas apertadas firmemente. *O olhar em seus olhos quando ele soube que enviei William, a maneira que ele gritou...*

Alexander franziu a testa.

— Você está bem, lady?

— Não. — Isabella forçou um sorriso. — Uma leve dor de cabeça, talvez.

Ele procurou seu rosto.

— Nervosa por amanhã?

— Não. — Ela molhou seus lábios. — Você está?

— Menos, agora que eu vi seu rosto doce, minha lady. — Ele limpou a garganta, mudando de posição. — Você tem tudo que precisa para o casamento, então?

— Não consigo pensar em nada, a rainha cuidou de tudo. Ela até me deu de presente minha roupa de casamento.

— Eu estou ansioso, — ele disse, tropeçando nas palavras — para chamá-la de minha esposa.

— E eu para chamar você de marido.

Ele sorriu.

— Eu tenho notícias. Disseram-me que o rei nos dará um excelente presente de casamento. Uma propriedade para o norte, boas terras ao longo da costa e uma bela renda de mil por ano.

Ela deu um sorriso suave.

— Que gentil.

— Você não está encantada? — Ele inclinou a cabeça, franzindo a testa agora. — Qual é o problema?

Havia cortesãos e servos em torno, mas esse era um momento tão privado como ela poderia esperar.

Ela mexeu os pés.

— Há algo que pesa sobre minha mente.

— E o que é? — Ele franziu o cenho. — Alguém lhe ofendeu? Vou imediatamente ao meu irmão e ao rei...

— Não! Não foi isso. Eu só estive pensando em lady Caitrina.

Ela balançou sua cabeça.

— Eu não conheço a lady. Ela é inglesa?

— Ela é irmã do homem que me prendeu por resgate. O MacKimzie. — Ela se apressou. — Ela era muito gentil comigo, uma

fidalgas e delicadas de saúde. Eu estava pensando que eu deveria escrever-lhe e dizer quando ela poderia esperar seu irmão em casa.

Ele desviou o olhar.

A respiração de Isabella suspendeu.

— Meu Lord?

— Lamento dar dor a uma lady que foi gentil com você.

— Dor? O que você quer dizer?

— MacKimzie vai ser enforcado por seu crime dentro de dois dias.

O rei também declarou isso.

Isabella agarrou o braço de Alexandre.

— Meu lord, se você for a Sua Majestade, pedindo clemência...

— O rei não pode permitir que ninguém levante uma mão contra a dele próprio. — Ele a abraçou suavemente e pressionou um beijo na sua testa. — Eu também não posso. Para você, senhora esposa, vou ver isso feito.

Já apaixonado por ela, pensou, horrorizada.

Ele franziu a testa.

— Realmente, minha lady, você está preocupada com a morte desse vilão.

Em algum canto de sua mente, Isabella ouviu os sinais de perigo em seu tom.

— Sim, é claro — ela respondeu uniformemente, ouvindo sua voz como se ela fosse outra pessoa. — Eu lamento não ter notícias melhores para sua irmã. Ela sempre foi gentil comigo. Uma pena.

Ela colocou o braço no dele, retomando a caminhada pela galeria. Como se por acaso seu peito pressionado contra o braço dele.

— Uma propriedade com renda de mil por ano? — Isabella viu sua suspeita se derreter enquanto ela sorria o sorriso de uma cortesã. Seu

olhar foi para seu decote. — Quão generosa é Sua Majestade! E quão bem ele deve pensar de você, meu lord!



Quando o doentio sol invernal fez sua aparição, Isabella pressionou sua bochecha no vidro frio da janela, observando-o subir. A dor em suas costas era feroz da noite sem dormir e ela esfregou-as distraidamente.

Apenas mais um dia!

Uma dúzia de planos ocorreram a ela, mas havia muito pouco tempo, sem margem para erros ou passo em falso, e ela não tinha aliados para apoiar sua causa. Mesmo Kat, que a amava tanto, permaneceu impassível. E William, que poderia sinceramente cuidar dela como sua própria filha, não iria intervir.

Ela tinha apenas até que aquele sol pálido subisse novamente para salvá-lo.

Ela pensou no Lord das Ilhas, sua vida uma vez poupada pela natureza cavalheiresca do rei, quando a rainha e suas damas apelaram para ele ser misericordioso.

Ela iria pedir por Colyne. Ela se ajoelharia diante do rei e da rainha e seu marido na porta da igreja com toda a corte e o padre observando e imploraria que Colyne fosse poupado. Ela pediria que isso fosse feito como um presente de casamento, como retribuição para sua irmã que tinha sido tão gentil com ela durante seu cativeiro.

Certamente haveria fofocas depois que ela se ajoelhasse para implorar por um rebelde, mas ela suportaria isso. Seu marido ficaria envergonhado, provavelmente furioso também, um mau começo para seu casamento.

Alexander já estava desconfiado.

Não importa, pensou, fechando os olhos. *Nenhum preço é demasiado elevado.*

Ela permitiu que as criadas a preparassem para o casamento sem protestar. Suas risadas e as fofocas desapareceram rapidamente na presença exausta e absorta de Isabella. No final, Kat colocou-as para fora, pondo os últimos toques ela mesma na elegância de Isabella.

Feito para uma princesa, o tecido de prata do vestido tinha o melhor bordado para enfeitá-lo, com rico adereço de peles e renda delicada. Ao vê-lo, Isabella se perguntou se a rainha tinha dedicado uma atenção tão grande a sua prima contra a vontade da filha, a princesa Margaret, agora Dauphine da França.²⁸

Finalmente satisfeita, Kat recuou.

— Você está pronta, lindinha?

— Sim — Isabella respondeu com cansaço. — Vamos terminar com isso.

— Eu rezei para viver tempo suficiente para ver você se casar bem. — Kat alisou seus cabelos como fazia quando Isabella era uma criança. — Alexander é um bom homem. Ele é tudo o que eu esperava para você. Eu sei que você deu seu coração ao MacKimzie, mas você não consegue encontrar um pedacinho para Douglas?

Isabella cobriu a mão de Kat com a sua.

— Eu vou tentar.

— Me entristece que isso não lhe traga alegria.

— Reze, como eu, para o rei demonstrar-lhe piedade. Nada poderia trazer a meu coração mais alegria do que isso.

²⁸ NT Dauphine – mulher do Dauphin, que era o título do filho mais velho e herdeiro dos reis de França.

— Então eu também rezarei.

Isabella deu um leve sorriso.

— Eles estão esperando. Nós não devemos nos atrasar.

Kat virou-se para abrir a porta.

Isabella respirou fundo bruscamente. O fino rosário veneziano, também um presente da rainha, escorregou de sua mão. As contas de vidro escarlate quebraram contra o chão de pedra.

Isabella sentiu outra onda de dor e se curvou, ofegante.

— Lindinha! O que é isso?

Uma nova onda de dor a impediu de responder; atravessou sua barriga como um ferro ardente e irradiou para sua perna. Ela agora estava de joelhos. Um filme fino de transpiração surgiu em seu rosto enquanto a náusea perturbava seu estômago.

Veneno? Seria bom para os Stewarts manter sua fortuna longe do clã Douglas.

Kat estava tocando seu rosto, frenética.

— O que é isso? Lindinha, você está fria!

Seus dedos se espalharam entre as contas escarlates arruinadas quando outra dor a pegou. Um calor repentino encharcou seu vestido.

— Não — Isabella sussurrou. — O bebê. Oh, por favor, não.

— Oh, querido Deus! — Kat gritou.

Não, não posso perder a criança! É tudo o que eu sempre terei dele!

Isabella fez um som estrangulado quando outra onda a atingiu, sua mão apertada num punho.



O rei enviou seu próprio médico, o doutor Morse. O médico, com medo de contágio ou intimidado pelas advertências de Kat, de que sua lady era nobre e, portanto, não ia ser examinada de nenhuma maneira imodesta, não chegou mais perto do que da porta.

Isabella observava silenciosamente da cama, cobertores empilhados sobre ela enquanto Kat desfiava seus sintomas: febre, dor de cabeça, tosse e doenças digestivas. Em resposta à pergunta do médico sobre a aparência da primeira urina do dia da sua lady, Kat concordou e julgou que era muito escura também.

O médico concordou com sabedoria.

— Claramente uma febre e inflamação dos pulmões. Ela deve descansar. Diga à criada que mantenha o fogo alto e eu enviarei instruções para um cataplasma para extrair a doença. — Ele recuou. — Eu devo deixar Sua Majestade e Lord Douglas informados sobre o meu diagnóstico. Minha lady, se você não estiver recuperada para as orações da tarde, amanhã você deverá ser sangrada apenas por segurança.

Ele curvou-se numa reverência para ela e Isabella enviou um olhar suplicante para Kat enquanto ele saía.

Kat segurou a porta com uma fenda, observando até o doutor Morse ter desaparecido de vista. Ela veio para o lado de Isabella, apertando sua mão.

— Eu preciso sair para buscar a parteira. Só será um momento ...

— Por favor, Kat, você deve obter seu perdão para mim, se eu morrer.

— Você não vai morrer!

Isabella inclinou a cabeça contra a dor.

— Prometa que você levará minha mensagem para ele, que eu sempre o amei. Se eu morrer, você deve ganhar o perdão de alguma forma! Prometa!

Kat hesitou, não querendo jurar.

— Prometa!

Finalmente Kat concordou e Isabella soltou sua mão. Kat esgueirou-se pela porta.

Seu abdômen ainda estava quase plano, mas Isabella embalou a pequena curva enquanto esperava.

A dor estava melhor agora. Certamente, isso era um bom sinal.

— Por favor — ela sussurrou para a criança, balançando um pouco. — Por favor. Eles estarão aqui em breve.

Foi uma eternidade de espera até Kat retornar.

A parteira era mais velha do que Kat, de quadris largos e modestamente coberta. Ela tirou o manto. Seu vestido simples estava arrumado, suas mãos e rosto estavam limpos.

— Quanto tempo tem a criança? — Ela perguntou rapidamente. — Menos de uma estação?

Isabella pensou, com medo de responder de uma forma ou de outra.

— Mais ou menos uma estação.

— Tem muita dor?

Isabella hesitou.

— Não é tão ruim.

A mulher trocou um olhar com Kat e sentou-se no banquinho.

— Deixe-me sentir a sua barriga.

A mulher foi gentil enquanto examinava. Por fim, ela suspirou e ficou de pé, balançando a cabeça para os panos ensanguentados.

— Não há nada a ser feito agora.

Lágrimas queimavam os olhos de Isabella.

— Oh, por favor, não há nada que você possa fazer? Se for uma questão de dinheiro, eu ...

— Oh, moça, não, não é isso — a mulher respondeu e, em seus olhos escuros, Isabella viu piedade. — Mas você é nova ainda. Você vai voltar a ficar grávida novamente em um mês e pouco. Eu posso fazer algo para a dor, pelo menos.

Os olhos de Colyne se acenderam ao olhar por cima do ombro para ela.

— *Você acha que a criança é um rapaz? Ou uma moça?*

Um soluço rasgou sua garganta antes que Isabella pudesse detê-lo. Ela cobriu a boca com a mão, porque ninguém no corredor deveria ouvi-la chorar.

— Não — Isabella sussurrou, virando o rosto. — Não, não quero coisa alguma.



A escuridão caiu e Kat puxou as cortinas da cama contra o frio. De seu lugar na cama, Isabella ouviu uma batida suave e Kat abriu a porta. Ela não se incomodou em virar a cabeça ou tirar a mão que mantinha em seus olhos, mesmo enquanto Douglas e Kat falavam em tons sussurrantes a passos de sua cama.

— Como está sua lady?

— Muito doente, receio. Ela está fraca como uma gatinha recém-nascida. O casamento...

— Adiado, é claro, até que ela esteja bem. — Um suspiro. — O doutor Morse está muito confiante em sua recuperação. Sua

Majestade considerou oportuno me enviar para o sul em negócios urgentes.

— Entendo. — Um farfalhar de tecido. — Quando você parte, meu lord?

— Dentro de uma hora. Eles estão se preparando agora.

Uma pausa.

— Posso falar com ela?

— Ela deveria descansar.

— Apenas um momento.

Não era frequente que Kat se deixasse ser ignorada. Provavelmente, sua prima achasse melhor que Douglas verificasse por si mesmo como ela estava pálida e abatida.

Ele abriu as cortinas da cama quietamente.

— Minha Lady Isabella? — Ele disse suavemente.

Conformada, ela descobriu seus olhos e olhou para ele.

Ele procurou seu rosto.

— Como você está, minha lady?

— Muito doente, meu lord. — Isso, pelo menos, era verdade.

Ele sentou-se embaraçadamente no banco ao lado da cama.

— O médico pensa que é uma febre passageira. Ele não vê nenhuma razão para que não tenha uma rápida recuperação.

— Foi o que ele disse.

Ele hesitou.

— Com o nosso casamento adiado, o rei e meu irmão determinaram que eu devo viajar a serviço do rei.

— Ah.

Gentilmente ele pegou sua mão.

— Não demorarei. Uma quinzena, talvez. — Ele olhou para trás para Kat. — Eu ordenei ao Doutor Morse para cuidar de você com o maior cuidado. Sua Majestade e a rainha estão muito preocupados com você.

— Eles tem sido muito gentis — respondeu Isabella.

Uma saudade dele, do Castelo MacKimzie e de todos eles, veio em uma onda de nostalgia.

Se apenas eu não tivesse enviado William! Eu estaria lá agora, Colyne também e o bebê.

Ela teria barganhado qualquer coisa para voltar ao solar de Caitrina quando isso acontecesse. Se houvesse alguma maneira de salvar a criança, Caitrina teria feito isso.

Alexander acariciou sua mão.

— Eu sei que você está desapontada. Eu também. — Ele deu um meio sorriso. — Eu suponho que o MacKimzie apenas tenha motivo para alegria neste dia.

Isabella levantou os olhos.

— O que você quer dizer?

— Minha partida lhe concede um pouco mais de tempo para contemplar seus muitos erros.

— Ele não será enforcado amanhã? — Isabella agarrou o cobertor.

Os olhos de Douglas se estreitaram, apenas um pouco.

— Não, não vou estar aqui para testemunhar, então a minha saída lhe dá um pequeno indulto.

Isabella suspirou, alisando o cobertor.

— Bem, não vou escrever a sua irmã até que o assunto esteja acabado. Deverei dizer que ele morreu bravamente, não importa como seja seu fim nisso.

Douglas deu um resmungo.

— Talvez isso possa ser dito de mim.

— Para onde você vai, meu lord?

— Sul.

Isabella deu-lhe um sorriso pequeno e adulator.

— Você não pode dizer nem para a sua senhora esposa?

Um sorriso apareceu em seu rosto, e ele tentou parecer severo.

— Bem, você sabe que não posso lhe contar mais.

Isabella envolveu seus dedos em torno dos dele.

— Envie-me, se puder, meu lord, notícias que você está bem e quando você retornará. Eu não gostaria que o nosso casamento demorasse demais.

Douglas depositou um beijo na mão dela.

— Por minha causa, recupere-se, lady. Nos casamos ao meu retorno e então, eu penso, vamos ao campo. Talvez o ar seja melhor para a saúde de uma lady.

— Como lhe agrade — Isabella respondeu, deixando os olhos fechados brevemente. — Eu confesso cansaço, meu lord.

— Vou me despedir de você agora.

Douglas fez uma pausa na porta e olhou para trás para Isabella, mas dirigiu suas palavras para Katherine:

— Eu lhe encarrego, senhora, de dispensar o mais excelente cuidado à sua lady e cuidar de sua felicidade enquanto eu estiver fora.

— Como sempre eu faço, respondeu Kat, fechando a porta atrás dele e trancando-a.

— Ele não deve ser enforcado — Isabella sussurrou.

Imediatamente as lágrimas brotaram de novo. A perda de seu filho salvou seu pai do laço do carrasco.

Nunca imaginei que o custo fosse tão alto.

Kat sentou-se no banquinho.

— Como você está realmente, lindinha?

— Muito doente. Você deveria ter ouvido ele falar da criança para mim — murmurou Isabella, limpando as lágrimas. — Nunca vi tanta alegria em nenhum rosto. Eu também perdi isso dele. Ele deve ser informado.

— Você é como uma criança chorando pela lua — Kat disse com irritação, alisando o cobertor. — Não é possível.

— É possível! Favores podem ser cobrados, moedas trocadas. Sir William podia fazê-lo. Ele faria isso por você.

— Você está doente demais de todo modo. Gostaria de fazer uma aposta que você não alcançaria a porta da abadia antes de desmaiar.

A imagem de Colyne sozinho, aguardando o carrasco, e sem nenhuma palavra de conforto dela...

— Ele deve saber que eu o amo, que eu sempre amarei — Isabella sussurrou. — Eu sofrerei todos os meus dias pelos erros que eu cometi com ele. Eu iria de bom grado à forca no lugar dele se pudesse. Não posso viver se não fizer isso. Você prometeu que iria até ele.

— Eu procurei aliviar sua mente em sua doença — disse Kat rapidamente. — Eu não acho que você gostaria de morrer agora.

O maxilar de Isabella endureceu. Rolando na cama, apertou os dentes e levantou-se.

Kat ficou alarmada.

— O que você está fazendo? Você vai se matar!

— Ele deve saber que vou fazer o que for preciso para salvá-lo. Ele deve ser informado sobre o bebê. Se você não for, eu irei.

— Eu me pergunto se você *está* com febre quando você age assim! Sangue de Deus, criança, deite-se! Eu falarei com William. Deite-se! Vou levar sua mensagem para ele. — Kat suspirou. — Oh, lindinha, você ama muito este homem. Eu gostaria que o médico pudesse curar isso, pois é pior do que a praga!

Vinte e Quatro



O Prisioneiro do Rei

Em algum momento ocorreu a Colyne ficar surpreendido com o fato de não ter sido torturado.

Não que James precisasse de uma confissão para sentenciá-lo. Ele seria enforcado por capricho do rei e era tão culpado quanto o pecado de qualquer jeito.

O lugar era tão horrível e imundo como ainda nenhum que Colyne tinha visto. Mesmo as prisões na França não eram tão ruins. O mau cheiro o assaltou antes de estar dentro de suas paredes.

O carcereiro que o encontrou no portão foi informado de que ele era o chefe. Colyne seria cobrado pelo alojamento e alimentação enquanto ele permanecesse dentro, explicou o carcereiro. Os confortos também podiam ser comprados: uma cama fina, um bom fogo, excelente comida. Mesmo companhia para a noite, se quisesse.

O carcereiro sugeriu que Colyne apelasse para seus amigos na corte para fornecer fundos para movê-lo para lugares mais confortáveis dentro da prisão.

Colyne riu tão forte que o homem, claramente o achando louco, empalideceu e se afastou.

Eles deram-lhe um fogo doentio para se aquecer e um cobertor fino e sujo. O carcereiro não se inclinaria a deixá-lo congelar ou morrer de fome. Eles o mantiveram acorrentado, entretanto, tanto mãos como pés. Os grilhões haviam esfregado seus pulsos e ele não podia separar as mãos mais do que a largura dos ombros.

Como um prisioneiro real, mas um homem de pouca posição e nenhum amigo na corte, ele foi alojado de forma segura, mas longe dos outros prisioneiros. O carcereiro claramente não queria que outro prisioneiro o matasse por suas botas.

Não antes que James pudesse enforcá-lo.

Eu pensei que ela iria enviar uma mensagem quando ela tivesse se casado com ele.

Sua mente se afastou dos pensamentos sobre ela. Tudo bem quando ele estava acordado; ele podia controlar sua imaginação então. Ele ouvia o choro dos outros prisioneiros, observava ratos se mexerem no cômodo de pedra e, achando isso tão sinistro, esgueiravam-se para fora.

Quando os pensamentos sobre ela, seus cabelos brilhando como uma fita no sol, seu sorriso tímido, seu corpo contra o dele, *suas mentiras*, eram demais... bem, a dor de seus grilhões ajudava com isso.

Era quando ele dormia que ele não podia mantê-la afastada. Ela estava lá toda vez que o cansaço forçava seus olhos a fechar-se. Ele a via, sentada nas festas para Christmastide, sorrindo enquanto ela pegava sua mão para dançar, seus cabelos escuros contra os lençóis da cama enquanto a abraçava.

E acordando, ele veria a prisão.

E ele iria lembrar.

Eu sou o maior dos tolos, na verdade.

James estava tão ocupado com os prazeres da corte que o homem não podia se incomodar em enforcá-lo? Parecia que, durante os dias, os sonhos vinham, e ele abria os olhos para a prisão pelo que pareciam semanas.

A porta se abriu, mas nenhum guarda o amaldiçoou desta vez. Nenhuma comida foi jogada para ele.

Depois de alguns momentos, ele invocou suficiente interesse para olhar.

Ele franziu a testa. Uma mulher estava no vão da porta. Uma lady, por sua maneira de vestir, o rosto escondido por uma máscara.

Ele apertou os olhos contra a luz enquanto ela levantava a lâmpada a óleo na mão.

Ela ficou em silêncio, olhando para ele, mas, se ela estava consternada ou satisfeita pelo estado dele, ele não sabia.

Ela levantou a mão e tirou a máscara.

Levou um momento para reconhecê-la. Pareciam anos desde que ele tinha olhado para essa senhora. Ela era mais jovem, mais bonita do que ele se lembrava dela.

— Senhora Katherine — ele disse, sua voz rouca pelo desuso.

Quando ele falou pela última vez? Com o carcereiro, talvez? Ele não conseguia se lembrar.

Ela assentiu.

— MacKimzie.

— O que faz você aqui, senhora?

Katherine desceu, a luz de sua lanterna saltando contra as paredes. Ele observou o tecido fino de sua saia escovando o chão, imaginando se devia avisá-la de que ela arruinaria seu vestido.

A testa de Katherine repuxou um pouco enquanto olhava para ele.

Os olhos dele queimaram então. *Ela* também estava aqui?

Ele não conseguiu evitar. Ele olhou para a porta atrás de Katherine, mas não havia mais ninguém. Nenhum rosto doce com pele clara e olhos escuros e assombrados.

— Eu sou enviada trazendo uma mensagem da minha lady — disse Katherine, chamando sua atenção para ela. — Ela lhe envia seu arrependimento, cuja profundidade você não pode calcular.

Sua boca se torceu com isso.

— Seu arrependimento.

— Ela ficou muito oprimida pela dor que ela causou e queria que você soubesse. Ela apelará a Sua Majestade pelo perdão.

Ele não pode aguentar mais.

— Como então ela fará? — Ele perguntou com voz rouca. — A Lady Douglas?

— Meu Lord Douglas está ausente para negócios do rei. Quando ele voltar para a corte, eles vão se casar. MacKimzie, não posso ficar por muito tempo. Eu arrisco ser descoberta e o bom nome de minha lady comigo, a cada momento — Katherine hesitou. — Minha lady perdeu a criança ontem. Sinto muito. Não havia nada que pudesse ser feito. Saiba que minha lady sofre como nunca a vi assim.

Ele fechou os olhos contra a dor disso. Uma surpresa, realmente. Ele pensou que nada mais poderia machucar.

— Assim, você veio me dizer que perdi tudo, então. A moça, a criança, o lar e o clã.

— Eu tenho algo para você. — Katherine estendeu a mão dentro da manga e tirou uma tira de tecido branco. Ela se aproximou para entregar a ele. — É enviado por minha lady.

Ele não fez nenhum movimento para pegá-lo.

— Ela implora que você amarre na árvore do poço quando você voltar para casa, por causa dela e do bebê. Ela implora para ser perdoada pelos erros que ela cometeu com você.

Ele balançou sua cabeça. As palavras nem mesmo faziam sentido.

— Perdoar a *ela*.

— Minha lady está muito doente, seu coração está despedaçado! Sejam quais forem as suas razões contra ela, você não poderia desejar que sua dor fosse maior do que ela já aguenta. — Kat estendeu o tecido para ele, seu puro branco de neve tão fora do lugar aqui. — Pegue, peço-lhe! Ela promete que vai lhe ver perdoado.

— Você e eu sabemos que vou ser enforcado. É melhor assim, Katherine.

— Ainda pode haver esperança da misericórdia de Sua Majestade.

— Se James for misericordioso, ele vai parar meu coração. Na verdade, não posso acreditar que ele ainda bata. Coração tolo.

Ela ainda estendia a tira do tecido para ele.

Era o branco mais puro que ele já havia visto.

Ele o alcançou e as correntes que prendiam seu pulso retiniram juntas. Surpreendido por quão sujas estavam suas mãos, ele pegou o pano com cuidado entre os dedos. — Eu teria gostado que fosse uma moça, você sabe. Com os olhos escuros como os dela.

Katherine moveu os pés. Depois de um momento, ela disse:

— Eu devo ir.

Ela ofereceu-lhe uma reverência.

Era um tecido fino, tão pequeno que ele mal podia ver nessa luz.

A porta se abriu, mas, pelo canto de seus olhos, viu que ela parou no degrau. Com um ruído de saias, Katherine ficou de pé de frente para ele.

Surpreendido, ele ergueu os olhos. Seus olhos azuis estavam piscando, dois pontos de cor se destacavam em suas bochechas. Ela estava tão perturbada como nunca antes a tinha visto, mesmo na estrada de Perthshire aqueles meses atrás.

— Você não perdeu minha lady, — disse Katherine, sua voz trêmula. — Ela o ama, e será sempre desse mesmo jeito, até que ela morra. Se ela pudesse sentar-se ao seu lado aqui e ir com você para a forca, ela se consideraria escolhida pela Roda da Sorte. Na verdade, nunca vi na minha vida uma alma tão desesperada quanto ela está agora. Seu sofrimento é tão grande quanto o seu e por sua causa, ela não pode mostrar isso. O coração dela é seu, MacKimzie, e ninguém pode tirar isso de você.

Ele piscou para ela.

— Eu deveria puxar suas orelhas por deixar a minha lindinha assim! — Ela gritou.

Em seguida ela fugiu, deixando-o sozinho no buraco fétido.



Era um linho fino de branco puro, cortado apressadamente de uma camisa ou, talvez, de um véu de uma lady.

Ele se perguntou se ela havia arruinado a roupa para cortá-la.

Perdoar a *ela*.

Ele não tinha notícias, nenhum visitante exceto Katherine. Nenhuma palavra do destino de seu clã agora que eles conheciam a ruína por sua mão.

Nenhuma palavra dela.

Katherine disse que ela estava muito doente.

Quando conviesse ao rei tirá-lo desse fétido, congelante buraco do inferno e enforca-lo, James iria fazer isso. Ele iria morrer sem saber o que aconteceu com Caitrina, com o clã.

Mas agora, perder a criança também...

Por que ela deveria sofrer? Ele se perguntava, suas correntes tilintando enquanto levantava o pano para examiná-lo. Ela estava melhor sem a criança. Agora ela poderia se casar livremente com Douglas, sem medo de escândalo, sem ameaça a seu bom nome.

Ela tem tudo o que ela queria.

Ele se perguntava se ela viria vê-lo ser enforcado. Ele não conseguia decidir se sua presença iria fazer isso ser melhor ou pior.

Quão doente *ela estava?*

Ele gostaria que ela viesse ao enforcamento, ele decidiu, rastreando o pano entre os dedos.

Katherine não teria vindo aqui se ela fosse morrer. Ela não teria deixado o lado da sua lady.

Ele franziu a testa. *Teria?*

O pano não era mais branco agora, ele o segurou constantemente, o polegar correndo sobre o tecido fino. Ele dormiu com ele apertado em sua mão.

Ele se perguntava como poderia enviar uma mensagem para ela. Para dizer a ela que viesse até a forca quando James o enviasse para lá. Talvez o carcereiro pudesse.

O pano estava acinzentado agora e se rasgava um pouco. Ele usou um pouco da bebida que deram a ele para limpá-lo, mas não ajudou muito.

Ela o traiu, traiu eles todos para se casar com Douglas.

Ela tem a Visão. Ela enviou William. Ela sabia o que aconteceria!

Ela teve cerca de um dia no chalé para dizer a ele o que tinha feito.

Colyne preocupou-se com a tira de tecido que ela enviou. Ele torceu-a, segurou-a até que ela se esfiapou. Em dias não era mais do que fio. Então não era nada mais.

Houve um som na porta. Uma chave girando.

James tinha finalmente se lembrado de enforcá-lo.

A porta da cela abriu-se e um nobre bem vestido entrou, suas roupas de veludo e peles aparadas proclamando-o como das *lowlands* ou um cortesão.

Demorou alguns minutos para Colyne invocar o nome.

— Graham — disse Colyne. — Você faz uma figura fina, cara.

Sir Robert Graham sorriu.

— Mas você uma triste, meu amigo.

Colyne olhou apaticamente para o cortesão.

— Eu não posso negar isso.

— Então, como você está, MacKimzie? — Graham perguntou puxando conversa, olhando em torno da sala. — Sangue de Deus, que lugar é esse! Eu não vejo como você pode suportar isso. Mas suponho que você não precisará por muito tempo. Eu entendo que James

pretende ter você enforcado como um escravo em breve. Aguarde agora, MacKimzie, o rei também não enforcou seu pai?

— Sim. Mas ele era inocente de qualquer crime e eu tão culpado quanto o próprio diabo. — Os olhos de Colyne se estreitaram. — Como você bem sabe.

— Sim, sequestrando a Lady Isabella. Muito bem, MacKimzie! Você pegou a parte do rei do dote, de seus cofres, e permitiu que sussurros fossem feitos no ouvido do Conde de Douglas — respondeu Graham. — Mas voltando ao ponto, preso aqui e sem esperança como você está, você não disse uma palavra para implicar Sir Robert Stewart ou meu querido amigo, o Conde de Atholl.

— Eu lhe dei minha palavra. E de que me serviria quebrá-la? James não vai me libertar. Eu vou para a forca com minha palavra mantida, nada mais.

— Bem, *manter* sua palavra lhe fez uma ótima coisa, MacKimzie. Eu venho oferecer-lhe uma recompensa pela sua lealdade, em nome do conde, alguém de quem você não tinha esperado.

Naquele momento, Colyne viu o punhal na mão de Graham, a lâmina brilhando na escuridão. Graham ainda estava sorrindo e Colyne simplesmente se sentou imóvel quando o homem deu um passo à frente.

Havia alguma satisfação em saber que James seria enganado em enforcá-lo.

Em um movimento rápido e ágil, Graham virou a faca de modo que ele a ofereceu a Colyne, o cabo primeiro.

— O que é isso então? — Colyne perguntou.

— Uma recompensa. Por serviço bem feito. James foi um tolo por ter ofendido os Highlanders, você mantém sua palavra melhor do que todos os homens que eu conheci.

Os olhos de Colyne se estreitaram, tentando ler atrás desses olhos confiantes de cortesão.

— Vá em frente e pegue. Não é um truque. Eu vim libertá-lo deste lugar miserável, a menos que você tenha gostado aqui.

— Libertar-me?

Os olhos de Graham brilhavam à luz do fogo.

— Eu lhe ofereço, MacKimzie, uma chance que você deve ter sonhado. Hoje, Sir Robert Stewart retirará os guardas da câmara da rainha, onde o rei namora, e iremos e livraremos nossa terra desse cruel tirano.

— Matar o rei — Colyne respirou.

— Eu imploro a você em nome do Conde de Atholl para se juntar a nós, MacKimzie. Venha, coloque sua lâmina na garganta do tirano e tenha a gratidão devida a você. — Graham olhou para ele de forma significativa. — De seu legítimo soberano.

As peças ficaram no lugar e Colyne deu uma pequena risada de compreensão.

— E Douglas e seu irmão em desacordo com James, sobre o dote da herdeira, os aproxima cada vez mais do seu lado. Com James morto e os nobres por trás de você, vocês coroarão Walter Stewart rei. Na verdade, cara, eu fiz a minha parte bem para você.

— A pretensão do conde de Atholl ao trono é maior do que a de James. Pense nisso, MacKimzie! Com a gratidão e o apoio do verdadeiro rei por trás de você, você recupera tudo o que você perdeu e

muito mais. Um homem como você pode subir a grandes alturas na corte do rei Walter.

Ela o viu como o assassino do rei o tempo todo.

É o que eu vejo. É o que virá.

Colyne pensou nos homens de James apreendendo sua casa, Caitrina e todo o seu clã agora nas mãos do rei.

Ela estaria entre as damas da rainha esta noite.

As recompensas que ele teria sob Walter Stewart, se ele o ajudasse a tornar-se rei esta noite, deslumbrariam. Ele poderia acumular riqueza e poder para rivalizar com a família Douglas. Ele teria o ouvido de um rei que o favorecia.

Os homens sábios aproveitaram seu destino quando lhes foi oferecido, e esse era um destino para abraçar.

A escolha foi fácil.

Sua mão foi fechada no punho da lâmina.

— Sim, eu estou com você.

Vinte e Cinco



Predestinado

O doutor Morse declarou-a apta a servir a rainha novamente. Exausta por seus pesadelos e dolorida de tristeza, Isabella sentou-se ao lado de Catherine Douglas nos apartamentos da rainha. Sir Robert Stewart lia em voz alta para eles um romance francês.

Isabella apertou as mãos para esconder que elas estavam tremendo de novo.

Seria natural que a tensão agisse sobre ela, argumentou Kat. Ela estava ficando doente de preocupação pelo MacKimzie. E, sua prima ressaltou, ela sofria ainda com a perda da criança.

Mas Kat estava errada. Isto era algo mais, e Isabella sentia que se aproximava com cada oração da noite. Crescia pesado e negro, atravessando os corredores e galerias e jardins, para engolir a corte. Isto pairava sobre a abadia como uma tempestade que ameaça desabar.

Mas Colyne era o prisioneiro do rei. Apenas o rei poderia libertá-lo.

Então, aqui ela ficaria.

O rei jogava xadrez com Walter Stewart, o conde de Atholl, enquanto os outros cortesãos tocavam música e divertiam-se com jogos.

Lady Mary, voltando de sua incumbência, fez uma reverência para a rainha.

— Lady Mary — a rainha recebeu-a com cortesia, ainda sorrindo de um dos chistes do conde.

— Sua Majestade — disse Lady Mary, levantando-se, sua testa franzida. — Uma mulher, uma Highlander, espera abaixo no pátio. Ela pede para ser admitida na abadia, mas ela não quer dizer o porquê. Ela é bastante insistente.

O rei levantou as sobrancelhas e trocou um olhar com a rainha.

— O que? Esta noite? — O rei sacudiu a cabeça e acenou a Mary para sair. — Não, estamos prontos para dormir. Diga-lhe para voltar pela manhã. Vamos vê-la então.

O rei bocejou e Isabella percebeu que deveria ter passado da meia-noite. Isabella e Kat trocaram um olhar aliviado através da sala por saber que logo deveriam ser enviadas para a sua própria cama. James sinalizou para Sir Robert. Stewart ofereceu a taça de saída ao rei e James a bebeu.

Os cortesãos se retiraram. Sir Robert, como camareiro real o último a sair, trancou as portas atrás dele.

O rei, já em sua camisa de dormir, parecia relaxado e feliz esta noite. Ele ficou satisfeito por ficar com sua rainha e suas damas e conversar amigavelmente com elas enquanto costuravam ou jogavam.

— Você será a primeira das damas da amada rainha a se casar este ano, Lady Isabella — disse o rei a ela. — Nós aguardamos com muita expectativa a alegria em seu casamento quando seu lord

retornar para nós, não é, minha pomba branca de leite? — Perguntou à rainha, usando seu apelido para ela livremente nessa companhia.

A rainha sorriu.

— Na verdade, eu também. Há muito tempo que nós tivemos o prazer de um casamento para nos animar! Mas a Quaresma está quase sobre nós e temo que seja depois da Páscoa para eu lhe ver bem casada, prima. Eu imploro, Sua Majestade, peça que se casem imediatamente após o retorno de Lord Douglas.

— Eu acho que devemos. — O rei riu. — Nós não podemos ser tão cruéis para fazer Douglas esperar até depois da Quaresma para ganhar seu leito de casamento!

— É verdade — disse a rainha maliciosamente. — O atraso o levaria cada noite a sussurrar sonetos de amor à sua porta e temo que o rosto do meu lord Douglas é bonito o bastante para retirar minha prima de sua castidade.

O rei considerou Isabella gentilmente.

— Deixaremos de enviar seu senhor para longe em nosso nome por um tempo, Lady Isabella, de modo que você não se aflija de sua ausência. Nem ele, da sua.

— Você é muito gentil. — Isabella molhou seus lábios. — Mas Sua Majestade...

James inclinou a cabeça, com a expressão aberta.

— Minha lady? Algo pesa sobre o seu coração? Diga-nos, para a termos alegre novamente.

— Sua Majestade — Isabella disse apressadamente. — Há uma lady Caitrina, irmã do MacKimzie, que sempre foi gentil comigo. Por sua causa, eu imploro a você...

James levantou a mão para silenciá-la.

Franzindo o cenho, Catherine Douglas deixou de lado sua costura. As outras ladys se mexeram em confusão e consternação, seus bordados e livros esquecidos quando a rainha ficou de pé.

Então Isabella ouviu: o som dos cavalos, dos homens que se chamavam bruscamente no pátio abaixo.

O rei empalideceu.

— Lady Isabella, — disse a rainha rapidamente — chame os guardas!

Isabella correu para a porta do quarto. Mas não exigiu nenhum esforço de sua parte para abrir; não estava trancada.

Ela olhou para o corredor. O salão estava silencioso e deserto.

— Madame, — ela chamou freneticamente a rainha quando voltou. — os guardas se foram!

A rainha Joan olhou para o marido, as mulheres se reunindo ao redor dela.

— James...

Os lábios do rei haviam ficado brancos.

— Tranque a porta!

— Kat, rápido, me ajude!

Isabella se atirou contra a porta, fechando-a com força suficiente para quebrar o reboco antigo. O tempo se arrastou quando Isabella assistiu com horror enquanto as fechaduras saltavam para fora, contorcendo-se como cobras.

— Oh, não, — Isabella sussurrou. Ela fechou a porta e sua voz ficou em pânico. — Kat! Apresse-se, tranque a porta!

— Eu não posso! — Kat gritou, o metal chacoalhando inútil em sua mão. — Os parafusos foram quebrados!

— O esgoto! — James agarrou as pinças da lareira, puxando as tábuas do chão para alcançar a câmara abaixo. Outra das ladys se inclinou para ajudar o rei a puxar as tábuas do chão, fazendo um buraco lá.

Isabella ouviu as pisadas das botas dos homens quando eles entraram no corredor lá fora. Eles gritaram, instando-se mutuamente para os apartamentos da rainha.

Esses homens não estão se incomodando com silêncio! Eles sabem que não há guardas para desafiá-los.

A cabeça de Isabella virou-se ao som de uma ripa se rompendo.

Uma fissura se formou, correndo ao longo da tábua onde ela estava.

O chão sob seus pés se abriu...

O rei e uma das damas da rainha desapareceram no buraco no chão.

O fogo, a faca...

— Devemos segurar a porta! — Isabella gritou para as outras ladys.

As outras mulheres jogaram seus corpos contra a porta com Isabella e Kat, bem como houve um empurrão poderoso do outro lado. Catherine Douglas colocou o braço na porta para mantê-la fechada. Os pés de Isabella deslizaram debaixo dela, seus finos chinelos de interior incapazes de encontrar aderência contra a madeira lisa.

Isabella se atirou contra a porta do quarto junto com as outras mulheres. Apenas seu desespero a fechou de novo.

— Segurem! — Gritou a rainha. Sua prima estava ao lado de Isabella, seu rosto bonito agora marcado com medo enquanto os homens batiam contra elas.

Catherine Douglas soltou um grito, seu braço balançando, quebrado enquanto os homens empurravam para dentro.

Os homens abriram caminho, armas desembainhadas. Alguns eram cortesãos, homens de bochechas suaves com quem ela tinha festejado e dançado, Robert Stewart entre eles.

A maioria usava mantos Highlander.

O cheiro dos cavalos montados duramente, o calor da sede de sangue dos homens e a picada do medo das ladies se confundiram naquela queda na entrada da câmara. Os rostos dos homens poderiam ter sido tirados do mesmo molde de olhos frios e viciosos. Por um instante, Isabella pensou que eles não eram homens, mas demônios.

Apanhadas no espaço estreito, as mulheres gritavam e tentavam fugir enquanto os homens cortavam caminho através do quarto. Ao lado de Isabella, Lady Mary levantou os braços, tentando proteger seu rosto. Ela gritou quando seus antebraços foram retalhados.

Isabella foi empurrada para trás pela investida e perdeu de vista a Kat. Era como cair em um mar agitado de corpos sem nenhuma noção de onde a segurança estava. Ela retrocedeu, mas algo, uma cadeira ou uma mesa, estava atrás dela, a rainha na frente, e ela estava presa lá.

Ela viu de relance, por cima do ombro da rainha, o rosto de Robert Stewart. Suas sobrancelhas escuras estavam baixadas sobre os olhos. Isabella tinha visto aquele olhar há muito tempo em Rouen, no rosto do cardeal Beaufort, quando seu tio condenou Jehanne. Era o rosto de alguém louco bastante pelo poder, que nem sequer temia a condenação.

Robert mergulhou a faca na barriga da rainha.

A rainha Joan ofegou quando ele puxou a faca e caiu para trás contra ela. Isabella estava fora de equilíbrio e não era forte o suficiente para manter sua prima ferida sozinha. Ela cambaleou sob o peso de sua prima.

— Kat! — Ela gritou.

No instante seguinte, a rainha foi afastada dela.

As mãos de Isabella estavam molhadas com o sangue da rainha.

Não, oh, por favor!

Isabella levantou a cabeça para olhar para ele.

Ele estava com os olhos arregalados com ódio, um homem enlouquecido, e à luz do fogo, seu cabelo parecia vermelho e dourado. A rainha colapsou contra ele, o braço em volta da barriga.

Seus olhos se encontraram com os de Isabella.

— Colyne — ela sussurrou.

A faca brilhou quando ele a abaixou.

Ele se virou, protegendo-a dos homens que o seguiram.

— O rei não está aqui! — Gritou para eles. — Não há senão as mulheres!

Outro dos assassinos incentivou para a luta. Este homem era um cortesão e falava com a autoridade de um líder.

— Não machuquem a rainha. Ela é apenas uma mulher; tenham vergonha de vocês mesmos! Vamos seguir e buscar o rei!

Houve um momento de consternação entre os homens, até que um notou as tábuas arrancadas.

— Graham! — O homem gritou para o líder, usando sua tocha e espiando o buraco no chão. — Lá! O tirano está lá em baixo!

Três dos homens desceram no buraco após o rei. Colyne já estava empurrando Isabella para o corredor. Ele entregou a rainha machucada a Kat.

Kat e outra das damas da rainha meio carregaram, meio arrastaram a rainha para a segurança. Isabella podia ouvir os gritos de homens com dor dentro da câmara.

— Colyne, por favor...

Seus olhos se concentraram nela por um segundo. Nesse instante, ela sentiu uma mudança fundamental, um deslocamento, como se seu caminho, e o dela, convergissem e se alterassem para sempre. Ele ficou do outro lado de um golfo tão largo como a eternidade, mas por um mínimo período de tempo, ela o alcançou e ofereceu a mão a ele para apertar.

— Vá — disse Colyne bruscamente, empurrando-a atrás deles. Seu aperto aumentou na adaga. — Vá com a rainha.

— Não! — Ela gritou, tentando pegar seu braço. — Você deve sair com a gente também!

Então ele se foi, atravessando a porta e voltando para a câmara.

— Não! — Ela levantou a mão em sua direção. — Colyne!

Isabella assistiu com horror quando Colyne desapareceu pelas tábuas estilhaçadas.

Então veio o som de um homem em agonia da câmara abaixo e ela soube que era o rei.

— Lindinha! — Katherine gritou, em pânico, de seu lugar no final do corredor.

— Colyne! — Isabella sentiu as pernas fracas. — Não, não.

— Lindinha!

O grito subiu dos criados da abadia, espalhando o alarme enquanto ela se virava para Kat.

Robert Stewart empurrou-se através das tábuas do assoalho. Em seu rosto triunfante, antes de se virar para fugir, Isabella leu que a tarefa dos homens estava completa e o rei morto.

Tropeçando, soluçando, escondendo-se contra a parede, ela correu atrás da rainha.

Vinte e Seis



Indo Para Casa

— Ele se foi, lindinha, — Katherine disse firmemente. — O MacKimzie fugiu para a França ou além.

Isabella olhou para os jardins em flor do castelo de Edimburgo. A rainha Joan, inglesa e impopular como co-regente de seu filho, James II, de seis anos de idade, não se arriscaria a partir deste lugar. Ela também temia os nobres que vieram prometer sua lealdade. Empoleirado em Castle Rock, o castelo surgia acima da cidade como uma fortaleza sinistra e incomparável para o jovem rei.

A rainha tinha boas razões para ter medo. A Roda da Sorte poderia girar novamente a qualquer momento.

— Você me acha perversa por amá-lo ainda, Kat?

— O homem matou seu rei.

— Um rei que destruiu sua casa e enforcou seu pai. Um rei que matou sua mãe, uma irmã e aleijou a outra — Isabella lembrou suavemente. — É bem sabido que James manteve seu primo David preso e o matou para garantir seu trono. O rei derramou um oceano de sangue, inimigos e parentes igualmente.

Kat mexeu-se.

— Quaisquer que sejam as falhas do rei, o MacKimzie permanece condenado como um assassino.

— Eu sei. — Isabella fechou os olhos por um instante. — E amá-lo não me poupa de odiar o que ele fez. Ele não deveria estar lá para atacar o rei, mas por mim.

Kat deu um resmungo.

— Prever uma coisa não é forjar isso, lindinha.

Para que prever se eu não poderia salvá-lo disso? Na verdade, sou amaldiçoada, mas ele não deveria ser.

— Ele poderia ter alcançado as terras MacKimzie ou MacLaulach. Eles o esconderiam, qualquer um deles faria. — Isabella pensou na casa que os havia abrigado na noite em que se perdeu na neve. — Ele poderia se esconder.

— Ele fugiu para o exterior! É por isso que ele ainda não foi encontrado quando todos os outros foram apanhados e executados.

Na sua raiva e tristeza a rainha Joan foi implacável. O estômago de Isabella ainda se agitava quando pensou na horrível tortura de três dias do Conde de Atholl e execução. A corte foi testemunha das mortes de Robert Graham, que portou-se bravamente, e Robert Stewart, que não o fez.

Distraidamente ela tocou a saia do vestido preto de luto que ela usava por Alexander Douglas.

Alexander não tinha sido o objeto de suas visões. Um inocente, afinal. Um homem que a teria amado, talvez já a amava. Ela também o amaria, se o caminho de sua vida não tivesse sido alterado há alguns meses por olhos cinza-esverdeados cheios de malícia.

Ela chorou quando lhe disseram que Alexander tinha tido um final valente na luta pelo filho do rei. A família Douglas se atirou para a causa do jovem rei, aparecendo com proeminência durante sua coroação na Abadia de Holyrood.

No entanto, eles prestaram poucas honras para o seu próprio parente caído.

Isabella suspeitava que o irmão de Alexandre, o conde, estava muito ocupado planejando para governar através do jovem James, para notar o sacrifício de seu irmão. Se o conde pudesse livrar-se da rainha.

Alexander, gentil e tímido, merecia mais de sua família.

Dela também.

Os ombros de Isabella caíram. Alexander. A criança. Caitrina e todos aqueles no Castelo MacKimzie. Colyne. Seus muitos erros pesavam em seu coração.

— Certamente a rainha Joan deve se lembrar...

Katherine a interrompeu.

— O MacKimzie pode ter vindo para ajudar Sua Majestade, mas você mesmo o viu atravessar as tábuas do assoalho. Sir Robert Graham disse que o MacKimzie estava lá quando James foi morto. Graham o libertou da prisão naquela manhã para matar o rei. Mesmo que possamos permanecer aqui, não há nada que você possa fazer, lindinha.

Uma carta chegou naquela manhã de sua avó, a rica viúva Condessa de Somerset. Agora mesmo estava aberta caída no chão de seu quarto onde Isabella a jogara. Ela era convidada a voltar para a Inglaterra e se apresentar a sua avó em Bella Court.

Ainda não casada, mas dama de honra da Rainha Escocesa, Isabella estava indiscutivelmente sob a guarda do jovem rei. Por sua palavra, ela poderia ter permanecido no castelo de Edimburgo, desafiando os desejos de sua família. Ela havia apelado de joelhos para a rainha há apenas uma hora, implorando para ser autorizada a permanecer na Escócia.

A rainha Joan, que parecia ter envelhecido dez anos nestes poucos meses, mal olhou para ela.

— Se você foi chamada, prima, — a rainha respondeu brevemente, já se afastando — você devia ir para a Inglaterra e nós lhe desejamos boa sorte.

Ela e Kat deveriam ir de navio dentro de dois dias para Londres, depois para Bella Court.

— Talvez com o Rei Henry perto de sua maioridade, nós acharemos a corte inglesa um lugar feliz novamente — Kat sugeriu brilhantemente enquanto caminhavam pelo jardim.

Isabella deu uma pequena risada.

— Mais feliz que a corte escocesa, de todo modo. O escândalo do casamento da duquesa de Bedford com o cavaleiro de seu marido, Richard Woodville, alcançou-as mesmo aí. Mas com Jacquetta saindo da corte, Eleanor, Duquesa de Gloucester, deve andar mais alta do que nunca.

— Ah, Jacquetta está louca! — Kat declarou, balançando a mão impaciente para uma abelha. — Uma duquesa real arruinando-se para se casar, sem a permissão do rei!, com um homem muito abaixo de seu nível.

— Eu não acho que ela está louca.

— Bem, — Kat disse rapidamente — pode ter certeza, a queda de Jacquetta torna pequeno qualquer murmúrio sobre o rei de olho em você recebido o ano passado. Nós ainda acharemos para você um bom partido, minha lindinha. Mas, marque minhas palavras, Eleanor faria bem em não incorrer na grande inimizade de seu tio, o cardeal Beaufort!

Ela sabia sem ser dito que, uma vez que se casasse, Kat voltaria aqui para casar com William.

— Eu vou escrever para Jacquetta, — disse Isabella, parando para arrancar uma flor de *maiden pink*,²⁹ — e enviar-lhe as minhas bênçãos por seu casamento.

Kat pigarreou.

— A multa do rei por casar-se contra sua vontade a arruinou. Talvez ela não terá moedas suficientes para o pergaminho para enviar uma resposta.

Ela deu um leve sorriso, rolando a haste da flor entre os dedos.

— Eu escreverei da mesma forma.

Isabella dormiu agitada naquela noite. Na parte da manhã ela procurou Sir William, somente para ser informada de que ele estava fora por assuntos da rainha e que não seria esperado de volta por dias.

Isabella passou o resto da manhã e a maior parte da tarde, compondo uma carta para Sir William, implorando-lhe, sem nunca escrever o nome de Colyne, para contatá-la se alguma notícia fosse ouvida sobre ele. Finalmente, ela ficou satisfeita. Selou a carta e confiou-a à sua criada, dizendo-lhe para entregá-la ao criado de William com instruções de que ele não deveria colocá-la em nenhuma outra mão que não fosse a de William.

²⁹ NT — flor silvestre da Inglaterra.

Sem esperança de dormir, ela deitou de lado na cama cortinada, observando o quarto escurecer enquanto o sol se punha. Ela pensou em Colyne, imaginou-o escondendo-se em sua casa, e se perguntou se alguma vez pensava nela como ela pensava nele.

Se ao menos pudesse atrasar sua viagem! Ou convencer Kat a partir, mas ao invés de fazê-lo por navio, seguir em frente para a terra de MacKimzie.

Isabella se moveu, deitando de costas. Nunca aconteceria. Kat nunca concordaria. Ela tinha que adiar sua viagem *de alguma forma*.

Ela esfregou os olhos, considerando quais sintomas iriam evitar que o médico da corte prescrevesse um purgante verdadeiramente desagradável.

Um farfalhar de tecido, uma passada silenciosa.

Seus olhos se abriram. Estava completamente escuro.

Kat estava atendendo a rainha esta noite. Elizabeth, sua criada, dormia em uma palete na sala, mas Isabella não conseguiu se lembrar de ouvir a garota voltar de seu mandado. Nem Elizabeth se esforçaria para não ser ouvida.

Outro farfalhar de tecido e um baque surdo, como se alguém tivesse batido contra o baú de madeira de roupas.

Seu coração martelava. O rei criança sentou-se num trono que uma meia dúzia de lords podiam reivindicar se estivesse morto. Nada além de fidelidade prometida e uma débil rainha inglesa estava entre ele e a destruição. O castelo poderia até, agora mesmo, estar preenchido por homens procurando tomar o trono...

Silenciosamente, ela se soltou de debaixo das colchas.

A cortina da cama se moveu.

Ela chutou, satisfeita quando ouviu o grunhido de dor, e remexeu-se para ficar de pé. Ela mal levantou quando foi derrubada de volta na cama e imobilizada. Ela lutou, mordendo a mão sobre sua boca.

— Ach, querida — ele uivou. — Você está tentando acordar todo o lugar?

Ela congelou.

— *Colyne*?

— Sim, a menos que você esteja esperando outro homem na sua cama. — Ele a soltou, afastando seu peso dela para acalmar sua mão. — Pênis de Deus, você me mordeu, realmente!

Ela empurrou a cortina da cama para trás.

Ele tinha emagrecido; os ossos de seus braços e mandíbula estavam mais nítidos agora e ainda havia marcas fracas em seus pulsos. A pele ao redor de seus olhos mais vincada com preocupação. Sua boca estava apertada enquanto examinava o machucado na mão e, à luz da lareira, seu cabelo era uma chama de vermelho e ouro.

— *Colyne*!

No mesmo instante, seus braços estavam ao redor de seu pescoço, sua boca na dele, o maravilhoso odor quente dele nas narinas.

Ele deu um grunhido de surpresa, mas retornou ansiosamente seu beijo.

— Ah, querida, eu senti tanta falta de você — ele murmurou, trazendo sua boca para a dela novamente.

Quando ele se separou, ela tomou seu rosto entre as mãos, olhando-o com alegria.

— Você está realmente aqui?

Seus olhos se arregalaram de horror.

— Oh, Colyne, você não pode estar aqui!

— Ah, sim, estou aqui! E ficarei feliz em provar isso para você — ele respondeu com um sorriso malicioso, mudando seu peso contra ela para deixar seu significado claro.

— Não! — Ela sussurrou com ferocidade, empurrando-o para longe. — Não! Você deve sair rapidamente!

Ele manteve seu olhar um momento então a soltou. Ele se endireitou, franzindo a testa.

— O que é isso agora? — Ele exigiu. — Katherine disse que estava triste por mim e pela criança.

Ao mencionar o bebê, os olhos de Isabella queimaram.

— Mais do que eu jamais poderei dizer.

— Quando ela me disse... — Seus olhos brilharam com tristeza. — Eu não pensei que qualquer coisa poderia machucar mais do que saber que ele estava perdido. Eu teria dado qualquer coisa...

Ela pousou a palma da mão contra o peito dele.

— Eu também.

— Eu perdi você também, moça? — Seu rosto estava contraído enquanto ele procurava seu rosto. — Você precisa dizer a verdade sobre isso. Seu coração mudou em relação a mim? Você não me quer agora?

— Querer você? — Ela balançou a cabeça. — Claro, mas você, o jeito que você olhou para mim... — Sua voz estava apertada com lágrimas não derramadas e suas palavras despencaram. — Sinto muito, Colyne, pelo que eu fiz! Por enviar William! Eu deveria ter contado a você no chalé. *Eu nos vi* de volta ao castelo e salvos! Eu

pensei que haveria tempo suficiente para lhe dizer mais tarde, mas... oh, eu estava tão errada! Colyne, o que eu causei a você...

— Não — ele disse suavemente, pegando suas mãos para segurá-las nas suas. — Não, a culpa é minha. James me deu uma eternidade para pensar nisso, sabe. Eu sei agora que você pensou que tinha sido abandonada, você e a criança, e eu ia me casar com outra quando você enviou William. Não consigo imaginar como você devia estar sofrendo. — Sua boca se moveu por um momento. — Eu ainda não tinha sua confiança para ficar confortável para me procurar e isso é culpa minha. Eu deveria ter feito melhor por você, querida. Eu irei, contudo, se você me tiver.

— Claro, oh, Colyne, mas eles não devem encontrá-lo aqui! Você deve fugir antes de ser apanhado!

Ele encolheu os ombros.

— Bem, eu não posso dizer que a rainha me deu permissão exatamente para visitar seu quarto, mas espero viajar amanhã.

— Viajar? Então você vai para a França?

— Não, de volta ao clã, claro.

Ela balançou a cabeça.

— Colyne, você não pode ir para casa!

— Sim, eu posso, — ele respondeu com facilidade. — Sir William já viajou para lá para tornar conhecida a vontade do rei. Fui absolvido pelo jovem rei e pela rainha Joan de qualquer culpa e agradecido pelo serviço à coroa.

— *Agradecido?*

— Sim, por proteger a rainha e, ele segurou seu queixo, uma das suas damas.

— Mas, o rei! *Eu vi* você!

Ele tomou suas mãos, olhando-a seriamente.

— Eu enviei uma mulher para avisar você para fugir. Eu não faria nada no mundo tendo você lá, querida. Eu odiava o rei como nunca odiei ninguém e, uma vez que eu soubesse que estava segura, a verdade é que eu queria matá-lo.

— Você quer dizer? — Ela engoliu em seco. — Você não o fez?

— Nenhuma outra alma poderia me pedir para segurar minha mão, apenas você. — Ele fechou os olhos brevemente. — Por amor a você eu tentei salvá-lo, mas eu estava muito atrasado. Eles já haviam ido sobre ele. Elizabeth Douglas estava com o rei ainda. Eu falei com ela, dizendo que a rainha devia enviar proteção para o príncipe, pois havia alguns que planejavam se mover contra ele também.

— Nós fizemos isso — ela respirou.

Sua testa se contraiu.

— Você não vê? Nós mudamos isso. Do jeito que deveria acontecer. Minha visão. Você deveria matá-lo, mas você não o fez. — Ela segurou as mãos dele nas dela. — Nós mudamos isto! — De repente ela franziu a testa. — Mas se você era inocente, onde você esteve? Por que você não veio para mim?

Ele piscou.

— Eu não matei o homem, mas eu teria sido enforcado exatamente igual! Então, você não percebeu cada homem me caçando e o reino de cabeça para baixo? — Ele perguntou. — Foi apenas ontem que consegui chegar a Sir William para lhe contar a verdade.

Isabella olhou fixamente.

— *William?* Você foi até *William*?

— Amigo ou inimigo, o homem é o que ele é. Nunca conheci um com mais convicção quando se zanga. William me levou diante da

rainha esta noite, chamando as testemunhas, Elizabeth Douglas e a mulher que enviei. Na verdade, nunca vi um homem tão valente como ele. Ele disse à rainha que ele iria para a forca comigo se ela me condenasse injustamente. — Ele sorriu. — Você sabe que a rainha não podia se lembrar do meu rosto? Apenas a cor de meu cabelo.

Ela quase tinha medo de dizer as palavras.

— Você está livre? Você está absolvido?

— Sim, absolvido e minhas terras restauradas.

— Mas, e o meu sequestro?

Colyne corou e deu uma pequena risada.

— Sim, bem, nem William nem eu fizemos esforço para lembrar Suas Majestades desse pequeno problema. Mas o jovem rei concedeu a única coisa que pedi, — disse ele, puxando-a contra ele — casar com a herdeira Somerset.

Ela procurou seu rosto, mas não podia ver qualquer provocação, nenhum sorriso malicioso. Ele estava sendo absolutamente sincero.

— Meus parentes de Beaufort ficarão furiosos — advertiu ela. — Eles dirão que a rainha ultrapassou seus limites fazendo meu casamento.

— Mas aposto que nenhum deles tenha a coragem para chegar às Highlands e tentar tirar você de mim.

Ela riu.

— Não, aposto que não têm.

Ele deu um sorriso embaraçado.

— Eu teria vindo mais cedo, mas somente esta noite que eu estive implorando a bênção de Katherine para casar com você, desde a Missa da Noite.

— Você não vai dizer que ela deu!

— De má vontade e levou seu tempo para isso também! Ela me prometeu chicotear se eu alguma vez causar a você um novo momento de tristeza. — Sua expressão era triste. — Ela também me fez saber que você se casa abaixo do seu nível.

Ela tocou sua testa na dele.

— Mas não contra meu coração.

— Eu deveria esperar até amanhã para ver você como uma verdadeira noiva — ele murmurou. — Mas eu não podia esperar.

Ele roçou a boca contra a dela.

— Agora que eu sei por mim mesmo a má sorte de seus noivos, amanhã na primeira hora eu vou estar na igreja vendo que nós nos casemos. Mas para hoje à noite ...

Ele a colocou de costas na cama enquanto sua boca encontrou a dela. Na mente de Isabella, apareceu um suave borrão de cores e imagens.

O sol de verão aquecia seu rosto e iluminava o solar enquanto ela arrumava as ervas. As folhas de outono eram brilhantes na árvore dos desejos. Ela levantou-se na ponta dos pés para amarrar um tecido lá em agradecimento pelo perdão do clã. Ela retirou ela mesma o fogo de Natal como Caitrina costumava fazer. Colyne lançou-lhe um sorriso quando ele coroou Mary como O Senhor dos Tolos, e no início da primavera...

— Isabella?

A sala voltou a focar. Colyne estava franzindo a testa para ela.

Ele tocou sua bochecha.

— Você está bem, querida?

— Colyne, você se lembra quando nós fomos ao poço?

Ele olhou para ela com curiosidade.

— Sim?

— E Malcolm queria apostar qual de nós, Caitrina ou eu, teria o primeiro bebê?

Ele assentiu.

Ela sorriu.

— Eu posso ganhar para nós essa moeda de ouro.

Seus olhos se arregalaram.

— Você pode?

— E essa cor de cabelo — ela disse torcendo uma mecha de sua sedosidade vermelho dourada em seu dedo — ficará muito bem na nossa garotinha.

